

O MAL ESTÁ EM ASCENSÃO



# WEREWORLD

NINHO DE SERPENTES



CURTIS JOBLING

Benvirá

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# WEREWORLD

The logo for 'Wereworld' features the word 'WEREWORLD' in a stylized, gothic font. A dagger is positioned horizontally across the middle of the letters, with its hilt on the left and its blade extending to the right. A snake is coiled around the dagger, with its head raised and tongue flicking out.

NINHO DE SERPENTES

CURTIS JOBLING



NINHO DE SERPENTES

Tradução  
Alexandre Boide

Benvirá



Rua Henrique Schaumann, 270  
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05413-010  
**PABX** (11) 3613-3000

**SAC**

**0800-0117875**

De 2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup>, das 8h30 às 19h30

**[www.editorasaraiva.com.br/contato](http://www.editorasaraiva.com.br/contato)**

**Diretor editorial** Flávia Alves Bravin

**Gerente editorial** Rogério Eduardo Alves

**Planejamento editorial** Rita de Cássia S. Pupo

**Editoras** Débora Guterman

Gisele Folha Mós

Luiza del Monaco

Paula Carvalho

**Assistente editorial** Lara Moreira Félix

**Produtores editoriais** Daniela Nogueira Secondo

Rosana Peroni Fazolari

William Rezende Paiva

**Comunicação e produção digital** Nathalia Setrini

**Suporte editorial** Juliana Bojczuk

Juliana Moura Lucena

**Preparação** Alessandra de Sá Miranda  
**Revisão** Laila Guilherme  
Maria Fernanda Álvares  
**Diagramação** Casa de Ideias  
**Capa** Adaptada do projeto original de  
Patrick Knowles  
**Produção gráfica** Liliane Cristina Gomes  
**Conversão eBook** Hondana

---

**ISBN 978-85-8240-170-5**

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.**

Jobling, Curtis

Wereworld: ninho de serpentes / Curtis Jobling; tradução de Alexandre Boide.

– São Paulo: Benvirá, 2014.

424 p. (Wereworld, 4)

ISBN 978-85-8240-170-5

Título original: Wereworld: Nest of Serpents

1. Literatura inglesa - Ficção I. Título II. Boide, Alexandre

14-0778

CDD-823  
CDU-82-3(410)

Copyright © Curtis Jobling, 2012

Copyright das ilustrações © Andrew Farley, 2012

Publicado originalmente na Inglaterra por Puffin Books Ltd., 2012.

Todos os direitos reservados à Benvirá,

um selo Editora Saraiva.

[www.benvira.com.br](http://www.benvira.com.br)

### **1ª edição**

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

---

547.088.001.001
-----------------

*Dedicado à memória de Tim Parry  
e  
Johnathan Ball*

# LYSSIA

E OS SETE REINOS



- |                            |                     |
|----------------------------|---------------------|
| ① ILHAS CLUSTER            | ⑩ PORTO DE BALE     |
| ② MAR BRANCO               | ⑪ DENTES            |
| ③ BAÍA DE TODOS OS SANTOS  | ⑫ RIO STEPPEN       |
| ④ COSTA GÉLIDA             | ⑬ PORTO DE STALLION |
| ⑤ TERRAS ÁRIDAS            | ⑭ MAR DE SABRE      |
| ⑥ GRANDE ESTRADA OCIDENTAL | ⑮ BAÍA DO SANGUE    |
| ⑦ RIO REDWINE              | ⑯ RIO SILVER        |
| ⑧ ESTRADA DYNLING          | ⑰ COSTA RUBRA       |
| ⑨ BAÍA DA SAFIRA           | ⑱ RIO ROBREN        |
| ⑫ CABO GALA                | ⑲ LAGO ROBREN       |
| ⑬ ESTREITO DA LYSSIA       | ⑳ BAÍA DA MISÉRIA   |

## Sumário

### PARTE I: A CALMARIA QUE ANTECEDE A TEMPESTADE

1. Sem correr riscos
2. Um plano bem simples
3. A Corte Andarilha
4. Os mortos e os soterrados
5. Formação de um exército
6. Mão Negra
7. A Árvore do Enforcamento
8. Um sentimento perigoso

### PARTE II: MEDO E DESESPERO

1. A máquina de guerra
2. Em direção à luz
3. Cortando as amarras
4. Uma ajuda dos céus
5. A refeição interrompida
6. Boas-vindas
7. Um pássaro na mão

### PARTE III: ONDAS DE TERROR

1. O frio alentador

2. Traições reveladas
3. O filho faminto
4. Fim do jogo
5. Dentes afiadíssimos
6. O melhor dos inimigos
7. Enlace
8. Escaramuça
9. O bom homem dos Mantos-Rubros
10. Obrigações sinistras

#### PARTE IV: CAMINHOS DOLOROSOS

1. Na floresta
2. Em boa companhia
3. A estrada Dyre
4. Atrito
5. Perseguidos
6. Neve vermelha
7. Desafiando as possibilidades
8. O acampamento do Urso Branco
9. A Serpente revelada
10. Campo neutro

#### PARTE V: JOGADAS ESTRATÉGICAS

1. O Lobo em pele de Wylderman
2. À sombra de Strakenberg
3. O fim da fuga
4. Temporal
5. Tempestade de neve

6. Terror sobre a árvore
7. Sob o gelo
8. O chamado do Lobo
9. O Osso e a barganha
10. Antes tarde do que nunca

**EPÍLOGO: A PONTE DA DYMLING**



PARTE I

A calmaria que  
antecede a tempestade



# 1

## Sem correr riscos

— Acertou, mestre?

O homem da Guarda Leonina baixou o arco, ignorando seu aprendiz. Dirigiu o olhar para as Longridings, estreitando os olhos para observar o Manto-Verde que fugia sob a luz do crepúsculo. Pouco a pouco, o cavaleiro foi tombando sobre a sela quando a montaria diminuiu o ritmo ao chegar a uma elevação. O arqueiro sorriu ao ver a figura distante se inclinar para o lado, escorregar do cavalo e desabar imóvel sobre o chão congelado.

— E por acaso você já me viu errar? — o patrulheiro enfim respondeu, guardando o arco na aljava presa na sela, antes de montar de novo no cavalo.

Seu acompanhante, um jovem de menos de dezoito anos, abriu um sorriso de deleite. Para alguém com tão pouca idade, ele já tinha visto um bocado de sangue ser derramado durante o treinamento na Guarda Leonina, sob o olhar vigilante de seu superior. O menino não tinha medo de sujar sua lâmina, e isso viria a calhar nos meses seguintes, durante os quais o exército do Catlord teria como missão destruir o que restara das forças inimigas espalhadas pelos Sete Reinos.

O patrulheiro havia servido no exército da Westland durante décadas, combatendo os inimigos tanto do Lobo como do Leão em sua disputa pelo trono. Era um mortal e, portanto, jamais entendeu de fato os nobres transmorfos — seu poder, sua majestade e magia ancestral —, e não era sua função questionar tudo isso. Os comandantes tinham mudado ao longo do tempo, mas seu papel continuava o mesmo: servir os Werelords que governavam a Lyssia.

— Vamos ver o que conseguimos — disse o patrulheiro, esporeando seu cavalo. O jovem aprendiz o seguiu de perto pelas encostas áridas enquanto se dirigiam ao corpo do Manto-Verde caído.

Como viajavam separados do restante do contingente, o patrulheiro e seu aprendiz podiam se deslocar pelo hostil território das Longridings sem serem notados. Por mais poderoso que fosse o exército do Catlord no sul, aquele território ainda não havia sido conquistado e servia de abrigo para os inimigos do príncipe Lucas. Muitos dos Horselords tinham fugido para Calico, escondendo-se atrás das muralhas da cidade costeira, enquanto outros ainda permaneciam espalhados pelas matas. E os Werestallions não eram o único perigo para a Guarda Leonina nas Longridings: o povo nômade romari havia jurado lealdade ao Werelord conhecido como Will Ferran, o último Werewolf, motivo pelo qual os Sete Reinos estavam imersos em uma terrível e sangrenta guerra civil. Os romaris eram imprevisíveis e nada convencionais: não se furtavam a apelar para o terrorismo, atacando os homens do Catlord em seus pontos mais desprotegidos antes de desaparecer de novo nos campos. O patrulheiro e seu aprendiz esperavam se deparar com os romaris: o fato de terem encontrado um Manto-Verde no caminho os pegara de surpresa.

— O que um Sentinela da Floresta poderia querer aqui nas Longridings, mestre? — perguntou o jovem, mais atrás, o manto escarlate tremulando sob a brisa do inverno.

— Pode ter se perdido, ou desertado — respondeu o homem. — Talvez tenha sido deixado para trás na invasão do Cabo Gala.

— Ele pode ser um espião de Brackenholme!

Era um fato conhecido que os homens do reino da floresta haviam se aliado ao Lobo, o que tornava aquele Manto-Verde um alvo aos olhos do patrulheiro. Eles tinham se encontrado por acaso. Os dois membros da Guarda Leonina notaram a aproximação do cavaleiro solitário enquanto cruzavam os campos em meio às montanhas. Tinham chegado bem perto um do outro. A reação do cavaleiro foi fugir, enquanto o patrulheiro desceu da montaria, sacou o arco e mandou uma flecha em sua direção. Não foi preciso mais que uma — quase nunca era preciso.

— Quem quer que fosse e para onde quer que estivesse indo, sua mensagem não será entregue. — O homem diminuiu o ritmo do galope do cavalo ao se aproximar do inimigo tombado, obrigando a montaria a subir a elevação onde o outro estava caído. — A guerra, para ele, acabou.

A cinco metros, o Manto-Verde jazia imóvel, o rosto colado ao chão gelado. Seu cavalo permanecia ali perto, a cabeça baixa em um gesto solene. Havia um cajado caído ao lado do corpo, denunciando o posto do soldado: “Um patrulheiro, talvez?”. O experiente patrulheiro manteve os olhos fixos no rival inerte, apesar de sentir a movimentação de seu companheiro na montaria ao lado, com a clara intenção de descer para investigar os arredores. Ouviu o tinir da faca do jovem Manto-Rubro sendo sacada da bainha de couro. O aprendiz saltou e começou a caminhar na direção do soldado imóvel, ajustando a pressão da mão contra a faca. O grosso manto verde cobria o corpo como uma mortalha, e o capuz escondia a parte de trás de sua cabeça. Apenas as botas de couro marrom eram visíveis, destacando-se sob a bainha do tecido cor de esmeralda. Um assobio curto e agudo obrigou o jovem a parar e se virar. O arco de seu mestre estava armado e apontado para o corpo no chão. Com um sibilo agudo, a flecha se encravou junto à primeira nas costas do Manto-Verde. Os olhos do aprendiz se arregalaram por um instante, e ele balançou a cabeça.

— É melhor não correr riscos — disse o patrulheiro, enquanto o Manto-Rubro dava os últimos passos rumo ao corpo.

O aprendiz deu um chute na perna do cavaleiro caído, que oscilou em um movimento sem vida. Ele olhou para o mestre e sorriu. Foi um breve momento de contentamento seguido por outro de puro terror, quando a perna que havia acabado de chutar deu-lhe uma rasteira e o derrubou no chão.

O cavalo do patrulheiro empinou, assustado com a súbita movimentação do Manto-Verde caído. O veterano da Guarda Leonina largou sua arma e viu as flechas depositadas na aljava irem para o chão. Em pânico, segurou com firmeza as rédeas enquanto o jovem e o Sentinela da Floresta lutavam no solo. O aprendiz desferiu um golpe com seu punhal, e o inimigo ergueu um dos braços para tentar desviar a lâmina. Uma fração de segundo antes de a arma acertar o alvo, o Manto-Rubro viu o rosto de seu adversário. Não era um homem, e sim uma menina, com os olhos castanhos arregalados e cheios de medo em uma luta pela própria sobrevivência. A faca feriu seu antebraço, rasgando a carne e atingindo o osso. A garota soltou um grunhido de dor.

O patrulheiro identificou o ruído claramente. Era um grito profundo, animalesco, primitivo. Já havia escutado aquilo antes, no campo de batalha, durante a última Werewar, quando tinha trocado de lado na primeira oportunidade, vestindo o manto rubro e jurando lealdade ao rei Leopold quando o Leão tomara a Westland de Wergar, o Lobo. O patrulheiro estava lá quando obrigaram o duque Bergan, o senhor de Brackenholme, a se ajoelhar diante dos portões de Highcliff. Era um som inconfundível. Aquele era o rugido de um Bearlord, e fez sua espinha gelar.

\* \* \*

Whitley se perguntou se haveria agonia maior do que a que sentiu quando a flecha acertou suas costas. Ela não precisou esperar muito para descobrir. Um segundo projétil se juntou ao primeiro quando os patrulheiros da Guarda Leonina se aproximaram de seu corpo inerte. Rangendo os dentes, ela agradeceu a Brenn pelo fato

de o manto pesado encobrir o tremor que tomou conta de seu corpo. Por um mero acaso, as flechas não haviam atingido seu coração — a armadura de couro diminuía a velocidade dos projéteis. Aqueles ferimentos não eram fatais para uma transmorfa como Whitley, mas mesmo assim provocavam uma dor considerável. Sentiu o sangue escorrer sobre a pele fria da barriga. O chute na perna lhe avisou que era momento de agir, e seu instinto de sobrevivência assumiu o comando quando ela derrubou o homem com uma rasteira.

Aqueles dois eram perigosos, sem dúvida nenhuma. Eram patrulheiros, como ela, e estavam à procura de seus amigos. O acampamento dos romaris não ficava muito longe e estava repleto de mulheres, crianças e idosos; se os Mantos-Rubros continuassem se espalhando pela região, certamente o encontrariam. Whitley não lutava apenas pela própria vida — o futuro de seus amigos também estava em jogo. Enquanto o soldado mais velho se esforçava para controlar seu cavalo, o mais novo investiu contra ela com uma faca, que tinha como alvo o pescoço de Whitley. Sem muito tempo para esboçar uma reação, ela ergueu o braço para se defender. Dava para ver que a lâmina não era de prata — o que seria fatal para uma transmorfa —, mas ainda assim causaria um belo estrago caso a atingisse na garganta. A faca entrou em seu braço, e o aço rasgou um músculo e se cravou como uma garra no osso, fazendo o sangue jorrar. O grito que escapou de sua boca foi monstruoso – uma mistura de dor e raiva que anunciou a chegada da fera.

Ela segurou a mão do Manto-Rubro, o sangue ainda escorrendo do ferimento no braço, para tentar controlar a direção da faca. Suas juntas começaram a estalar à medida que a mão se contorcia, aumentando de tamanho, até esmagar a do soldado da Guarda Leonina. Whitley cerrou os dentes, que a essa altura já estavam maiores e mais afiados sob as gengivas sujas de sangue e a testa suarenta. O jovem soldado agarrou o braço em transformação com a outra mão, tentando se livrar das garras que haviam penetrado em sua carne. Seus dedos se quebraram, ainda agarrados ao cabo da faca. O jovem a golpeou no rosto com a outra mão, atordoando-

a momentaneamente e conseguindo assim se livrar da pressão das garras.

A faca foi para o chão, e o Manto-Rubro a apanhou com a mão boa para atacar Whitley mais uma vez. Mas a garota já estava em movimento, à procura do cajado, caído logo ao lado, agarrando-o pela ponta revestida em metal e projetando-o contra o membro da Guarda Leonina. Quando saltou sobre ela, ele foi atingido bem na têmpora. O Manto-Rubro foi ao chão e bateu a cabeça em uma pedra, emitindo um som terrível de algo se quebrando, e o corpo parou de se movimentar no ato.

Com a respiração ofegante, Whitley ficou de joelhos com muito esforço. “Onde está o outro?” Não podia permitir que ele escapasse; caso se juntasse aos companheiros, voltaria com mais homens, mais Mantos-Rubros. E tudo estaria perdido. Ela percorreu com um olhar alucinado as elevações ao redor. Um borrão vermelho surgiu em sua visão periférica quando viu o membro da Guarda Leonina tentando fugir para o mais longe possível da Bearlady ferida. Fazendo uma careta, agachou-se no local onde o cavaleiro tinha derrubado suas armas, sentindo em cada movimento o lembrete doloroso de que as flechas ainda estavam enterradas em suas costas. Apanhou o arco, as mãos já voltando à forma humana, e seus dedos tatearam em busca de munição. Era uma boa flecha, bem fabricada, quase tão boa quanto as que os Sentinelas da Floresta costumavam usar em Brackenholme. Poderiam ser úteis até que pudesse, enfim, voltar para casa, na Dyrewood. Ela ergueu a arma, colocou a flecha e mirou no cavaleiro que corria desesperadamente, e em vão, para se salvar.

A corda do arco zuniu, e um murmúrio escapou dos lábios de Whitley antes que o projétil atingisse o alvo.

— É melhor não correr riscos.



## 2

### Um plano bem simples

Era uma noite de tempo aberto. As estrelas brilhavam no céu de inverno, iluminando as Barebones em toda a sua glória assolada pela guerra. A primeira leva do exército do príncipe Lucas já estava instalada nos arredores de Stormdale. Aquelas colinas um dia haviam sido conhecidas como o Canteiro da Lyssia, por causa de suas plantações e do gado que abastecia os banquetes de todos os Sete Reinos. Naquele momento, porém, o fogo se erguia em seus campos cobertos de neve, e os invasores agora estavam acampados no solo que haviam arrasado, em torno da muralha da velha cidade.

O exército era composto de soldados de Riven e Vermire — os Corvos e os Ratos tinham juntado forças ao serem arrancados de sua terra natal pela ofensiva dos Catlords. Highwater havia sido tomada, e os Staglords e os habitantes das montanhas que a defendiam tinham sido obrigados a recuar para a capital, Stormdale. Fora uma derrota triste e amarga para os aliados do Lobo. O marechal Vorjavik, um Ratlord, comandava a segunda leva, se aproximando cada vez mais de Stormdale com o que restava do numeroso exército. Lord Scree, um dos muitos filhos

Crowlords do conde Croke, conduzia a infantaria leve que cercava a cidade. E não demoraria muito para que mais reforços chegassem.

O destacamento que havia encurralado os Staglords em Stormdale era composto de mil homens. Scree caminhava entre eles, distribuindo cumprimentos, elogios e incentivos.

— Falta pouco, rapazes. Antes do fim da semana estaremos jantando nos salões de Stormdale. E vamos tomar muitos chifres como troféus.

Os homens de Vermire e Riven eram os menos confiáveis de toda a Lyssia, e Scree sabia muito bem disso. Os soldados do Corvo já haviam demonstrado sentir inveja dos companheiros mais bem equipados do oeste. Os arqueiros vermirianos contavam até com flechas de prata, cujo único propósito era matar os Werelords inimigos. O precioso metal, temido por todos os transmorfos, tinha saído do arsenal dos Catlords. Ferimentos infligidos por outros tipos de arma eram inofensivos para um Werelord, cujo poder de recuperação era capaz de regenerar magicamente quase tudo, menos uma punhalada no coração. O toque da prata, no entanto, causava um dano permanente e fatal.

Antes de partir para Omir com o objetivo de sitiá-la a capital Azra, o Tigerlord Tiaz previra que o ataque a Stormdale iria fracassar; que as forças combinadas de Corvos e Ratos não teriam a mesma disciplina do exército de Bast. Por isso, o fato de estarem trabalhando de forma tão eficaz sob o comando de Scree e Vorjavik era motivo de grande satisfação para o Crowlord. Ainda assim, era preciso manter o moral das tropas em alta. Precisavam ficar unidos até o fim para conseguir derrotar os Cervos.

Se não estivesse tão preocupado em manter a motivação de seus homens, Scree poderia ter notado o vulto escuro que cruzava os céus logo acima, seguindo diretamente para Stormdale.

\* \* \*

— Cessar fogo! — gritou o vigia da Torre da Lady. — É um Hawklord!

Três flechas já haviam sido lançadas antes que os Mantos-Cinzas percebessem que não se tratava de um Werekrow tentando invadir o castelo do Staglord pelo ar. Em suas garras, o enorme falcotrope carregava uma pessoa, que pendia flácida de suas patas. Quando o Hawklord de penas avermelhadas bateu as asas, provocando um golpe de vento gelado a cada movimento, os soldados abriram espaço para que ele pousasse. O passageiro de repente ganhou vida ao ser largado de alguns metros de altura, aterrissando tranquilamente na superfície coberta de neve do pátio do castelo. Em seguida levantou-se, o manto verde-escuro esvoaçante sob a corrente de ar agitada pelas asas do Hawklord, que pousou ao seu lado.

O falcotrope começou a se transformar — as penas cor de ferrugem se escondiam sob a pele, e o bico, as asas e as pernas aos poucos assumiam a forma humana. Era uma ave bem velha, cuja cabeça calva se sacudiu toda ao se livrar das últimas características do Gavião, revelando uma cicatriz profunda no lado esquerdo do rosto. Segurava um pequeno arco, antigo e gasto. Os homens de Stormdale continuavam desconfiados, as armas apontadas para os dois estranhos que tinham chegado do nada.

Algumas figuras surgiram das portas da torre de menagem, caminhando pelo pátio em direção aos visitantes. Um homem alto e manco liderava o grupo, sem se deixar abalar pelo problema de locomoção. A perna enrijecida ia chutando e escavando a neve à medida que avançava. Tinha um manto cinzento pendurado nas costas e usava a pelagem de inverno da bainha do traje enrolada no pescoço. O rosto comprido exalava seriedade, e uma das mãos estava apoiada sobre o cabo da espada pendurada na cintura.

— Quem são vocês, que chegaram sem aviso à minha cidade a esta hora da noite?

O estranho que havia sido carregado até o castelo deu um passo à frente. Usava uma armadura de couro da cor exata dos cabelos escuros que emolduravam seu rosto. Ele ergueu a mão direita até a altura do peito, fechou o punho e se ajoelhou diante do Staglord.

— Meu nome é Drew Ferran, o último dos Lobos cinzentos, legítimo rei da Westland, e estou aqui para oferecer minha ajuda, milorde.

Os nobres reunidos, em choque, deram um passo para trás, afastando-se de Drew, enquanto os arqueiros de manto cinza se entreolhavam, atônitos.

— Pensamos que você estivesse morto! — respondeu o Staglord ajoelhando-se em seguida, um gesto repetido por todos os homens. Drew notou que o transmorfo fez uma careta ao se abaixar e que a perna ferida tornava seus movimentos dolorosos.

— Nada disso! — rebateu Drew, sorrindo, ainda agachado. Levantou-se e apontou para o Hawklord. — Meu companheiro aqui é Rufus Rubro, de Windfell.

— Os Hawklords voltaram? — perguntou um homem mais velho, que precisou da ajuda de seu cajado para se erguer. A esperança era perceptível em sua voz.

— Sim, milorde — respondeu Drew. — Embora eu seja obrigado a informar que estão todos combatendo em Omir.

— Lutando contra o Chacal? — perguntou um outro.

— Lutando *ao lado* do Chacal — corrigiu Rufus Rubro. — Ao que parece, os Catlords não estão satisfeitos em levar a guerra para o oeste. Eles se aliaram aos Doglords, certo? Aparentemente isso tornou o Chacal nosso aliado.

O Hawklord cuspiu no chão em sinal de desprezo.

— Alguns Hawklords ainda se prendem demais ao passado — disse Drew, lançando um olhar de desaprovação para Rufus Rubro. — Vão precisar de um tempinho para entender que a guerra vem gerando desdobramentos por toda a Lyssia. Até que a batalha por Azra chegue ao fim, com a nossa vitória, assim espero, não poderemos contar com a ajuda dos Gaviões. Com exceção deste aqui.

Rufus Rubro ergueu o queixo, confiante.

O Staglord manco deu um passo à frente e apertou a mão de Drew com força e convicção.

— Sou Reinhardt, filho de Manfred, e declaro que vocês são bem-vindos ao nosso contingente. Venham comigo para a torre de

menagem.

Drew e Rufus Rubro se juntaram aos nobres no interior do castelo, escoltados pelos Mantos-Cinzas. Uma rápida olhada ao redor revelou a Drew que os Cervos das Barebones tinham sofrido maus bocados. Muitos estavam feridos, com bandagens visíveis sob os mantos, e eram várias as cabeças e os membros enfaixados. O voo com o Hawklord havia proporcionado uma bela vista aérea das defesas da cidade. Apesar de ser uma capital, Stormdale era pequena em comparação a territórios gigantescos como Highcliff, Cabo Gala ou até mesmo a ilha de Scoria. Stormdale se parecia mais com Windfell, uma fortaleza no alto da montanha com uma pequena cidade habitada por civis entre a muralha externa e a entrada do castelo. A muralha externa pareceu perigosamente desprotegida quando Drew sobrevoou a construção. Considerando o exército cada vez maior que se reunia do outro lado dos portões, tratava-se de uma constatação assustadora.

— Como descobriu que estávamos em dificuldades? — perguntou Reinhardt enquanto caminhavam para a torre de menagem. Rufus Rubro, por sua vez, já estava entretido em uma conversa com o velho do cajado, que vinha mais atrás.

— Por meio de um jovem Cervo que chegou a Windfell logo depois de os Hawklords levantarem voo: Lord Milo. Ele é seu irmão, certo?

— Ele conseguiu chegar em segurança? — Reinhardt parecia aliviado e irritado ao mesmo tempo. — Menino imprudente! Ordenei que ficasse por perto, mas ele me ouviu? Foi cavalgando até lá enquanto nossas forças recuavam para a cidade, com os Ratos e os Corvos em nosso encalço. Disse que precisava espalhar a notícia, buscar ajuda.

— E conseguiu — afirmou Drew. — Mas apenas nós dois pudemos atender ao chamado.

Reinhardt deu um tapinha nas costas de Drew, apertando-lhe um dos ombros em seguida.

— Estou em débito com você, por ter encontrado meu irmão cabeça-dura são e salvo.

— Não exatamente — disse Drew, desvencilhando-se da pressão do Staglord em seu ombro. — Ao que parece, ele foi perseguido por alguns inimigos quando saiu daqui e levou algumas flechadas. Chegou vivo a Windfell, mas por um triz. Nós o deixamos se recuperando em muito boas mãos.

Reinhardt coçou o queixo.

— Meu irmão está vivo em um momento em que muitos de nossos companheiros Staglords sucumbiram em Highwater. Isso é um motivo de alegria para minha mãe, apesar de todo o sofrimento que nos cerca.

— Alguma notícia de seu pai, o duque Manfred? — perguntou Drew, enquanto o grupo passava por um corredor bastante movimentado. Notou que havia muitos servos no salão, mas pouquíssimos soldados, o que era preocupante.

— Até agora, nada. Ouvimos dizer que ele saiu a bordo do *Turbilhão* quando Highcliff foi atacada, mas desde então não chegou mais nenhuma notícia. Temos rezado a Brenn para que ele esteja em segurança.

— Seu pai foi muito bom comigo, Lord Reinhardt. Ele me acolheu sob sua proteção em Westland, mostrou-me o que significava ser um Werelord e um transmorfo. É um homem sábio, e minhas orações também estão com ele.

— Eu agradeço, e digo o mesmo em relação a seus entes queridos. Sua mãe, a rainha Amelie, está com ele a bordo do navio do conde Vega, assim como o barão Hector, o Boarlord de Redmire.

O coração de Drew se acelerou com a notícia de que vários de seus amigos poderiam estar vivos. Ele quase havia perdido a esperança de revê-los, mas aquelas palavras, dando conta de que haviam fugido quando os bastians e os Doglords tinham chegado a Highcliff, soaram como música em seus ouvidos.

— Saber que eles conseguiram escapar de Highcliff para mim já é o bastante, milorde. Tenha fé. Se seu pai está com Vega, Hector e minha mãe, então está em boa companhia.

O grupo adentrou um saguão no coração da torre de menagem. Era a sala do trono do duque Manfred, presumiu Drew. Uma alta janela em arco cobria a parede voltada para o leste, com um vitral

retratando um cervo e um gavião sobre uma montanha, iluminado pela luz das tochas que ardiam do lado de fora.

— Ah! — disse Rufus Rubro com um suspiro. — Os Cervos e os Gaviões lado a lado: os guardiões das Barebones. Sempre foi assim, não é mesmo? Antes de o Leão aparecer...

— E pode ser assim de novo — disse o velho com o cajado. — Falo em nome de todo o povo das montanhas quando expressei meu alívio com o fato de os Hawklords ainda estarem vivos.

O Werhawk fez uma careta.

Drew torceu para que Rufus Rubro conseguisse controlar sua língua. O falcotrope não fazia questão nenhuma de esconder seu descontentamento com a atitude dos Werelords mais antigos quando o rei Wergar, o Lobo, pai de Drew, fora destronado. Os Cervos, o Bearlord e os outros Werelords dos Sete Reinos se ajoelharam e juraram lealdade ao usurpador rei Leopold, mas os Gaviões haviam resistido. Como castigo, o rei tinha amputado as asas de seu líder, o barão Griffyn, e expulsado os demais de Windfell, forçando os Hawklords ao exílio e proibindo-os de se transformar, sob pena de morte. Essas ainda eram feridas abertas para muitos dos Hawklords, mesmo depois de tantos anos.

Drew se apressou em voltar a falar, antes que o Hawklord acabasse insultando os anfitriões.

— Percebi que suas muralhas não estão muito bem protegidas, milordes. Onde está seu exército?

Reinhardt baixou a cabeça ao se sentar a uma das mesas do salão, e os demais transmorfos se reuniram ao redor. O velho pigarreou para começar a falar, proporcionando ao jovem Staglord um momento para se recompor.

— Highwater foi invadida depois de um cerco que durou um mês. A cidade teve pouco tempo para se preparar, e os Catlords promoveram sua ofensiva no momento perfeito, simultaneamente ao ataque a Highcliff. Apesar de Stormdale ser nossa capital, Highwater é... ou era... nossa fortaleza, construída para demarcar a fronteira do território dos Staglords nas Barebones. Era a partir de Highwater que fazíamos comércio com nossos primos no oeste, já que o conde Mikkel tinha o controle do rio Redwine e de tudo o

que descia ou subia para as montanhas. Nossa força militar estava quase toda instalada lá, e os Mantos-Cinzas consideravam a cidade seu lar. Pensamos que éramos capazes de resistir a tudo...

A voz do velho se transformou em um sussurro.

— O magíster Siegfried tem razão — disse Reinhardt. — Não era tão ruim quando precisávamos enfrentar apenas os Ratos e os bastians. Mas então o conde Croke veio ajudar, e não só com um contingente enorme de soldados rasos de Riven, mas também com máquinas de guerra, para destruir nossas defesas e romper as muralhas. Conhecia nossa fortaleza melhor que qualquer outro Werelord; ele a havia examinado durante décadas, sedento pelo controle de Highwater e do Redwine. Com os homens e as armas, vieram também os próprios Wrecrows e algumas dezenas de seus filhos, adicionando mais um elemento à batalha: asas.

Rufus Rubro soltou uma risada que soava mais como um lamento.

— Os Corvos não sabem nada sobre a morte que vem do alto. Nós, Hawklords, tínhamos ensinado algumas boas lições a eles.

— Se vocês estivessem lá, milorde — completou Reinhardt em tom respeitoso. — Vinte deles cruzaram os ares, carregando seus homens para dentro de nossas linhas, lançando os melhores guerreiros no meio dos nossos, enquanto nos ocupávamos em defender as muralhas. A batalha foi disputada em várias frentes, e fomos derrotados em todas elas.

Reinhardt esfregou a coxa direita ao mencionar a batalha. Drew percebeu.

— Foi lá que você sofreu esse ferimento?

— Uma flecha de prata vermiriana. Estavam muito bem equipados, sem dúvida com a colaboração dos Catlords. — Reinhardt apontou com o queixo para a mão amputada de Drew. — Você também se feriu, não? Foi o Leão que arrancou sua pata?

— Foi um ferimento autoinfligido — explicou Drew, estremeando ao se lembrar de sua fuga do Cabo Gala, quando fora forçado a arrancar a própria mão a dentadas para se livrar das correntes. — Era perder a mão ou a vida.

— O velho Corvo também deu as caras? — perguntou Rufus Rubro, conduzindo a conversa para o assunto que os tinha levado até ali.

— Não — respondeu Siegfried, o velho magíster. — Croke permaneceu o tempo todo em Riven; deixou o trabalho sujo para os filhos. Por que se arriscar, não é mesmo? Mas sem dúvida ele pretende marchar sobre Highwater e depois sobre Stormdale, quando a luta tiver terminado, para tomar o controle das Barebones.

— Ele tem um filho a menos com que se preocupar, se serve de consolo — informou Drew. — Lord Rook vinha envenenando os ouvidos do rei Faisal em Azra havia meses. Ao que parece, os Corvos tinham planos para Windfell também. Ele morreu no Pico dos Gritos, na Tor Raptor.

Reinhardt abriu um sorriso tenso.

— Pelo menos uma boa notícia.

— Que teve também seu custo — acrescentou Drew. — O barão Griffyn foi morto por ele na montanha.

— Então quem está no comando dos Hawklords agora? — Siegfried quis saber.

— O conde Carsten e o barão Baum — respondeu Rufus, orgulhoso. — As Águias das Barebones. Se existe alguém capaz de reconduzir meu povo à glória, são os dois irmãos.

Drew começou a tamborilar os dedos na mesa, refletindo sobre a situação.

— No que está pensando? — perguntou Reinhardt.

— No exército do outro lado das muralhas: quem é o Werelord que está no comando?

— Lord Scree, um Corvo, mas ele só está segurando as pontas na linha de frente enquanto o grosso das tropas não chega. As máquinas de guerra estão cada vez mais próximas.

— Sob a liderança de quem?

— De Lord Vorjavik, o Ratlord, marechal da Westland.

Drew ficou pálido com a menção aos Wererats. Ele já havia se encontrado com o Rei Rato antes, enfrentando Vanmorten e Vankaskan juntos. O primeiro havia saído ferido, e o segundo fora

morto, mas em uma batalha ganha a duras penas. Se Vorjavik era o verdadeiro guerreiro da família, Drew não estava nem um pouco ansioso para encará-lo no campo de batalha. “Quem sabe nem seja preciso chegar a esse ponto?”

— Eu diria que existem mil homens lá fora — disse Drew. — Quantos você espera que venham na segunda leva?

Os Werelords se entreolharam e empalideceram. Voltaram-se de novo para Drew.

— Muitos, muitos mais — respondeu Siegfried.

— E de quantos homens vocês dispõem em Stormdale?

— Cerca de oitocentos — informou Reinhardt.

— Vi o estado de algumas de suas tropas quando passei pelo pátio. Quantos estão em condições de combate?

Reinhardt não disse nada; a resposta veio na forma de um aceno de cabeça desolado.

Drew se virou e foi até Rufus Rubro, que roía nervosamente as unhas, olhando para o vitral.

— Isso não é nada bom, lobinho — murmurou o experiente Gavião. — Se tivéssemos homens suficientes, daria para proteger a muralha. Vai ser um massacre.

Drew coçou a cabeça e olhou por cima do ombro para os nobres exaustos. Apenas Reinhardt parecia pronto para a luta; os demais pareciam mais prontos para a morte.

— Me diga uma coisa — pediu Drew. — A população civil... quantas pessoas são no total?

— Em Stormdale? — falou Siegfried. — São dois mil dentro das muralhas. Camponeses, pastores, esse tipo de gente. Um bando de velhos, mulheres e crianças!

— Eles sabem como empunhar um arco? Envergar um manto?

Reinhardt confirmou com a cabeça, ciente de aonde o Wolflord queria chegar, mas Siegfried reagiu com um gesto de reprovação.

— Não podemos esperar que participem da batalha. Não passam de simples seres humanos — argumentou o velho magíster.

Drew sorriu, torcendo para que sua confiança no fim se revelasse contagiosa.

— Simples seres humanos? — rebateu. — Pelo que eu sei, isso não existe.



### 3

## A Corte Andarilha

Os cascos batiam com força no chão congelado, um aviso para os que estavam mais à frente abrirem caminho. A multidão de nômades romaris se separou, e três cavalos começaram a cruzar o acampamento. A maior parte do campo de refugiados era composta de barracas e carroças, mas havia também quem dormisse ao relento, sob o frio do céu noturno. Apenas quando o primeiro cavalo chegou à fogueira que demarcava o centro do acampamento, a pessoa que o conduzia puxou as rédeas, detendo também as duas montarias que vinham logo atrás.

Whitley saltou da sela de Chancer, aterrissando com elegância e passando os olhos pelo acampamento romari. Havia cerca de duzentas pessoas reunidas ali. A batalha de Cabo Gala provocara o êxodo de milhares delas, que haviam se espalhado pelas Longridings em sua fuga dos bastians e da Guarda Leonina. Todos tinham em mente as mesmas dúvidas: “Por que aqueles invasores vieram até ali? Quando o mundo voltaria ao normal?”. Os Horselords do Cabo Gala cavalgaram para Calico, mais ao sul, procurando refúgio na cidade do duque Brand, o Touro. Houve

também quem tentasse buscar segurança em outro lugar. Os romaris voltaram para a estrada.

Chancer bufou ao sentir o toque de Whitley, que acariciou seu focinho. Dois cavaleiros se apresentaram para cuidar das montarias trazidas pela jovem senhora de Brackenholme. Whitley desamarrou a corda que mantinha os cavalos dos soldados mortos da Guarda Leonina atados a Chancer e os entregou a um dos rapazes. Passou a mão na crina de Chancer antes de entregar suas rédeas ao outro cavaleiro. O garoto bateu continência para Whitley antes de se afastar, ao que ela respondeu com um aceno de cabeça. Não estava acostumada com esse tipo de demonstração de respeito. Além dos romaris, o grupo com o qual viajava tinha alguns Sentinelas da Floresta que haviam sobrevivido à emboscada dos homens do príncipe Lucas no Cabo Gala. Filha única do duque Bergan, o Bearlord de Brackenholme, Whitley estava habituada aos costumes e à etiqueta da corte e ao fato de ser vista como um exemplo. No entanto, desde que fugira da cidade dos Horselords, ela vinha ganhando cada vez mais responsabilidades, e não apenas como uma Werelady que liderava seu povo, mas também como militar. O capitão Harker, comandante da Guarda, confiava plenamente em suas habilidades, pois havia sido responsável por supervisionar a recém-formada patrulheira nas Terras Áridas antes que ela fugisse de Highcliff com Drew. Quando Broghan, o irmão de Whitley, morreu no Cabo Gala, os Mantos-Verdes tinham ficado sem um senhor. Harker era tão respeitado entre os seus homens que havia atraído para si essa figura de autoridade. Como Whitley estava mais acostumada a agir sozinha ou com um único parceiro na Guarda, ainda não se sentia confortável com a ideia de ser vista como uma líder.

Desamarrando o manto verde de montaria, a garota dirigiu-se à fogueira, ao redor da qual os companheiros estavam reunidos. Uma serva se ofereceu para carregar seu manto; Whitley sorriu educadamente, mas deixou bem claro que não o entregaria. Ela era um dos poucos Mantos-Verdes que haviam viajado para o sul, e aquela vestimenta tinha resistido a inúmeras fugas e batalhas, e Whitley não estava disposta a se separar dela.

— Assim a pobrezinha fica sem ter o que fazer, prima — comentou Lady Gretchen, levantando-se quando Whitley se aproximou. A Werefox não hesitava em aceitar os préstimos dos romaris, por mais banal que fosse a tarefa em questão.

— Não estou tão imprestável a ponto de não conseguir carregar meu próprio manto, Gretchen — respondeu a patrulheira, abraçando a amiga ruiva.

Whitley nunca deixava de se admirar com a beleza radiante daquela garota de Hedgemoor. Gretchen havia passado por maus momentos, iguais ou piores que qualquer um ali. Sequestrada pelo perturbado Werelion príncipe Lucas, atormentada pelo perverso Wererat Vankaskan, tinha suportado horrores capazes de aniquilar espíritos mais fracos. Ainda assim, mantinha o sorriso no rosto. Acampada em plena Longridings, a quilômetros de distância de um banheiro ou espelho, Gretchen conservava a aparência de quem estava em uma festa na corte. Whitley olhou para as próprias roupas, para o colete imundo e as botas encardidas, maltratada pela andança. Ela não conseguia sequer *pensar* no estado de seus cabelos.

— Mas nós estamos na corte, Whitley. Todo mundo tem um papel a cumprir.

— Estamos em um acampamento, Gretchen. Todo mundo tem tarefas a realizar.

— Que visão de mundo mais estreita, prima — rebateu imediatamente a Werefox. — Existe uma ordem natural, Whitley, e precisamos nos submeter a ela. Não peço que as pessoas me sirvam só por diversão. É assim que as coisas são, e todos temos nossos papéis a cumprir, por mais extenuante que isso seja. Eu, por exemplo, preciso carregar o fardo da nobreza e todas as responsabilidades que vêm junto. Todo mundo tem tarefas a realizar? — Gretchen balançou a cabeça em um gesto negativo. — Drew Ferran vai se ver comigo por encher sua cabeça com essas bobagens.

Whitley ficou encarando a outra garota por um tempo, a um passo de explodir em uma torrente de desaforos. O bom senso aconselhou que moderasse a língua, e bem nesse momento um

sorriso malicioso surgiu no canto dos lábios bem desenhados de Gretchen.

— Você está só me provocando, não é mesmo, prima? — suspirou Whitley, revirando os olhos diante da demonstração de bom humor da Werefox.

Gretchen riu, dando um beijo no rosto de Whitley e retomando a jovialidade habitual.

— Que bom que você voltou. Venha sentar, beber alguma coisa. Você parece exausta.

Os romaris tinham apelidado o acampamento de Corte Andarilha, o que vinha bem a calhar. Apesar de no momento estarem reduzidos a algumas poucas centenas, até duas semanas antes estiveram viajando com a elite das Longridings — os Horselords e seus seguidores. Lord Conrad, o jovem Werestallion que comandara a resistência contra a Guarda Leonina e os bastians no Cabo Gala, havia tentado convencer Whitley e Gretchen a irem para Calico, mas as duas não cederam. Tinham preferido se arriscar mais ao norte e tomar o caminho de Brackenholme, um refúgio mais seguro.

A maior parte da nação romari se reunira ao norte das Longridings, mas a Corte Andarilha se comprometera a acompanhá-las na travessia dos campos. Autointitulados o Povo do Lobo, os romaris consideravam uma honra escoltar as duas ladies, amigas queridas de Drew, até o reino da floresta. Poucos na Lyssia conheciam a estrada Dymling melhor que os romaris.

A Corte era composta de um grupo bastante exótico. As duas Wereladies eram as líderes naturais, apesar de a idade de ambas sugerir o contrário. O capitão Harker, do exército de Brackenholme, tinha a palavra final em todos os assuntos militares, e seus colegas Tristam e Quist eram responsáveis pela vigilância do acampamento. O velho engolidor de espadas Stirga era o porta-voz dos romaris, ao lado do cuspidor de fogo Yuzhnik, um prodígio em termos de músculos. Os dois artistas circenses tinham descoberto recentemente sua vocação para a liderança. O último membro da Corte Andarilha era Baba Korga, a velha e sábia vidente que havia consolado Whitley quando ela considerara tudo

perdido após a derrota no Cabo Gala. Rolff, seu guarda-costas sempre calado, permanecia o tempo todo ao seu lado para o que fosse preciso.

Estavam todos reunidos em volta da fogueira. Whitley pegou um copo de água em um jarro e foi se juntar aos outros. Quando sentou, fez uma careta ao sentir uma pontada nos ferimentos provocados pelas armas dos soldados da Guarda Leonina.

— Você não me parece muito bem, milady. Qual o motivo de sua aflição? — perguntou Baba Korga. A velha sentou mais perto da fogueira, acompanhada por Rolff.

Whitley tinha saído com Chancer em uma missão de reconhecimento de quatro dias pelos campos, para verificar se o inimigo seguia o rastro deles. Os romaris eram um povo arisco, que conhecia caminhos que não estavam nos mapas da Longridings. Evitando a estrada Dymling e se deslocando pelos campos cobertos de vegetação, seguiam por uma trilha que os levaria aos limites da Dyrewood, bem perto do local onde a velha estrada entrava na mata. O encontro com os patrulheiros da Guarda Leonina havia ocorrido dois dias antes, e os efeitos do enfrentamento ainda eram visíveis. Tirar vidas nunca havia sido uma tarefa fácil. Apesar de os ferimentos já estarem começando a sarar, graças a seus poderes de transmorfa, o desconforto físico ainda se fazia presente, e sua mente continuava repassando o tempo todo aquelas tristes cenas.

— Vocês devem ter reparado que voltei com mais cavalos do que dispunha quando parti — respondeu Whitley, dirigindo-se a todos os reunidos em volta da fogueira.

— Esse fato não me passou despercebido — afirmou Harker. — Já ia perguntar. Mantos-Rubros?

— Uma dupla de patrulheiros, acredito eu.

— Eram só dois mesmo? — questionou Gretchen, obviamente preocupada com a possibilidade de que a Guarda Leonina descobrisse seu paradeiro.

— Eram só os dois, e no momento estão desfrutando do sono eterno. Acharam que seria uma boa ideia me usar como alvo de suas flechas. Mas não se preocupem, eu vou ficar bem. O sangue dos meus ancestrais vai garantir minha recuperação.

— Não importa se o seu sangue é de transmorfa ou não; ainda assim, vou querer dar uma olhada nesses ferimentos mais tarde — murmurou Harker com seu costumeiro instinto paternal. — E o restante das tropas da Guarda Leonina?

— Nem sinal deles — respondeu Whitley. — Mas vi fogueiras acesas pelas Longridings. Talvez estejam concentrando esforços na caçada aos Horselords. Com certeza tomaram o rumo de Calico. Só espero que as defesas do duque Brand sejam suficientes para detê-los.

— Calico é uma cidade fortificada — disse Harker. — Apenas o fosso já seria suficiente para segurar qualquer exército, e eles têm também aquelas muralhas enormes. Os Horselords estão em segurança.

— Ao que parece, nosso plano vem funcionando até aqui — comentou Stirga. — Quanto antes estivermos sob a proteção da Dyrewood, melhor. As noites nas Longridings têm sido cruéis conosco — completou, estremeando.

Whitley o encarou por cima da borda do copo.

— Cruéis? Aconteceu de novo?

— Uma menina desapareceu ontem à noite. Sete anos de idade — respondeu o engolidor de espadas.

— Até agora já são quantos casos?

— Uma dúzia, desde que deixamos o Cabo Gala.

— Doze crianças é uma perda muito grande — disse Gretchen em um tom de voz entristecido.

Os ataques haviam começado quando ainda viajavam com os Horselords. Era um fato conhecido que as Longridings eram o lar de grandes predadores, como ursos e lobos. Qualquer que fosse o animal que estivesse capturando as crianças do acampamento, decidira claramente seguir os romaris depois de eles se separarem dos Horselords. Cinco pequenos tinham desaparecido nas duas semanas anteriores, arrancados de suas camas sem deixar nenhum vestígio enquanto os familiares dormiam.

— Esse monstro ataca sorratamente, sem fazer barulho — falou Stirga, remexendo o fogo com seu florete, lançando faíscas pelo ar.

— Mas não tínhamos acabado de espalhar mais guardas pelo perímetro do acampamento?

— Sim — garantiu Stirga. — Mas o ataque aconteceu mesmo assim. As pessoas estão tensas, as crianças não dormem mais. Muitas podem não viver para ver o dia de amanhã.

— Vamos rezar para que esse monstro não nos siga pela Dyrewood — disse Whitley em tom solene. Os outros membros da Corte Andarilha balançaram a cabeça em concordância, murmurando preces para seus deuses.

— Só precisamos enfrentar mais uma noite nos campos antes de entrar na floresta — falou Harker. — Se essa coisa pretende encarar a Dyrewood, vai ter uma grande surpresa com as criaturas que habitam a mata; elas podem comê-la no café da manhã.

Whitley pôs o copo no chão e se levantou.

— Onde está a família da criança que desapareceu?

— No lado norte do acampamento — informou Stirga.

— Preciso falar com eles — disse Whitley, fazendo uma reverência aos demais antes de se afastar.

Gretchen saiu atrás dela, e as duas seguiram de braços dados.

— O que você espera encontrar em Brackenholme? — perguntou a Werefox.

— Na pior das hipóteses, minha mãe. Na melhor, meu pai, Drew e Hector.

Gretchen ficou em silêncio por um momento.

— O que você acha que aconteceu com ele?

Apesar de ter citado três homens, Whitley sabia exatamente a quem Gretchen se referia.

— Você ouviu o que aquele menino do Cabo Gala falou. Ele foi levado do Alto Estábulo nas garras de um Hawklord.

— Mas os Gaviões não estão mais entre nós — argumentou Gretchen. — Os que sobreviveram foram banidos pelo rei Leopold quando Wergar foi morto. O barão Skeer, que governa Windfell a mando do Leão, é o último deles. É mais provável que ele tenha sido levado por um dragão.

Whitley deu de ombros.

— Quem sabe não foi o próprio Skeer que o levou? Talvez tenha sido um Crowlord; o menino pode ter se enganado. Seja como for, nosso amigo sumiu do mapa da Lyssia.

Gretchen soltou um suspiro.

— Só espero que ele não seja capturado por Lucas. Seja qual for seu paradeiro, rezo para que esteja em segurança.

A jovem Bearlady não nutria as mesmas esperanças que a amiga, mas preferia não externar seus temores. Whitley vira Drew antes de fugir do Alto Estábulo. Ele estava em péssimo estado, *sem a mão esquerda*, coberto de sangue enquanto cambaleava para longe em uma sacada, cercado pelos mortos-vivos de Vankaskan.

Whitley parou para dar um abraço em Gretchen.

— Vamos rezar para que todos os nossos entes queridos estejam bem, minha cara prima.

Apesar da afetação e da língua afiada da Raposa, Whitley conhecia um lado de Gretchen inacessível para a maioria dos demais. Se Whitley havia passado muito tempo longe da corte de seu pai, aprendendo o ofício de patrulheira, Gretchen permanecera quase toda a vida isolada, desfrutando de luxos e privilégios. Apesar da aparência de firmeza e confiança, ela era bastante vulnerável. Destinada a ser rainha desde cedo, apenas quando Drew surgira em sua vida é que Gretchen descobrira a realidade além dos muros do palácio. Havia sido escolhida como noiva por Lucas, mas graças à amizade com Drew tinha encontrado dentro de si forças suficientes para se rebelar contra os Leões. Depois de tudo por que haviam passado, Whitley sabia que Gretchen jamais seria capaz de imaginar a si mesma como esposa de Lucas. Mas e se Drew — onde quer que estivesse — se tornasse rei? Whitley preferiu não pensar nisso.

O choro baixinho de uma mulher interrompeu o abraço das duas Wereladies.

— Essa é a mãe? — perguntou Whitley.

— Por aqui — indicou Gretchen, assentindo com um gesto de cabeça e puxando a Lady de Brackenholme pela mão.

Três famílias, com suas barracas e sacos de dormir, estavam reunidas em torno de uma fogueira. Não foi difícil identificar a

mãe, uma mulher de meia-idade sentada de pernas cruzadas em meio a outras duas que a consolavam. Ela segurava nas mãos o xale da menina, com sua estampa de flores miúdas, amarelas e azuis, iluminadas pelas chamas.

Whitley não sabia o que dizer. Já havia presenciado o encontro do pai com famílias enlutadas — viúvas ou parentes de Mantos-Verdes que tinham morrido a serviço do Urso da Dyrewood —, e ele sempre soubera exatamente o que dizer. Mas como deveria ser perder alguém? *A própria filha?* Whitley se lembrou de Broghan, seu irmão, e de seus últimos momentos. E também do príncipe Lucas, o assassino de cabelos louros que havia tirado a vida dele. Agachou-se e pôs a mão sobre a da mulher aos prantos, que se agarrava a um cobertor.

— Eu lamento muito a sua perda.

A mulher levantou a cabeça e se deu conta de que Whitley segurava-lhe a mão. Ela ergueu o outro braço e passou os dedos pelo rosto da patrulheira. A trilha desenhada por seus dedos deixou um rastro úmido, como um caminho de lágrimas.

Whitley voltou o olhar para o fogo. As chamas crepitavam, brilhantes, furiosas e amareladas.



## 4

### Os mortos e os soterrados

*Ele ainda estava vivo, apesar de seu corpo ter sido aniquilado. Apenas sua mente ainda funcionava. Todo o resto encontrava-se irremediavelmente destruído. Por quanto tempo ficara enterrado, não tinha ideia — o tempo já não significava nada. Era um espírito preso a um saco de ossos quebrados. Houve um movimento súbito, quando as rochas e os detritos começaram a vibrar e se deslocar — um resgate? Alguém o segurou pelas pernas, provocando uma sensação fantasmagórica de ser puxado e sacudido sem saber por quê. Estava sendo içado da tumba pelos pés. A movimentação se tornou frenética, com gestos bruscos, quase selvagens. Uma nova onda de dor se espalhou por seu corpo, e o tronco emergiu sob a luz ofuscante. A agonia tomou conta dele ao sentir dentes e garras dilacerando sua carne, desmembrando seu cadáver frio. Quando a cabeça enfim saiu de debaixo da terra, ele viu as mandíbulas do leão, escancaradas e famintas, aproximando-se de seu rosto.*

Bergan acordou com um sobressalto, erguendo o braço para tentar se proteger da mordida do leão. Solto um grito, sentindo o corpo se enrijecer antes de sucumbir à exaustão. O Bearlord era capaz de

sentir as costelas quebradas roçarem umas contra as outras sob a pele e a fome consumir suas entranhas. Passou os dedos pelo rosto. As bochechas estavam côncavas e macilentas, e a barba, rala e com falhas. A luz ofuscante tinha ido embora, substituída por uma escuridão que fez seu sangue enregelar. Estreitou os olhos na penumbra, tentando identificar o lugar onde estava, o pesadelo ainda vivo na mente.

O Lord de Brackenholme estava em uma caverna de teto baixo, deitado sobre uma laje de rocha cujo desconforto o manto pesado não aliviava em nada. Um gotejar constante perto dali o fez se lembrar de quanto sentia sede. Tentou rolar para o lado em busca da fonte de água, mas até o menor movimento provocava uma dor terrível. Fez uma careta e se deixou cair outra vez. Aos poucos sua memória foi voltando a funcionar.

A última vez em que estivera consciente havia sido no Jardim dos Mortos, o cemitério reservado para a nobreza de Highcliff. As forças leais ao Lobo, acuadas pelos Catlords invasores, haviam fugido para a tumba dos Dragonlords, uma das rotas secretas de evacuação da cidade. Bergan tinha ficado para trás, ajudando os demais a escapar enquanto esperava pelo rei Leopold e seus soldados. A única forma de impedir que fossem perseguidos seria demolindo o túnel. Com alguns golpes poderosos de seu machado de guerra, o Lord de Brackenholme fizera exatamente isso, provocando o colapso da tumba e deixando-o soterrado. Havia sacrificado a própria vida para salvar pessoas inocentes.

Tê-la de volta foi algo que o pegou de surpresa.

— Você está acordado — disse uma voz na escuridão, deixando Bergan alarmado.

— Quem está aí? — ele gemeu. Havia algo de familiar naquela voz. Uma silhueta masculina apareceu, segurando algo diante de si.

— Reuben Fry, sua senhoria. Tome, beba um gole.

O alívio do Bearlord foi instantâneo. O arqueiro de Sturmland havia sido um de seus aliados de confiança no cerco a Highcliff.

— Você é um homem fiel — disse o duque.

Bergan permitiu que o capitão levasse o copo de metal até seus lábios ressecados. A água desceu pela garganta como um presente de Brenn.

— Onde estamos? Quanto tempo fiquei inconsciente? — Bergan quis saber.

— Estamos nas catacumbas, milorde, para onde nos levaram os túneis da Guilda dos Ladrões. Nosso grupo não é muito grande; nos separamos na fuga da cidade. Só espero que alguém consiga encontrar uma saída no meio dessa maldita escuridão.

Ele deu um pouco mais de água ao Bearlord antes de continuar:

— Sua senhoria está dormindo há semanas. Um mês, talvez. Não sei dizer, porque não temos como medir a passagem do tempo aqui embaixo. Não temos mais tochas, lampiões nem lamparinas.

— Como conseguiram sobreviver?

— Tudo está sendo racionado. Nossa sorte foi que os ladrões tiveram a presença de espírito de trazer um estoque de óleo com eles. Algumas gotas em um pedaço de tecido são suficientes por um bom tempo. Mas agora resta muito pouco.

Bergan balançou a cabeça, esforçando-se para compreender a situação.

— Um mês, você disse? E eu passei esse tempo todo dormindo?

— Até despertou algumas vezes, mas estava febril. Tivemos que fazer força para enfiar a comida pela sua garganta. Só Brenn sabe desde quando estamos carregando sua senhoria pela escuridão. Vou buscar alguma coisa para que coma.

Bergan segurou o homem pelo pulso quando ele se levantou. Apesar da luz fraca, pôde ver quanto o capitão estava magro, o rosto quase esquelético.

— Em quantos estamos?

— Somos a retaguarda, sua senhoria. Um punhado de guerreiros, nada mais.

— Então não vou querer nada — disse o Bearlord. — Não vou tirar comida da boca deles.

— Com todo o respeito, não sei se sua senhoria sabe o quanto está perto da morte, sem comer direito há semanas, com o corpo

exaurido pela recuperação dos ferimentos. Sua senhoria está pele e osso, precisa comer.

Ainda relutante, Bergan assentiu com um aceno de cabeça.

— Bem, você tem minha gratidão por ter voltado para me resgatar, Fry. Não é qualquer homem que faria isso.

— Não fui eu que voltei para resgatar sua senhoria. Obedeci suas ordens e vim para as catacumbas. Só mais tarde fiquei sabendo do seu resgate.

Bergan queria fazer mais perguntas, porém algumas vozes exaltadas começaram a ecoar pelos túneis.

— O que está acontecendo?

Fry fez menção de ir averiguar, mas Bergan continuou segurando-lhe o pulso. Estava enfraquecido e desnutrido, mas mesmo assim a pressão que imprimia tinha força considerável.

— Parece ser mais um desentendimento.

— *Mais um?*

— Vou verificar.

— Leve-me com você. Fiquei adormecido por tempo demais.

Quando se levantou com a ajuda de Fry, o Lord de Brackenholme se sentiu zozzo e sem equilíbrio. As pernas doíam depois de tanto tempo sem uso. Teve que se apoiar no capitão de Sturmland, obrigando-o a sustentar todo o seu peso.

Uma luz fraca iluminava algumas partes da caverna, mas Bergan não conseguia determinar de onde vinha. De tempos em tempos, sua cabeça batia no baixo teto de rochas. Seu peso podia ter sido reduzido à metade, mas continuava sendo um gigante. Enquanto passavam por uma poça d'água, os olhos de Bergan aos poucos foram se acostumando ao ambiente. Uma chama crepitava um pouco mais adiante e se refletia nas paredes lisas do túnel. Bergan passou a mão pela superfície rochosa, surpreso com o polimento nada natural.

As chamas começaram a brilhar com maior força, e as vozes se tornaram audíveis. Quando chegaram aonde estava a tocha, a discussão encontrava-se no auge. Oito homens estavam reunidos, gritando e ofendendo uns aos outros. Pareciam exaustos. A loucura

se espalhava entre eles como uma peste. Ninguém notou quando Fry e o Bearlord surgiram da escuridão.

— Ele é um mentiroso, estou dizendo! — falou o homem que segurava a tocha, o mais velho do grupo, magricelo e banguela. Bergan não o reconheceu. As únicas figuras familiares ali eram Sir Howard e Sir Palfrey, cavaleiros de Stormdale comandados pelo duque Manfred, que haviam permanecido ao lado de Bergan na fuga de Highcliff.

— Eu sou um homem honrado, Hitch — respondeu Palfrey. — Estou dizendo a verdade. Sei muito bem o que vi!

— Você é um mentiroso e um ladrão! — acusou Hitch, cuspiendo no chão diante dos dois nobres. — Jamais tirei comida de ninguém. Foi ele que roubou, juro pela minha vida. Ser instruído não faz de você um homem honesto, senhor engomadinho...

— Isso é loucura! — interveio Howard, apontando para a menor silhueta do grupo. — Você viu tudo, menina! Conte a eles, Pick. Vá em frente.

A menina chamada Pick se encolheu toda ao sentir os olhares se voltarem para si. “Ela é só uma criança”, pensou Bergan. Hitch olhou feio para a menina, um fato que não passou despercebido pelos cavaleiros de Stormdale. Ela virou para o outro lado.

— Eu não vi nada.

— O velho está intimidando ela — argumentou Howard, apontando para Hitch, que tinha no rosto um sorriso ameaçador.

— Senhores — falou Bergan, mas a voz falhou. Sua imponência habitual não se fez presente. Ninguém o ouviu, e a discussão continuou em brados cada vez mais altos. Quando Palfrey segurou a menina, o Bearlord pigarreou.

— Diga a verdade, menina! — gritou Palfrey, porém a essa altura o caos já estava instalado.

A faca de Hitch surgiu do nada, voando pelo ar e acertando Palfrey nas costelas. O cavaleiro agiu por instinto, desferindo um golpe com o braço e atingindo o rosto de Hitch com uma cotovelada ao cair. Pick, a garota, pulou em cima dele, e três outros homens investiram aos socos e pontapés contra Howard. Em

questão de segundos, lâminas foram empunhadas, e os homens passaram a se atacar.

— Parem! — berrou Bergan, a voz ainda fraca, mas a briga continuou. Fry deixou o Bearlord escorado na parede do túnel, desembainhou a espada e arrancou dois dos homens que estavam em cima de Howard. Bergan viu quando Hitch, faca na mão e nariz e boca sangrando, agachou-se para separar Palfrey e Pick.

— Pelo amor de Brenn, o que está acontecendo aqui?

O grito ecoou pelo corredor, interrompendo momentaneamente o embate. Do túnel oposto ao local da aglomeração, apareceu Bo Carver. O Lord dos ladrões fuzilou os homens com seu olhar. A cabeça calva brilhava sob a luz da tocha, e a tatuagem de serpente do lado direito do rosto se contorcia como se estivesse prestes a dar o bote. Havia outro ladrão a seu lado, ambos voltando de uma expedição pelas catacumbas.

— Tivemos um desentendimento com nossos nobres amigos, milorde — contou Hitch enquanto se levantava, puxando Palfrey consigo.

— Tire as mãos dele! — gritou Howard, preso sob uma pilha de corpos.

Hitch levou a faca ao pescoço de Palfrey.

— De jeito nenhum!

— Você ouviu o homem, Hitch — disse Carver. — Solte-o!

— Eles me chamaram de mentiroso, milorde. Me chamaram de ladrão, ora essa!

— Você é um ladrão, Hitch — respondeu Carver, revirando os olhos. — Solte o cavaleiro, e vamos parar logo com isso.

O homem magricela apertou a lâmina contra o queixo de Palfrey.

— Acho que me cansei de acatar suas ordens, *milorde*.

— Este não é o momento para um motim — argumentou Carver, dando um passo à frente e passando os dedos pela fileira de facas que trazia na cintura.

— Nem pense nisso. Não sou só eu que não quero mais seguir sua liderança, certo, rapazes?

Os homens murmuraram e assentiram em concordância, deixando Howard de lado e se agrupando em um bloco. Hitch e os outros encararam Carver em uma atitude de desafio. O homem que escoltava o Lord dos ladrões poucos momentos antes também se juntou a seus companheiros.

— Está vendo? — começou Hitch. — Você não tem mais nosso respeito. Quando foi preso, os rapazes esqueceram como as coisas funcionam. Então vou facilitar para você. — Hitch estalou os lábios, passando a língua pelo sorriso banguela. — Vamos ficar com a comida. Com o que restou dela.

Carver sacou uma faca da cintura e fez menção de avançar.

Hitch, por sua vez, pressionou ainda mais a faca contra o pescoço de Palfrey.

— Estou avisando! Parado aí, ou cabeças vão rolar.

Um dos traidores pegou as provisões. Sob a luz da tocha, Bergan viu a sacola de lona contendo as criaturas que haviam conseguido caçar dentro da caverna. Outro homem apanhou o único rolo de corda, as poucas tochas restantes e a última lata de óleo.

— O que vocês ganham com isso? — perguntou Bergan, enfim conseguindo ser ouvido. Todos se voltaram para olhá-lo. Alguns amotinados viraram o rosto, incapazes de encarar o Lord de Brackenholme. Hitch, no entanto, não se deixou intimidar.

— A comida vai durar mais. O combustível vai durar mais. E assim vamos conseguir sair daqui.

— Vocês não sabem para onde estão indo — afirmou Carver.

— E você sabe? — questionou Hitch. — Estamos seguindo você há semanas e andando em círculos. Nós deveríamos ter ficado com os civis. Aposto que eles já estão lá fora, e não aqui, arrastando um Werelord aleijado por toda parte.

— E nós? — insistiu Bergan. — O que vai ser de nós?

— Não é problema meu, certo, sua senhoria?

Um dos homens lançou para eles uma tocha acesa, que caiu ruidosamente no chão do túnel.

— Para não dizer que não somos justos — murmurou o homem.

— Muito nobre da sua parte — concordou Hitch. — Estão vendo? Sabemos ser tão civilizados quanto vocês quando necessário. Não deixaríamos vocês no escuro. Além disso, podem ficar com as armas. Só Brenn sabe o que podem encontrar aqui embaixo!

O grupo tomou a direção do túnel de que Carver havia acabado de sair. Hitch arrastou Palfrey consigo, usando o cavaleiro ferido como escudo. Carver os encarou quando passaram por ele.

— Juro que, se cruzar o meu caminho de novo — disse o Lord dos ladrões, sem se alterar —, você está morto.

— A última coisa com que precisa se preocupar agora é vingança — ironizou Hitch. — É melhor começar a pensar de onde vai vir sua próxima refeição.

Dito isso, Hitch largou Palfrey, jogando-o no chão. Os ladrões saíram correndo pelo túnel, desaparecendo rapidamente ao longe. Carver e Howard foram socorrer Palfrey, fazendo de tudo para deter o sangramento. Pick havia sido deixada para trás e observava os homens com um olhar preocupado. Fry voltou para onde estava o duque, escorado na parede, prestes a desmaiar. Seu corpo implorava por mais descanso, o que naquele momento era impossível.

— O que era ruim acabou de piorar — disse Fry, ajudando Bergan a se manter de pé.

— Eram Palfrey e Howard? — perguntou o Bearlord, fazendo uma careta ao se levantar. — Devo agradecer aos cavaleiros por terem ido em meu auxílio e salvado a minha vida?

— Não, milorde. Eles estavam comigo. Voltamos para ajudar assim que ficamos sabendo que ele o havia resgatado.

— Ele?

— Sim, escavando os escombros com as próprias mãos. Todos consideramos que sua morte era certa — disse Fry, no mesmo instante em que Carver levantava a cabeça, após ter socorrido o cavaleiro ferido. O duque e o Lord dos ladrões se encararam. — É a Carver que sua senhoria deve agradecer.



## 5

### Formação de um exército

À primeira vista, os Mantos-Cinzas reunidos no pátio do castelo causavam uma impressão muito positiva. Sob a supervisão dos cavaleiros de Stormdale e do barão Hoffman, tio-avô de Lord Reinhardt, em questão de uma noite o contingente do exército crescera de oitocentos para quase dois mil membros. Um exame mais cuidadoso dos recrutas, porém, revelava alguns fatos alarmantes. A maior parte da milícia era composta de cidadãos idosos que deveriam estar em casa sentados diante da lareira, e não brandindo espadas nem bastões. Aqueles homens eram camponeses, agricultores que haviam passado a vida manuseando enxadas e ancinhos, e não armas de guerra.

Além deles havia as mulheres de Stormdale, lado a lado com os pais, levando o corpo ao limite para cumprir as instruções bradadas pelos capitães e cavaleiros. E ainda os jovens, adolescentes que não tinham idade sequer para se barbear, muito menos para empunhar um arco. Todos estavam ali voluntariamente. Ninguém queria ver sua cidade cair sem resistência.

Drew estava de pé na muralha da Torre da Lady, observando a multidão executar os exercícios preparados por Rufus Rubro. O velho Hawklord fora designado para treinar uma parte do contingente no tiro com arco. Trinta alvos de palha haviam sido posicionados na muralha norte, e os arqueiros que tinham demonstrado maior potencial foram colocados sob o comando de Rufus Rubro. No entanto, eram poucas as flechas que atingiam o alvo, e muitas as que pousavam na neve, aos pés dos atiradores.

Drew olhou para o lado e viu que Lord Reinhardt também estava lá, os olhos fixos no pelotão logo abaixo.

— Estamos mesmo fazendo a coisa certa? — perguntou Reinhardt.

— Como assim?

Reinhardt apontou com a mão para a cena que se desenrolava diante de seus olhos.

— Convocar mulheres, crianças e idosos para lutar por nós? Que chance teremos se o inimigo conseguir romper nossas defesas?

— É melhor do que não fazer nada — respondeu Drew. — Essas pessoas tomaram as armas voluntariamente, Reinhardt. Ninguém foi obrigado a se juntar aos Mantos-Cinzas. Diante do exército que cresce a cada hora do outro lado das muralhas, a escolha é bem simples: lutar ou morrer. Se não pudermos aproveitar toda a ajuda disponível para defender Stormdale, é melhor abrir os portões e convidar os Ratos e os Corvos a entrar.

— Estou com medo de pôr tantas vidas em perigo.

— Não é você quem está fazendo isso, e sim o Catlord, quando ordenou que seus soldados invadissem Highwater. E, com todo o respeito, a responsabilidade por essa decisão não é sua. O povo de Stormdale está fazendo esse sacrifício por livre e espontânea vontade.

Lord Reinhardt se inclinou sobre as pedras entalhadas do alto da torre.

— Não tenho nenhuma ilusão quanto ao desafio que vamos enfrentar, Wolflord. E conheço as limitações do meu povo.

Drew se virou para encarar o Staglord.

— Limitações? Espero que esse pessoal lhe cause uma boa surpresa, milorde. Pela minha experiência, sei que todos nós somos capazes de coisas extraordinárias quando nossa vida está em perigo, sejamos transmorfos *ou* humanos.

Se Reinhardt pretendia continuar questionando Drew a respeito da capacidade de seu povo, pensou duas vezes e desistiu. Em vez disso, os dois se viraram para o oeste, onde estavam concentradas as forças inimigas. Havia por volta de dois mil guerreiros reunidos ali: homens experientes no campo de batalha, acostumados a derramar sangue em nome dos Ratos e dos Corvos. Bandeiras coloridas se espalhavam pelo acampamento, distinguindo as facções que tinham vindo de Riven e Vermire para derrubar os Staglords pela espada. Não havia sinal da Guarda Leonina ou de bastians entre eles. Onyx devia tê-los designado para outro lugar. Apesar de a maior parte do exército de Vorjavik estar posicionada mais a oeste, com a Dyrewood às costas, barracas e fogueiras circundavam toda a cidade, deixando os habitantes de Stormdale sem nenhuma rota de fuga.

— Você mandou alguma mensagem para Brackenholme? — perguntou Drew, olhando para a floresta verde-escura que dominava o horizonte além das linhas inimigas.

— Patrulheiros foram enviados a Brackenholme e à outra cidade dos Ursos, mas se vamos receber ajuda é outra história. Com a morte de Bergan na batalha de Highcliff e de Broghan no Cabo Gala, imagino que os Bearlords já tenham problemas suficientes com os quais lidar. Dessa vez, não posso esperar nada dos nossos amigos do reino da floresta.

Quando seus pensamentos se voltaram para Brackenholme, Drew se lembrou de Whitley e Gretchen. A última vez que as tinha visto fora antes de ser carregado do Alto Estábulo pelas garras de Lady Shah. Queria muito voltar a vê-las, ou pelo menos saber se estavam a salvo da violência que assolava a Lyssia. Torceu para que estivessem juntas e cercadas de aliados. “Hector está por aí em algum lugar. Minha presença é necessária aqui, e o meu amigo não vai deixá-las na mão. Ele vai atrás das duas, tenho certeza.”

— Não perca a esperança, milorde — disse Drew. — A ajuda vai aparecer.

— É melhor rezar a Brenn para que apareça mesmo — disse uma voz da escadaria atrás deles. — É mais fácil eles furarem os próprios olhos do que acertarem um Rato ou um Corvo com as flechas.

Rufus Rubro saltou os últimos degraus e se juntou a eles no alto da torre, o fôlego intacto mesmo após a subida íngreme. Devia ser tão velho quanto quase todos os outros transmorfos que Drew conhecia, mas o Hawklord ainda era ágil como uma jovem ave de rapina.

— O treinamento não está dando resultado? — perguntou Reinhardt, preocupado.

— O que é possível aprender em um único dia? Eles sabem qual parte do arco puxar e nada mais, pelo que percebi. Vai ser um milagre se não deceparem os próprios dedos na hora de atirar a flecha.

Drew soltou um suspiro diante do desânimo resignado do Gavião.

— Mas você vai trabalhar para que fiquem mais confiantes, e não o contrário, certo?

— Ora, não me entenda mal. Eu disse o que era preciso para animá-los. Estão todos se achando exímios atiradores, capazes de derrubar o próprio Onyx se o Werepanther passar por aquela porta. Mas eu, no seu lugar, não esperaria muito deles, lobinho. Estão muito verdes; ainda não são guerreiros.

Drew não se deixou abalar.

— Todos eles têm um papel a desempenhar na batalha que temos pela frente — afirmou.

— E a batalha está bem próxima — rebateu Reinhardt, virando-se sobre a perna ferida. — Vou falar com eles. Quem sabe minhas palavras não ajudem a levantar o moral?

— Encha-os de confiança — disse Rufus Rubro enquanto o Staglord descia a escada. — Eles precisam de todo o incentivo que puderem ter.

— Por que você é sempre assim tão pessimista? — questionou Drew.

— Isto aqui não é brincadeira, garoto. É uma questão de vida ou morte...

— Sei disso melhor do que qualquer um! — explodiu Drew, sem conseguir se controlar.

Rufus Rubro balançou a cabeça respeitosamente.

— Todos sabemos. Mas estamos pedindo que essas pessoas façam coisas que elas não imaginavam nem em seus piores pesadelos. Acha mesmo que elas serão capazes de tirar a vida de um homem quando for preciso?

— Elas vão fazer o que for preciso para defender seu lar. Não tenho a menor dúvida. Minha única preocupação é qual será o custo disso.

— E o que vai fazer, lobinho, quando a sorte for lançada?

Drew olhou para o velho Gavião, que coçava o pescoço. A neve começava a cair outra vez.

— Fique à vontade para falar o que está pensando, Rufus Rubro. Não precisa moderar a língua. Não combina com você.

O Gavião se virou para Drew, estreitando os olhos e fazendo a cicatriz se enrugar.

— Eu sei que você arrancou a própria pata. Isso deve ter exigido muita coragem. Mas até onde iria para salvar a vida desse pessoal? O que seria capaz de fazer para vencer essa guerra?

— Não entendi — respondeu Drew, sentindo um frio na barriga ao imaginar o que Rufus Rubro poderia estar sugerindo.

— Guerras não são ganhas com palavras bonitas, rapaz. Às vezes é preciso sujar as mãos. — Rufus Rubro ergueu as dele, mostrando as unhas compridas e curvadas e cerrando os punhos a seguir.

— Você mataria um inimigo indefeso para salvar a vida dos seus?

Drew ficou em silêncio, sem saber como responder à pergunta do falcotrope. O que ele queria dizer com aquilo?

Rufus Rubro olhou para os recrutas que treinavam suas manobras militares mais abaixo.

— Foi o que pensei. Então é essa a diferença entre você e seu pai? Wergar não pensaria duas vezes antes de matar um homem para conseguir o que queria.

— Eu não sou o meu pai — disse Drew. — Sempre existe outra solução. Você está defendendo o assassinato, Rufus Rubro. Não concordo com isso.

— Se Onyx estivesse aqui, na nossa frente, você não o mataria?

— Eu tentaria conversar com ele antes...

Rufus Rubro ficou olhando para a amurada, onde a neve se acumulava.

— É impossível conversar com esses sujeitos, garoto. Eles são assassinos. Essa é a única linguagem que entendem, sabe? Enquanto não estiver pronto para acabar com um deles, *seja qual for* a circunstância, sabe onde está essa esperança de que tanto fala? Está perdida.

Depois de dizer isso, Rufus Rubro se virou, ajeitou o manto sobre os ombros e desceu a escada.

Drew ainda ficou sozinho no alto da torre por um tempo, abalado pelo medo e atormentado pela dúvida. As palavras sinistras do Hawklord continuaram ressoando em seus ouvidos enquanto a neve cobria toda a cidade de Stormdale.



6

## Mão Negra

Vermire, a cidade dos Ratos, ficava à beira do Mar Branco, com suas construções precárias equilibradas sobre o terreno tortuoso dos penhascos, reivindicando a posse daquela terra hostil. As moradias localizadas mais perto do mar guardavam poucas semelhanças com casas propriamente ditas — eram barracos e tendas de lona que mal forneciam abrigo contra o vento e as ondas. Mais acima ficava a cidade propriamente dita, com suas tavernas e seus galpões aglomerados nos barrancos, acoessando as residências menores entre eles. O barulho nas ruas era incessante, com gritos de alegria e também de brigas. O calçamento de pedra estava sempre sujo de cerveja, sangue e pedaços de corpos. Mais no alto ficavam as casas dos mercadores, dos capitães piratas e dos lordes ladrões e traiçoeiros, que disputavam a atenção do Rei Rato. Nome coletivo usado para se referir aos irmãos Wererats que governavam aquela terra, o Rei Rato tinha o costume de manipular os ricos de Vermire, jogando-os sistematicamente uns contra os outros. As mansões dos ilustres rivais ficavam aglomeradas aos pés da cidadela dos Ratlords, que se erguia como uma espiral monstruosa desde os detritos mais abaixo.

Hector, o senhor de Redmire, olhava tudo do alto de sua torre gigantesca, ouvindo o burburinho da cidade da varanda de seus aposentos. Recém-nomeado Lord Magíster da corte do príncipe Lucas, o jovem Boarlord não perdeu tempo e foi logo fazer uma visita a Vermire, local onde ficavam os restos mortais de seu antigo mestre, Vankaskan. Assim como Hector, o velho Wererat tinha sido um magíster, um conhecedor dos rituais de cura, mas também um estudioso da magia negra. Hector vinha dominando cada vez melhor a necromancia e havia conquistado um valioso conjunto de conhecimentos ocultos a partir dos ossos do falecido Wererat.

Lord Vanmorten e seus irmãos, os membros sobreviventes do reinado dos Ratos, providenciaram acomodações para Hector e também para a Guarda Javalina, que no momento era composta de oito homens — número que certamente aumentaria quando o *Mirmídome*, o navio de guerra da falecida rainha Slotha, voltasse de Highcliff para Tuskun sem sua líder a bordo. A notícia da morte da Werewalrus pelas mãos de Hector iria se espalhar bem depressa. Os ugri — um povo tribal que habitava a tundra congelada — tinham um novo senhor. A tradição guerreira de jurar lealdade a quem derrotasse seu líder era mais uma peça no quebra-cabeça do destino do jovem magíster: os ugri estavam sob seu comando.

Hector olhou para onde estavam seus homens, jogando ossos e bebendo. Os guarda-costas Ringlin e Ibal, os únicos em quem de fato confiava, não demoraram a se entrosar com os novos companheiros da Guarda Javalina, e o velho passatempo da jogatina ajudou a sedimentar a amizade. O alto e magro Ringlin soltou uma gargalhada, dando tapinhas nas costas de Dois Machados, enquanto o robusto e atarracado Ibal recolhia os ganhos da mesa com uma risadinha. Dois Machados era o chefe dos ugri e foi o primeiro deles a jurar lealdade a Hector, por ter um melhor domínio do idioma do oeste. O guerreiro gigantesco deu um soco de brincadeira em Ringlin, fazendo-o cair e provocando um coro de gargalhadas dos outros cinco ugri.

“Viraram todos amiguinhos, hein, irmão?”

Hector desviou o olhar, tentando ignorar Vincent, o vil, o fantasma do falecido irmão, que nunca ficava muito tempo em silêncio. Seu espírito sinistro e amargo estava sempre por perto, espiando por cima do ombro do magíster — um lembrete constante do papel terrível que Hector tinha desempenhado em sua morte. Como costumava acontecer quando o assunto amizade lhe vinha à mente, Hector se lembrou de Drew.

O Boarlord havia passado bons momentos ao lado do Wolflord. Os dois eram quase como irmãos, e a relação dele com Drew era muito mais profunda do que a que tivera com Vincent. Drew era o legítimo rei da Westland, e Hector fora um dos primeiros a jurar lealdade ao amigo. O Wolflord tinha como missão conduzir os Sete Reinos a um futuro brilhante, bem diferente da era de trevas imposta pelo rei Leopold, o velho Leão. Depois disso, o mundo do magíster havia sido lentamente virado de cabeça para baixo. Em meio a todas as provações e todo o sofrimento que tinha sido obrigado a encarar, o que mantinha Hector firme e forte era sua amizade com o Lobo, forjada na Dyrewood durante um período que parecera uma eternidade, mas que na verdade havia durado só um ano. Por mais desagradável que fosse esse pensamento, muitas vezes ele desejava que Drew estivesse morto, para que não visse o que havia acontecido com o Conselho Lupino desde seu desaparecimento, alguns meses antes. Apesar de Hector rezar para que Drew fosse poupado dessa decepção, uma pequena parte dele ainda desejava um reencontro com o Wolflord algum dia.

— Onde você está agora... — murmurou consigo mesmo.

“Se Drew ainda estiver vivo, não espere nem por um minuto que ele ainda o considere um amigo, irmão”, murmurou o vil. “Você escolheu o seu lado, Hector. É um aliado do Leão agora. Não existe lugar para arrependimentos: você é inimigo do Lobo.”

Vincent estava certo, obviamente. Não havia como voltar atrás na rivalidade surgida entre o Conselho Lupino e o Boarlord. Em suma, era melhor *mesmo* que Drew estivesse morto. O único futuro possível para Hector era ao lado do Leão. Ele precisava da proteção de Lucas, precisava provar que não era um traidor — sua sobrevivência dependia dessa lealdade. De todos os outros

membros que haviam traído o Conselho Lupino — o conde Vega, o duque Bergan, o conde Mikkel —, apenas o duque Manfred, o Staglord, ainda estava vivo.

“Não por muito tempo, Hector. Não por muito tempo.”

Hector abriu um sorriso amargo ao se lembrar de Manfred. Precisava acertar as contas com o velho duque. O Lord de Stormdale podia até pensar que estava a salvo se escondendo no norte, na fortaleza de Icegarden, mas nem todo o aço sturmiano reunido seria capaz de impedir a vingança do magíster. O fato de Manfred tê-lo abandonado à mercê da Morsa Slotha fora de uma crueldade inimaginável. “E você ainda acha que vai ficar por isso mesmo, Cervo?” Houve um tempo em que tinha considerado o duque um amigo, era preciso admitir, porém esses dias haviam ficado no passado. O Conselho Lupino não servia para mais nada — não havia lugar para aqueles velhotes tolos diante da nova ordem que se impunha. A guerra estava transformando o mapa da Lyssia, e Hector pretendia se beneficiar desse fato. Seria recompensado pela lealdade ao príncipe Lucas, o Leão, futuro rei da Westland. Hector estava em condições de obter o que desejasse.

Uma batida à porta o fez se virar.

— Atendam.

A Guarda Javalina interrompeu sua diversão imediatamente, ficando todos a postos para a ação. O patrulheiro ugri conhecido como Sorrteiro foi até a porta e, enquanto a abria com uma das mãos, manteve a outra no cabo da espada. Podiam até ser convidados do Rei Rato, mas não significava que confiassem nos anfitriões. Os companheiros de Sorrteiro se perfilaram no quarto, e o patrulheiro abriu a porta e deu um passo para trás.

Quem apareceu do outro lado foi a silhueta encapuzada do Lord Chanceler Vanmorten, acompanhado de um grupo de guardas com armaduras.

— Está aqui para ver o Lord Mão Negra? — perguntou Sorrteiro com sua voz rouca.

— Quer mesmo ser chamado por esse codinome ridículo, Lord Magíster? — ironizou Vanmorten.

Hector deu de ombros, andando de um lado para o outro atrás de seus homens.

— Não é minha função determinar como os ugri vão me chamar. E eu, no seu lugar, não zombaria deles. Esse ritual de escolha de nome é mais antigo que qualquer coisa que sua gloriosa cidade de Vermire considere uma tradição, Lord Chanceler.

Apesar de o rosto de Vanmorten estar escondido sob o capuz, que passara a usar depois de ter tido a face desfigurada, Hector pôde sentir que o Ratlord se irritara com o comentário. O Boarlord tentou esconder seu sorriso, sem muito sucesso.

— Entre, por favor — disse Hector. — Ora, que comentário absurdo. Esta é a *sua* casa, afinal...

Vanmorten entrou no quarto, seguido de perto pela Guarda Vermiriana. Dez soldados do palácio se posicionaram nos aposentos de Hector, formando um círculo ao redor do Wererat.

“De repente o ambiente ficou carregado aqui, irmão.”

— A que devo a honra? — perguntou Hector.

— Acabamos de receber a visita de um Corvo.

O Boarlord sentiu a boca secar. A reputação dos Crawlords de Riven era conhecida por todos. Os cruéis e mesquinhos aviatropos eram traiçoeiros como só os Wererats sabiam ser. O reino das Dalelands, terra natal de Hector, era desconfortavelmente próximo de Riven, a cidade dos Corvos, e a ameaça dos vizinhos que pairava sobre seu povo era constante.

— Ainda confia nesses pássaros para receber informações? Estamos em guerra, milorde. Existem maneiras mais seguras de se comunicar com a linha de frente, não?

— Você tem uma visão bastante equivocada de mim, Lord Magíster.

Vanmorten deu um passo para o lado, e outro sujeito entrou no quarto. Era bem magro, da altura de Hector, mas parecia ser forte, endurecido por inúmeras batalhas. Seu nariz fino lhe conferia uma expressão de desprezo permanente, e os olhos negros e redondos encaravam a todos com desconfiança, a não ser Vanmorten. Os cabelos negros, com entradas profundas na cabeça marcada por

cicatrizes, completavam o visual diabólico. Ele lançou um olhar hostil para Hector antes de fazer uma breve mesura.

— Lord Flint de Riven — apresentou-se o Crowlord.

Hector assentiu com um gesto de cabeça e se curvou. Conhecia os Wrecrows bem o suficiente para saber que, junto com os Ratos, haviam sido os olhos e ouvidos de Leopold por toda a Lyssia durante seu reinado. Com o velho rei falecido e um novo esperando para ser coroado, os Corvos tinham se juntado às forças dos Catlords de Bast que haviam vindo em auxílio do príncipe Lucas para destruir o Lobo e seus aliados. Sem dúvida nenhuma, os Corvos estavam a serviço do jovem Leão, assim como tinham feito com seu pai. E jamais entrariam em uma batalha sem a certeza de se beneficiar disso. A participação deles na guerra era um sinal claro de seu resultado: os Corvos de Riven estavam sempre do lado vencedor.

— Que bom poder contar com o conde Croke do nosso lado — comentou Hector. — A neutralidade de seu povo é bem conhecida. Se os Corvos resolveram participar, é porque entenderam a gravidade do perigo que a Lyssia corre.

Flint estreitou os olhos para encarar Hector. Depois, virou-se para Vanmorten.

— Se o Javali tem algo a dizer, acho melhor falar logo, sem rodeios!

O Corvo deu um passo à frente, mas Vanmorten o segurou pelo ombro.

— Tenho certeza de que o barão de Redmire não teve a intenção de ofendê-lo, Flint.

O aviatropo recuou, desvencilhando-se da mão deformada de Vanmorten.

— Por que esta visita, milorde? — perguntou Hector, atenuando o tom de voz para aumentar ainda mais o clima de ameaça. — E que mensagem poderia ser tão importante a ponto de não poder ser transmitida ao Lord Chanceler?

“Está ficando arrogante, irmão. Não teme mais ninguém?”

Era verdade. Desde que entrara em comunhão com os mortos, desenvolvendo-se na arte da magia negra, Hector havia deixado de

ser um pacato boticário para se transformar em uma das criaturas mais poderosas da Lyssia. Sua sede de poder o levava a lugares terríveis, da sinistra Ilha Branca no Mar Sturmiano à tumba dos Ratlords, diante do crânio de Vankaskan. Havia sido Drew quem o colocara naquele caminho, estimulando sua autoestima, e isso mudara sua vida. Havia provado a Vincent, Vega, Slotha e Lucas que era capaz de tirar vidas. Com a magia negra ao alcance dos dedos enegrecidos, não tinha quase nada a temer.

— Duas novidades — disse o Crowlord, ainda olhando feio para Hector. — Ouvimos dizer que Moga está em chamas.

— A fortaleza do barão Bosa? — perguntou Hector, sem conseguir esconder a surpresa.

— E por acaso existe outra Moga? — rebateu Flint, sarcástico.

— Quem na Lyssia teria a audácia de atacar a ilha do Werewhale? — questionou Vanmorten.

— Não temos certeza ainda, mas dezenas de navios comandados por Ghul, o Kraken, que controlava o porto a mando do príncipe Lucas, foram incendiados. Fragatas de Bast, embarcações da Westland fiéis ao Leão, navios corsários das Ilhas Cluster. Foram todos queimados e mandados para o fundo do mar.

— Como você sabe disso? — Hector quis saber.

— As notícias costumam correr entre os Corvos — respondeu Flint. — O barão está desaparecido, assim como as embarcações piratas que costumavam aportar em Moga. A cidade foi incendiada, a guarnição local desertou, e todos os homens de Ghul foram assassinados. O Kraken está furioso, o que é compreensível, já que sua frota ao norte foi reduzida a cinzas. Foi um ataque que não deixou a menor chance de defesa.

“A Baleia também entrou na dança, irmão? O que pode ter estimulado Bosa a tomar partido?”

— Lord Onyx deve estar preocupado com a segurança de sua armada depois de uma ofensiva como essa. As investigações ficaram a cargo do Kraken?

— Sim, essa tarefa foi designada a Ghul, mas Onyx não acredita muito na competência do Kraken — relatou Flint. — O ataque a Moga aconteceu sob as barbas de Ghul; com certeza o Werepanther

o considera responsável pelo acontecido. O restante da frota de Onyx continua nas águas do sul, ajudando o exército de Bast a romper as defesas de Calico, nas Longridings. É lá que estão os Horselords fugitivos, e a queda deles é mera questão de tempo.

— Você está subestimando a força dos homens de Calico — disse Hector. — O duque Brand não é do tipo que se rende facilmente.

— Acho que é você que está subestimando a determinação inabalável dos Catlords, Lord Magíster — ralhou Vanmorten. — A ofensiva do Lord Onyx só vai chegar ao fim com a aniquilação total do inimigo. Ele convocou reforços de sua terra natal; os Werelords de Bast estão vindo em seu auxílio. Não se surpreenda se Ghul for substituído como Lord da Ilha dos Piratas por alguém da confiança de Onyx.

— E a outra informação, qual é? — perguntou Hector.

— O duque Manfred e a rainha Amelie foram vistos no porto sturmiano de Roof. Ao que parece, conseguiram abrigo em Icegarden. O Urso Branco mostrou de que lado está.

— Como já esperávamos — comentou Vanmorten. — O duque Henrik jamais vai entregá-los. Com um pouco de sorte, o inverno sturmiano vai decretar a morte do velho Cervo Manfred antes de eles chegarem a Icegarden. E Lucas, o que vai fazer a respeito?

— Lord Onyx está conduzindo o exército do príncipe para Sturmland neste exato momento.

Hector voltou seus pensamentos para a infância, para as histórias que o pai contava sobre o esplendor de Icegarden, que tanto fascinava o jovem Javali. A cidade era o lar ancestral dos Ursos Brancos, construída nas encostas da Strakenberg, com suas minas repletas de coisas fabulosas. As Filhas de Icegarden eram as detentoras da magia da montanha, as magísteres dos Werebears, e trabalhavam ao lado dos lendários ferreiros sturmianos, enfeitando armas e armaduras dos maiores guerreiros da Lyssia. Eram histórias antiquíssimas, do tempo em que os míticos Dragonlords governavam as Whitepeaks, abrigando seus tesouros nas profundezas da Strakenberg. As lendas em torno do Cajado Wyrn povoavam a imaginação de Hector desde criança. Era um

artefato que pertencia aos Dragões e que as Irmãs Ursas haviam se comprometido a guardar por toda a eternidade. Henrik preferiria morrer a revelar os segredos da montanha a seus amigos, que dirá aos inimigos.

— O Urso Branco não vai permitir que Onyx marche sobre Sturmland sem resistência — afirmou Hector. — Ele não é nenhum tolo.

— Quanto a isso há controvérsias, Lord Magíster — retrucou Flint. — Suas atitudes vão provar quanto ele é tolo. Assim como qualquer um que vá para o campo de batalha enfrentar o Werepanther *voluntariamente*... É o caso de duvidar da sanidade do sujeito.

Hector ficou todo arrepiado ao pensar no que Lord Onyx, a Fera de Bast, poderia fazer com o duque Henrik caso se encontrassem no campo de batalha. Ele havia conhecido Lady Opal, a irmã do Werepanther — uma presença intimidadora, que observava tudo e não deixava passar nada como conselheira do príncipe Lucas. Os feitos marciais de seu irmão eram aparentemente inigualáveis entre os Werelords. A Pantera nunca usava uma arma em um confronto. Onyx era a própria arma, e sua reputação sanguinária fora conquistada à custa de muitos inimigos aniquilados.

— Eu estava achando que o silêncio de Henrik significava certa relutância em tomar partido — comentou Vanmorten, coçando o rosto deformado com uma das mãos. — Pensamos que ele fosse se isolar em Icegarden, esperando que a guerra acabasse sem precisar sujar a espada. Ao que parece, estávamos errados.

— Sendo assim, nossas esperanças de capturar Manfred e resgatar a rainha se reduzem bastante — disse Hector. — Uma pena. Gostaria de poder dialogar com o Urso Branco. Talvez ele me ouvisse, já que conhecia meu pai.

— Desde que ele não soubesse que foi você quem matou Vega — acrescentou Vanmorten com uma risadinha.

A pose de superioridade de Hector se desfez um pouco enquanto lançava um olhar enviesado para o Wererat.

— Todos nós estamos aqui para fazer o que for melhor para a causa, Lord Chanceler.

— É claro — respondeu Vanmorten, fingindo concordar. — Tudo pela causa.

— Então, se a caça ao Cervo chegou ao fim, significa que voltaremos para Highcliff? — intrometeu-se Ringlin.

Vanmorten e Flint se viraram para ele, chocados. Hector ergueu uma das mãos para deter as reprimendas antes que os dois se manifestassem.

— O capitão Ringlin tem permissão para se manifestar livremente. Afinal, ele é o membro mais antigo da Guarda Javalina, além de meu conselheiro em assuntos militares.

Vanmorten soltou uma risada.

— Quem vê pensa que você tem um exército, Mão Negra! São só oito homens, contados nos dedos. Que muralhas pretende derrubar com essa força tão poderosa?

“Não aceite essa provocação, irmão.”

— Existem outras maneiras de conseguir as coisas, Vanmorten — disse Hector, apontando um dedo enluvado para o Ratlord.

— E então — disse Ringlin, ainda à espera de uma resposta —, milordes? — acrescentou, tentando se colocar no devido lugar.

Flint encarou o capitão da Guarda Javalina e se virou para Vanmorten.

— As ordens que recebi de Lord Onyx foram para que você voltasse imediatamente a Highcliff, Lord Chanceler Vanmorten. Informe ao príncipe Lucas sobre a traição do duque Henrik e também sobre o paradeiro de sua mãe, a rainha. Lord Onyx acredita que isso servirá como incentivo para que o príncipe lance uma ofensiva pesada contra os sturmianos.

— Esse conflito deve se resolver antes do fim do inverno — disse Hector, unindo as mãos. — Escrevam o que estou dizendo, cavalheiros.

Hector caminhou até uma escrivaninha a um canto do aposento, onde estava sua nova e aprimorada caixa de artefatos mágicos. Ele abriu uma gaveta à procura de uma vela preta, apalpando-a com a mão enluvada antes de posicioná-la na base da

caixa. Removeu papéis, pergaminhos e outros documentos da mesa, desviados da biblioteca pessoal de Vankaskan e em sua maioria ainda não lidos. O ramo da magia negra era um reino riquíssimo, e Hector mal havia começado a arranhar a superfície.

— Vai ser bom poder voltar a Highcliff — falou por cima do ombro. — Com todas essas viagens, tenho sentido falta da Torre de Bevan. Não consigo imaginar um lugar melhor para começar minha nova vida ao lado do futuro rei.

Flint soltou uma gargalhada, um som parecido com o de pedras despencando em um desfiladeiro. Vanmorten se juntou ao Corvo em seguida, como se tivesse acabado de entender a piada.

— Qual é a graça? — perguntou Hector, sentindo o sorriso desaparecer do rosto.

— Quem vai visitar o príncipe Lucas é o Lord Chanceler Vanmorten. Você não vai para Highcliff, milorde — informou Flint, com uma alegria perceptível na voz. — Você vai para as Terras Áridas. Lord Onyx quer conhecê-lo.



## 7

### A Árvore do Enforcamento

Os romaris, o mais antigo povo nômade dos Sete Reinos, só se reuniam em grande número em uma destas três ocasiões: em um casamento que unificasse alguma de suas seis linhagens mais tradicionais; na morte de um homem Zadka ou de uma mulher Baba; e, principalmente, em tempos de guerra.

Mil deles estavam acampados na extremidade norte das Longridings, armando barracas e parando as carroças no limite da Dyrewood. O boato de que as duas ladies transmorfas que tinham fugido do Cabo Gala, Gretchen e Whitley, viajavam na companhia dos romaris já se espalhara, mas elas ainda não haviam se juntado ao grupo principal. A reunião em grandes grupos oferecia a eles um nível de proteção elevado para o caso de cruzarem com a Guarda Leonina ou com guerreiros bastians nos campos. Qualquer exército pensaria duas vezes antes de enfrentar tanta gente de uma só vez.

Os Zadkas coordenavam a rotina do acampamento, supervisionando as atividades militares e comandando os patrulheiros que vigiavam os morros ao redor, mas eram as Babas que tinham a palavra final em todos os assuntos, tanto os militares

como os de ordem social. Seis delas formavam um conselho localizado no coração do acampamento, em volta de uma grande fogueira, cada uma representando um ramo das linhagens mais antigas. Todos os inimigos capturados eram levados às Babas para interrogatório. Caso fossem considerados culpados, eram condenados sumariamente e levados à Árvore do Enforcamento.

Um desses desgarrados estava diante delas naquele exato momento, com seu manto rubro em farrapos. Um guarda arrancou o saco de pano que havia sido colocado na cabeça do prisioneiro enquanto era transportado, e o jovem piscou os olhos, incomodado com a luz das chamas.

— Diga o que fazia sozinho nas Longridings, tão afastado do batalhão dos Catlords! — ordenou uma das Babas, de costas para o fogo, o corpo oculto pelas sombras.

— Sou um desertor — informou o soldado. — Não estou mais a serviço dos Catlords.

— Mas ainda está usando o manto rubro.

— E a insígnia de sargento! — acrescentou outra Baba.

— Quanto tempo ainda temos antes que seus companheiros venham em seu encalço?

Trent Ferran revirou os olhos, amaldiçoando a má sorte de ter topado com os romaris. Tinha resolvido marchar para o norte ao fugir do destacamento de seu antigo líder, Lord Frost, deixando uma boa distância dos ex-companheiros. Depois de matar o Catlord com a Wolfshead, a espada de seu pai, Trent esperava que os Mantos-Rubros viessem em busca dele para vingar sua traição. Cavalgara sem dar descanso a Tempestade, sua égua de confiança, e os Mantos-Rubros haviam se mostrado desorganizados demais para ter êxito na perseguição. Ainda assim, não se considerava livre de perigo. Preocupado com o que poderia estar atrás dele, acabara se descuidando com relação ao que encontraria pela frente. Quando os romaris o capturaram em uma emboscada, lançando redes e cordas sobre o soldado e sua montaria, ambos foram ao chão como se tivessem sido lançados por uma catapulta. Amarrado e vendado, marchara pelos campos até o acampamento romari, onde fora levado ao Conselho das Babas.

— É verdade, eu *era* um sargento da Guarda Leonina, mas não estou mais nessa vida. Meu caminho agora é outro.

— Admirável — comentou a Baba que havia iniciado o interrogatório. — Sendo assim, você não representa ameaça ao nosso povo. O que devemos fazer agora? Permitir que vá embora?

Trent correu o olhar pelos que estavam ao redor da fogueira. Além das seis sábias, havia soldados e anciãos reunidos ali, mantendo uma distância respeitosa das Babas que o julgavam.

— Ele é um batedor — disse outra Baba. — Os seus senhores são tão medrosos a ponto de pensar que nós, a nação romari, representamos uma ameaça? Pois que venham até nós. Que enfrentem a ira do Povo do Lobo em toda a sua plenitude!

Os Zadkas e os jovens guerreiros aplaudiram, batendo as espadas nos escudos e nas bainhas, vociferando seu apoio às palavras da mulher.

— O Povo do Lobo? Como assim?

A primeira Baba se levantou e se aproximou de Trent. Quanto mais ela se afastava das sombras da fogueira, mais nítidas se tornavam suas feições, revelando um rosto marcado pela passagem do tempo. O queixo se projetava sob os lábios enrugados, e os cabelos finos e brancos caíam em cachos oleosos sobre as maçãs do rosto. Ela piscou algumas vezes, e as órbitas esbranquiçadas se fixaram no jovem da Costa Gélida, enquanto os olhos cegos se reviravam nas respectivas cavidades.

— Meu nome é Baba Soba, e falo em nome de todo o meu povo. Nós, os romaris, vivemos ao ar livre, menino. As árvores são nossas paredes, o céu é nosso teto, e o luar é nosso farol. A Lua olha por nós, para que possamos olhar por nossas crianças. Somos o Povo do Lobo; nossa vida está irremediavelmente ligada à da grande fera. Quem ataca o Lobo está atacando os romaris. Quando seus senhores se voltaram contra Drew Ferran, eles declararam guerra ao nosso povo.

Trent se sentiu um pouco zozzo ao ouvir aquelas palavras, que o atraíam e o deixavam desorientado ao mesmo tempo. Enquanto ela falava, não notou a presença de mais ninguém; seus olhos ficaram fixos nos lábios dela. O coração se apertou dentro do peito,

e, ao soltar o ar com força, percebeu que não estava mais respirando. Agora inspirava profundamente, a menção ao nome do irmão o tendo tirado do transe provocado pelo discurso de Baba Soba.

A Baba sorriu ao ver Trent perder o fôlego e tossir, curvando-se e arfando enquanto tentava fazer o ar voltar aos pulmões. Ele levantou a cabeça, os olhos arregalados de medo diante da demonstração de poder daquela voz.

— Ah, você é um dos fortes — ela comentou, surpresa com a capacidade de recuperação de Trent. — Poucos são capazes de romper o poder de um feitiço.

— Um feitiço? Era isso que você estava fazendo? — perguntou Trent, ofegante, enquanto os guardas o puxavam para que se levantasse de novo. — Você é uma bruxa?

Os homens gritaram, protestando contra a acusação de Trent. Baba Soba ergueu um dos dedos esqueléticos para que fizessem silêncio.

— Se quiser, pode me chamar assim, habitante da Westland. Já fui chamada de coisa pior. Mas sou uma simples romari que exige resposta quando faz uma pergunta. Me diga: o que na minha fala trouxe você de volta à vida?

Trent engoliu em seco. “Será que eu conto a eles?” Sentia que já havia traído o irmão o suficiente naqueles meses terríveis que se passaram desde a última vez em que se viram. Fazia mesmo um ano que seus caminhos haviam se separado? Nesse meio-tempo, Drew tinha se autoproclamado o legítimo herdeiro do trono da Westland e declarado uma guerra que vitimara inúmeros Werelords, incluindo o próprio rei Leopold, o Werelion. Era mesmo possível acreditar que os romaris fossem leais a seu irmão? “Será que devo acreditar que essas pessoas *veneram* o Lobo?”

— Fale logo, menino! — ordenou a Baba. — Eu posso ser cega, mas escuto muito bem. Serei obrigada a perguntar de novo?

— Você mencionou o nome de Drew — Trent se apressou em responder, com medo de ter outro feitiço lançado contra si.

— Sim — confirmou a velha, passando um dos dedos esqueléticos pelo rosto marcado. Chegou mais perto, a pouco

menos de meio metro de Trent, estalando os lábios ao proferir sua pergunta: — Quem é Drew Ferran para você, já que a simples menção a seu nome foi capaz de quebrar meu feitiço?

— Ele é meu irmão — informou Trent. Foi uma resposta dada sem pensar, as palavras escapando da boca de maneira involuntária. Todos os presentes respiraram fundo, e até mesmo Baba Soba recuou um passo, surpresa.

— Irmão? — repetiu ela. — Menino, ainda sou capaz de reconhecer um transmorfo quando encontro um... — Ela se curvou para a frente e o cheirou, alargando as narinas ao tocar no rosto dele. Trent sentiu o corpo inteiro gelar. — ... e você não é um Werelord.

— Drew foi adotado pelos meus pais. Fomos criados como irmãos gêmeos. Não somos parentes de sangue, mas é como se fôssemos.

— Tanto que você resolveu vestir o manto rubro? — rebateu a Baba.

Trent sentiu um nó no estômago. Ela se posicionara atrás dele, segurando suas mãos amarradas. Ele sentiu os dedos gelados massageando-lhe a palma, como se tentassem descobrir os segredos que se escondiam sob a pele. Trent fez uma careta quando a Baba cravou as unhas em sua mão. O sangue morno escorreu, espalhando-se sobre a pele da velha, que o largou e foi se juntar a suas companheiras.

— É mentira! — gritou um Zadka, insatisfeito com o andamento do interrogatório.

— Vamos enforcá-lo! — conclamou outro. Os romaris começaram a arrastá-lo para longe das Babas.

— Estou dizendo a verdade! — berrou Trent, mas Baba Soba continuou em silêncio, e os Zadkas ordenaram que o levassem dali.

Os romaris já preparavam uma corda pendurada em um galho de uma árvore próxima, quando os guardas chegaram para levar o Manto-Rubro. Ele olhou para trás enquanto era puxado pelos nômades, na esperança de conseguir estabelecer contato visual com a feiticeira, debatendo-se inutilmente sob o poder dos

guerreiros romaris. A multidão abriu caminho para que ele fosse conduzido à Árvore do Enforcamento.

— Não sou inimigo de vocês! — ele gritou.

De repente o laço já estava em seu pescoço, com o nó bem apertado. Um barril foi rolado até perto do tronco da árvore, e os guardas ergueram Trent para que ficasse de pé sobre a tampa enquanto esticavam a corda. Por sobre a cabeça dos romaris reunidos ali, viu que Baba Soba estava com as cinco irmãs ancestrais ao redor da fogueira. A feiticeira estendeu a mão para que as companheiras a ajudassem na investigação, passando os olhos e os dedos pelo sangue do Manto-Rubro.

— Por favor! — suplicou Trent, sufocando, enquanto sentia o barril se mover sob seus pés. Um dos guerreiros deu um pontapé no objeto de madeira, e a corda apertou com força o pescoço de Trent.

O Manto-Rubro se debateu, mas o nó apertava ainda mais a cada movimento. Os romaris deram um passo para trás, deliciando-se com a execução do inimigo. Não podiam permitir que seu paradeiro fosse descoberto e tampouco se dar ao luxo de fazer prisioneiros. A saliva escorreu pelos lábios abertos de Trent, e a escuridão fez menção de lhe descer sobre os olhos, que se arregalavam, fixos nas Babas. Foi nesse exato momento que Soba jogou as mãos para o alto e se dirigiu à multidão.

— Parem! — gritou, e sua voz retumbou como um trovão.

O galho em que a corda estava amarrada se partiu, lançando lascas de madeira pelo ar. Trent desabou no chão, e suas pernas cederam com o impacto contra o chão frio e duro. Sentiu as mãos ásperas dos romaris afrouxarem a corda em torno de sua garganta e o rolarem de barriga para cima. Trent continuou deitado, fazendo força para respirar, enquanto as seis Babas se dirigiam até ele, abrindo caminho em meio aos homens que haviam desejado sua execução.

— O juvenzinho está dizendo a verdade — afirmou uma das irmãs.

— Ele é *mesmo* irmão de Drew Ferran — acrescentou outra.

— E não está mais lutando ao lado do Leão — garantiu Baba Soba.

Com a garganta ainda afetada pelo quase enforcamento, Trent precisou se esforçar para falar.

— Foi o que eu disse — murmurou. — Não sou inimigo de vocês.

— Para onde estava indo, menino? — Soba quis saber, os olhos cegos voltados para onde ele estava deitado.

— Para Brackenholme. Duas amigas do meu irmão, Lady Gretchen e Lady Whitley, estão viajando para lá e se encontram em perigo.

— Ouvimos dizer que essas duas Wereladies estão acompanhadas por romaris — contou um Zadka baixinho e barbudo.

— Que tipo de perigo? — perguntou outra Baba.

— Não sei. O barão Ewan, amigo de Drew, disse que eu precisava ajudá-las e protegê-las. É o mínimo que posso fazer pelo meu irmão. — Trent baixou os olhos. — Estou em dívida com ele.

Soba se virou para as irmãs, e as Babas passaram a cochichar entre si enquanto os homens vigiavam Trent. O Zadka baixinho e barbudo estendeu a mão e ajudou o jovem batedor a se levantar, apertando sua mão com firmeza, mas sem a intenção de machucá-lo.

— Não podemos nos arriscar — ele se explicou. — A Guarda Leonina sempre foi implacável com os romaris, e com a guerra tomando conta da Lyssia precisamos ser mais cautelosos do que nunca.

Trent balançou a cabeça em concordância, virando-se outra vez para a anciã.

— Estamos indo para Brackenholme — anunciou Baba Soba, voltando-se de novo para os romaris depois de confabular com as irmãs. — O duque Bergan sempre tratou muito bem nosso povo. Quem é amigo do Lobo é nosso amigo também. Vamos garantir a proteção dessas ladies transmorfas.

— Posso seguir meu caminho? — indagou Trent, tomado pela esperança.

— Não, mestre Ferran. Apesar de ter dito a verdade a respeito da lealdade a seu irmão, os fatos ainda estão bem nebulosos. Existem coisas que não nos contou. Seu sangue está marcado pela traição.

Trent fez uma careta. “Se eu contasse metade das coisas que fiz em nome do Leão, eles me pendurariam em outro galho dessa árvore agora mesmo.”

— Mas preciso encontrar Gretchen e Whitley. Elas correm perigo!

— As duas estão viajando sozinhas pela estrada Dymling? — Soba quis saber, demonstrando grande preocupação.

— Não — respondeu Trent. — Estão viajando com uma de suas sábias: Baba Korga.

Os homens murmuraram um protesto, que foi aumentando de volume enquanto as Babas se entreolhavam, incrédulas.

— Qual é o problema? — questionou Trent.

— Não sei com quem as amigas do Lobo estão viajando — disse Baba Soba, a voz carregada de medo. — Mas com Baba Korga, não é.

— Foi o que me disseram. Korga está indo com elas para o reino da floresta, tendo oferecido sua proteção.

— Impossível — afirmou a feiticeira, as chamas da fogueira refletidas em seus olhos. — Baba Korga foi morta em um ataque dos Wyldermen meses atrás. Quem quer que esteja “protegendo” as Wereladies, com certeza não é ela — afirmou Soba, a expressão bem séria. — Mestre Ferran, elas estão viajando com uma impostora.



## 8

### Um sentimento perigoso

Por um breve momento, Whitley deixou a memória correr solta. Era uma jovem patrulheira em treinamento, supervisionada pelo olhar atento de mestre Hogan, partindo de Brackenholme com a cabeça cheia de histórias e o coração repleto de esperança. Não sem certa relutância, seu pai havia permitido que ela se juntasse aos Sentinelas da Floresta, já que suas palavras de incentivo à vida na corte nunca eram ouvidas pela filha.

Ela e Hogan haviam saído da cidade antes do amanhecer. O velho patrulheiro designara a Whitley a tarefa de caçar um estranho animal que fora avistado no extremo sul da floresta. Era uma missão potencialmente perigosa, assim como qualquer incursão à Dyrewood, mas a experiência de Hogan garantiria que nada de mal acontecesse à garota. No fim, a tal criatura era Drew Ferran, que tinha descoberto recentemente seus poderes de licantropo e ainda não era capaz de controlá-los. Desde então, a vida de Whitley nunca mais fora a mesma.

Voltando os pensamentos para o presente, Whitley se virou em sua sela, olhando para trás, o olhar percorrendo a caravana de romaris que a seguia pela estrada Dymling. Fez uma careta ao se

mover, sentindo a pele repuxar no local onde as flechas haviam penetrado seu corpo. Graças ao poder de cura transmorfa vinha se recuperando bem, mas o desconforto era um lembrete constante do perigo que seu grupo corria. Havia assumido a dianteira com Chancer, liderando o caminho e mantendo os olhos abertos, alerta a qualquer ameaça que pudesse surgir. Embora a velha trilha que cortava a floresta fosse familiar aos romaris, ninguém a conhecia melhor que o povo de Brackenholme, em especial os Sentinelas da Floresta.

Virou-se de novo para a frente. Rolff, o guarda-costas de Baba Korga, estava longe de seu campo de visão, pois a sábia insistira para que ele seguisse na frente da caravana, a pé, sem o ruído de carroças e cavalos, que poderia atrair algum ataque inimigo. O silencioso romari desaparecera pelo dia todo, com instruções expressas de permanecer alerta a qualquer sinal da presença dos Wyldermen. Whitley torcia para que voltasse em segurança quando parassem para acampar à noite.

Puxando Chancer para a beira da estrada, Whitley permitiu que a caravana a alcançasse. O capitão Harker ia cavalgando ao lado da primeira carroça e lhe fez um breve aceno. Era um grande alívio para Whitley poder contar com o homem em quem seu pai confiava plenamente em questões militares. Era quase como estar na presença do próprio Urso, e Whitley sentiu um aperto no peito ao pensar que jamais o veria de novo. A notícia da morte de Bergan em Highcliff já havia chegado aos romaris, mas ainda assim a garotinha inocente e sonhadora que vivia dentro dela torcia para que ele estivesse vivo. E, assim como a filha sofria pela perda do pai, o capitão lamentava a perda de seu senhor. Na verdade, só Brenn saberia explicar por que Harker ainda não tinha uma patente mais alta. Tristam e Quist, seus companheiros Mantos-Verdes, vinham no fim da fila.

Whitley esperou que mais algumas carroças passassem e se pôs ao lado daquela em que viajavam Gretchen e Baba Korga. Com Rolff afastado do grupo, quem assumiu as rédeas foram Stirga e Yuzhnik. O engolidor de espadas e o cuspidor de fogo estavam acomodados no assento do cocheiro.

— Ainda cabe mais uma pessoa aqui, se for miudinha — disse Stirga com um sorriso.

— Isso se você não se incomodar em sentar no meio de dois velhos palhaços — acrescentou Yuzhnik.

— Estou bem acomodada aqui — respondeu Whitley, dando um tapinha no pescoço de Chancer. — É sempre bom voltar para casa, principalmente no lombo deste camarada.

O cavalo bufou, como se agradecesse o elogio.

— Quanto ainda falta para chegarmos à cidade, milady? — perguntou Stirga.

— Uns dois dias, no máximo. Posso chegar antes, se eu for na frente para avisar da nossa chegada.

— Eu não recomendaria a ninguém atravessar essa floresta sozinho. Ainda considero uma loucura o gigante silencioso ter se afastado do grupo.

— Ele só está cumprindo as ordens de sua senhora — comentou Yuzhnik, baixando o tom de voz.

Houvera desentendimentos na Corte Andarilha a respeito da decisão de permitir que Rolff fosse na frente, mas a velha Baba fora inflexível — fazia questão de que o guarda-costas abrisse caminho, para se antecipar aos perigos da Dyrewood.

— Tenho certeza de que ele vai ficar bem. Só alguém muito tolo mexeria com Rolff, e isso vale para homens e animais — falou Whitley. Ela acenou para os dois romaris e diminuiu o ritmo do galope de Chancer outra vez, ficando trás da carroça, que estava aberta na parte traseira, as portas de lona presas nas laterais da estrutura. Gretchen tinha as mangas arregaçadas, limpando um coelho para ser assado. Não exatamente do modo adequado.

— Puxa vida! — disse Whitley, dando risada. — Finalmente você resolveu fazer alguma coisa?

— Veja lá o que vai dizer, Bearlady — respondeu a jovem Werefex com uma irritação fingida. — Decidi que estava na hora de pôr a mão na massa.

Baba Korga observava Gretchen arrancar a pele do coelho com uma pequena faca. A velha sábia sorria, claramente se divertindo com a falta de jeito da nobre.

— Ninguém pode ser orgulhoso a ponto de não querer sujar as mãos de sangue, miladies. Todo mundo precisa comer para sobreviver.

— Isso mesmo — concordou Gretchen, balançando a cabeça ao arrancar mais uma porção da pelagem do animal. — E, se veio aqui só para zombar de mim, sugiro que acelere o ritmo da cavalgada e vá fazer algo mais útil. Preparar o jantar não é brincadeira.

— E ainda vai sobrar alguma coisa para comer depois de você terminar o que está fazendo? — perguntou Whitley, dando um leve soco na perna de tanto rir.

Por fim, Gretchen desistiu de preparar o coelho e caiu na risada com a amiga. Ela ergueu as mãos manchadas de sangue.

— Não estou ajudando muito, não é? Só achei que seria uma boa ideia mostrar a nossos amigos que estou aqui para o que der e vier.

Apesar do frio terrível, Whitley sentiu dentro do peito um calor do qual vinha sentindo falta fazia tempo. Rodeada pela violência havia meses, quase esquecera de como era ser uma garota como outra qualquer, apreciando a companhia de uma amiga. Gretchen tinha se revelado a companheira perfeita, um ombro em que era possível se apoiar em momentos de dificuldade.

Korga tossiu e massageou a garganta por cima do cachecol com sua mão repleta de manchas. A anciã, claramente em condições precárias de saúde, não poderia estar fazendo uma viagem naquelas circunstâncias. Colocara vários casacos no corpo e encontrava-se enfiada sob vários cobertores para se proteger do frio. Durante boa parte do trajeto, aliás, havia ficado escondida no fundo da carroça. Aquela era uma das raras ocasiões em que as meninas tinham conseguido falar com ela.

— Está tudo bem, Baba? — perguntou Whitley, enquanto Gretchen lavava as mãos em uma bacia e as secava no vestido. Korga pigarreou, minimizando as preocupações de Whitley com um aceno de mão um pouco trêmulo.

— Está, sim. Foi alguma coisa que eu comi e não me caiu bem, só isso. — Ela puxou um dos cobertores mais para cima. — Vocês

duas se conhecem há muito tempo?

Gretchen e Whitley se entreolharam e assentiram com um gesto de cabeça.

— Desde crianças — contou a patrulheira. — Gretchen sempre vinha visitar a corte do meu pai quando o conde Gaston vivia em Highcliff. Ele era um dos conselheiros do Leão.

— Nem me lembre — disse Gretchen, ainda envergonhada do papel de seu pai durante o reinado de Leopold. — Passei boa parte da infância sendo transportada de um lado para o outro pela Lyssia. Quando não estava em Brackenhholme, era em Stormdale ou Redmire.

— Redmire? — perguntou Korga. — O lar dos Boarlords? Então foi assim que conheceu seu amigo Hector?

— Foi, sim — confirmou Gretchen. — Passamos bastante tempo juntos quando éramos mais novos. Somos primos em todos os sentidos da palavra.

— E o Lobo, como você o conheceu?

Whitley interveio e contou a respeito de sua parte na história. Relatou as circunstâncias em que, junto a mestre Hogan, vira o transformado Drew vagando pela Dyrewood, narrando também seu encontro com os Wyldermen e explicando como haviam conseguido chegar a Brackenhholme pela estrada Dymling.

— Por esta mesma estrada? — perguntou a anciã. — Este lugar deve trazer muitas lembranças a vocês. Parece ter sido uma experiência assustadora.

— Eu não abriria mão dela por nada no mundo. — Assim que tais palavras saíram de sua boca, Whitley ficou toda vermelha, pois haviam soado um pouco mais apaixonadas do que gostaria. Esse fato não passou despercebido a Gretchen, que arqueou as sobrancelhas, chamando a atenção da Baba.

— E você, Lady Gretchen? Também parece conhecer Drew muito bem.

— Se não melhor que Whitley — afirmou Gretchen, dando uma piscadela para a patrulheira em seguida. — Eu estava fazendo uma visita ao barão Huth, o falecido Lord de Redmire, quando Drew chegou.

Ela contou sobre a luta de Drew contra a Guarda Leonina e sobre sua fuga pelo Redwine. A experiência que vivera sob o poder de Vala, a Wereserpent, no coração da sinistra Wyrwood, havia sido arrepiante, e Gretchen tinha certeza de que teria sido devorada caso Drew não houvesse aparecido para resgatá-la. Narrou também sua viagem à Baía de Todos os Santos e a captura do conde Vega. A Werefox não deixou quase nada de fora ao fazer seu relato.

Whitley conhecia bem a história de Drew, Hector e Gretchen, e percebeu nitidamente as partes da narrativa que a Raposa resolvera florear.

— Puxa vida — comentou a Baba, abrindo um sorriso sem dentes que fez seu rosto se enrugar ainda mais —, pelo jeito Drew causou uma tremenda impressão em vocês duas. O Lobo por acaso sabe o que sentem por ele?

Whitley e Gretchen se entreolharam outra vez, desconfiadas.

— Não sei do que está falando — respondeu Gretchen, enrubescendo.

— Somos só amigos — acrescentou Whitley, louca para encerrar aquela conversa.

Whitley não era tola. Sabia muito bem dos sentimentos de Gretchen pelo jovem Lobo. Apesar das diferenças e do fato de virem de mundos distintos, uma ligação muito forte tinha surgido entre a Werefox e aquele garoto da Costa Gélida. Gretchen havia sido criada para ser a esposa do príncipe Lucas, e, quando seu noivado com o Leão se desfizera, Drew estava lá para lhe servir de consolo. Ela nunca comentara nada a respeito com Whitley, mas certas coisas não precisavam ser ditas. Os sentimentos da Lady de Hedgemoor eram evidentes em suas atitudes, na maneira como reagia quando o nome de Drew era mencionado. Ele, por sua vez, também mudava quando ela estava por perto. Havia uma identificação muito intensa entre a Raposa e o Lobo.

— Peço desculpas — disse Baba Korga. — Se falei algo que não devia, não foi minha intenção. — Ela passou as mãos pelo rosto enrugado. — Pelo que ouvi dizer, e não só de vocês, Drew é um rapaz e tanto. Mas o amor é algo perigoso. Já vi muitas amizades

serem destruídas por corações partidos ao longo de tantos anos de vida.

Whitley abriu um sorriso amarelo, e Gretchen deu uma risadinha, mas não disseram nada. Whitley observou a caravana que se estendia mais à frente e se empertigou na montaria como quem procura uma desculpa para fugir.

— Com licença — falou, a voz um pouco trêmula. — Estão precisando de mim lá na frente.

Em seguida afastou-se, fazendo Chancer galopar até ultrapassar as carroças dos romaris e retomar a dianteira da caravana. Depois disso reduziu a velocidade para um trote, e o cavalo balançou a crina, disposto a correr mais um pouco. A memória de Whitley começou a vagar outra vez. Era uma noite escura, e estava em uma elevação no alto das Longridings, com Drew Ferran a seu lado. A saudade que sentia dele era grande, e temia nunca mais vê-lo, assim como a seu pai.

Whitley precisava ser forte: seus irmãos Sentinelas da Floresta, além de seu povo, precisavam dela. Com o pai e o irmão entregues ao sono eterno, sua presença em Brackenholme era mais que necessária. Ficar remoendo o passado não serviria de nada, nem sonhar com o que poderia ter acontecido, tampouco rememorar as últimas palavras trocadas com o jovem Wolflord. Era preciso olhar para o futuro, mirar os perigos que havia pela frente. Enxugando uma lágrima que havia escapado do olho, tentou se concentrar apenas na estrada Dymling.



PARTE II

# Medo e desespero



# 1

## A máquina de guerra

A primeira torre de cerco vinda de Riven chegou tarde da noite e ruidosamente aos campos de Stormdale, para delírio do exército dos Catlords. Uma equipe com dezesseis cavalos transportava a torre pelo vale, deslizando-a sobre quatro rodas gigantescas, abrindo caminho pelo gelo e pela neve e se aproximando cada vez mais da cidade. Mais armas de grande porte certamente viriam nos dias subsequentes, mas a visão da primeira grande estrutura fez os homens de Vermire e Riven vibrar. Era o começo oficial da ofensiva destinada a ultrapassar as muralhas dos Staglords.

Enquanto os inimigos recebiam os novos aliados em torno das fogueiras, o povo de Stormdale observava tudo com melancolia, vendo o cerco armado ao redor de sua cidade se estreitar cada vez mais. Era tarde, e os vigias da noite mantinham os olhos fixos o tempo todo na movimentação dos invasores. Um ataque naquela noite estava descartado, pelo menos da parte dos Ratos e Corvos. Lord Reinhardt encontrava-se na muralha externa, ao lado do magíster Siegfried, que apoiava todo o peso do corpo em seu cajado.

— Tem certeza de que é a coisa certa a fazer? — perguntou o velho curandeiro. — É bem arriscado.

— Não temos mais como voltar atrás, amigo — respondeu o Staglord. — Ele já passou pela muralha.

Do ponto de observação privilegiado em que estavam, Reinhardt e Siegfried viram um vulto escuro esgueirando-se em meio às árvores do pequeno bosque ao lado das muralhas da cidade. Stormdale estava na penumbra, envolvida pelas trevas, assim como as paredes ao redor de seu perímetro. A única fonte de luz visível eram as fogueiras inimigas a distância. O luar e as estrelas escondiam-se sob um manto pesado de nuvens.

Drew estava agachado sobre o mato ralo que crescia entre as árvores. Carregava uma pequena sacola sobre os ombros, cujo conteúdo estava embalado em tecidos para não provocar ruído quando se entrechocasse. A Moonbrand, a Espada dos Wolflords, encontrava-se embainhada em sua cintura, mas ele mal sentia o peso da arma — era como se ela não estivesse ali. Um curso d'água corria logo ao lado, serpenteando até desaparecer no acampamento inimigo, tentadoramente próximo de seu alvo.

O Wolflord balançou a cabeça, desejando que Rufus Rubro ainda estivesse por lá. Fora uma grande surpresa para Drew descobrir que o Gavião partira de Stormdale sem ao menos se despedir. Esperava que a velha ave de rapina ficasse a seu lado. Os aliados de Drew tornavam-se cada vez mais raros e espalhados pela Lyssia, principalmente os que possuíam experiência militar, como Rufus Rubro. O Gavião tinha servido como patrulheiro aéreo para Wergar décadas antes, avisando-o da aproximação dos perigos. Perdê-lo às vésperas da batalha fora um golpe terrível para o Lobo e os Cervos. Drew, em especial, esperava mais de Rufus Rubro — jamais poderia imaginar que o Gavião fosse um desertor.

“Por outro lado, nossas chances são mínimas”, pensou Drew, dando uma boa olhada no acampamento pela primeira vez a partir do chão. Com milhares de homens reunidos e outros mais a

caminho, que possibilidade de sucesso poderia ter o povo de Stormdale? Caso o Hawklord não tivesse ido embora, a tarefa de Drew se tornaria um pouco menos complicada. Rufus Rubro poderia transportá-lo pelo ar até o inimigo e trazê-lo de volta sem nenhum risco. Mas, agora, Drew teria de ir a pé. Isso tornaria sua missão perigosíssima caso alguma coisa não saísse conforme o esperado.

Saltando silenciosamente pelo canal construído às margens do riacho, Drew foi seguindo o curso d'água enquanto se mantinha abaixado. Em pouco tempo estava perto do acampamento, preocupado em manter os pés descalços longe da água. Um eventual ruído arruinaria sua missão antes mesmo que começasse. Não seria capaz de fazer aquilo sem usar alguns de seus poderes transmorfos. Assumindo algumas características do Lobo, Drew se tornava um caçador silencioso e letal, com os sentidos apuradíssimos. Uma ponte atravessava o riacho no ponto onde seu leito se alargava, juntando-se a outro córrego e seguindo em direção às linhas inimigas. Diminuiu o ritmo da caminhada ao notar que havia um soldado postado sobre ela.

O homem estava de costas, aliviando-se no riacho. Drew se espremeu contra a parede escura do canal, ainda escondido atrás de pedras e raízes depositadas sobre as margens congeladas. O guerreiro terminou o que fazia e se virou para onde estava Drew. O Wolflord prendeu a respiração, para não ser denunciado por uma lufada de vapor condensado saindo de sua boca. O soldado seguiu seu caminho a passos pesados, tomando o rumo do acampamento.

Drew passou correndo por baixo da ponte, aproximando-se de seu alvo. A torre de cerco permanecia sem vigilância ao lado de uma barraca enorme, já que o equipamento estava em segurança atrás das linhas inimigas e longe do alcance dos Staglords. Pelo menos era o que Ratos e Corvos pensavam.

Avançando de modo sorrateiro para a margem, Drew foi engatinhando até a barraca, detendo-se por um momento para levantar a lona e espiar. Havia apenas um soldado sentado em um banquinho, com um lampião a seus pés iluminando o material

minuciosamente estocado ao redor. Eram pilhas e mais pilhas de equipamentos — dezenas de barris lotados de flechas e inúmeras fileiras de lanças e piques.

“Só o que tem nesta barraca já seria suficiente para Stormdale resistir ao cerco”, pensou Drew. Esperava que aquele fosse o depósito principal de armas, e não apenas um entre muitos. Afastando-se da barraca, ele se ocultou nas sombras e se aproximou da torre de madeira.

O que Drew e Reinhardt mais temiam se confirmou. Era uma construção alta o suficiente para alcançar o topo da muralha externa de Stormdale. Duas escadarias largas percorriam o interior da estrutura, permitindo que os homens da força invasora subissem e descessem livremente. Peles de animais e placas de madeira forneciam proteção em toda a parte dianteira da armação, salvaguardando os soldados inimigos das flechas de Stormdale. Caso a torre chegasse à muralha com um exército em sua retaguarda, os resultados seriam desastrosos. Drew precisava agir depressa.

Subiu até a primeira plataforma pela escada. Uma vez lá, abriu sua bolsa, de onde tirou os cinco frascos de óleo, removeu a rolha e começou a espalhar o líquido cor de âmbar pelo chão de madeira. O conteúdo do quarto frasco, ele atirou contra o revestimento de pele, e o óleo foi escorrendo e encharcando a superfície.

Drew reservou um último frasco de óleo, reformulando seus planos no último instante. Desceu a escada de degraus rústicos, sentindo o cheiro de combustível se espalhar pelo ar. Depois de saltar da estrutura, foi correndo espalhar o óleo na parte traseira da lona que cobria a barraca das armas, procurando fazer o mínimo ruído possível. Quando sentiu que havia despejado as últimas gotas, pegou a palha para espalhar o fogo. Tentar provocar uma faísca com a única mão seria impossível, porém o engenhoso magíster Siegfried havia fornecido palitos inflamáveis embebidos em enxofre. Segurando um deles entre os dentes, Drew forçou sua ponta contra uma pedra. Uma faísca apareceu, mas logo sumiu. Quando ia riscar pela segunda vez, ouviu vozes se aproximando.

— Foram os vermirianos, não? — disse o primeiro. — Estão ficando com quase tudo no acampamento.

— Eles acham que, só porque estão a serviço do Leão, podem escolher tudo primeiro. Malditos ratos!

Drew olhou ao redor. Não havia onde se esconder, os passos cada vez mais próximos, e a luz das tochas ficando mais intensa do outro lado da barraca.

— Você viu o equipamento deles? — perguntou o primeiro. — Todo mundo tem armadura completa, e metade do pessoal tem até armas revestidas de prata!

— Ainda bem que eles estão do nosso lado — comentou seu companheiro.

— Podem até ter trazido a prata, mas nós trouxemos as máquinas de guerra — comentou o outro, enquanto ambos contornavam a barraca.

O primeiro soldado não chegou a terminar de se vangloriar, pois a mão espalmada de Drew o agarrou pela lateral da cabeça, fazendo-o se chocar contra o companheiro com um baque assustador. Apenas o primeiro soldado tombou. O segundo saiu cambaleando às cegas, gritando e brandindo a tocha na direção da barraca.

— Por Brenn! — exclamou Drew, pulando sobre o homem para silenciá-lo.

Antes que o Lobo pudesse alcançá-lo, porém, o soldado colidiu com a lateral da torre de cerco. Assim que a chama da tocha encostou no revestimento de pele, o fogo começou a consumi-lo, realizando em parte a tarefa de Drew. O braço do soldado ficou besuntado de óleo, e ele soltou um grito de terror quando largou a tocha para apagar o fogo que consumia sua carne.

O Werewolf apanhou a madeira em chamas do chão e a lançou contra a lateral da barraca de armas, antes de voltar correndo para o riacho. Olhou para trás a fim de se certificar de que o depósito e a torre haviam sido devidamente incendiados, e viu uma coluna de fumaça negra se erguer em direção ao céu escuro.

Drew atingiu a água do canal de maneira ruidosa. Seguiu chapinhando pelo riacho rumo a Stormdale. Ao passar por baixo

da ponte, quatro arqueiros de manto preto apareceram, parando ao notar sua aproximação. Sacaram as flechas e municiaram os arcos. Drew acelerou o passo, concluiu a transformação e desembainhou a Moonbrand enquanto saltava no ar. Os dois arqueiros ao centro começavam a fazer pontaria quando o Werewolf voou sobre eles.

O primeiro arqueiro foi trespassado pela espada, que reluziu por um momento às suas costas, antes de ser retirada dali. O pé descalço de Drew arremessou o segundo homem contra o terceiro, lançando os dois da ponte. Drew agarrou o arqueiro moribundo e o jogou sobre o último homem de manto preto, que conseguiu se desviar do companheiro e disparar uma flecha contra o Werewolf. O objeto entrou no ombro esquerdo de Drew, e a dor foi instantânea. Um rugido do Lobo foi suficiente para fazer o arqueiro perder a coragem, lançar-se da ponte e se juntar aos companheiros no fundo do canal. Drew voltou ao riacho, afastando-se às pressas da zona de conflito ao ouvir gritos de alerta soarem no acampamento. Pouco depois já se encontrava em meio às árvores, bem perto da muralha de Stormdale, cujos portões estavam abertos à sua espera.

Deteve-se assim que chegou à alameda na entrada da cidade. O povo e os soldados abriram caminho, permitindo que tivesse um tempo para respirar enquanto retomava a forma humana. Reinhardt e seus companheiros Staglords desceram correndo, e o nobre manco foi o primeiro a se aproximar do Werewolf em transformação. Drew rosnou, ainda afetado por alguns traços da fera, ao levar a mão à flecha encravada no ombro.

— Cuidado — recomendou o magíster Siegfried, o último a chegar. — Se for uma flecha vermiriana, pode conter prata. Venha comigo. Eu cuido desse ferimento.

Quando Drew fez menção de caminhar até o curandeiro, um ruído retumbante de algo se quebrando ressoou além das muralhas, seguido da celebração dos Mantos-Cinzas posicionados nos parapeitos.

— É a torre, milorde! Ela caiu! O acampamento está em chamas!

Drew foi retirado do local, e os homens e mulheres de Stormdale saíram às ruas e subiram nas muralhas para entoar uma celebração no dialeto das Barebones.

— Algum sinal de Rufus Rubro? — Drew quis saber.

— Não — respondeu o magíster com tristeza.

— Maldito covarde — murmurou Drew, amargurado.

A comemoração da multidão foi ficando mais ruidosa à medida que se espalhava pelas ruas e pelos terraços de Stormdale. Drew conseguia perceber o sentimento de camaradagem e esperança crescer entre eles.

— Você é um herói, Drew Ferran — comentou o velho curandeiro. — Seu exemplo os encheu de coragem.

— A batalha não está nem perto de terminar, Siegfried.

— Permita que eles saboreiem esta pequena vitória. Talvez acabem tomando gosto pela coisa.

Drew olhou ao redor, ouvindo a cantoria cada vez mais alta.

— O que eles estão dizendo? — perguntou, enquanto caminhavam na direção contrária.

Siegfried seguia a passos rápidos, e um esboço de sorriso surgiu no rosto envelhecido do magíster.

— O Lobo — ele traduziu. — O Lobo é nosso salvador.



## 2

### Em direção à luz

A água gelada chegava à cintura, congelando os ossos até a medula. O duque Bergan arrastava-se às cegas, tentando ignorar o desconforto, a mão trêmula agarrada ao ombro do capitão Fry, que ia à frente. O outro braço estava estendido para trás, segurando Pick pelo colarinho da camisa encharcada. As únicas fontes de luz eram os estranhos líquens fosforescentes que raspavam com as espadas e as adagas dos sobreviventes. O que fazia aquele musgo brilhar, ninguém sabia, mas todos se sentiam imensamente gratos por sua existência. De tempos em tempos, era possível ver as rochas do teto da caverna mais próximas da cabeça, ameaçando mergulhar na água e bloquear a passagem deles.

Sir Palfrey, o cavaleiro de Stormdale, tinha morrido durante a noite, o que deixara Bergan abaladíssimo. Os cavaleiros haviam se juntado a ele no Jardim da Morte de Highcliff para lutar a seu lado. Aquela morte em circunstâncias tão infelizes, perdido nos subterrâneos, tão longe do lar, vinha pesando em sua consciência. Balançou a cabeça, tentando afastar a ideia de voltar para buscar o corpo sem vida que tinham deixado para trás na caverna. Em vez

disso resolveu olhar para a frente, estreitando os olhos para tentar enxergar na quase penumbra.

Bo Carver e Sir Howard iam mais à frente, sob o brilho pálido do líquen fosforescente. O túnel terminava logo adiante, em uma parede de pedra que desaparecia sob a água. O rosto mal iluminado de Carver encontrava-se úmido e retorcido em uma careta.

— Só dá para passar se for por baixo d'água — informou o Lord dos ladrões.

— Para quê? — questionou Howard, exaurido pela jornada e pela perda do amigo. — Podemos morrer afogados antes de chegar ao outro lado! Você por acaso *sabe* se existe mesmo uma passagem, Carver? Estamos perdidos, admita!

— Os ladrões vieram por aqui — disse Bergan, respirando fundo. — Posso estar fraco e cansado, mas meu nariz ainda funciona. O ar está impregnado do cheiro deles.

Carver se virou para Howard.

— Vai querer discutir com um Bearlord, cavaleiro?

— Como sabem que eles não se afogaram aí embaixo? — perguntou Fry, apontando com o queixo para o local onde o teto se encontrava com a água.

— Não sabemos — respondeu Carver com um sorriso.

Bergan entregou Pick aos cuidados de Fry, passou pelo homem de Sturmland e se pôs entre Carver e Howard. Apoiando as mãos na parede, inspirou profundamente algumas vezes.

— O que está fazendo? — perguntou Carver.

— Vou dar um mergulho.

— Agora não é hora para brincadeiras, sua senhoria.

— Tampouco estou com humor para elas. Se estão achando que vou permitir que algum de vocês arrisque a vida por mim, estão muito enganados. Além disso, quem tem os pulmões maiores: um humano ou um urso?

— Só tem um problema — disse Fry, com Pick no colo, a cabeça da menina recostada em seu ombro. — Se todo mundo precisa passar, vamos molhar nossa última tocha, que não vai servir mais para nada.

Bergan interrompeu o que fazia e se virou para encarar os demais.

— Não podemos ficar aqui embaixo para sempre. É melhor morrer tentando escapar do que definhando até perder a vontade de viver.

Os homens assentiram com um gesto de cabeça, e Pick arregalou os olhos.

Com grande esforço, Bergan permitiu que o Urso emergisse, e seu corpo cresceu até ameaçar preencher todo o túnel. Essa transformação quase esgotou a energia que ainda restava em seu corpo. Os homens recuaram alguns passos, abrindo espaço para que a forma ursina do Lord de Brackenhof aparecesse. Os ossos estalaram, as articulações se engrossaram para suportar o corpo expandido, e um focinho enorme surgiu no lugar do rosto.

— Esperem aqui — grunhiu o Werebear antes de respirar fundo e mergulhar.

O túnel submerso era largo o bastante para permitir a passagem do transmorfo, que, com suas pernadas, ia se impulsionando para baixo, acompanhando a linha do teto. As patas enormes funcionavam como remos, permitindo que deslizesse pela água gélida até o ponto em que o teto de repente desaparecia. Emergiu e respirou fundo, notando algo diferente no ar parado e malcheiroso daquela espécie de labirinto: uma lufada de ar fresco.

Sacudiu os pelos do corpo por um momento, antes de encher o pulmão outra vez e mergulhar no túnel inundado.

Quando surgiu do outro lado, os companheiros vibraram de alegria com seu retorno.

O Bearlord bateu as patas uma na outra com uma empolgação quase infantil.

— Vocês precisam passar também! — ele falou, externando todo o seu contentamento no tom de voz. — Tem ar fresco do outro lado! Existe uma saída deste maldito túmulo!

Os homens se entreolharam por um momento antes de decidirem quem iria primeiro. Howard tirou as últimas peças da armadura, mergulhou e saiu nadando. Carver foi logo em seguida,

com Fry em seu encaixe. O último a atravessar dessa vez foi Bergan, segurando Pick, a camisa da garota entre os dentes, impulsionando o corpanzil sem dificuldade pela água gelada até o outro lado. Uma vez lá, Bergan tossiu para limpar a garganta, e Pick se encolheu toda, tremendo.

— Está tudo bem, menina? — perguntou o Bearlord, amenizando o tom de voz. A garota fez que sim com a cabeça, mas seu corpo todo ainda tremia.

Bergan se transformou em humano e tirou seu manto. Apesar de estar ensopado, pelo menos era mais uma camada de pano que Pick poderia usar. Ergueu-a do chão, sentindo parte das energias voltar, algo de cuja possibilidade chegara a duvidar. Carregando-a no colo, foi atrás dos demais, que não estavam mais em seu campo de visão.

— Carver! Fry! Howard! — gritou o Bearlord, dando os primeiros passos pelo túnel. Estava prestes a chamar por eles de novo quando ouviu o primeiro grito.

Sem hesitação, Bergan começou a correr com Pick nos braços. Enquanto subia pela passagem inclinada, notou que a luz se refletia nas paredes lisas. O túnel fazia uma curva para um lado e depois para o outro, e em seguida a subida se transformou em uma ladeira com um ângulo assustador. As pernas de Bergan cederam, e o machado que levava nas costas foi se arrastando pelo chão enquanto ele escorregava, tendo Pick agarrada com toda a força a seu peito. O Bearlord foi ganhando velocidade, quicando e rolando pela superfície, sem nenhum controle sobre a própria trajetória.

O túnel terminava em uma caverna ampla e larga. Do outro lado, a luz do dia se refletia nas paredes polidas de uma outra passagem. Entre o Bearlord e a liberdade, porém, havia uma cena de terror.

Seus três companheiros estavam de pé diante dele, armas em punho, analisando o drama que tinham pela frente na quase penumbra. Minhocas enormes se arrastavam pelo chão da caverna, as cabeças cegas ondulando na direção dos homens. Os corpos translúcidos revelavam entranhas que pareciam pulsar com um sangue branco e leitoso. Tinham quase dez metros de

comprimento, a altura de um cão de caça e uma fileira circular de dentes serrilhados na cabeça.

Observando a cena, ficou claro a Bergan que os ladrões que os haviam traído tinham ido naquela direção. Era possível ver partes parcialmente digeridas dos corpos de Hitch e sua gangue flutuando no interior dos intestinos transparentes das minhocas.

O Bearlord fez uma careta ao notar os restos mortais que sujavam o piso da caverna. Seis criaturas se arrastavam pelo chão, contorcendo o corpo horrendo em meio às estalagmites, que brotavam, imediatamente atraídas pelo calor do corpo dos intrusos.

— Corram! — gritou Bergan, exortando os companheiros à ação.

Carver reagiu de imediato, disparando no meio das criaturas, com Howard e Fry logo atrás. Bergan partiu em seguida, segurando Pick junto de si como se sua vida dependesse disso. Carver sacou suas facas quando uma das minhocas se voltou para ele, cravando duas adagas na pele da criatura. A carne ondulante do bicho se contraiu, fazendo as armas e os braços de Carver voarem para longe. Apesar do sangue leitoso que escorria das feridas, o horrível ser não fez menção de recuar e atacou o Lord dos ladrões com seus dentes serrilhados.

Carver desferiu-lhe um chute na cabeça, fazendo o monstro rolar um pouco para o lado, permitindo assim que Howard e Fry passassem correndo. Bergan tentou aproveitar a brecha, mas o caminho foi interrompido por outra minhoca, que separou Carver e o transmorfo dos aliados. Mais criaturas começaram a surgir das paredes ao redor. Bergan sacou o machado das costas, colocando Pick no lugar onde antes estava a arma, e brandiu a lâmina em formato de meia-lua à procura de uma rota de fuga.

Carver atacava sem parar, porém sem produzir quase nenhum dano à pele elástica da minhoca, que agora se enrolava em suas pernas e seu tronco. O bicho apertou ainda mais o corpo de Carver, prendendo os braços do ladrão e escancarando a boca tenebrosa sobre ele. Bergan interveio, decepando a cabeça da minhoca com um golpe de machado e fazendo o sangue branco

jorrar do corpo decapitado. O Bearlord libertou o Lord dos ladrões, e juntos tentaram pensar em uma maneira de passar pelas repugnantes criaturas.

— Sua senhoria não pode evocar o Urso? — perguntou Carver.

— A última transformação foi exaustiva demais! — gritou o Werelord, sentindo o machado cada vez mais pesado em sua mão. — Não tenho mais energia!

Quando a minhoca diante deles deu o bote, Carver cravou ambas as adagas em sua boca aberta, fazendo a criatura recuar e se contorcer em espasmos. Uma brecha se abriu. Tomando o machado da mão do transmorfo, o Lord dos ladrões empurrou Bergan e Pick e saiu correndo enlouquecidamente, antes que mais criaturas os alcançassem.

Bergan correu o máximo que podia, sentindo os pulmões queimarem e as mãos de Pick agarradas a seu corpo com o vigor que só o pânico pode motivar. Ouviu seu machado se chocando contra a superfície logo atrás, lançando uma chuva de faísca pela caverna a cada impacto. Rezou a Brenn para que os golpes de Carver estivessem atingindo o alvo.

O Bearlord desabou no chão ao lado de Howard e Fry quando chegou à base do túnel, por onde a luz natural entrava. Era possível ver as estalagmites a uns oito ou dez metros mais acima, brotando do chão no local onde a passagem se tornava menos íngreme, mas subir até lá seria impossível. Com o coração aflito, notou que as paredes eram lisas e polidas como na passagem anterior, porém desconfiava que isso não se devesse à ação da água corrente.

— Jamais vamos conseguir sair daqui! — disse Howard, segurando a espada coberta de sangue branco. Mais criaturas surgiam das paredes da caverna, arrastando-se pelo chão.

Pick saltou das costas de Bergan, aterrissando na escuridão, onde se encontravam as criaturas.

— Não! — gritou o Bearlord, já prestes a segui-la, mas então viu que Pick revirava os restos mortais de um dos ladrões. A garota se afastou no exato momento em que uma minhoca ia dar o bote. Fry deu um passo à frente e atacou a criatura com a espada. Em

suas mãos, a menina trazia o pedaço de corda que os ladrões haviam roubado. Jogando-a por cima do ombro, ela tomou a direção do túnel de saída.

— O que você está fazendo? — questionou Fry, puxando Pick para trás.

Bergan livrou a garota das mãos do homem de Sturmland.

— Pode deixar.

Com certa relutância o capitão a soltou, e logo em seguida a menina ladra já escalava a parede escorregadia, encontrando reentrâncias que ninguém além dela poderia usar para apoiar as mãos. Carver apareceu atrás dele, ofegante, empunhando o machado de Bergan, que a essa altura estava recoberto de gosma branca.

— Acho que gostei desta arma — disse, rindo, o Lord dos ladrões, embora estivesse pálido de medo.

Pick estava quase na metade da escalada, escorregando de tempos em tempos, mas seguindo com firmeza rumo ao topo da elevação. Movia-se com uma elegância felina, sem dúvida adquirida ao invadir as construções de Highcliff em seus poucos anos de vida. Quando chegou ao destino, amarrou a corda na estalagmite mais grossa que encontrou e jogou a outra ponta lá para baixo.

Bergan deu um empurrão em Fry, ordenando que ele fosse o primeiro a subir pela corda. Com movimentos ágeis das mãos, ele logo se juntou a Pick na entrada do túnel. Em seguida foi a vez de Howard, que entregou a espada para Bergan, para o caso de as criaturas voltarem ao ataque.

— Obrigado, Carver — disse Bergan.

— Por quê? — perguntou o ladrão, sempre de olho nas minhocas.

— Por voltar para me buscar no Jardim dos Mortos.

— Sua senhoria sabe que é o próximo a subir, não sabe? — perguntou Carver, brandindo o machado de Bergan.

— Você me conhece: gosto de ir sempre por último — respondeu o Bearlord com uma careta, golpeando uma minhoca

com a espada do cavaleiro. Deu uma cotovelada no ladrão. — Pode ir!

Com certa hesitação, Carver entregou o machado a Bergan e pegou a espada antes de começar a escalar a parede que dava acesso ao túnel. Bergan rugiu para a criatura, mas não como um urso, e sim como um homem sem nada a perder. Uma das minhocas avançou contra ele, e o Werelord bateu com o punho fechado na cabeça da criatura, que saiu rolando por cima das demais.

— Suba! — berraram seus companheiros, atraindo a atenção do Bearlord.

A corda estava à sua espera. Ele pendurou o machado na tira de couro às costas e tentou usar as mãos fracas para escalar. A corda escorregou de seus dedos, que estavam lambuzados de sangue branco, os joelhos cederam, e ele quase foi ao chão. A massa de criaturas se contorcia sob Bergan, subindo umas sobre as outras para tentar alcançá-lo.

— Enrole a corda em torno do braço! — gritou Carver. — Depressa!

Bergan passou a corda por cima do ombro e do antebraço e a segurou com força com a mão livre. Os homens mais acima puxaram, rebocando-o alguns metros para cima. Uma minhoca surgiu sob seus pés, abrindo a boca e recebendo um pontapé do coturno do Bearlord.

Mais um puxão o alçou cerca de um metro acima, e logo os homens encontraram um ritmo, içando Bergan para longe do perigo. Ou pelo menos foi o que imaginaram. As minhocas se sobrepunham, chegando cada vez mais perto, quatro e depois cinco bocas estalando no ar enquanto ondulavam sobre a carne das demais para tentar alcançar Bergan.

Howard se agachou e estendeu a mão para o Bearlord.

— Segure a minha mão! — gritou o cavaleiro.

— Não! — berrou Bergan. — Saia daí, Howard.

Ele desferiu outro chute quando as bocas circulares se aproximaram ainda mais, preenchendo o ar com seu hálito fétido. Bergan estava a centímetros da entrada do túnel, e Howard se

curvou para agarrá-lo, mas acabou se inclinando demais e ficou pendurado junto com o Bearlord. Fry e Carver tiveram que se esforçar para não soltar a corda, que escorregara um pouco de suas mãos devido ao peso extra. Esses poucos centímetros foram suficientes.

A mão de Howard tateou em falso, e ele não conseguiu se agarrar ao lugar onde Bergan estava um segundo antes. Pick tentou segurar o homem, mas era tarde demais: ele já estava caindo. Howard passou ao lado de Bergan e despencou sobre as minhocas. As bocas monstruosas das criaturas imediatamente se fecharam sobre ele. Pick soltou um berro.

— Olhe para o outro lado, menina! — disse Fry enquanto içava Bergan até o túnel, auxiliado por Carver.

Howard urrou de dor ao sentir os dentes das minhocas lhe rasgarem a perna, e os gritos foram ficando cada vez mais agudos.

— Leve a menina, Fry, agora mesmo — ordenou Carver, empurrando o homem de Sturmland e a criança aos prantos em direção à luz. Bergan ficou com Carver, que sacou a faca da cintura. O Lord dos ladrões olhava para o Bearlord.

— Sua senhoria não vai querer ver isso — ele falou, erguendo a faca para arremessá-la.

Carver estava certo. Bergan partiu atrás dos outros sem olhar para trás, e os gritos de Sir Howard foram silenciados logo depois que o Lord dos ladrões lançou sua lâmina.



### 3

## Cortando as amarras

Depois de ver seu contingente crescer ao longo das semanas, as forças romaris estavam prontas para começar a se deslocar. Apesar de não terem a mesma formação e organização militar dos demais exércitos dos Sete Reinos, compensavam isso com seu espírito de luta. O método preferido de combate era a tática de guerrilha, e quando chegassem a Brackenholme entrariam na luta contra os Catlords.

Com a desmontagem das barracas e o carregamento das carroças, o acampamento fervilhava de atividade. O único prisioneiro sob custódia permanecia amarrado no tronco da Árvore do Enforcamento. Trent observava a maneira compenetrada e diligente como os romaris cuidavam de suas tarefas. Ficou impressionado com a rapidez com que o acampamento desapareceu diante de seus olhos. Os nômades iriam levá-lo a Brackenholme e entregá-lo aos Bearlords, aos quais poderia contar sua história pessoalmente. Trent, por sua vez, tinha outros planos: uma jornada como aquela em uma caravana de carroças seria demorada demais. Se Lady Gretchen e Lady Whitley estivessem mesmo em perigo, qualquer atraso seria fatal.

Atrás da árvore, havia alguns cavalos amarrados. Virando o pescoço, conseguia ver a crina amarronzada de Tempestade brilhando sob o sol da manhã. Não muito distante dali, na fogueira em torno da qual as Babas haviam se reunido, restavam algumas brasas. A barraca de Baba Soba ainda estava de pé e seria uma das últimas a ser desmontada. Trent observara quando os objetos dela tinham sido levados para lá, e havia algo sem o qual não podia deixar o acampamento. Um guerreiro romari despejou uma panela com água sobre os restos da fogueira, chutando um punhado de terra sobre as últimas brasas para extingui-las.

Trent esperou que o soldado se afastasse para começar a puxar e afrouxar as cordas que o prendiam pelos pulsos. Os romaris tinham subestimado a força e a experiência do jovem, imaginando que amarrá-lo à árvore seria suficiente para detê-lo. Trent, no entanto, havia sido criado em uma fazenda na Costa Gélida — suas mãos estavam acostumadas ao trabalho pesado, e as cordas faziam parte de seu dia a dia. O aprendizado com cordas e nós continuara no exército, quando recebera treinamento para se tornar um batedor. As amarras ao redor dos pulsos exigiram um tremendo trabalho para ser desatadas, mas, depois de duas noites preso à Árvore do Enforcamento, enfim havia conseguido.

Afastando a corda atravessada sobre o peito, deslizou para o chão e arrastou-se rumo à barraca da sábia. Baba Soba tinha sido a última a se levantar no dia anterior, só saindo por volta do meio-dia. Trent esperava que fosse essa a rotina da feiticeira. Os romaris certamente viriam buscá-la por último; só a incomodariam quando fossem de fato partir. Trent levantou um pedaço da lona da barraca e entrou.

Era uma barraca pequena, do mesmo tamanho das demais existentes no acampamento. As marcas da feiticeira, porém, estavam por toda parte. Havia cadáveres de pequenos animais — roedores, passarinhos e sapos — pendurados no teto de lona, desidratados e ressecados, e também um baú aberto contendo todo tipo de parafernália: panelas, gravetos, facas, crânios de animais, pedaços de tecido e novelos de barbante. Do lado oposto, Trent avistou o que procurava: a Wolfshead, ainda na bacia, à

cabeceira do leito da anciã. Baba Soba dormia, indiferente aos ruídos das pessoas que trabalhavam.

De repente Trent se sentiu nervoso, revivendo o que acontecera na outra noite. A ansiedade começou a lhe apertar o peito e a garganta, ameaçando sufocá-lo.

“Respire, idiota! Ela é só uma velhinha cega que está em um sono profundo. Não vai machucar você!”

Mas ele sabia que isso não era verdade. Ela podia até ser velha, mas estava longe de ser inofensiva. Já tinha ouvido uma série de boatos a respeito das Babas em seus tempos de Guarda Leonina: que eram bruxas, que praticavam magia negra, que podiam amaldiçoar a vida de alguém em um piscar de olhos. O que ela fizera ao interrogá-lo não fora nenhum truque barato. Ele não tinha dúvidas de que aquela mulher possuía poderes letais.

“Drew”, pensou Trent. “Drew precisa de mim.”

Com a mesma velocidade com que tinha aparecido, o medo sumiu. Trent balançou a cabeça, incrédulo. Ela estava certa quando comentara sobre o poder das palavras — o nome do irmão funcionava como uma proteção a seus encantamentos. Secando as mãos suadas na calça, foi caminhando pelo tapete colorido à entrada da barraca, os passos leves, avançando até o outro lado. Ao passar pelo leito, olhou para a anciã deitada sob cobertores e peles de animais, perdida em meio a várias camadas de tecido.

Estendeu a mão trêmula sobre a cabeceira para apanhar o cabo reluzente da Wolfshead, sentindo seu toque frio contra a pele.

De repente, uma mão gelada surgiu em meio às cobertas, segurando-lhe o pulso. Era uma pressão tão implacável quanto o toque da morte. Os cobertores foram jogados de lado, e o rosto de Baba Soba apareceu a centímetros do de Trent, os olhos cegos arregalados e fixos no jovem batedor. O coração de Trent se acelerou, a cabeça começou a girar, a visão ficou turva. Tentou se desvencilhar, mas estava preso como um coelho em uma armadilha.

— Você o ama?

A feiticeira falou em um tom de voz baixo e gentil, apesar de segurá-lo com violência. Trent sabia exatamente de quem ela

falava.

— Do fundo do meu coração.

A anciã parou para refletir sobre aquelas palavras. A palma da mão dele latejava no local de onde ela havia extraído sangue para analisá-lo junto com suas irmãs. Ela o soltou de súbito, fazendo-o se estatelar sobre o chão da barraca. Ele cambaleou para trás e se chocou contra o baú, fazendo a tampa se fechar.

— Pode ir — ela murmurou, enfiando a mão de novo sob os cobertores e dando as costas a ele.

Trent saiu engatinhando, arrastando a espada e a bainha atrás de si até a entrada da barraca. Pôs a cabeça para fora e olhou ao redor. O romari que tinha apagado a fogueira voltava do local onde os cavalos estavam amarrados.

Não havia tempo a perder. Apesar de a Baba ter permitido que ele partisse, o recado fora bem claro: era uma decisão pessoal *dela*, não de seu povo. Caso fosse capturado na fuga, ela intercederia em sua defesa? Trent não contava com isso.

O romari quase chegava à barraca quando Trent saltou para fora dela, empurrando o homem e tirando-o do caminho. O guerreiro soltou um grito de alerta que foi ouvido por todo o acampamento, mas a essa altura Trent já corria para longe.

Dirigiu-se ao lugar onde estavam os cavalos, localizando Tempestade em um instante. A égua puxou a corda que a amarrava, demonstrando seu contentamento em vê-lo. Desembainhando a Wolfshead, ele cortou a amarra com um movimento rápido e fluido e a segurou pela sela. Os relinchos assustados dos cavalos ao redor o alertaram da aproximação de alguém. Virou-se e percebeu que os romaris vinham em sua direção.

Agarrando as rédeas, Trent saltou sobre as costas de Tempestade no momento em que o primeiro homem apareceu e tentou agarrá-lo. Desferiu um chute que acertou o romari no queixo, nocauteando-o. Esporeou com força os flancos de Tempestade, e a égua reagiu sem demora, afastando-se dos demais animais em alta velocidade.

Outros romaris vieram correndo, tentando impedir que Trent deixasse o acampamento, mas àquela altura era impossível deter o ex-batedor da Guarda Leonina. Flechas foram lançadas contra ele, porém Tempestade o conduziu para longe dos projéteis dos romaris. Alguns guerreiros montaram em seus cavalos para persegui-lo, mas logo desistiram ao vê-lo desaparecer a distância em uma das montarias mais velozes que já haviam galopado pelas Longridings. Os cascos de Tempestade abriam sulcos no chão e levantavam terra congelada, conduzindo Trent Ferran diretamente à Dyrewood.



## 4

### Uma ajuda dos céus

A esperança que surgiu em Stormdale não durou muito. As cenas de comemoração depois da destruição da torre de cerco na noite anterior deram lugar ao pânico no perímetro das muralhas da cidade. Mais de uma dezena de máquinas de guerra chegaram no dia seguinte, e o exército de Ratos e Corvos não perdeu tempo em posicioná-las no campo de batalha. Quatro outras torres haviam sido trazidas de Riven, além de armas lançadoras de projéteis. As torres de cerco foram mantidas na retaguarda, e as catapultas e balistas foram colocadas mais à frente. A segunda leva tinha chegado. Ao meio-dia, o inimigo lançou sua primeira ofensiva.

Os arqueiros avançaram protegidos por escudos, lançando saraivadas de flechas, tendo muitas delas conseguido alcançar a cidade. Para cada dez projéteis lançados, um vinha com um pedaço de tecido em chamas na ponta, que ocasionalmente atingia um telhado de palha da cidade densamente povoada. Aqueles que não se juntaram à milícia se reuniram em equipes para apagar os incêndios antes que se espalhassem, mas foi só o começo.

Os pesados projéteis de aço lançados pelas balistas chocavam-se contra as muralhas, arremessando escombros sobre os Mantos-

Cinzas e os cidadãos. Pouco tempo depois as catapultas entraram em ação, projetando rochas enormes por sobre as defesas da cidade, provocando estragos devastadores. As construções ruíam sob as pedras gigantescas, que destruíam casas centenárias em um piscar de olhos. No fim da tarde, Vorjavik, o Ratlord, deu sinal para que fossem lançados barris de piche flamejantes, e as bolas de fogo rugiram contra o céu escuro, espalhando o caos pela cidade.

Enquanto isso, os Mantos-Cinzas posicionados nas muralhas corriam desesperadamente de um lado para o outro, tentando acertar algum alvo com suas flechas. As catapultas da cidade também foram acionadas, arremessando pedras e mais pedras sobre o inimigo, usando até fragmentos de muralhas destruídas como munição. Apesar de essa ação ter diminuído o ímpeto do exército de Vorjavik, não foi suficiente para detê-lo. Já tinham notado o efeito que o ataque produzira em Stormdale e sabiam que os Staglords levavam a pior.

Os cinco Crowlords transformados decolaram, carregando munições para um ataque aéreo. Liderados por Lord Scree, tomaram o cuidado de se manter longe do alcance das flechas, sobrevoando a cidade e se preparando para agir apenas no momento certo. O ataque deles seria muito mais cruel que qualquer outra coisa que as forças além-muralha poderiam lançar, pois despejariam uma chuva de bolinhas de aço sobre os defensores da cidade. Lançados de tamanha altura, os projéteis de metal teriam o efeito de setas de besta, rasgando a pele exposta dos Mantos-Cinzas, dilacerando a carne e quebrando ossos. A única defesa possível contra esse tipo de ofensiva eram armaduras e escudos, e pouquíssimos soldados em Stormdale dispunham desse equipamento.

Drew assistia a tudo do alto da muralha, sob as nuvens que ocultavam o luar, sentindo-se profundamente infeliz. Apesar de ter sido bastante útil na noite anterior, um guerreiro com uma só mão não teria o que fazer em uma batalha disputada com arcos e flechas. Mais uma vez, praguejou contra Rufus Rubro por sua deserção. A incapacidade de se defender de um ataque aéreo havia

deixado Stormdale desprotegida. O Hawklord poderia ter oferecido alguma resistência, investindo contra os Corvos.

Ao cair da noite a cidade estava em chamas, e as torres de cerco foram postas junto das muralhas. Os que eram muito jovens ou estavam debilitados demais para lutar foram se esconder na torre de menagem, cujos portões permaneciam abertos caso os defensores da cidade precisassem recuar. Mas os Mantos-Cinzas e a milícia não davam nenhum sinal de que fariam isso. Permaneciam posicionados nas muralhas semidestruídas, ainda dispostos a enfrentar o inimigo. Enquanto isso, arqueiros liderados por Lord Reinhardt tentavam deter um grupo de soldados de Riven que se aproximava cada vez mais dos portões, levando consigo um aríete. Desde que os arqueiros conseguissem manter a máquina a distância, os cavaleiros e os Mantos-Cinzas acreditavam ser capazes de defender a muralha. Havia chegado a hora de Drew agir. Ele olhou para o céu escuro.

— Que Brenn nos ajude — murmurou.

A primeira torre parou a poucos metros da muralha sobre a qual estava o Wolflord. O magíster Siegfried havia feito um escudo redondo para ele, com tiras de couro para o braço flexíveis o bastante para resistir à transformação. Drew o ergueu diante de si, brandindo a Moonbrand no ar enquanto os Mantos-Cinzas esperavam para entrar em ação. Drew ficou surpreso ao sentir a espada vibrar em sua mão. O aço esbranquiçado da encantada lâmina sturmiana passou a brilhar com mais força quando a luz do luar se infiltrou por entre as nuvens mais acima. Ao que parecia, a espada era muito mais poderosa do que ele imaginava.

A torre tremia diante da muralha, e o som retumbante dos coturnos dos inimigos ressoava por sua estrutura. Drew olhou para os homens reunidos a seu redor.

— Não se movam! — ele gritou, elevando o tom de voz acima dos sons da batalha.

A parede dianteira da torre foi baixada, e uma passarela de madeira foi posta sobre o parapeito da muralha. Os homens de Riven estavam vestidos com a habitual armadura de couro, avançando com espadas e lâminas contra os defensores da cidade.

Drew foi na direção deles, saltando sobre a ponte de madeira e arremessando de imediato meia dúzia de homens da plataforma instável. Espadas e lâminas atingiam seu escudo, tentando desesperadamente acertar o jovem Wolflord.

No entanto, aquele tipo de arma não era páreo para Drew. A Moonbrand cortou o ar, rasgando membros e troncos dos soldados agressores. Aqueles que conseguiam passar pelo Werelord eram recepcionados pelos Mantos-Cinzas, que se sentiam motivados por ter um líder tão corajoso — e aparentemente inabalável — como Drew ao seu lado. Lâminas e escudos chocavam-se a todo momento, mas os homens de Stormdale se mantinham firmes junto a Drew.

O Werelord conseguia ouvir o comandante inimigo na torre, exortando os homens a avançar e entrar no combate. “Em quantos será que eles estão?”, perguntou-se, sentindo uma pontada de medo. Com uma saraivada de golpes poderosos, conseguiu abrir caminho e olhar para o outro lado da passarela. Havia um número enorme de guerreiros reunidos logo à frente. Os homens de Riven tinham recebido o reforço de um grande contingente de soldados vermirianos, que vestiam mantos pretos e cotas de malha. Era uma situação desoladora, mas Drew não podia deixar que os Mantos-Cinzas vissem o quanto estavam inferiorizados. E também não queria pensar quanto tempo seriam capazes de resistir antes de serem obrigados a recuar. Havia vinte Mantos-Cinzas na muralha, contra mais de duzentos soldados inimigos subindo na torre naquele momento.

Uma espada passou raspando por cima de sua cabeça, mas Drew se abaixou bem a tempo de não ser escalpelado. Sua cabeça começou a girar, e ele perdeu momentaneamente o equilíbrio. O Lobo havia sido reprimido por tempo demais. O guerreiro de armadura de couro atacou de novo, desferindo um chute no corpo de Drew e mandando-o para perto da extremidade da passarela. Outros soldados de Riven se juntaram a ele, com socos e investidas com lâminas, tentando forçar o líder dos Mantos-Cinzas a cair da ponte de madeira. Ainda não sabiam que se tratava de um transmorfo, mas não demorariam a descobrir.

Por um momento, os invasores devem ter achado que havia um cão selvagem na plataforma com eles, mordendo-lhes os calcanhares. Quando as presas atingiram os ossos, destroçando pernas e decepando pés, perceberam que o problema era muito mais sério. A fera surgiu em meio à massa de soldados aos berros, e até mesmo os Mantos-Cinzas recuaram ao ver o Werewolf soltar seu poderoso uivo. A lua escolheu esse momento para enfim aparecer no céu nublado, e no instante seguinte chamas brancas espalharam-se por toda a extensão da Moonbrand, cegando os agressores. Drew prescreveu com a arma uma trajetória bem ampla, e a lâmina destruiu tudo o que tocou: espadas, escudos, lanças e corpos.

O Werewolf rugiu e saltou para a frente em busca de mais inimigos, esmagando os ossos dos caídos sob seus pés. Foi parar no alto da torre, cercado por guerreiros de armadura de couro que investiam com golpes desesperados contra o licantropo. Algumas espadas atingiram o alvo, mas os homens de Riven estavam mal equipados, com um aço sem nenhum traço de prata, ao contrário da Guarda Vermiriana. A Moonbrand iluminou toda a estrutura, fazendo a máquina de guerra reluzir como um farol. Drew forçou os homens a recuar, caindo uns por cima dos outros ao rolarem os degraus, projetando-se sobre as armas em riste dos próprios companheiros. Ao se ver sozinho na plataforma mais alta da torre, Drew se virou para a ponte improvisada e brandiu a lâmina outra vez, encorajado por seu imenso poder. A Moonbrand partiu a passarela de madeira, que foi parar no chão.

Com um salto elegante, Drew superou os três metros que separavam a torre da muralha. Nesse exato momento, um Manto-Cinza de reflexo rápido lançou um frasco de óleo em chamas na máquina de guerra. O vidro explodiu lá dentro, espalhando o combustível inflamado por toda a estrutura e sobre os soldados aglomerados mais abaixo. Os gritos do inimigo subiram pelos ares junto com a fumaça.

Depois de repelir aquele foco de ataque, Drew e os Mantos-Cinzas observaram as muralhas para determinar o local para onde precisavam ir em seguida. Acima deles, as nuvens voltaram a

esconder a lua, e as chamas desapareceram da Moonbrand. Drew liderou os homens rumo aos portões da muralha, vendo que duas torres inimigas haviam se posicionado em ambos os lados da entrada da cidade. Três Staglords já enfrentavam o inimigo, dois deles repelindo os invasores no lado mais distante, sendo que Reinhardt fazia o que podia no lado mais próximo. Apesar de os Cervos estarem transformados, brandindo os chifres, os inimigos ainda demonstravam coragem de sobra.

Uma força conjunta de soldados de Vermire e de Riven saía da estrutura, e a prata dos mais bem equipados soldados do Rato acrescentava uma dose de poder letal ao ataque. Drew saiu correndo na frente dos Mantos-Cinzas, postando-se ao lado de Reinhardt. O aço e a prata tentando atingir sua pele fizeram o instinto de sobrevivência de Drew falar mais alto. Ele ergueu o escudo para deter os golpes enquanto atacava com sua espada branca. A cada movimento defensivo, respondia com um ataque, cortando e mordendo o inimigo. O Manto-Cinza que havia jogado o frasco incendiado na torre clamou para que seus homens se afastassem e ergueu mais uma de suas bombas incendiárias.

Nesse momento, uma flecha vermiriana passou zunindo por cima da cabeça de Drew, atingindo o Manto-Cinza na garganta, e o frasco caiu sobre a muralha. O fogo se espalhou entre os demais Mantos-Cinzas. A maioria se jogou no chão para evitar o impacto da explosão mortal, mas alguns acabaram sendo pegos de surpresa. Com o caos tomando conta de tudo, Drew sentiu que começavam a perder a batalha. O inimigo avançou com maior vigor, motivado pela visão dos Mantos-Cinzas despencando do alto das muralhas.

Mais abaixo, os portões cediam sob a força do aríete, e os arqueiros das muralhas foram obrigados a entrar em um combate corpo a corpo com os invasores. O exército inimigo cercava as guaritas com centenas de homens decididos a invadir a cidade.

— Não adianta! — Drew gritou para Reinhardt. — As defesas foram rompidas. Precisamos recuar!

O cansado Staglord, os chifres manchados de sangue, não se opôs à ideia. Levou uma trombeta à boca enquanto Drew se

posicionava à sua frente, atraindo a atenção dos inimigos. O som do instrumento ecoou pela cidade, avisando a todos os que estavam nas muralhas que precisavam arrumar uma maneira de se dirigir à torre de menagem.

Drew se manteve em seu posto por mais um tempo, para que o Cervo e os Mantos-Cinzas pudessem correr em meio às chamas e ganhar as ruas. Quando olhou para a guarita do portão, viu que o restante dos defensores da cidade havia abandonado a luta e que as tropas de Vermire e Riven espalhavam-se pelo perímetro das muralhas.

Os olhos amarelados do Werewolf se voltaram para o alto da torre, onde um vulto negro apareceu, os olhos rosados brilhando na escuridão. Os pés compridos e dotados de garras do Wererat Vorjavik, o marechal do exército do Leão, apareceram na passarela. Drew não podia mais esperar.

Virou-se e correu, bem no momento em que os primeiros soldados vermirianos chegaram àquele ponto da muralha. Quando Drew saltou para voltar às ruas da cidade, uma lança de prata o atingiu no quadril. Ele caiu, desequilibrado, e aterrissou no telhado de uma das poucas construções que não estavam em chamas. O Wolflord quicou sobre a superfície de palha, rolou e desabou sobre o chão de pedra, levantando-se e saindo em disparada logo em seguida. Os portões cederam atrás dele. Drew ouviu o grito de Vorjavik, um grunhido monstruoso e gutural.

— Pode correr, Lobo! Mas você não tem onde se esconder!

As pernas lupinas de Drew o impulsionaram pela ladeira da rua principal, obscurecida pela fumaça. Encontrou alguns desgarrados que fugiam das muralhas e os encorajou a seguir em frente com gritos de incentivo, permanecendo sempre na retaguarda, olhando para trás o tempo todo e esperando os primeiros inimigos aparecerem a qualquer instante em meio à névoa sufocante. Apenas quando os últimos Mantos-Cinzas entraram na torre de menagem, Drew fez o mesmo, batendo as portas de aço reforçado atrás de si. Barras de metal do tamanho de troncos de árvores foram atravessadas sobre elas, e grades pesadas desceram da guarita, cravando-se ruidosamente no chão. As grossas correntes do

mecanismo da ponte levadiça foram acionadas, fazendo a estrutura de madeira se fechar sobre os portões.

O pátio do castelo estava apinhado de pessoas em pânico, aos berros. Drew soltou um uivo, atraindo a atenção de todos os habitantes de Stormdale.

— Quem não puder lutar, que vá para a torre de menagem! Cuidem dos feridos. Vocês sabem o que fazer. Os demais, para as muralhas do castelo!

Reinhardt estava caído no chão ali perto e fez uma careta quando o magíster Siegfried se agachou a seu lado para tratar de um ferimento grave em sua barriga.

— Prata? — perguntou Drew, preocupado.

— Aço — informou Reinhardt, os dentes sujos de sangue. — Mas mesmo assim é dolorido!

Siegfried fez uma atadura enrolando no tronco do Staglord uma bandagem mergulhada em uma infusão de ervas. Drew ajudou Reinhardt a se levantar em meio às nuvens de fumaça negra que vinham da parte exterior das muralhas.

— Essa fumaça vai acabar conosco — disse Reinhardt. — Não vamos conseguir ver a chegada deles!

— Brenn seja louvado! — gritou Siegfried ao sentir as primeiras gotas de chuva sobre o rosto. Quando a chuva engrossou, ele acrescentou: — Os céus resolveram nos trazer bênçãos em abundância!

— Em abundância? — questionou Drew, intrigado com as palavras do velho curandeiro.

Siegfried apontou para a multidão no local onde se reuniam os Mantos-Cinzas e os cinco Staglords sobreviventes. Algo havia capturado a atenção de todos. Drew foi até lá, permitindo que seu corpo se transformasse, reassumindo a forma humana a cada passo. Os Mantos-Cinzas abriram caminho, assim como os Staglords.

Quem estava diante deles era Rufus Rubro, e naquele momento a última pena cor de ferrugem desaparecia sob sua pele. A seus pés estava um homem idoso e encurvado, as mãos amarradas às costas e a cabeça calva repleta de manchas senis. Ele se voltou para

Drew, o rosto contorcido pelo ódio e os lábios contraídos em uma linha de dor.

— Ora, ora, lobinho — disse Rufus Rubro, aproximando-se de Drew e dando um tapinha no ombro do Wolflord. — Permita-me apresentá-lo a Croke.

— O *conde* Croke? Lord de Riven?

Rufus Rubro abriu um sorriso.

— Isso mesmo, garoto — ele confirmou, fitando o Lord dos Werecrows. — Nossa moeda de troca na negociação.



## 5

### A refeição interrompida

Tempestade trotava cuidadosamente pela estrada Dymling, ciente do clima de ameaça que os cercava. Trent havia cavalgado a toda velocidade pela Dyrewood, mas fora diminuindo o ritmo à medida que a atmosfera da floresta assombrada se infiltrava em seus ossos. Se o encontro com a velha Baba havia deixado seus nervos em estado de alerta, àquela altura ele estava à beira de um colapso. Tanto o cavaleiro como sua montaria sentiam o clima pesado. A floresta ancestral estava impregnada com o cheiro dos predadores — lobos, ursos ou algo ainda pior —, e havia também outra coisa pairando no ar: o odor de algo em decomposição.

Não muito depois de deixar o acampamento dos romaris, o jovem batedor tinha avistado a verdejante Dyrewood estendendo-se a leste e a oeste, até onde a vista alcançava. Contornando a borda da mata, havia chegado à estrada Dymling antes do meio-dia, entrando na alameda escura em alta velocidade, os cascos de Tempestade fustigando o solo, retumbantes como trovões. Os galhos das árvores se entrelaçavam mais acima, dando à velha estrada a aparência de um túnel sem fim. Não demorou muito para a Dyrewood começar a exercer sua magia ameaçadora, e o ímpeto

dos viajantes foi se reduzindo à medida que o clima na floresta ia ficando mais pesado.

Na infância, Trent tinha ouvido muitas histórias a respeito da floresta assombrada: sua mãe e seu pai sempre alertavam os filhos a respeito dos perigos que havia ali. Quando ouvira dizer que Drew havia passado uma temporada naquele lugar selvagem, mal conseguira acreditar. Se para ele seria difícil sobreviver a uma única noite, de que espécie de resiliência Drew precisaria para considerar aquele lugar um lar? Até que ponto o irmão teria mudado? Ele o reconheceria caso o encontrasse de novo?

Naquela manhã, Trent ouviu gritos estranhos. Ele sabia que não eram apenas ruídos de animais selvagens. Eram sons emitidos por seres humanos, pelos Wyldermen, os ferozes e hostis membros das tribos da Dyrewood. No fim da tarde, cruzou com uma matilha de cães selvagens que o espreitavam em meio à vegetação rasteira, correndo para tentar cruzar o caminho de Tempestade. Trent esporeou a montaria com força, deixando os cachorros para trás antes que tivessem a chance de atacar. Quando a noite enfim caiu, a ideia de conseguir dormir parecia um sonho distante — a Dyrewood jamais o deixaria descansar.

Cada vez que soltava o ar, Trent via sua respiração se transformar em uma pequena nuvem de névoa branca. Os cascos de Tempestade batucavam ruidosamente a estrada congelada, e os restos de um acampamento recém-desmontado tornaram-se visíveis um pouco mais à frente. Trent se agarrou com força à crina de Tempestade — seu estado de alerta atingira o nível máximo desde que entrara na floresta. O cheiro de podridão estava cada vez mais forte, revirando o estômago do cavaleiro e de sua montaria. Tempestade bufou em sinal de desagrado, jogando a cabeça para trás e revirando os olhos, mas Trent ordenou que ela seguisse em frente, golpeando-lhe os flancos com os joelhos. O acampamento ficava um pouco afastado da estrada e tinha reunido um grande número de pessoas, a julgar pela extensão de terra que havia sido revirada.

Observou as reveladoras trilhas abertas no solo pelas rodas das carroças. “Romaris, talvez?” A que distância estariam? Uns dois

dias à frente? Como nunca havia atravessado a estrada Dymling, Trent não sabia a que distância estava de Brackenholme. Sua única pista era que Gretchen e Whitley estavam acompanhadas por romaris. Ou sujeitos fingindo ser romaris, o que quer que isso significasse...

A égua trotava com leveza sobre o acampamento abandonado. Trent a deteve e desceu da sela. Uma grande fogueira havia sido enterrada e, pelo tamanho, tinha servido a um grande número de pessoas. “Uma centena? Talvez mais?” Trent farejou o ar, a mão sobre a boca, tentando identificar de onde vinha o odor de podridão. Tempestade permaneceu imóvel, aparentemente sem nenhum interesse em identificar a fonte daquele cheiro. Seguindo a origem do odor, Trent se afastou da parte central do acampamento e se embrenhou na mata. Gravetos estalaram um pouco mais à frente, obrigando-o a parar imediatamente.

Olhos amarelados surgiram na escuridão, piscando no meio do nada. Imóveis, as duas fontes de luz cor de âmbar se fixaram em Trent: os olhos de um predador. Trent sentiu a boca seca, o coração disparado, e o odor que o havia atraído até ali estava mais forte do que nunca. “Será que é o cheiro desse bicho?” Com movimentos cuidadosos, levou a mão à Wolfshead pendurada na cintura. Ele envolveu o cabo da espada com as mãos, começando a desembainhá-la. Quando a lâmina estava na metade da bainha, a criatura deu um passo à frente sob a luz do luar.

Era o maior lobo cinzento que já vira, a ponta das orelhas chegando quase ao peito de Trent. O animal parou calmamente a poucos metros de Trent, mantendo os olhos fixos nele, sem piscar. A Wolfshead tilintou, quase fora da bainha. A pressão sobre o cabo da espada era firme, contudo os braços de Trent tremiam. Aquele animal poderia arrancar sua cabeça com uma única investida, mas qual dos dois era mais rápido? No entanto, o lobo não demonstrou nenhum sinal de agressividade — não arreganhou os dentes nem rosnou, limitando-se a encarar Trent com atenção. O rapaz o encarou em resposta, tentando decifrar o olhar da criatura. Seus olhos eram hipnotizantes, tranquilos e confiantes. “É você, Drew?” Trent abriu um sorriso amedrontado ao pensar naquela

possibilidade, sentindo o pulso desacelerar estranhamente na presença do predador. Deixou que a Wolfshead deslizasse de novo para a bainha, e o lobo deu um passo para trás, abrindo espaço para que Trent passasse. O jovem soldado avançou com cautela, ficando a menos de um metro da fera, perto o bastante para tocar sua pelagem espessa. Não muito longe dali, Tempestade relinchava nervosamente, mas o lobo não esboçou nenhuma reação.

Trent continuou encarando o animal cinzento enquanto caminhava em meio às árvores de onde ele havia surgido. O cheiro estava pior do que nunca, revirando ainda mais seu estômago. Incapaz de continuar com o olhar fixo no lobo, Trent manifestou ruidosamente sua náusea ao sentir a bile subindo pela garganta. Cambaleando, cobriu parte do rosto com o antebraço para continuar avançando rumo ao fétido odor.

A criança estava espremida entre as raízes de uma árvore, dobrada em posição fetal, com uma estranha gosma cobrindo-lhe a pele. Devia ter uns sete anos, e a única pista a respeito de seu gênero eram as pequenas flores bordadas no vestido imundo. Horrorizado, Trent notou que a carne fora arrancada de seu corpo em alguns lugares. Quase vomitou outra vez ao se virar, apoiando-se em uma árvore próxima. “Que tipo de criatura seria capaz de fazer isso?” As histórias que ouvira sobre os Wyldermen não incluíam essa espécie de ataque.

A cabeça do lobo emergiu em meio às árvores, cabisbaixa, no que parecia ser um sinal de respeito pela menina morta. “Por que o lobo se recusou a se alimentar dela?”, Trent se perguntou. A criatura não se aproximou da criança. Em vez disso, deitou-se no chão, apoiando o focinho nas patas como um cão doméstico deitado diante de uma lareira.

Trent passou a meia hora seguinte abrindo uma cova para a menina, usando a Wolfshead como pá improvisada. Cravou a lâmina na terra congelada, soltando-a um pouco com a arma antes de começar a arrancá-la do chão aos pedaços com as próprias mãos, sob o olhar vigilante do lobo. Quando o buraco estava fundo o suficiente para que nenhum outro animal pudesse escavá-lo e

saqueá-lo, Trent baixou a criança à sepultura com um gesto delicado, fazendo uma prece a Brenn antes de cobri-la com a terra.

O jovem retornou para onde Tempestade estava e a amarrou antes de procurar um lugar para se deitar. Batia o queixo e seu corpo inteiro tremia, provocando acessos de tosse que reverberavam em seu peito como pedrinhas em um barril. Além do mais, não poderia dormir por muito tempo. A criatura que havia matado a menina romari sem dúvida espreitava os viajantes. Lutando para manter os olhos abertos, viu quando o grande lobo se acomodou do outro lado do acampamento. A essa altura, a ansiedade que sentia na presença do animal já tinha desaparecido. Os olhos do lobo estavam fixos nele, incentivando-o a dormir e descansar um pouco. Trent então adormeceu, praticamente desmaiando quando o frio se tornou insuportável, a consciência mergulhando em um mundo de sonhos nos quais ele perseguia Drew pela floresta.

Acordou com os relinchos de Tempestade, sentindo o sopro morno das narinas da égua sobre seu rosto. A noite ainda estava congelante, a lua alta exibindo-se no céu, mas ele não tremia mais. Quando cerrou os punhos, sentiu que o sangue tinha voltado a circular pelas mãos — as pontas dos dedos não estavam mais dormentes. Sentou-se e apalpou o próprio corpo. O peito estava bem aquecido sob o couro da armadura. Tocando a superfície a seu lado, sentiu a terra fria, mas não tão gelada. Notou resquícios de pelos escuros em seu manto e sua armadura. Erguendo a cabeça às pressas, Trent correu o olhar pela clareira. Não havia nenhum sinal do animal que provavelmente havia salvado sua vida.

O lobo tinha partido.



6

## Boas-vindas

Escoltada por seis destacamentos de Sentinelas da Floresta, a longa caravana dos romaris entrou em Brackenholme, recebida com gritos de celebração pelo povo da cidade. Whitley seguia à frente da comitiva, ao lado do capitão Harker, incapaz de conter o sorriso de alegria ao voltar para casa. A exemplar batedora dos Mantos-Verdes mantinha uma postura impecável na sela de Chancer. A multidão ocupava as ruas, acenando e comemorando o retorno da Bearlady. Os pais punham os filhos sobre os ombros, e quem não conseguiu encontrar espaço na rua foi se debruçar nas janelas de casas e lojas. Os romaris que as haviam levado para casa sãs e salvas eram presenteados, e os visitantes foram tratados como heróis ao desfilar pela cidade.

— É um colírio para os olhos, não? — comentou Harker, o queixo trêmulo de emoção ao olhar ao redor.

— Graças a Brenn que a cidade foi poupada dessa loucura que está se espalhando por toda a Lyssia — respondeu Whitley, acenando para a multidão quando os primeiros cavalos chegaram ao centro.

Uma grande fonte demarcava a fronteira entre a Dymling e a Dyre, a estrada que levava a Stormdale, mais a leste. A caravana dos romaris deteve-se ao redor da fonte, em meio à multidão de homens e mulheres de Brackenholme que vieram saudá-los. Gretchen vinha montada em um pônei, sentada de lado na sela, como uma *dama*. Whitley sorriu ao se deparar com a cena. Quist e Tristan a acompanhavam, cavalgando um a cada lado. Stirga e Yuzhnik caminhavam ali por perto, apreciando a ovação da multidão. O grandalhão cuspidor de fogo erguia os punhos sobre a cabeça como um lutador vitorioso. Whitley conduziu Chancer em direção aos romaris quando estes se aproximaram.

— Meus caríssimos Stirga e Yuzhnik: em meu nome e no de Gretchen, digo que estamos em débito pela gentileza e pela coragem que demonstraram desde que nos conhecemos no Cabo Gala. Se algum dia se cansarem da vida na estrada, saibam que têm um lar garantido aqui em Brackenholme.

Gretchen se inclinou sobre a montaria e deu um beijo na careca de Yuzhnik. O velho cuspidor de fogo abriu um sorriso, o rosto todo enrubescendo.

— Eu diria que isso é improvável — respondeu Stirga —, mas agradeço a oferta. Mesmo quando voltarmos à estrada, pode nos considerar para sempre seus amigos, milady. Foi um prazer servi-la.

— Se nos permite, milady — acrescentou Yuzhnik —, o pequenino e eu ficaríamos honrados em fazer uma apresentação para seu povo esta noite. A última apresentação dos Artistas Viajantes terminou em sangue e trovoadas no Alto Estábulo... Quem sabe não conseguimos fazer esta terminar em lágrimas de alegria?

— A honra é toda nossa — comentou Whitley, fazendo uma mesura sobre a sela para os romaris.

Ela e Gretchen passaram pela carroça de Baba Korga, que estava sentada no assento do cocheiro junto com Rolff, sussurrando algo para o gigante silencioso. A coragem de Rolff ao viajar à frente da caravana para proteger os viajantes de eventuais emboscadas não passou despercebida pelas duas transmorfas.

Korga interrompeu os murmúrios ao notar a aproximação das Ladies de Brackenholme e Hedgemoor e abriu seu sorriso banguela.

— Baba Korga — disse Gretchen —, não consigo expressar em palavras o quanto Whitley e eu nos sentimos em débito para com você e os romaris. Reforço o que Whitley disse aos outros: os portões de nossas cidades estarão sempre abertos a seu povo. Sempre.

— É muita gentileza sua, milady — respondeu a feiticeira, que estendeu uma das mãos ossudas, apontando a cidade. — Enquanto estivermos aqui, vamos nos sentir em casa. — Em seguida, Korga fez um gesto para que as duas se afastassem. — Agora corram — falou com uma piscadela. — Uma de vocês tem um reencontro com a mãe. Jamais deixem uma mãe esperando!

Whitley sorriu e fez mais uma mesura antes de conduzir Chancer em outra direção.

— Venha, prima — ela disse quando Gretchen emparelhou sua montaria com a dela. — Vamos apostar uma corrida até o Grande Carvalho.

O cavalo e o pônei saíram em disparada, afastando-se da fonte e da multidão, percorrendo a estrada Dyre até a árvore ancestral localizada no coração da cidade, deixando os romaris para trás e obrigando os Mantos-Verdes a sair às pressas atrás das duas.

A duquesa Rainier estava na sala do trono de Brackenholme, cercada por damas e cavalheiros da corte, aguardando a chegada da filha com o máximo de paciência de que era capaz. Quando a espera se tornou insuportável, ela deixou o aposento, escancarando as portas altas e correndo para as sacadas que cercavam o palácio. Uma série de largas passarelas espalhava-se entre os galhos do Grande Carvalho, dando acesso a sala de armas, cozinha, lavanderia e quartos de hóspedes. Rainier não tomou nenhum desses caminhos. Em vez disso, foi diretamente à gaiola que levava as pessoas à copa da árvore, seguida de perto por sua corte. Sem conseguir conter a alegria, a duquesa levou as mãos ao

peito ao ver a armação de bambu ascender ao alto da árvore ancestral.

Whitley foi a primeira a sair e correu para abraçar a mãe, sem se preocupar com o decoro. Rainier beijou a cabeça da filha várias vezes, com Whitley grudada em seu pescoço. Os cortesãos observaram tudo em silêncio, sorrindo, com lágrimas nos olhos. Por fim as duas se afastaram e deram-se as mãos.

— Minha menina — disse Rainier, ofegante. — Graças a Brenn que você voltou para a cidade! Fiquei com medo de que todos tivessem morrido.

— Muita gente morreu, mãe — respondeu Whitley, os olhos marejados. O rosto da mãe estava banhado em lágrimas. A notícia da morte de Broghan pelas mãos do príncipe Lucas certamente já havia chegado a Brackenholme.

Rainier balançou a cabeça.

— Mas você está em casa, meu amor, e é só isso que importa no momento.

A duquesa a puxou para junto de si mais uma vez. Rainier viu Gretchen ao lado da filha e se afastou um pouco para que a Werefoux pudesse participar do abraço. Harker observava tudo a uma distância respeitosa, notando a aproximação dos Capas-Verdes, membros dos Sentinelas da Cidade. Apesar de todos usarem a cor verde, suas funções eram bem diferentes. Os Capas-Verdes cuidavam dos assuntos intramuros, enquanto os Mantos-Verdes patrulhavam os arredores.

— Gretchen querida — disse Rainier, afastando-se para observá-la melhor. — Veja só como você cresceu! O que está fazendo aqui na nossa casa da árvore quando deveria estar governando os reinos ao lado do rei?

Gretchen tentou dar risada, mas estava emocionada demais.

— Milady — ela conseguiu dizer —, não consigo imaginar nenhum lugar em toda a Lyssia mais reconfortante que Brackenholme neste momento.

— Capitão Harker — falou Rainier, enfim se afastando das duas meninas —, é a você que devo agradecer pelo retorno seguro de minha filha e minha sobrinha?

— Sua senhoria — disse Harker com uma mesura. — Os romaris nos acompanharam pela estrada Dymling. Estamos em débito com eles.

— Então preciso falar com os mais velhos entre eles para agradecer sua colaboração.

— Vou mandar buscar Baba — respondeu Harker, e o sorriso desapareceu de seu rosto ao falar sobre um assunto difícil, mas que precisava ser mencionado. — Quando voltar, eu gostaria de falar sobre o duque Bergan e Lord Broghan, milady. O barão Redfearn, o tio do duque, precisa ser informado sobre o que aconteceu. A proteção de Brackenholme está comprometida, já que muitos homens acompanharam o duque até Highcliff. A situação nos Sete Reinos vem mudando a todo momento, e precisamos nos preparar para o que está por vir.

— De acordo — respondeu a duquesa, a voz embargada. — Vamos conversar em breve. Enquanto isso, as meninas precisam de descanso e de roupas limpas.

Whitley ficou envergonhada ao se dar conta de que a principal preocupação da mãe era com suas roupas. O lado Werefox de Lady Rainier nunca estivera tão evidente, e suas semelhanças com Gretchen eram mais do que óbvias. A garota de Hedgemoor, empolgadíssima com a possibilidade de se lavar e pôr um vestido novo, abraçou a tia com força, mas as prioridades de Whitley eram outras.

— Com sua permissão, minha mãe, eu gostaria de acompanhar o capitão Harker e me reportar ao mestre Hogan.

Rainier soltou Gretchen por um instante e encarou Whitley com se a olhasse pela primeira vez.

— O que ele disse era verdade, então? — perguntou a esposa do Bearlord.

— Quem? — questionou Whitley.

— Seu pai. Na última mensagem que me mandou de Highcliff, ele comentou que você tinha amadurecido. Falou que havia se tornado uma patrulheira exemplar.

Whitley sentiu o coração parar de bater diante da menção a seu pai.

— Alguma notícia?

— Nada de concreto, meu amor. A Guarda Leonina está dizendo que ele foi morto por Lucas em Highcliff, mas seu corpo não foi encontrado. Os que fugiram da cidade dizem que ele conseguiu escapar, mas ninguém de fato chegou a vê-lo. Vamos rezar para que tenha conseguido...

Whitley suprimiu sua tristeza, engolindo em seco para não se expor diante dos cortesãos de Brackenholme. Não queria ser aquela que expressaria o que todos estavam pensando: que, quanto mais tempo se passasse sem notícias dele, maior a probabilidade de que o boato espalhado pela Guarda Leonina fosse verdadeiro. Preferia manter a compostura diante de seu povo. “Não mostre suas fraquezas a eles, menina”, era o que o pai sempre dizia. Whitley teve que segurar o bolo que lhe subiu pela garganta.

— Vou voltar assim que conversar com meu mestre, sua senhoria — ela falou, colocando-se no papel de patrulheira dedicada outra vez.

Rainier fez um aceno de cabeça relutante e dispensou a filha da sala do trono.

Harker e Whitley cruzaram a cidade rapidamente depois de passar pelos Capas-Verdes que se aglomeravam nas passagens do Grande Carvalho. Todos em Brackenholme queriam vê-los e lhes apertar as mãos. A ansiedade dos guardas e dos civis chegava a ser palpável para Whitley — ela conseguia sentir a aura de luto da cidade pela perda de Broghan e talvez de Bergan. Receber alguém de seu povo de volta à cidade era motivo para celebração. Os dois cavalgaram para a cidade antiga pela estrada Dyre, antes de pegar de novo a Dymling na direção norte, rumo à Árvore da Guarnição.

A árvore gigante era exatamente como Whitley se lembrava dela, um tanto disforme e bastante familiar. Com janelas escavadas por todo o tronco retorcido, o Carvalho Preto era o cenário das lembranças mais marcantes de sua infância, visível de todas as partes da cidade, e peça integrante dos pesadelos de crianças de todas as idades. Em dezesseis anos, nunca tinha visto uma única folha naqueles galhos, nem mesmo durante as mais belas primaveras. Se o Grande Carvalho era uma coisa linda de

ver, com galhos que se erguiam até o céu, o Carvalho Preto, que abrigava a guarnição, era o primo feio que se escondia nas sombras.

Guardas usando a farda da guarnição estavam à sua espera, o símbolo das árvores em tecido prateado brilhando na armadura de couro negro. Todos desceram dos cavalos. Whitley ficou contente por enfim conceder uma oportunidade para Chancer descansar após o período de tempestuosas andanças.

— Alto lá, estranhos! — disse uma voz, e o rosto familiar de Machin apareceu no portão da Árvore da Guarnição. A última vez que Whitley o vira havia sido no Cabo Gala, quando fora mandado a Brackenholme a fim de comunicar o massacre das forças de Broghan pela Guarda Leonina de Lucas.

— Você está vivo! — gritou Whitley, correndo para apertar sua mão.

— Sinto muito se isso a desagrade, milady, mas estou, sim — brincou o Manto-Verde, batendo continência para Harker. O capitão o abraçou e lhe deu alguns tapas nas costas.

— Você parece estar bem, Machin — observou Harker, dando um soco de brincadeira na barriga do homem. — Espero que tenha sobrado alguma coisa na cozinha para nós.

Machin ficou sem graça com o comentário de Harker, mas não por muito tempo.

— Entrem — ele respondeu, sorrindo. — Tenho certeza de que vão arrumar alguma coisa na despensa para dois Mantos-Verdes recém-chegados da estrada, capitão.

Os três se viraram para o portão do Carvalho Preto, mas em seguida se detiveram. Mestre Hogan estava parado ali, o rosto austero e severo, o queixo apontado para eles como uma adaga. O velho patrulheiro arqueou uma das sobrancelhas para Whitley, que se aproximou a passos hesitantes, sem saber como seria recebida depois de tantos meses.

“Ele não vai aprovar minha atitude de servir como patrulheira para o capitão Harker antes de ter sido aceita oficialmente na irmandade.”

Hogan balançou a cabeça, dando uma espiada no ombro de Whitley quando ela se aproximou.

— Vejo que está portando o cajado, menina, como se fosse uma patrulheira *iniciada*.

— Sim, mestre — ela respondeu, aflita. — É que eu...

— Vamos lá para dentro, sair deste frio — ele falou, interrompendo-a com uma piscadela. Machin e Harker sorriram. — E podemos aproveitar para fazer uma visita ao mestre quarteleiro. Vamos ver se ele tem um manto verde do seu tamanho.

Whitley abriu um sorriso quando o homem pôs o braço em torno de seus ombros e a recebeu como a mais nova patrulheira dos Sentinelas da Floresta no portão escuro da Árvore da Guarnição.



7

## Um pássaro na mão

O porão da torre de menagem de Stormdale era um lugar frio e deprimente. Sob as arcadas do recinto, poças de água gelada espalhavam-se, alimentadas pelas goteiras que vinham do alto, infiltrando-se pela parede e encharcando os tijolos apodrecidos. O cheiro de umidade no ar era pesado, e uma profusão de manchas de mofo cobria toda a extensão do teto curvo. Não havia janelas nem qualquer outra passagem que deixasse entrar a luz do dia. Apenas uma tocha solitária iluminava o ambiente. Era o lugar perfeito para interrogar um prisioneiro.

O conde Croke estava acorrentado a uma cadeira de madeira. Muita gente dizia que Croke tinha mais de duzentos anos, e Drew considerava esse boato pouco plausível. O corpo do Crowlord era uma carcaça enrugada, com braços e pernas finíssimos e um tronco retorcido, com deformações visíveis sob o manto preto esburacado, os músculos em frangalhos e frouxos sobre ossos maltratados pela doença e pela ação implacável do tempo. Croke passara a vida entregue a toda espécie de vícios e era dependente dos mais exóticos remédios.

“Brenn pode ter abençoado os Werelords com a longevidade”, pensou Drew, desolado, “mas existe uma espécie de abuso à qual nenhum transmorfo é capaz de resistir.”

— Você pode acabar com isso hoje mesmo, Croke — disse Rufus Rubro, caminhando de um lado para o outro diante do prisioneiro. — Mande seu exército para casa e saia daqui com vida.

O Crowlord deu risada, e seu peito começou a chiar, provocando um acesso de tosse. Ergueu o pescoço esquelético para encarar Rufus Rubro e soltou uma cusparada de sangue em sua direção. O falcotrope aceitou a provocação, desferindo um tapa no rosto do Corvo com o dorso da mão.

— Já chega — disse Drew, que não se sentia à vontade com os métodos do Hawklord. Sabia, porém, da animosidade entre as aves de Riven e Windfell e que Croke e Rufus Rubro sentiam um desprezo mútuo quase impossível de expressar em palavras.

Lord Reinhardt pôs a mão sobre o ombro de Rufus Rubro e o afastou do Crowlord imobilizado. Drew se aproximou do prisioneiro.

— Você deveria ser mais esperto e não irritar Rufus Rubro, Croke. O temperamento dele é sanguíneo, tal como indica seu nome.

— Ele não passa de um pardal velho que ainda vive no passado — ironizou o Corvo por entre os dentes tortos e manchados. — O tempo dos Hawklords já passou. As Barebones pertencem aos meus Corvos, escrevam o que estou dizendo. É tão improvável deter as forças do outro lado das muralhas quanto alterar o curso das águas do Redwine!

— Nós não somos capazes de fazer isso, Croke, mas você, sim — argumentou Drew, agachando-se diante do homem e encarando seus olhos lacrimosos. — Eu suplico: fale com o Ratlord e com seus filhos, que estão do lado de fora. *Ordene* que partam em retirada. Poupe o povo de Stormdale do sofrimento que suas forças impuseram a Highwater.

— E por que eu faria isso por você, filhote do Lobo?

— Esta cidade não lhe representa nenhuma ameaça. O exército foi destroçado depois de sua última investida vitoriosa. Stormdale

atualmente abriga apenas soldados feridos, mulheres, crianças e velhos como você.

O Crowlord soltou mais uma risadinha, suprimindo uma gargalhada.

— Eles *não são* velhos como *eu*! Sou o Werelord mais antigo dos Sete Reinos. Esperei a vida inteira por este dia, para ver meus inimigos tombando diante de mim. Enfim tenho um exército de verdade ao meu dispor, combatendo ao lado dos corajosos homens de Riven, e nada atrapalhará nosso objetivo, muito menos os apelos angustiados e covardes do filhote de Wergar, pode ter certeza!

— O ódio cegou você a esse ponto?

— Ódio? Ódio? — rebateu o Corvo, agitando-se na cadeira, fazendo as correntes tilintarem e contorcendo o rosto em um sorriso de desprezo. — Não venha me falar de ódio, seu cão imundo! Seu pai e os outros Lobos antes dele desprezaram meu povo década após década! Vocês se aliaram aos Cervos e aos Gaviões, sem ouvir nem uma vez sequer minhas queixas contra essa escória gananciosa e egoísta com quem eu dividia minhas montanhas! — Ele apontou com o queixo para Reinhardt e Rufus Rubro, e uma baba amarelada escorreu de seus lábios.

— Mas agora eu estou ouvindo! — retrucou Drew.

Croke soltou mais uma risada, e seu grasnado ecoou pelo recinto. Reinhardt fez uma careta.

— *Agora* você está ouvindo? Bem no momento em que um exército poderoso está diante dos seus portões, pronto a submetê-los pela espada? Seu pai jamais imploraria nada a um inimigo, mas aqui está você, rolando no chão como um cãozinho indefeso.

Croke chutou as poças d'água sob seus pés, lançando um jato de água gelada em Drew. O jovem Wolflord tentou ignorar o insulto, mas Rufus Rubro rosnou atrás do prisioneiro.

— Deixe-me torcer o pescoço dele, milorde — pediu o Hawklord, agarrando o Corvo pelo maxilar e virando o rosto repleto de manchas para si. — Ele não pode falar com você dessa maneira!

— Solte-o, Rufus Rubro! — ordenou Drew, quando o Hawklord apertou o queixo frágil do Crowlord. — Tire as mãos dele!

Rufus Rubro o largou com um empurrão, fazendo a cabeça de Croke balançar enquanto ele soltava mais uma gargalhada.

— Eu não sou Wergar — Drew respondeu baixinho. — E peço mais uma vez, conde Croke: recolha suas tropas.

— Quero ouvir você implorar, Lobo — sussurrou o Corvo.

Drew mordeu o lábio e olhou para os companheiros por cima do ombro de Croke. A expressão de Reinhardt não revelava nada: a decisão caberia unicamente a Drew, apesar de ser a cidade dele que estava cercada. O olhar de Rufus Rubro faiscava de raiva, e ele balançou a cabeça.

— Não faça isso, garoto — aconselhou o Gavião. — Esse pássaro negro é traiçoeiro! Ele não está falando sério!

Drew olhou outra vez para o Corvo, que não ria mais. Os olhos arregalados e tomados pela expectativa apresentavam veias avermelhadas.

— Você precisa ajoelhar, garoto. E está quase lá!

— Deixe Stormdale em paz, eu imploro — murmurou Drew, apoiando os joelhos em uma poça de água gelada.

— Mais alto! — gritou o Corvo.

— Eu imploro! — berrou Drew, a voz embargada de emoção.

Croke assentiu com um leve aceno de cabeça, transformando-se de repente em um velho bonzinho.

“Era só isso que ele queria?”, Drew se perguntou. “Não precisava de mais nada?”

Um sorriso mais ameno apareceu nas feições enrugadas do Crowlord, e ele semicerrou os olhos ao balançar a cabeça. Drew esperou sua resposta com a respiração suspensa, rezando para que o apelo fosse atendido.

— Jamais — respondeu Croke, a voz repleta de satisfação.

Drew se levantou, e Reinhardt teve que se esforçar para conter o furioso Rufus Rubro. Croke soltou outra gargalhada, que gerou mais um acesso de tosse. Drew, lentamente, deu as costas ao prisioneiro, dirigindo-se à escadaria que levava para fora do porão.

O som da batalha ecoava pelos degraus de pedra, pois o cerco a Stormdale continuava.

— Aonde você vai? — questionou Rufus Rubro, desvencilhando-se das mãos de Reinhardt e seguindo Drew até o exterior do porão. — Posso dar um jeito nesse pássaro estropiado, arrancar algumas penas dele. Posso *pressioná-lo* até que entenda a importância do nosso pedido!

Antes que Drew respondesse, Croke começou a berrar de novo:

— Prefiro morrer — gralhou, batendo os pés no chão até a cadeira ameaçar tombar.

— Isso eu posso providenciar! — berrou o Hawklord.

— Não vou permitir nenhum tipo de tortura, Rufus Rubro — disse Drew, sentindo a raiva crescer. — Não me interessa o que já fez no passado, e não quero ouvir mais nem uma palavra sobre o que Wergar teria feito.

— Ele ainda é nosso prisioneiro — acrescentou Reinhardt, olhando para o Corvo, que os observava com atenção. — Quem sabe não existe outra maneira de usá-lo na muralha a nosso favor? Talvez possamos mostrá-lo a Vorjavik e ver se isso basta para fazê-los recuar. Vale a pena tentar, não?

— Podemos fazer isso — concordou Drew. — O Corvo gostando ou não, vamos mostrá-lo a seus companheiros para ver se isso os faz mudar de ideia. Talvez a ameaça de matar um dos seus seja suficiente para espantá-los daqui.

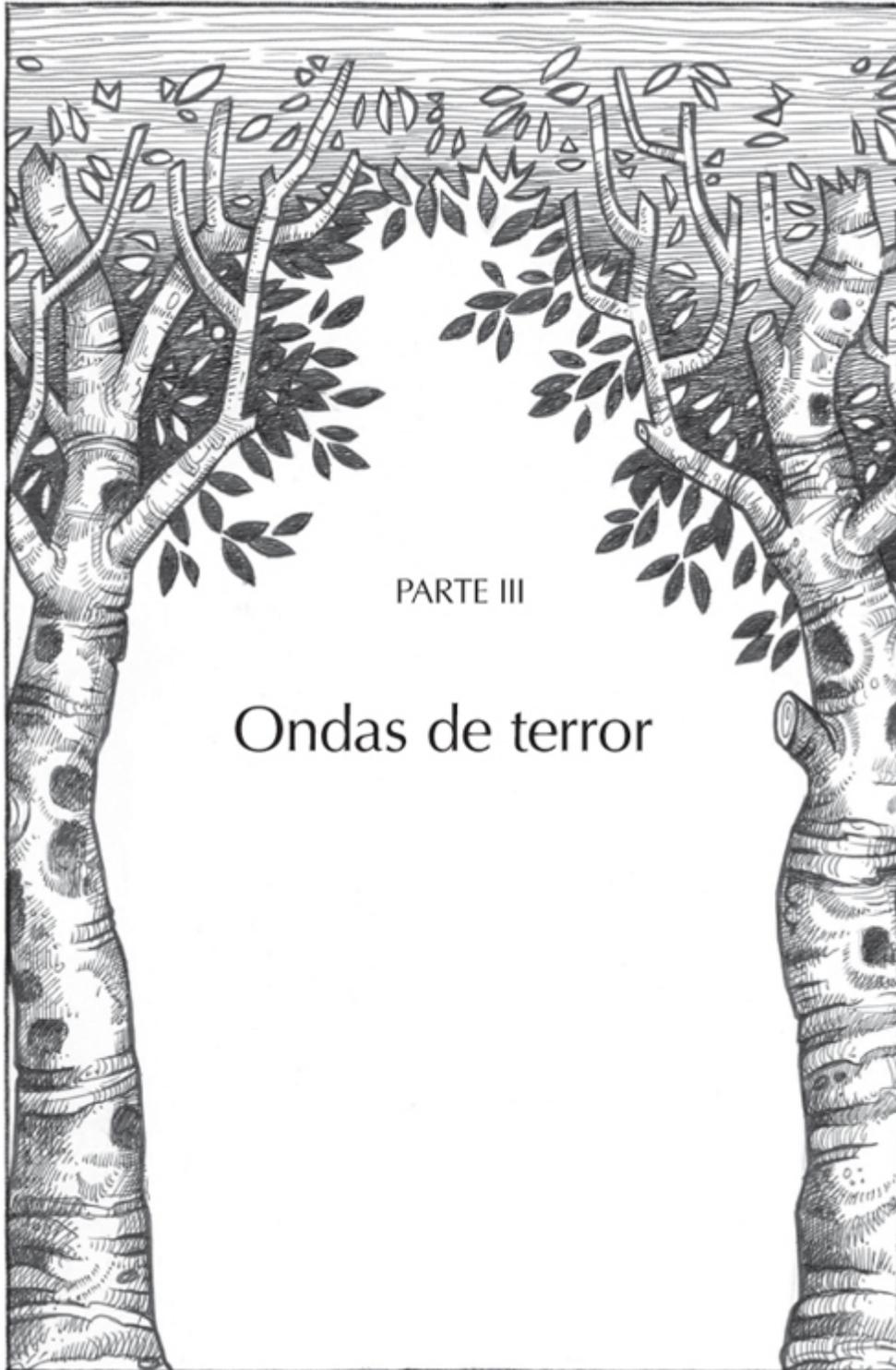
Foi a vez de Rufus Rubro cair na risada.

— Qual é a graça? — perguntou Reinhardt, estreitando os olhos.

— Ele disse *ameaça*... É só isso mesmo, garoto? Uma ameaça vazia? Não quer arrancar nem uma peninha da cabeça do velho?

— Não se pudermos evitar. Deve existir outra maneira, não? — questionou Drew.

— Eu já disse, lobinho: a guerra nos obriga a fazer coisas desagradáveis — respondeu o Hawklord. Depois balançou a cabeça, desolado. — Na guerra não dá para jogar limpo: é matar ou morrer. — Rufus Rubro passou por eles, dirigindo-se à escadaria. — E, no momento, quem está morrendo somos nós.



PARTE III

# Ondas de terror



# 1

## O frio alentador

A Guarda Javalina estava acossada, cercada pelos soldados do Catlord. Barracas estendiam-se em todas as direções, uma cidade improvisada de lona e madeira construída à sombra das Whitepeaks. O ressoar do martelo dos ferreiros contra o aço era um lembrete constante a todos os soldados: encontravam-se em guerra. Eram muitos os que usavam a mesma farda — os mantos rubros da Guarda Leonina cobriam os ombros tanto de lyssianos quanto de bastians. No entanto, se por um lado os homens dos Sete Reinos eram capazes de tolerar o frio terrível de Sturmland, por outro, os bastians, que vinham da selva, não estavam se saindo tão bem. Não muito tempo antes, haviam marchado sobre as Longridings usando apenas armaduras e braceletes, cheios de pose e confiança. Agora, mais ao norte, experimentavam o inverno da Lyssia pela primeira vez, e, a julgar pela expressão de sofrimento em seu rosto, vários não estavam gostando.

Dos oito soldados da Guarda Javalina, dois permaneciam no centro do grupo, bem perto do latão de aço onde a madeira queimava, enquanto os outros seis, todos guerreiros ugri, nem se incomodavam com o frio. Ringlin e Ibal estendiam as mãos por

sobre as chamas, recebendo o calor nas palmas abertas. A jornada desde Vermire havia sido desagradável, as estradas pelas Terras Áridas sendo apenas trilhas improvisadas em meio a lamaçais. A chuva fria não havia parado de cair nem por um instante, fazendo até os ossos gelarem.

Estranhamente, Hector tinha ficado bastante à vontade nessas condições e não fizera uma só reclamação durante os cinco dias de viagem. Quem liderava o grupo era o capitão Stephan, o arrogante sobrinho do xerife Muller, o Lord das Terras Áridas. Seu exibicionismo incessante e suas bravatas sem sentido não atraíam nem um pouco a simpatia dos companheiros de viagem; muito pelo contrário, ele só fizera inimigos na Guarda Javalina. Hector não dera atenção àquele tolo. O barão tinha viajado na sela do cavalo preto que surrupiara dos Ratlords, a cabeça oculta sob o capuz do manto, sem trocar muitas palavras com ninguém. O Crowlord Flint, mensageiro de Onyx, acompanhava-os na jornada para garantir que encontrassem o melhor caminho até o acampamento da Fera de Bast. O jovem barão esperou do lado de fora enquanto o Corvo entrava na barraca do Werepanther para se reportar a seu comandante, deixando Hector com Stephan por alguns poucos, porém cansativos, minutos.

Hector então foi convidado a entrar e se viu pisando em um enorme tapete vermelho, cercado de objetos luxuosos. Havia aquecedores a carvão espalhados pela barraca, e as brasas faziam com que a temperatura lá dentro fosse bem diferente da do mundo congelado do exterior. Onyx não abria mão do conforto em suas viagens: o interior da tenda era decorado com lembranças da terra natal, com cabeças empalhadas e crânios de estranhos animais pendurados no teto e nas paredes. Havia também baús, mesas e cadeiras de madeira nobre com entalhes de ouro e pérola que cintilavam sob a luz do fogo. A cama era maior que muitas barracas que Hector vira pelo acampamento e era visível até mesmo da antessala, com dois felinos pretos enormes dormindo a seus pés. Mesmo com tanta coisa para chamar sua atenção, Hector não conseguia tirar os olhos do corpo caído no chão de barriga para cima.

— Quem era? — perguntou o Boarlord.

— Um patrulheiro de Sturmland — respondeu Onyx, passando ao lado do jovem magíster. Hector sentiu um frio no estômago diante da visão do Pantherlord, com seus mais de dois metros, físico imponente e voz retumbante. Trajava um manto de pele de urso, ajustado em torno do pescoço com uma corrente grossa de ouro, deixando entrever os enormes músculos peitorais.

— Quanto ele conseguiu se aproximar do acampamento, milorde?

— O suficiente para me fazer pensar que não estava sozinho, magíster — respondeu o gigantesco Catlord, girando o corpo sob os enormes pés descalços. Os olhos abertos do cadáver estavam voltados para o teto, e era possível ver a ponta da flecha ainda atravessada em sua garganta. Seu manto cinza estava ensopado de sangue, e na armadura de couro sobre o peito era possível ver o símbolo do Urso Branco de Icegarden.

— Está com medo de que alguém tenha levado informações detalhadas sobre seu exército ao duque Henrik?

— Não estou com medo de nada — rebateu Onyx, sempre direto, voltando a atenção para Hector. — Só gostaria de tê-lo capturado vivo, para interrogá-lo sobre as verdadeiras condições das forças do Urso Branco. Os escaramuçadores do xerife Muller são um bando de arruaceiros indisciplinados. Com certeza os acompanhantes desse patrulheiro notaram sua aproximação a quilômetros de distância. Se houvesse um único bastian junto do pessoal de Muller, teríamos alguém de Sturmland para interrogar agora.

“Ele quer interrogar um prisioneiro? Você pode ajudá-lo com isso, irmão”, murmurou Vincent, o vil, por sobre os ombros de Hector, enrolando-se no pescoço do magíster como um cachecol espectral.

Lord Flint, o Crowlord, serviu-se de uma taça de vinho no fundo do recinto, e os goles ruidosos atraíram a atenção de Hector. Ele afastou os fios de cabelo negro do rosto e encarou o Javali.

“Ninguém confia em você”, disse Vincent. “Você pode ter sido arrastado até aqui só para ser executado! Eu avisei que não era

para vir...”

— Bem — o Catlord disse por fim —, ouvi muitas coisas a seu respeito. Me diga, garoto, por que trocou de lado mesmo? Algumas semanas atrás, era membro do Conselho Lupino. Por que essa mudança tão repentina?

Hector prendeu a respiração por um instante. Teria que convencer Onyx de que estava a seu dispor; aquela resposta poderia ser a diferença entre a vida e a morte.

— O Conselho Lupino é inútil, um amontoado de Werelords assustados, com medo de se ajoelhar diante de Lucas. Nós nos juntamos ao Lobo por lealdade. Eu estaria mentindo se dissesse que nunca considereei Drew Ferran um amigo. Só que ele não é mais aquele rapaz que conheci. À medida que o tempo passou, ele foi se revelando incapaz de cumprir os requisitos de um nobre. Sua cabeça e seu coração estão em conflito. Quando foi necessário lutar por sua terra, ele fugiu na primeira oportunidade, e tudo por causa de Lady Gretchen.

Hector sabia que aquela não era exatamente a verdade. Apesar de se sentir desconfortável com sua posição de poder, a decisão de Drew de fugir das responsabilidades não fora tomada por egoísmo. Havia um bom motivo para isso, e o jovem Wolflord saíra de Highcliff com a anuência de Hector para ir atrás de Gretchen quando a Werefox fora sequestrada pelo príncipe Lucas e pela Guarda Leonina. “Se Drew tivesse conseguido resgatar Gretchen e trazê-la de volta sã e salva, quem sabe o que poderia ter acontecido?” Mas o resultado havia sido ruim para todos, e naquele momento o que importava a Hector era provar sua lealdade diante de Onyx. Se para isso fosse preciso trair a memória de seu querido amigo desaparecido, não havia problemas.

— Que estranho — comentou o Pantherlord. — Sempre pensei que vocês considerassem essa lealdade entre amigos algo admirável. Não é o tipo de atitude que os lyssianos prezam acima de tudo?

— Não quando interfere na maneira de conduzir um reino, milorde. Foi um ato egoísta e imprudente de alguém que não está nem um pouco preocupado com o povo da Lyssia. O único membro

restante do Conselho Lupino é o duque Manfred, que ainda não entendeu que o Lobo não é o salvador dos Sete Reinos.

— O único membro restante? Tem certeza de que Manfred é o único ainda vivo?

— Drew está desaparecido, sumido do mapa, talvez morto, desconfio. Sua mão decepada não foi encontrada no Cabo Gala? Ele é forte, mas não acredito que tenha sobrevivido a um ferimento como esse. Vega, o Sharklord, eu o matei com minhas próprias mãos... Cravei uma flecha de prata em suas entranhas e o arremessei do navio. Portanto, sim, tenho certeza.

— E quanto ao duque Bergan?

— Morto, segundo me disseram, e enterrado sob as rochas de Highcliff.

Onyx soltou uma risadinha.

“Isso não é nada bom...”

— Qual é a graça? — perguntou Hector, sem esconder o nervosismo em seu tom de voz.

— Conte a ele — disse Onyx quando Flint deu um passo à frente.

— Bergan está vivo.

Os joelhos de Hector cederam, e suas pernas ficaram bambas por alguns instantes antes que pudesse se recompor.

Onyx percebeu sua reação e arregalou os olhos.

— Você parece surpreso.

— E quem não ficaria? — perguntou Hector, ofegante. — Como é possível? As pedras desabaram sobre ele. Essa cena não foi vista pela própria Guarda Leonina?

— Foi, sim — respondeu o Corvo, que esvaziava a taça. — Mas ele sobreviveu mesmo assim.

— Como você sabe?

Flint deu o último gole na bebida e bateu a taça na mesa.

— Nossos patrulheiros o viram, junto com alguns companheiros, percorrendo as trilhas das Whitepeaks.

— Tem certeza de que era ele?

— Ele pode ter sido soterrado por uma montanha, mas continua sendo quem sempre foi.

— E o que vocês pretendem fazer? — perguntou Hector, ainda perturbado pela notícia de que o Bearlord havia escapado. Durante toda a sua infância, Bergan tinha sido como um tio para ele, um homem que Hector sempre quisera agradecer, mas acabara decepcionando quando seus caminhos haviam se separado. “Vivo?”

Onyx cerrou o punho.

— Vou capturar Bergan pessoalmente antes que ele chegue à fortaleza de Henrik. Ele ainda está a alguns dias de distância das fortificações que o Urso Branco construiu nas montanhas. O duque de Sturmland não ficou de braços cruzados enquanto a guerra se disseminava pela Lyssia.

— Fortificações? — questionou Hector. — Pensei que Henrik tinha preferido não tomar partido na escolha do novo rei, para que Sturmland pudesse ser um reino independente outra vez.

— Sejam quais forem seus planos, ele preparou seu povo para a guerra — disse Onyx. — E de forma muito inteligente, devo acrescentar, porque é isso que vai acontecer. Mas não haverá a separação dos Sete Reinos. Eles vão jurar lealdade ao novo rei. Vão se curvar mais uma vez diante do Catlord.

— Encontramos resistência inesperada nas Whitepeaks, além de uma determinação feroz em seus habitantes — acrescentou Flint. — Eu sobrevoei a região pessoalmente para vê-los em ação: os olhos deles estavam voltados para o céu à procura de Corvos. Fiquei impressionado. Paredes de madeira e gelo foram erguidas na extremidade sul da cordilheira, isolando os domínios do Urso Branco e proporcionando uma proteção adicional ao exército. Mesmo em número maior, teremos problemas para entrar lá a partir das Terras Áridas.

— Como você pretende capturar Bergan? — perguntou Hector. — Ele não vai se entregar facilmente.

— Ele vai ser obrigado a fazer isso quando eu interceptar seu pequeno bando — respondeu Onyx com desprezo. — Vocês, Werelords da Lyssia, não são páreo para os transmorfos de Bast. — Ele se voltou para Flint. — Prepare cinquenta de seus melhores cavaleiros. Partiremos imediatamente para capturar esse Urso intrometido.

Flint fez uma mesura, bateu uma bota na outra e se virou para sair.

— Espere! — interveio Hector, erguendo as mãos enluvadas. — Tenho uma ideia melhor.

O Corvo e a Pantera o encararam com uma expressão de incredulidade.

— *Você* tem uma ideia melhor que a de Lord Onyx? — questionou o Crowlord.

— Deixe o garoto falar, Flint. Deve haver *alguma* razão para minha irmã Opal ter insistido que o aceitássemos como conselheiro do príncipe. — Onyx olhou para Hector. — E então? Desembuche de uma vez essa grande ideia!

“Muito bem, Hector. Conseguiu atrair a atenção deles.”

— Não devem capturar Bergan.

Flint caiu na risada, mas Onyx ergueu uma das mãos para silenciá-lo.

— Deve haver mais coisa por trás disso. Prossiga, magíster.

— Deixe que *eu* vá até ele com alguns dos meus homens. Se ele estiver vagando por uma terra erma, com certeza não saberá do meu desentendimento com Vega e Manfred. Vai confiar em mim.

— E se não confiar? — questionou o Werepanther.

— Você por acaso teria, digamos, tropas *descartáveis*, alguns soldados não muito talentosos que não se importaria de perder? Não precisam ser muitos, claro, só o suficiente para que eu e meus homens possamos provar nossa lealdade ao Urso.

Onyx e Flint se entreolharam.

— Temos os escaramuçadores de Muller, milorde. Podemos mandar o sobrinho do xerife, aquele imbecil do Stephan, para interceptá-lo.

Onyx balançou a cabeça afirmativamente.

— E depois, Mão Negra?

— Depois de mostrarmos nosso valor, vamos acompanhar o duque pelo restante da jornada. Posso entrar em Icegarden de uma maneira que ninguém mais é capaz. Quando estiver na cidade do Urso Branco, posso também fazer ruir suas defesas no interior do território. Desse modo, entregaria não só o duque Bergan; você

teria o duque Henrik também, assim como qualquer outro Werelord que tenha se voltado contra o Leão.

“Isso não é tudo, meu caro irmão”, sussurrou Vincent. “Seu plano envolve mais coisas, não? Existe alguma outra razão para querer visitar Strakenberg? As histórias que contam sobre o Cajado Wyrm estar escondido no palácio do Urso Branco, protegido pelas Filhas de Icegarden, talvez? Quem sabe que tipo de segredos você não será capaz de desvendar quando tiver esse artefato em mãos?”

Vincent não estava errado. Seu pai sabia que não se tratava apenas de um mito; o cajado existia e era uma relíquia da época perdida dos Dragonlords.

— Só tem um problema com o seu plano, Lord Magíster — rebateu Flint. — Você não sabe *nada* sobre o funcionamento de Icegarden. A cidade é uma fortaleza encravada na poderosa Strakenberg. Henrik mantém os segredos de Icegarden escondidos do mundo há décadas. Apenas os sturmianos conhecem suas fraquezas.

— Apenas os sturmianos conhecem os segredos de Icegarden? — questionou Hector. — Como esse que está caído sem vida a seus pés?

Hector arrancou as luvas, dobrou-as e as prendeu no cinto. Onyx e Flint fizeram uma careta ao ver a mão esquerda do magíster. A carne parecia mumificada, esticando-se toda quando Hector estalou os dedos, ameaçando se romper sob a tensão provocada por seus movimentos.

— Vocês já fizeram o que queriam com o corpo deste patrulheiro, milordes?

Onyx balançou a cabeça lentamente, sem tirar os olhos do membro enegrecido do magíster.

Hector abriu sua mala e começou a tirar dela os mais estranhos utensílios: espátulas finas de metal, um pote de vidro com um pó amarelo-escuro e uma vela preta.

“Muito bem, irmão. Você não é tão desafortunado quanto parece...”

Hector ignorou a voz do vil e continuou a pegar o que precisava.

— Você disse que não tem como interrogar um prisioneiro morto? — ele perguntou com um sorriso. — Nisso, eu posso ajudá-lo.



## Traições reveladas

A estrada Dymling, no ponto em que atravessava Brackenholme, estava deserta, a não ser por uma figura descalça que se dirigia furtivamente ao portão Sul. Rolff se mantinha sempre próximo aos degraus de entrada das construções que se erguiam nas laterais do caminho, ficando à sombra das residências e dos pontos de comércio que margeavam a grande avenida. O guarda-costas de Baba Korga deteve o passo ao chegar à última construção antes da muralha de toras. Agachado atrás de um barril destinado à captação de água da chuva, observou o panorama adiante.

Dois Sentinelas da Cidade protegiam o portão de quase vinte metros de altura, com um enorme tronco de árvore mantendo-o fechado. Rolff havia sido informado de que os mecanismos de acionamento ficavam abrigados na torre de guarita do lado direito, que tinha a porta trancada por dentro. Mas isso não seria problema para o gigante, já que sua intenção não era entrar pela porta. Pôs a mão sob o manto encardido, sacou a zarabatana e, enfiando os dedos em uma caixinha de madeira presa no cinto, sacou dois de seus dardos. Mediu mentalmente a distância: uns

doze metros, talvez. Municiou a zarabatana e levou a arma aos lábios.

O primeiro Capa-Verde desabou logo depois que o dardo atingiu seu pescoço. Seu companheiro nem sequer teve tempo de entender o que acontecia. O veneno agiu rápido, e o coração do homem já estava parando quando seu amigo se abaixou para ajudá-lo. O outro dardo acertou o sentinela no pulso do braço esticado, fazendo o soldado arregalar os olhos. A última coisa que viu foi o romari emergindo das sombras. Já estava morto quando caiu por cima do companheiro.

Rolff não perdeu tempo. Retirou os corpos da frente dos portões, arrastando-os e escondendo-os sob a penumbra da torre. Enfiando a mão mais uma vez sob o manto, sacou duas adagas compridas, com lâminas serrilhadas, entalhadas em um tipo de pedra negra encontrada nas profundezas da Dyrewood. Passou a escalar a muralha de madeira, cravando as facas nas toras para obter apoio. Quando chegou à altura da torre, levantou a cabeça para espiar.

Mais três Capas-Verdes encontravam-se ali, de costas, olhando para a campina e a floresta que se estendiam do lado de fora da muralha. Havia um sino de bronze pendurado no centro da torre e uma escadaria logo abaixo, desaparecendo na escuridão. Três piques estavam guardados em uma prateleira, facilmente alcançáveis, mas não próximos o bastante do trio. Sem fazer barulho, Rolff subiu no parapeito de madeira, aterrissando suavemente sobre os pés descalços. Apanhou a zarabatana outra vez, e três dardos foram removidos com cuidado da caixinha presa ao cinto. Um dos Capas-Verdes apontava para a escuridão, com um tom de voz preocupado. Rolff viu que, uma a uma, as tochas das Árvores de Vigia eram apagadas, conforme o planejado.

O primeiro Capa-Verde foi atingido com um dardo na nuca, que o lançou sem vida por cima da muralha. Infelizmente para Rolff, os companheiros já se viravam, correndo em direção ao sino e aos piques. O gigante romari guardou a zarabatana e sacou as lâminas, saltando sobre o soldado mais próximo, que tentava dar o alarme. Ele havia perdido a vantagem do fator surpresa, e o guarda puxou

uma adaga do cinto enquanto o companheiro tirava um pique da prateleira na parede. Rolff atirou sua faca primeiro, atingindo o braço do Capa-Verde, que deixou cair a adaga. Antes que pudesse apanhá-la, a segunda faca de Rolff o feriu no peito, sobre a armadura de couro, com investidas sucessivas e mortais.

Com o caminho para o sino ainda bloqueado pelo assassino romari, o terceiro Capa-Verde deu um berro que ecoou pela muralha de paliçada. Rolff amaldiçoou sua falta de sorte, reavendo as facas para avançar contra o homem. O Capa-Verde o atacou com o pique, mas o gigante se esquivou com um mergulho, deslizando sobre as tábuas do piso e passando entre as pernas do soldado. As facas de pedra cortaram os tendões dos calcanhares do Capa-Verde, fazendo-o cair ao lado do romari. O soldado gritou quando Rolff se jogou em cima dele, expulsando o ar dos pulmões do oponente com seu peso.

— Por favor! — implorou o homem, pedindo compaixão ao gigante. — Eu tenho mulher! Tenho uma família!

Rolff sorriu, o rosto posicionado a centímetros do inimigo, revelando seus dentes afiados.

— Família? — perguntou o Wylderman, a voz áspera por quase nunca ser usada. — Minha família está vindo!

O homem de confiança de Baba Korga cravou os dentes na garganta do soldado, tingindo sua capa verde de vermelho.

Gretchen estava na varanda, contemplando a vista de Brackenholme. Já estava tarde e a cidade dormia em silêncio, mas a Werefox ainda estava acordada. Era bom ter Whitley por perto; a Bearlady estava no quarto ao lado. Gretchen não havia gostado da ideia de que Whitley se tornasse uma patrulheira na primeira vez que ouvira a prima falar a respeito, mas, quando a viu em ação, uma guerreira tão capaz quanto qualquer outro homem de verde, sentiu uma mistura de inveja e orgulho. Inveja por sua prima ter decidido se libertar do caminho tomado pela maioria das Wereladies, e orgulho por ter conseguido fazer isso.

Os aposentos da Werefox eram mais do que confortáveis. Os ajudantes da duquesa Rainier haviam preparado às pressas o melhor quarto disponível. Todos os acessórios de que uma princesa precisava estavam lá: uma penteadeira repleta de maquiagens e perfumes, uma estante de livros com os clássicos da literatura, um roupeiro com lindos e numerosos vestidos. No entanto, Gretchen não se sentia contente; a outrora egocêntrica Lady de Hedgemoor não conseguia parar de pensar nos amigos e onde estariam.

Torcia para que Hector estivesse bem. Gretchen ouvira dizer que alguns Werelords, entre eles o jovem Javali, tinham fugido de navio quando os Cães de Omir e os Gatos de Bast haviam atacado.

Quanto a Drew, só Brenn sabia onde ele estava. O coração de Gretchen disparou ao imaginar onde ele poderia estar. O príncipe Lucas tinha se transformado em um monstro, uma sombra pálida do jovem a quem ela fora prometida como noiva desde criança. Houve um tempo em que o admirava, mas, depois da maneira como ele a havia tratado e a toda a Lyssia, Gretchen passara a detestá-lo. Com Drew, aprendera sobre os outros reinos do continente e as dificuldades enfrentadas por seu povo. Gretchen se lembrou do primeiro encontro com ele, dos olhos cinzentos espreitando-a sob os cabelos pretos desalinhados, imundos devido ao tempo de viagem, precisando desesperadamente de um bom banho. Sua falta de etiqueta, o desconforto dele na presença dos nobres — tudo isso passou pela mente dela, fazendo-a sorrir. Pelo menos até se lembrar de como *ela* era: uma princesinha mimada que achava saber tudo. Não podia estar mais errada.

— Um cobre pelos seus pensamentos.

Gretchen levantou a cabeça, assustando-se ao ver Whitley na varanda ao lado, bem perto da sua, encostada sobre o gradil de carvalho. Gretchen enrubesceu.

— Não estou conseguindo dormir. E você?

— Ouvi você andando de um lado para o outro — respondeu Whitley com um sorriso. — Para uma mocinha tão delicada, você tem os pés bem pesados.

— Desculpe. Estou tendo problemas para... me *adaptar*, agora que temos um teto sobre nossa cabeça.

— Sei como é. Toda vez que volto de uma patrulha, sinto que...  
— Whitley se interrompeu, empertigando-se e olhando para as muralhas de Brackenholme por cima dos ombros de Gretchen.

— Algum problema? — perguntou a Foxlady, direcionando o olhar para a Dyrewood.

— As luzes — comentou Whitley, a expressão preocupada.

— Luzes? Não estou vendo nada.

— O problema é justamente esse. Os guardas que ficam na copa das árvores deixam as tochas acesas à noite, para mostrar aos Sentinelas da Cidade que está tudo bem. — Whitley estendeu a mão, apanhando seu cajado, que estava apoiado no gradil. — As tochas estão apagadas. Todas elas.

Os cascos de Tempestade pisoteavam a água das poças da estrada Dympling. Trent Ferran foi um dos primeiros a presenciar o apagamento das tochas. Através da mata fechada, as chamas que orientavam sua jornada se extinguíram. Tinha visto várias delas no caminho, a intervalos regulares, no alto de várias árvores. Quando a primeira se apagou, ele não deu muita importância. No entanto, uma a uma, todas foram sendo apagadas, e a essa ação se seguiam os gritos desesperados dos homens.

Quando vultos começaram a surgir por entre as árvores, o medo tomou conta do cavaleiro e de sua montaria. Era como se de repente a floresta houvesse ganhado vida, com membros e lanças surgindo na escuridão e cabeças sorrateiras aparecendo, enquanto os Wyldermen atacavam em silêncio em meio às samambaias e à lama. Quando viram o cavaleiro solitário, alguns Wyldermen se afastaram do grupo principal para interceptá-lo.

— Iá! — gritou Trent, esporeando Tempestade ao se ver cercado pelos Wyldermen. Um dos selvagens pulou na frente da montaria, a pele coberta de lama e adornada com símbolos pintados em azul. Ele brandiu o machado ao ver a égua avançar em sua direção, mas deteve o movimento ao ser pisoteado pelos cascos de Tempestade, que quebraram suas costelas com um estalo perfeitamente audível. Cavaleiro e montaria conseguiram escapar,

prossequindo em alta velocidade pela estrada Dymling e saindo da profusão de árvores.

A campina a que chegaram a seguir devia ser um lugar admirável em um dia ensolarado de primavera — hectares e mais hectares de vegetação rasteira em contraste com o limiar da mata. Em uma noite gelada de inverno, porém, com milhares de selvagens perseguindo-o, era um cenário de pesadelo. O silêncio foi quebrado pelos gritos dos Wyldermen, uivos e guinchos que imitavam os animais da floresta e prosseguiram em seu encalço a caminho de Brackenholme. Traziam consigo armas artesanais — lanças, machados, tacapes, adagas, arcos e zarabatanas —, que nem por isso deixavam de ser letais. Alguns usavam cocares de pena na cabeça e colares com crânios e ossos sacudindo em torno do pescoço.

As muralhas da cidade ficavam cada vez mais próximas à medida que Trent se distanciava dos selvagens. Os portões estavam fechados, barrando sua entrada, e com um medo crescente notou que estava preso naquela campina, acossado pela horda de Wyldermen.

— O portão! — ele gritou, cavalgando Tempestade pela estrada Dymling, desaparecendo nas sombras sob a torre da guarita. A égua começou a deslizar pelo barro, cravando fundo os cascos no terreno enlameado quando Trent puxou as rédeas. Ele conduziu Tempestade de um lado para o outro dos portões, esmurrando a madeira com a mão fechada. — Pelo amor de Brenn! — gritou, olhando para a campina, por onde os Wyldermen se aproximavam. — *Abram o portão!*

Em resposta aos gritos, o pesado mecanismo de abertura foi acionado. O que quer que mantivesse os portões fechados foi desarmado, e ele ouviu um barulho de madeira contra madeira quando a estrutura começou a se abrir para fora. Trent sacudiu as rédeas de Tempestade, que relinchou, inquieta, ao sair da frente do enorme portão. Quando a passagem se tornou ampla o suficiente para que o animal pudesse entrar, ele impulsionou a égua para a frente.

— Fechem os portões! — ele gritou para o guarda na torre. — Já entrei!

Olhou para trás e viu horrorizado que os portões continuavam em seu movimento lento e mecânico, escancarando-se cada vez mais.

Foi só nesse momento que viu os dois Capas-Verdes caídos aos pés de uma das torres, ocultos sob ela. Um instante depois, a primeira leva de Wyldermen atravessou os portões abertos, e a sangrenta batalha de Brackenholme começou.



### 3

## O filho faminto

A Fera de Bast estava acomodada em sua cadeira, sussurrando ao ouvido de Lord Flint enquanto Hector trabalhava diante dele. O corpo do patrulheiro sturmiano encontrava-se deitado no chão congelado da barraca, as pernas abertas, depois que tapetes e móveis foram afastados para facilitar a ação do jovem Boarlord. As velas eram a única fonte de iluminação na enorme barraca, em especial a do grande bastão de cera negra que Hector segurava com a mão direita. Um círculo de enxofre cercava o cadáver, e símbolos arcanos haviam sido desenhados com o pó amarelo. Hector sabia que era preciso impressionar Onyx, mas a Pantera não prestava muita atenção ao jovem magíster enquanto ele executava seus rituais.

“Está vendo que ele está conversando enquanto você trabalha, irmão?”, murmurou Vincent. “Está zombando de você.”

Não havia como negar: ao conversar com o Crowlord enquanto Hector realizava sua necromancia, o Werepanther demonstrava uma tremenda dose de desrespeito. Flint só fazia piorar a atmosfera de desconforto, dando risadinhas enquanto o bastian falava, talvez na torcida para que o magíster cometesse um erro.

Hector tentou não se distrair; continuou murmurando seus encantamentos sem parar, canalizando a magia negra que traria as respostas que procurava. Sem dúvida, Onyx tentava perturbá-lo e inferiorizá-lo, fazendo-o se sentir na obrigação de impressionar. Se a falta de interesse do Catlord era fingida ou genuína, não fazia diferença para o Boarlord. A atenção da Fera de Bast seria capturada em pouquíssimo tempo.

Hector virou a vela preta acesa, permitindo que o líquido escuro escorresse sobre a palma de sua mão maculada. O cheiro de carne chamuscada subiu-lhe pelas narinas e ele fechou a mão, fazendo com que a cera escorresse para o chão frio. Ele parou de falar de repente, golpeando o piso três vezes com o punho cerrado. A barraca toda foi sacudida, e um sopro de vento se infiltrou no ambiente, apagando as velas instantaneamente, com exceção daquela que Hector ainda segurava entre os dedos.

Onyx e Flint ficaram em silêncio, e o Pantherlord se ajeitou no assento, virando o pescoço para observar os movimentos do magíster agachado a seus pés. O Crowlord estalou os lábios, mas sua boca ficou imóvel quando seu olhar seguiu o de Onyx em direção à chama tremulante na mão de Hector.

— Levante-se, criatura, e responda aos comandos de seu mestre! — ordenou Hector, permitindo que uma risadinha escapasse de sua garganta. “Vejo que isso atraiu o interesse deles!”

Aos poucos, o homem de Sturmland começou a se mexer. O movimento começou nos pés do patrulheiro: as pontas de suas botas se agitaram, e o tremor logo se espalhou pelo restante do corpo. Os dedos se contorceram, marcando a cadência irregular com que os membros sofriam espasmos. Lentamente o cadáver sentou, como se tivesse sido puxado por cordas invisíveis. A vela preta de Hector iluminou o rosto pálido do homem, cujas bochechas estavam murchas após ter sangrado até a morte. O morto abriu os olhos repentinamente, assustando até mesmo Hector, que viu o já conhecido brilho azulado cintilando lá dentro.

Atrás de si, Hector ouviu as manifestações de espanto de Onyx e Flint, e o desinteresse afetado de ambos se foi com a mesma rapidez das chamas que iluminavam a barraca. A atenção deles se

voltou inteiramente para o magíster, que nesse momento se levantava do chão. Ele abriu e ergueu a mão enegrecida coberta de cera.

— Levante-se! — repetiu Hector. Mais uma vez, o cadáver se moveu sob o comando do magíster, equilibrando-se sobre pés vacilantes como os de um novilho recém-nascido.

O morto de Sturmland virou a cabeça de um lado para outro, os movimentos descoordenados e pouco naturais. Seus olhos azuis se estreitaram por um instante quando viram Vincent, e ele sibilou como um gato diante de um cão. Por fim, o olhar se voltou para Hector. A boca se escancarou, revelando a língua e os dentes cobertos por um sangue escuro que escorreu queixo abaixo e depois gotejou na armadura e no manto manchados.

— Onde... eu... estou? — murmurou o cadáver com uma voz áspera, expulsando as palavras pela garganta perfurada.

Hector examinou o soldado de Sturmland por um momento: era jovem, não muito mais velho que o Boarlord. O filho de alguém — talvez até o marido — que tinha a vida toda pela frente antes de ser atingido no pescoço pela flecha de um escaramuçador. A guerra era um jogo sujo, e ele encarava aquela alma de forma absolutamente neutra, apesar de o patrulheiro estar do lado inimigo. A comunhão podia ser, por vezes, uma atividade agradável para o magíster. Havia almas que mereceriam uma atenção especial, a de pessoas que haviam prejudicado Hector em vida, como Vankaskan ou Vega, mas aquele nortista não era uma delas. Ele faria as perguntas necessárias para o corpo dilacerado e mandaria o pobre espírito de volta ao lugar de onde viera.

— Não precisa ter medo — disse Hector, abrindo um sorriso. — Você não está em perigo. Só preciso perguntar algumas coisas. Depois disso, pode voltar para o sono eterno.

— O sono... eterno? — perguntou o cadáver, arregalando os olhos azuis em chamas.

— Isso mesmo — respondeu o magíster com um suspiro, dando de ombros. O queixo do cadáver estremeceu, e os lábios se curvaram como se ele fosse chorar. Hector se virou para Onyx, e

seu olhar de compaixão foi substituído por uma expressão fria e confiante. — Quer perguntar alguma coisa, milorde?

Onyx deu um passo à frente, com Flint logo atrás. A Pantera abaixou um pouco a cabeça para analisar de perto o cadáver, que o encarou em resposta, curvando o ombro e imitando seus movimentos como se estivesse dentro de um espelho.

— Fascinante — comentou o Catlord, mantendo a voz profunda perturbadoramente baixa.

Hector observou os três por um momento, os Werelords e o espírito, tentando disfarçar seu orgulho. Sob a luz bruxuleante da chama, viu a camada de suor que cobria a testa de Flint. O Corvo não conseguia tirar os olhos do grotesco patrulheiro renascido.

“Eles não vão duvidar de você nunca mais, irmão”, riu-se o vil.

— O que quer que eu pergunte a ele? — Hector cochichou no ouvido de Onyx.

O Werepanther saiu do transe, recobrou a compostura e falou com o magíster sem tirar os olhos do cadáver:

— Quantos estavam com ele?

Hector se virou para o soldado e refez a pergunta:

— Quantos mais o acompanhavam em sua patrulha?

O morto estalou os lábios e se voltou outra vez para o magíster.

— Mais três patrulheiros. Escondidos. Voltaram ao acampamento. Para informar o duque Henrik.

Onyx rosnou, e o grunhido se elevou ainda mais quando arreganhou os dentes. Hector notou que as presas do Catlord estavam mais alongadas que antes, roçando umas nas outras na boca expandida e ainda mais ameaçadora.

— Isso significa que o Urso Branco vai ter uma ideia aproximada do nosso contingente — comentou Flint.

— Pensa que eu não sei disso, Corvo? — rebateu a Pantera, virando-se para o aviatropo de cabelos negros.

— Mais alguma pergunta, milorde? — questionou Hector.

— Na verdade, tenho, sim, magíster — respondeu o Catlord, e começou a dirigir o interrogatório do jovem Javali.

As primeiras perguntas trataram dos números e da constituição do exército sturmiano, do local exato nas Whitepeaks onde

estavam posicionados e do que estaria à espera das forças de Bast quando avançassem pelas montanhas. O cadáver contou tudo o que ficara sabendo em vida, fornecendo números precisos e revelando as fraquezas do exército do duque Henrik. Não havia nada que pudesse ser explorado, apenas alguns pontos menos guarnecidos nas montanhas, pois o Urso Branco era bastante cauteloso. A única informação mais promissora era a notícia de que Henrik havia tirado praticamente todo o seu exército de Icegarden e espalhado os homens pelas Whitepeaks. Apenas uma força residual permanecia na cidade, e o lado norte da capital sturmiana tinha sido deixado sem defesas. Era a peça que faltava no quebra-cabeça de Hector, a confirmação de que seu plano era o mais acertado e que os demais deveriam segui-lo.

— Estão vendo? — disse Hector, os olhos arregalados de cobiça. — É perfeito! Sem ninguém para defender a cidade, eles não vão conseguir me deter quando eu entrar. A cidade está sem vigilância. Está escancarada para mim!

— Escancarada para *nós*, Lord Mão Negra — corrigiu Flint, arqueando uma das sobrancelhas ao notar a empolgação do Boarlord. Onyx ignorou os outros dois Werelords e manteve a atenção voltada para o cadáver oscilante no meio do círculo de enxofre com uma expressão de espanto.

— Obviamente, milorde — concordou Hector, acenando com a mão necrosada como quem pede desculpas. — Foi um jeito de dizer, só isso. Icegarden será *nossa* quando eu atravessar suas muralhas.

— E como você pretende fazer as muralhas ruírem quando estiver lá dentro? Eu mesmo poderia entrar lá voando e fazer isso se fosse tão simples. Ainda existe uma força instalada na cidade, uma guarnição com um bom número de soldados. Além disso, de acordo com nosso amigo aqui, há uma milícia. Sua Guarda Javalina tem quantos homens? Oito? Não é exatamente um exército, não é mesmo?

— Francamente, Lord Flint — rebateu Hector com um sorriso. — Pode deixar que da Guarda Javalina cuido eu. Você está

subestimando a habilidade e o número dos meus homens... Por sua conta e risco.

O Crowlord soltou um risinho de deboche e estava prestes a retrucar quando Onyx o interrompeu.

— Essa criatura sente dor? — perguntou o Werepanther, estreitando os olhos ao observar melhor o cadáver.

Hector foi pego de surpresa com o questionamento.

— Ele tem capacidade de sentir dor em um sentido etéreo, milorde, mas sua manifestação física é apenas uma carcaça. Seu corpo é imune à dor como a conhecemos.

— Então ele é inofensivo?

— Longe disso, milorde. Os mortos-vivos são todos muito perigosos. Mas, nessas condições, dentro de um círculo de enxofre, a comunhão com os Filhos da Chama Azul não oferece nenhum risco ao magíster.

Hector estalou os lábios, pressentindo o rumo que a conversa estava tomando. Os pensamentos se voltaram para Wyrwood muito tempo antes, quando ele e Drew encararam o Xamã morto dos Wyldermen e a comunhão dera muito, muito errado. Sentiu a bile subir pela garganta só de lembrar.

— Já temos as respostas que esse aí poderia nos dar, milorde — continuou o magíster, incomodado com o fascínio do Catlord pelo cadáver. Os sentimentos de Hector pelo homem de Sturmland não haviam mudado: tratava-se de um simples soldado, capturado em meio a um conflito gravíssimo. No esquema geral das coisas, ele nada representava. Era apenas um peão no jogo de xadrez dos Werelords, um inocente sem maior importância, como tantos outros humanos. Hector não sentia nenhum prazer em controlar uma criatura tão simplória.

— Já enfrentei muitas feras ao longo dos anos, Mão Negra — afirmou o Werepanther. — Mas nada tão pouco natural como esses tais *filhos*, como você os chama.

— Talvez já seja o momento de mandá-lo de volta. O enxofre e os símbolos de proteção são o que mantém... o *apetite* dele sob controle.

— E se o círculo for rompido? — perguntou Onyx, compreendendo aonde o magíster queria chegar.

— Nesse caso, ele é libertado — disse Hector, a voz quase entalada na garganta.

— E isso é tão ruim assim? — questionou Flint, acompanhando a conversa a distância.

Hector se virou para o Corvo, dando as costas para Onyx e o cadáver de Sturmland.

— Os Filhos da Chama Azul não são muito diferentes dos humanos normais. Precisam de disciplina e controle, precisam saber seu lugar. E é nisso que eu, como magíster, posso ajudar. Sou capaz de comandá-los. Mas nem por isso eles deixam de ter vontade própria. E também precisam se alimentar.

O Boarlord se virou justamente no momento em que Onyx desfazia o círculo de enxofre com seu coturno, lançando uma névoa amarelada no ar. No mesmo instante, o morto deu um salto para a frente, e sua expressão de obediência servil se alterou, mostrando raiva irracional. Seus olhos brilhavam com intensidade renovada.

— Não! — gritou Hector, enquanto Flint cambaleava para trás, fugindo do avanço do cadáver. O Boarlord ergueu a mão enegrecida para obrigar a criatura a recuar antes que atacasse Onyx, mas o Catlord foi mais rápido.

O Werepanther já estava em movimento antes mesmo que Hector *pensasse* em dar uma ordem ao cadáver e se transformou em um piscar de olhos. A vela do magíster iluminou o gigante escuro diante dele, e a visão do felinotrope transformado fez o bastão de cera preta tremer em sua mão. Onyx pegou o morto pela mandíbula e o suspendeu no ar, fazendo o patrulheiro sacudir debilmente as pernas em uma tentativa de chutá-lo. A mão do Catlord envolvia o crânio do cadáver tal qual uma mão humana seguraria uma taça. As mãos do espectro arranhavam a pele do braço reluzente e musculoso de Onyx, que refletia em tons arroxeados a chama da vela, enquanto o cadáver tentava morder sua carne.

Hector não era o único a se sentir incomodado com aquela cena: até mesmo Vincent ficou horrorizado com a atitude do Werepanther. Ele sentiu o vil se enrodilhar em sua garganta, agarrando-se a sua pele suada, como se pedisse que Hector o protegesse da Fera de Bast. “Talvez ele esteja com medo de ter o mesmo destino”, pensou Hector, observando Onyx com admiração, e também com preocupação, enquanto o monstruoso Catlord aproximava o cadáver murmurante do gigantesco rosto felino.

“Eis aí um transmorfo que *não* tem medo dos mortos; que considera um espectro uma coisa fascinante, e não assustadora. O que ele faria com um vil, se pudesse pôr as mãos em um?”

Já um tanto impaciente, o Werepanther ergueu o morto, deixando-o próximo ao teto da barraca. Onyx sacudiu o corpo inquieto, que tentava atingi-lo o tempo todo com as mãos e os pés, e soltou um rugido de gelar a espinha. Hector deu um passo para trás, esbarrando em Flint. O Catlord fechou ainda mais a mão poderosa. Um estalo assustador ressoou pelo recinto uma fração de segundo antes de o corpo sem cabeça desabar no chão, cessando seus movimentos de uma vez por todas.

Hector se virou para o outro lado, e Flint desapareceu pela porta de lona da barraca. Ele ouviu o Werekrow gritar o nome do capitão Stephan, comandante dos escaramuçadores, que estava louco para entrar em ação. “O imbecil nem imagina o objetivo dessa missão.” Hector enfiou frascos, garrafas e demais pertences na maleta sem o cuidado habitual, sentindo-se ofegante, o coração disparado dentro do peito. Então olhou para trás.

Lord Onyx, a Fera de Bast, aproximou-se da chama da vela de Hector. O jovem magíster segurava o bastão de cera da comunhão com as duas mãos, agarrando-o com força para tentar se controlar diante do terrível felinotrope.

— Você já tem as informações de que precisa, Mão Negra. Já tem sua isca, sua Guarda Javalina e seu plano. Então me diga... — o Werepanther se inclinou para a frente, agachando-se até que seu rosto estivesse alinhado com o do Boarlord — ...por que ainda está aqui?



## 4

### Fim do jogo

A lua ameaçava surgir por entre as nuvens carregadas, mas a chuva e as flechas continuavam a cair sobre Stormdale. Provavelmente o marechal Vorjavik havia pensado que o povo dos Cervos se renderia quando as muralhas fossem rompidas. Com as defesas em ruínas e a cidade em chamas, qualquer outro exército com menor número de homens e um grande contingente de feridos teria procurado o inimigo com um pedido de clemência. Em vez disso, os homens e as mulheres da cidade do Staglord continuaram resistindo.

Quando Vorjavik e Scree, seu general Crowlord, dirigiram as tropas para as muralhas à procura de alguma fraqueza, foram recebidos com saraivadas de flechas, sendo forçados a recuar, aliviando assim o cerco à fortaleza. Os sobreviventes não eram tolos; sabiam que o Ratlord não teria piedade. Não haveria nenhum termo de rendição que Vorjavik aceitasse considerar — não depois da carnificina que promovera em Highwater. Mas Stormdale não se ajoelhará diante de ninguém: seu povo lutaria até o fim.

Os Werelords sob cerco mantiveram seus postos nas muralhas internas, lado a lado com seu povo. Reinhardt e os quatro Staglords remanescentes das Barebones mantiveram-se em atividade, incentivando os defensores a ficar firmes e dar tudo de si. Nenhum dos Cervos arredou pé de onde estava, colocando a segurança dos habitantes da cidade acima da própria. No interior das muralhas, crianças corriam pelo pátio, apanhando as flechas inimigas que ainda permaneciam intactas e entregando-as aos defensores, fossem elas de prata ou de aço.

Os irmãos de Lord Scree subiram ao céu, em meio à fumaça e às nuvens tempestuosas, sobrevoando o castelo. Havia arqueiros dos Mantos-Cinzas posicionados em cada torreão, vigiando o céu, orientados unicamente a tentar acertar os Wrecrows que atacavam de cima. Rufus Rubro, o Hawklord, decolou para persegui-los e atrair a atenção deles, mas não podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Quando os Crawlords se aproximavam demais, tinham suas asas alvejadas, mas não sem antes espalhar a morte e o caos entre os defensores. Pedras e frascos incendiários de óleo eram lançados indiscriminadamente, quebrando e lançando fogo ao que quer que tocassem.

Drew encontrava-se no alto da Torre da Lady, bem acima do castelo, observando os defensores nas muralhas. O magíster Siegfried estava a seu lado, apoiado em seu cajado, desgastado pela preocupação e pelo desespero. Além da muralha do castelo, a água do fosso brilhava, a superfície agitada por pedras, projéteis e corpos que desabavam sobre ela.

— Milorde, os escombros junto aos portões da cidade foram removidos; veja! — alertou Siegfried.

Drew seguiu com os olhos o dedo esquelético do magíster, que apontava para a avenida principal de Stormdale. As paredes demolidas da guarita que Drew havia tentado proteger na noite anterior até então bloqueavam a passagem das máquinas de guerra de Vorjavik, mas o entulho fora retirado, e Drew sentiu o coração se apertar ao ver as catapultas inimigas entrarem na cidade.

— Espero que Reinhardt esteja vendo isso — comentou Drew.  
— Essas armas pesadas dizimaram as defesas nas muralhas da

cidade. Que chance o castelo terá diante delas? A visão das catapultas invadindo a cidade pode abalar a determinação das pessoas; o moral do povo já está fragilizado. Ele precisa fazer um discurso inspirador!

— Lord Reinhardt é capaz de inspirar até o mais covarde dos homens, mas não de fazer milagres. Nosso povo lutou bravamente, mesmo vendo seus entes queridos tombarem a seu lado — respondeu o magíster, desolado. — O que temos aqui são fazendeiros, padeiros e feirantes. Velhos quase cegos acompanhados de mulheres apavoradas. Não são guerreiros.

Drew sabia como eles se sentiam. Podia ser um transmorfo, e dos mais poderosos, mas o menino que havia dentro de si estava tão exausto e assustado quanto qualquer um no castelo. “Isso tudo é culpa *minha*? Essa maldita guerra, as mortes e a destruição que tomaram conta da Lyssia?” Imaginou o que seu pai e sua mãe de criação, Mack e Tilly Ferran, fariam em uma situação como aquela, diante de uma derrota quase certa. Tentou ouvir seu coração em busca de resposta, porém só o que conseguiu escutar foram os ruídos da batalha.

— Milorde — falou Siegfried, virando-se para Drew —, acho que estamos nos aproximando do fim do jogo.

Drew balançou a cabeça em um gesto afirmativo, desperto de seus pensamentos pelas palavras do velho magíster.

— Os guardas — disse Drew. — Mande-os buscar Croke. Levem-no para mim na muralha.

Quando Drew chegou à muralha, a primeira catapulta já estava posicionada, lançando suas rochas contra o velho castelo de Stormdale. Os gritos das pessoas escondidas na torre de menagem, frágeis ou jovens demais para lutar, eram audíveis. Os defensores tentavam em vão deter o avanço das tropas dos trabucos, mas escudos gigantes protegiam os artilheiros de Riven enquanto carregavam os projéteis mortais.

Todas as posições defensivas nas muralhas estavam sob ataque, pois o exército de Vorjavik já tinha se espalhado em torno do fosso.

Os artilheiros não perderam tempo depois que o caminho das máquinas de guerra foi liberado. As torres de cerco foram desmontadas e transformadas em plataformas para atravessar o fosso e chegar às muralhas. Quando posicionadas à beira d'água, os homens de Riven as suspendiam com a ajuda de cordas, deixando-as em posição vertical. Os mais fortes entre os Mantos-Cinzas se puseram à espera do inimigo, envergando armaduras completas de metal. Por fim os artilheiros cortaram as cordas, e as plataformas se transformaram em passarelas que levavam às muralhas. Os guerreiros de Riven avançaram em massa sobre as estruturas de madeira, seguidos de perto pela tropa de elite dos vermirianos.

Quando as duas forças se encontraram, Drew viu o magíster Siegfried e quatro Mantos-Cinzas atravessando o pátio, trazendo consigo o Lord de Riven amarrado. Reinhardt apareceu, arrastando o Corvo pelos degraus até a guarita onde estava Drew. O jovem Wolflord observou toda a extensão da muralha, sentindo o estômago revirar ao notar que os inimigos, em número maior, acuavam os defensores. Muitos caíam no fosso, empurrados das plataformas pelos próprios companheiros ou atingidos por uma flecha certa, mas cada um que tombava era logo substituído por outro. Os Staglords se juntaram à refrega em todos os pontos em que os homens do Corvo haviam conseguido escalar a muralha, mas não havia como detê-los; as chances eram mínimas. Os Mantos-Cinzas estavam sendo derrotados.

“Chegou a hora de tentar a sorte.”

— Eu estou com ele! — gritou Reinhardt, aproximando-se às pressas de Drew, apesar da perna machucada, empurrando o Crowlord amordaçado. Os olhos cheios de ódio de Croke se cravaram em Drew. O jovem Lobo o segurou pelo ombro e agradeceu ao Cervo com um aceno de cabeça.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — questionou Reinhardt.

— E temos outra escolha?

Dito isso, Drew ficou de pé sobre a borda de pedra da muralha, segurando o Lord Croke de Riven pelo pescoço com o braço esquerdo, enquanto empunhava a Moonbrand com a mão direita.

— Vorjavik! — rugiu Drew para a coalizão de Riven e Vermire.  
— Tenho uma coisa aqui que você vai querer ver.

Os arqueiros de Vermire se juntaram ao redor do fosso, a cabeça coberta pelo capuz do manto negro, os arcos com flechas de prata apontados para o Wolflord. Drew encostou a espada branca encantada no peito do Corvo e a pressionou. Ouviu os rosnados de Croke, que tentava se livrar da mordança. Drew aproximou os lábios do ouvido do Corvo.

— Nem *pense* em se transformar, milorde — sussurrou em tom de ameaça, na expectativa de que o Corvo acreditasse. — Seria um prazer para mim enfiar a Moonbrand entre suas costelas macilentas.

A batalha cessou de repente. Os homens de Riven pararam de avançar sobre os Mantos-Cinzas ao ver que seu senhor estava sob o poder do Lobo. Lord Croke fora deixado em seu lar na montanha, pois a idade e a saúde frágil não o tornavam apto para uma longa viagem. Ainda assim lá estava ele, à mercê do Wolflord. Os soldados vermirianos às costas deles, no entanto, continuaram avançando, dispostos a prosseguir com o ataque, sem se importar com o refém. Brigas e discussões explodiram ao longo da muralha, e Ratos e Corvos passaram a trocar socos e se empurrar das passarelas.

“Ótimo”, pensou Drew. “Que eles se voltem uns contra os outros.”

— Parem! — gritou uma voz no meio da força inimiga, colocando um fim imediato aos conflitos.

A figura de Vorjavik surgiu em meio à sua guarda pessoal, trajando um manto de pele de urso. Enquanto Vankaskan era um homem doentio e o físico de Vanmorten não era nada imponente, o marechal Vorjavik era o modelo perfeito de um guerreiro transmorfo. Dentro de sua armadura caberiam dois homens, embora o corpo robusto preenchesse todo o espaço sob a peça metálica em torno do peito. Uma machadinha estava pendurada em sua cintura, incrementada com pontas afiadas de prata.

— Ora, ora, ora. Há quanto tempo, menino! — falou o Rato, aos risos. — Pensamos que você estivesse morto. Se não visse com

meus próprios olhos, não teria acreditado: o Werewolf veio em socorro dos Cervos em seus últimos dias, brandindo a espada do pai. Espere só até ficarem sabendo disso em Highcliff.

Drew se lembrou da última vez em que vira Vorjavik, quando derramara óleo de Spyr em seu irmão Wererat Vanmorten e pusera fogo em seu corpo. Os outros súditos do Rei Rato haviam assistido a tudo e estavam ansiosos para se vingar do filho de Wergar.

Os homens abriram caminho na passarela para que o Ratlord pudesse passar. Os guerreiros de elite de Vermire vieram em seu encalço, com o Crowlord Scree logo atrás, balançando a cabeça em um gesto nervoso ao bater os olhos no prisioneiro de Drew.

— Tire as mãos do meu pai, Lobo! — ordenou Scree. — Ele está velho e doente. Como *ousa* arrancá-lo de seu leito de morte?

— Parados aí! — gritou Drew, preocupado com o avanço do Ratlord e seus asseclas. — Este Corvo pode até estar à beira da morte, mas com um movimento da minha lâmina a vida dele acaba agora mesmo!

Reinhardt e Siegfried se posicionaram atrás de Drew, mas o marechal do exército do Leão continuou avançando rumo à extremidade da rampa.

— O que está fazendo, Vorjavik? — resmungou Scree, e o pânico era perceptível em sua voz. — Ele está com o meu pai!

— Não subestime o que eu sou capaz de fazer, Vorjavik! — ameaçou Drew, apertando ainda mais a lâmina contra as costelas do Crowlord. Croke tossiu, arqueando as costas retorcidas contra seu captor, sentindo os músculos cederem sob o tecido do manto. Drew não sabia por quanto tempo conseguiria segurar Croke. O furioso aviatropo ameaçava se transformar a qualquer momento, sem temer as ameaças do jovem Lobo. Todos os olhos estavam voltados para o Wolflord: os dos Corvos, dos Cervos, do Rato e dos soldados.

Mais desentendimentos começaram a se manifestar ao longo das muralhas. As diferenças entre os vermirianos e os homens de Riven foram crescendo à medida que seus senhores se desentendiam diante de seus olhos.

— Ele não está blefando, Ratlord — disse Scree, segurando Vorjavik quando o marechal ameaçou subir na muralha. Os irmãos de Scree alçaram voo, enfurecidos com a situação em que se encontrava o pai deles. De Rufus Rubro, não havia nem sinal.

O Ratlord se virou, o rosto contorcido em uma expressão de desprezo.

— Tire suas garras imundas do meu ombro, pássaro idiota! *Eu* sou o comandante das tropas. O príncipe Lucas nomeou a *mim* como marechal de seu exército, e até mesmo desse bando desordenado que você trouxe das montanhas. O que faremos a seguir é uma decisão *minha*. — Ele bateu no peito de Scree com um de seus dedos roliços. — *Ponha-se no seu lugar, Corvo.*

Scree, pálido, largou o Ratlord e acompanhou com o olhar o avanço do marechal em direção à muralha.

Com um som de tecido se rasgando, a corda que mantinha os braços do conde Croke imobilizados junto ao corpo se rompeu com a força da expansão do peito do Werecrow. Drew o segurou com força enquanto se transformava, apertando ainda mais o pescoço do Corvo. Um bico preto e imundo se projetou da boca de Croke, e ele cortou a mordança. Suas asas deformadas se abriram, passando a bater em um frenesi enquanto tentava se livrar da pressão aplicada pelo braço do Lobo.

A voz ofegante e aguda de Croke conseguiu escapar de sua garganta contraída:

— Mate-os! Mate todos eles!

Vorjavik e Scree detiveram-se sobre a muralha. A Guarda Vermiriana os cercou, aguardando as ordens do marechal.

— Mas, pai — gritou Scree —, o Lobo! Ele vai matar você!

Drew o apertou com mais força, tentando bloquear as vias aéreas de Croke, porém a voz do tirano continuou ressoando pelo ar:

— Ele não vai fazer isso! Não tem coragem!

“Ele tem razão”, pensou Drew, sentindo o cabo da espada escorregar nas mãos úmidas. “Eu não consigo fazer isso. Não vou conseguir matá-lo...”

— Tem certeza? — perguntou Scree, com um traço de nervosismo indisfarçável na voz.

— Esta conversa não está levando a lugar nenhum! — rebateu Vorjavik, impaciente. — Para começar, foi muita tolice sua ter se deixado capturar, Croke. Pode sacrificar sua vida se quiser, mas esse lobinho não vai me impedir de tomar Stormdale... — Ele ergueu a mão em formato de garra para o céu, começando a se transformar para dar a ordem de ataque.

O som agudo de um arco sendo acionado se fez ouvir antes que o marechal desse seu comando. Um vermiriano de manto preto e capuz lançou sua flecha do terreno enlameado diante da guarita, baixando o arco para acompanhar a trajetória do tiro pelo ar. Aqueles que não perceberam o ataque ouviram o sibilar da flecha pelo céu rumo ao alto da torre. Os guerreiros de Riven e Vermire viram o projétil de prata atingir ruidosamente seu alvo.

Lord Croke, o Wrecrow das Barebones, amoleceu no braço de Drew quando a flecha se encravou em seu coração. Por alguns instantes fez-se um silêncio ensurdecedor, e em seguida toda a cidade de Stormdale foi envolvida pelo clamor da batalha.

A luta, porém, não prosseguiu conforme os exaustos defensores de Stormdale esperavam. Drew deitou o corpo de Croke no chão, vendo os guerreiros de Riven partirem para cima da Guarda Vermiriana. Os companheiros haviam se tornado inimigos. O magíster Siegfried se virou para Drew, e não foi preciso que abrissem a boca para entender o que ambos estavam pensando.

“Ainda resta esperança.”



5

## Dentes afiadíssimos

O som de pés pisoteando a madeira reverberava pelo Salão de Brackenholme. Os Capas-Verdes corriam pelas passarelas entre os galhos do Grande Carvalho. A árvore ancestral agitava-se devido à atividade frenética de soldados e cortesãos em pânico. Whitley abriu caminho para a passagem de um destacamento rumo a uma das gaiolas que os levaria ao chão. A patrulheira segurou seu capitão ao vê-lo passar apressado.

— Aonde você vai? Não podemos deixar a duquesa Rainier desprotegida!

— Milady — disse o oficial, reconhecendo a Bearlady sob o manto verde dos Sentinelas da Floresta —, quatro de nossos melhores cavaleiros estão no salão com sua mãe, com ordens estritas de não deixar ninguém passar. Lady Gretchen está com ela, assim como o restante da corte. Com todo o respeito, eu preciso descer: a cidade foi invadida pelos Wyldermen, e precisamos de todo o contingente possível para defender nosso povo.

Ele estava certo, obviamente. O apelo de Whitley tinha motivações puramente egoístas. O Grande Carvalho era o lugar mais seguro para sua mãe e Gretchen. Enquanto o acesso à parte

superior estivesse protegido, ninguém conseguiria invadir o Salão de Brackenholme. Os habitantes da cidade corriam um perigo maior, já que a Árvore da Guarnição estava desfalcada desde a malfadada incursão de seu pai a Highcliff, meses antes. Ela liberou o homem, fazendo uma breve mesura.

— Me desculpe, capitão. Por favor, siga seu caminho.

Whitley seguiu os homens até a gaiola. A porta se fechou, e eles começaram a descer. Ela se inclinou sobre o gradil da varanda e, com o coração apertado, viu o elevador desaparecer mais abaixo. As construções de Brackenholme estavam em chamas, e figuras minúsculas corriam de um lado para o outro pelas ruas como formigas. Da altura em que estava e com tão pouca iluminação, era impossível diferenciar os invasores dos civis, já que a cena de horror se desenrolava a uma boa distância dos galhos do Grande Carvalho. Uma coisa, porém, estava clara. A cidade havia sido invadida e tomada pelos Wyldermen.

Tempestade bufou com força e baixou a cabeça. Trent a conduzia em alta velocidade pela estrada Dymling, rumo ao coração do caos e da loucura. O povo da cidade corria desordenadamente pelas ruas, aos gritos, perseguido por bandos enlouquecidos de Wyldermen. Aqui e ali, grupos de soldados enfrentavam os selvagens, os Sentinelas da Floresta lado a lado com os Capas-Verdes da cidade, mas os bolsões de resistência eram poucos e espaçados demais. O ataque fora executado com perfeição pelos invasores, surpreendendo a cidade enquanto dormia.

Uma concentração tão grande de Wyldermen era algo inédito para Trent. Como havia sido criado na Costa Gélida, ele os via de vez em quando no limiar da Dyrewood, mas os selvagens eram criaturas tribais que viviam em pequenos grupos e eram ferozes na defesa de seu território. Observando-os mais de perto, Trent conseguia ver diferenças entre os Wyldermen. As pinturas corporais em azul ou branco, os adereços de cabeça, as armas: aquele era um exército composto de várias tribos, unidas para

atacar Brackenholme. Uma Wylderman o atacou com um machado, e ele se defendeu com um chute que a fez rolar para trás.

Quando se virou para a frente de novo, Trent levou um golpe de espada no meio do peito. A sorte, porém, estava a seu lado, fora atingido pelo lado cego da lâmina; caso contrário, seu corpo poderia ter sido cortado em dois. O impacto o derrubou da sela, e ele aterrissou no solo com um baque surdo. Tempestade continuou correndo em meio à fumaça e sumiu do campo de visão do cavaleiro. Trent se virou um instante antes de a espada se chocar contra a superfície no local exato onde ele estava, escapando do alcance do Manto-Verde que o atacava.

— O que você está fazendo? Estamos do mesmo lado! — gritou Trent.

— Você é da Guarda Leonina! Está com eles! — rebateu o soldado, avançando outra vez contra ele com um golpe rente ao solo. Trent ergueu a Wolfshead e deteve a lâmina inimiga antes que o acertasse na barriga.

“O manto rubro! Como você é burro, Trent!” Com a bainha afundada na lama sob o corpo, o tecido vermelho era como um alvo que imediatamente o tornava um inimigo. Ele precisara da proteção do manto para se proteger do frio do inverno quando fugira do acampamento de Lord Frost, mas havia sido um tremendo erro não se livrar dele ao entrar em Brackenholme. Trent só esperava que aquilo não acabasse custando sua vida.

— Eu não sou da Guarda Leonina! — rebateu Trent, esquivando-se de mais um golpe.

— Então tem um péssimo gosto para roupas! — respondeu o homem, erguendo a espada para atacar.

Trent arremessou a Wolfshead, que saiu voando em alta velocidade de sua mão. Os olhos do Manto-Verde se arregalaram ao vê-la em sua direção, com a ponta virada para si, porém a lâmina passou direto, sem acertá-lo.

— Errou! — provocou o soldado.

— Não errei, não! — garantiu Trent.

O som de um corpo desabando no chão logo atrás fez o Manto-Verde olhar por cima do ombro. Havia um Wylderman caído na

lama, um machado na mão e a Wolfshead cravada em seu peito como uma lança.

O soldado observou o detalhe da cabeça do Lobo entalhada no cabo e se voltou de novo para Trent.

— Manto-Rubro ou não, sou grato a você. — Ele estendeu uma das mãos e ajudou o batedor a se levantar. Trent olhou ao redor à procura de Tempestade, soltando um assobio agudo, chamando sua montaria.

— O seu cavalo? A essa altura já deve estar longe — comentou o homem enquanto Trent tirava a espada do cadáver. A julgar pela insígnia na armadura de couro do Manto-Verde, tratava-se de um capitão.

— Seus portões foram abertos por dentro — disse Trent, ofegante. — Existe um traidor na cidade.

O Manto-Verde balançou a cabeça, desolado, absorvendo o golpe.

— Venha — ele falou. — Precisamos nos reagrupar. As ruas não são seguras: nossa única esperança é conduzir os sobreviventes às Grandes Árvores.

— Grandes Árvores? — perguntou Trent, correndo pela estrada Dymling em meio ao fogo e à fumaça.

— Então nunca esteve em Brackenholme? — perguntou o capitão ao se aproximarem de uma dúzia de defensores da cidade, que aparentemente tinham passado por poucas e boas, ao lado de uma enorme fonte. Havia alguns romaris por ali, entre eles um grandalhão careca com um odre de rolha pendurado no pescoço, um machado em uma das mãos e uma tocha na outra. A seu lado estava um velho magricela, empunhando um florete manchado de sangue. Os homens saudaram o acompanhante de Trent, mas encararam com desconfiança o batedor dos Mantos-Rubros.

— Em que pé estamos? — perguntou o capitão.

— Conseguimos levar o maior número possível de civis para os Carvalhos, capitão Harker. Muita gente fugiu direto para a Árvore da Guarnição, e o Carvalho Preto abrigou algumas centenas de pessoas. Outros foram para o Carvalho Branco, onde os clérigos e os curandeiros estão cuidando dos feridos. Em todo caso, os portões

foram trancados e não serão abertos sob nenhuma circunstância. Os outros dois Carvalhos também estão cheios de sobreviventes. Por fim, temos o Grande Carvalho, onde Lady Gretchen e Lady Whitley estão com a duquesa Rainier.

— Gretchen e Whitley — repetiu Trent, atraindo mais olhares dos Mantos-Verdes por se referir a elas de maneira tão informal. — Fui mandado para cá a fim de alertá-las. Elas estavam viajando na companhia de Baba Korga, ou melhor, de uma mulher que elas *acreditam* ser Baba Korga.

O romari com o florete entrou na conversa.

— Como assim, *acreditam* ser? Baba Korga está no Salão de Brackenholme, como hóspede da duquesa.

— Eu conheci o Conselho das mulheres sábias, senhor. Korga está morta; foi assassinada algum tempo atrás pelos Wyldermen. — Ele se virou para Harker. — Quem quer que tenha acompanhado as Wereladies... não era uma das Babas.

Harker olhou para o velho magricela, e os dois trocaram olhares preocupados.

— Não quero que ninguém encoste nesse homem! — ordenou o capitão, apontando para Trent com o queixo. — Ele é um dos nossos. Pelo menos por ora — acrescentou com expressão severa.

Harker partiu apressado por uma outra via que saía da estrada Dympling e conduzia ao Grande Carvalho. Trent foi em seu encalço, sentindo o coração disparar dentro do peito ao se juntar aos antigos inimigos.

Quando chegaram ao Grande Carvalho, a árvore estava em pé de guerra. Uma guarnição valente de Capas-Verdes e Mantos-Verdes defendia sua posição, tentando desesperadamente proteger os elevadores que levavam os passageiros ao Salão de Brackenholme. Uma multidão de Wyldermen com o corpo coberto de lama os atacava com lanças, machados e facas, acoçando os homens do reino da floresta.

Harker tomou a frente, cravando a espada nas costas dos Wyldermen e tentando abrir caminho para os elevadores. Os homens foram logo atrás, entrando em formação de ataque, organizando-se em um cinturão esmeralda em torno dos inimigos.

Logo em seguida, os Mantos-Verdes entraram em choque com os invasores, em uma luta corpo a corpo.

Trent se encheu de coragem quando os Mantos-Verdes avançaram, juntando-se aos companheiros com passos firmes e determinados. As fileiras inimigas foram momentaneamente rompidas, permitindo que Harker passasse. Um Manto-Verde caiu na frente de Trent, impedindo-o de continuar avançando. Ele sentiu que estava sendo puxado para longe dos defensores de Brackenholme, como se fosse arrastado por uma correnteza mortal.

O romari grandalhão que os acompanhava apareceu no espaço que Trent ocupara pouco antes, brandindo seu machado gigantesco. Trent se agachou quando ele investiu contra os Wyldermen ao redor, deixando diversas mãos e cabeças decepadas pelo caminho. O romari magricela que não saía de perto do homem do machado ajudou-o a se levantar.

— Não fique aí parado, rapaz — ele falou, puxando Trent para o meio dos dois.

Os Wyldermen vieram atrás deles, avançando pelo caminho como uma enorme serpente devorando sua presa. Trent correu atrás dos romaris, juntando-se às estreitas fileiras de Mantos-Verdes que continuavam a guardar os elevadores de bambu mais acima. Havia corpos de Mantos-Verdes e de Wyldermen caídos aos pés da árvore, transformando o terreno em uma sinistra corrida de obstáculos. O tronco da árvore tinha aproximadamente quinze metros de diâmetro e estava recoberto por uma casca repleta de lascas. Apenas trinta defensores mantinham suas posições, entre eles os sobreviventes da ofensiva liderada por Harker, enquanto centenas de selvagens faziam valer sua vantagem numérica, aproximando-se da vitória a cada golpe.

— Para a gaiola, Harker! — gritou o romari magricela, correndo com o florete em riste.

— Não vou deixar ninguém aqui embaixo, Stirga! — respondeu o capitão, mandando mais um Wylderman ao chão.

— A gaiola! — berrou Stirga, empurrando Trent para dentro do elevador. O forasteiro foi cambaleando lá para dentro, seguido por mais meia dúzia de Mantos-Verdes que se retiravam do

enfrentamento com o inimigo. Uma corneta soou no teto da gaiola, e a corda mais grossa que Trent já vira foi atada ao elevador, estendendo-se para cima até onde a vista era capaz de alcançar.

Harker se posicionou ao lado de Stirga, e os últimos Mantos-Verdes se enfiaram no elevador atrás dele. Quando não cabia mais ninguém lá dentro, eles começaram a se instalar no teto da gaiola, ajudando uns aos outros a subir com segurança. Apenas o romari com o machado e a tocha ainda enfrentava os Wyldermen, usando a pilha de corpos para conter a multidão invasora.

Enquanto Harker e Stirga escalavam o elevador, o gigante brandiu o machado contra a massa de oponentes, detendo-os por um instante. Tirou então o odre do pescoço, derramou o conteúdo sobre os corpos a seus pés, levou o líquido à boca e ergueu a tocha. Uma bola de fogo se projetou no ar, por sobre a cabeça dos Wyldermen, que recuaram, assustados. Ele prendeu o machado às costas e arremessou a tocha sobre os cadáveres, que se incendiaram com uma explosão.

Harker estendeu o braço, alcançou a corneta e soprou com toda a sua força. Aquele som reverberou dentro de Trent, e a gaiola começou a se mover imediatamente. O romari grandalhão saltou para a gaiola quando ela iniciou a subida, afastando-se das chamas e dos Wyldermen. Lanças voavam pelo ar, chocando-se contra as grades de bambu, e uma delas conseguiu até mesmo acertar um dos homens. Os dardos das zarabatanas passavam zunindo a todo instante e atingiram três passageiros, fazendo-os desabar no chão do elevador.

Um Manto-Verde despencou do teto com uma lança cravada no flanco, derrubando um dos companheiros que estava pendurado do lado de fora. Trent olhou para baixo e viu o romari agarrado com todo o vigor às barras do piso do elevador. Ajoelhou-se e enfiou a mão por entre as grades, segurando o homem pelos pulsos. Caso o gigante se soltasse, provavelmente arrancaria os braços de Trent. O cuspidor de fogo encarou o garoto, o rosto contorcido por causa do esforço, já bem longe do chão. Trent o agarrou com ainda mais força, cravando os dedos na carne do romari.

— Agente firme — falou, ofegante, com os dentes cerrados. —  
Agente firme...



## 6

### O melhor dos inimigos

Como consequência imediata da morte de Lord Croke, os soldados do Rato e do Corvo se atracaram, transformando seus ressentimentos em uma batalha violenta. De um instante para o outro, a sorte dos Staglords tinha mudado. Uma única flecha transformou o bloco inimigo em duas frentes rivais. Os Mantos-Cinzas ficaram imóveis por um momento, atônitos, antes de começarem a se aproveitar da situação. O barão Hoffman, o mais velho dos Staglords, comandou a ofensiva contra os oponentes na muralha, transformando-se a cada golpe de espada. Os poucos homens que o seguiam, cavaleiros de Stormdale e Highwater, investiam com todas as forças contra os invasores, obrigando-os a recuar pela ponte improvisada.

Mas nem todos os inimigos foram intimidados pela ofensiva. Vorjavik, Scree e uma dezena de homens da Guarda Vermiriana permaneciam nas muralhas, dirigindo-se para o local onde Croke havia sido abatido. Scree avançou contra o Ratlord, mas o marechal se virou bem a tempo de desviar da longa adaga de prata do Crowlord. O Rato deu um empurrão em Scree, arremessando-o parapeito abaixo. Ele se transformou enquanto caía e, com um

movimento súbito, livrou-se do manto. Asas negras se abriram em suas costas, e ele levantou voo para se juntar aos irmãos.

Vorjavik e seus guarda-costas estavam onde desejavam: no coração do castelo, embora não em posição tão privilegiada quanto gostariam. Quando os Werecrows empunharam seus arcos, uma chuva de flechas com ponta de prata desabou sobre as muralhas enquanto os vermirianos corriam em busca de proteção — desceram a escadaria correndo, rumo à torre de menagem. A fuga não passou despercebida.

— Por Stormdale! — gritou Reinhardt, e os chifres brotaram em sua testa enquanto descia a escada atrás dos vermirianos.

Drew direcionou o ataque dos arqueiros para o alto, enquanto os Werecrows se distraíam com os Mantos-Preto que corriam pelo pátio. Dois dos Crowlords tombaram, o corpo cravejado de flechas. As de ponta de aço não os matariam, mas os defensores posicionados no pátio não perderam tempo. Os aviatropos grassnavam e gritavam ao ser atacados por homens, mulheres e soldados, sendo feridos com picaretas, espadas, pás e bastões. Nenhuma das armas era de prata, mas os golpes incessantes e implacáveis acabaram por lhes tirar a vida.

Drew desceu a escada, juntando-se a Reinhardt e seus cavaleiros na perseguição a Vorjavik e seus homens, todos rumo à torre de menagem. O enfrentamento não demorou a acontecer. Aqueles vermirianos não eram soldados rasos comuns, como os de Riven. Eram da guarda pessoal de Vorjavik, guerreiros experientes que haviam estado a serviço de Leopold durante anos. Usando a mesma armadura preta do mestre, empunhavam espadas banhadas de prata com uma eficiência implacável. Eram inimigos que os Werelords não podiam subestimar, pois um passo em falso certamente acabaria em morte.

Com a sala do trono convertida em campo de batalha, todos os Werelords presentes no recinto se transformaram. Reinhardt, o Staglord, era o mais alto de todos, atacando os vermirianos com seus chifres longos e curvados enquanto sua espada se chocava contra a armadura dos oponentes. Vorjavik, o Wererat, era tão grande quanto o duque Bergan quando se transformava, com sua

pelagem oleosa escondida sob as chapas de metal da armadura. A cauda longa e rosada investia contra os Mantos-Cinzas sem cessar, atingindo a perna dos inimigos e dos civis que tentavam escapar da refrega. Drew não conseguia se aproximar. Toda vez que o Werewolf tentava chegar ao chefe dos oponentes, a Guarda Vermiriana o rechaçava, partindo para cima dele e forçando-o a ficar na defensiva.

Muitos dos habitantes da cidade e servos do castelo que estavam refugiados na sala do trono conseguiram escapar, encontrando outros aposentos para se esconder ou se aglomerando no corredor que os conduziria para longe da luta sangrenta. Um dos servos levava no colo uma menina bem-vestida que usava uma pequena coroa com plantas ornamentais, agarrando-a junto ao peito enquanto corria para a Torre da Lady. Drew conhecia aquela criança: era Lady Mia, a filha caçula do duque Manfred. Horrorizado, percebeu que não era o único transmorfo a observar a atividade do homem. Vorjavik se desvencilhara do combate, girando sobre os pés negros e largos para segui-los. Preocupado com a perseguição iniciada pelo Wererat, Drew passou a lutar com fúria redobrada, abrindo caminho entre os vermirianos com golpes poderosos da Moonbrand.

Drew encontrou o cadáver do servo na escadaria da torre, com um buraco profundo nas costas, provocado pela machadinha de guerra do Ratlord. O Werewolf continuou subindo, saltando os degraus, em uma tentativa desesperada de impedir que Vorjavik fizesse algum mal a Lady Mia. Ouviu o bramido do Wererat, que vinha dos aposentos superiores, acompanhado do som de móveis sendo virados e vasculhados.

— Onde está você, menina? — rosnou a fera, e sua voz ecoou pela escadaria.

Drew parou para recobrar o fôlego em uma pequena plataforma onde uma janela estreita permitia a entrada dos ruídos da batalha que se desenrolava noite adentro. Repetiu a pergunta para si próprio: “Onde está você, Mia?”. Se Vorjavik já estava no alto da torre e não a tinha encontrado, existia uma boa chance de que estivesse por ali. Havia um recuo na parede onde ficava a

janela, e Drew notou a presença de algo diferente na extremidade de pedra: uma pequena flor branca, as pétalas estremeando sob a brisa gelada que ameaçava levá-la dali a qualquer momento. Era parte do arranjo da coroa de Mia. Drew espichou a cabeça para fora, e lá estava a criança apavorada, encolhida no parapeito, a dezenas de metros do chão, as costas grudadas à parede e os dedos agarrados às rochas cinzentas. Ela se assustou ao ver a cabeça do Werewolf aparecer na janela e perdeu o equilíbrio. Drew largou a Moonbrand no chão a tempo de impedir a garota de cair. O barulho ecoou pela escadaria e por certo chamaria a atenção do Wererat mais acima.

O Lobo virou a menina apavorada para a janela, percebendo que seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ergueu um dos dedos sobre os lábios escuros e lupinos, pedindo silêncio.

— Pode sair, não adianta se esconder — disse Vorjavik, roçando ruidosamente a armadura contra a parede abaulada de pedra ao descer os degraus.

Drew sabia por que Vorjavik estava tão interessado em capturá-la: uma refém garantiria sua fuga depois do fim desastroso do cerco a Stormdale. À medida que os passos se aproximavam, Drew foi se recompondo, voltando a respirar normalmente. Deixou Mia encolhida no parapeito, agachou-se e pegou a Moonbrand. A espada reluziu por um segundo antes que Drew a escondesse sob o manto, enfiando-se no nicho ao lado da janela.

— Não vou machucar você, Staglady — sussurrou o Wererat transformado.

Quando seu pé comprido e descalço surgiu na escada, Drew sacou a Moonbrand do manto em um movimento ágil. A espada se chocou com força contra o chão, decepando a parte frontal do pé do Wererat. Vorjavik tombou para a frente, soltando um grito feroz, e lançou sua machadinha na direção da janela. A parte cega da arma atingiu o peitoral de couro da armadura de Drew, fazendo-o cambalear para trás. O Rato voltou a se levantar sobre os degraus, o pé ferido jorrando sangue em abundância.

Drew precisava pensar rápido. Embainhou a Moonbrand, pulou a janela e se posicionou no parapeito ao lado da menina.

— Suba aqui — grunhiu.

Mia subiu em suas costas, agarrando-se à pelagem espessa e cinzenta em torno do pescoço do Lobo. Com a ajuda das garras dos pés, ele começou a escalar a parede, usando a mão para se prender às saliências das pedras. O Ratlord enfiou a mão para fora da janela tentando agarrar Drew, que chacoalhou a perna para se desvencilhar dele. Drew ouviu a armadura de Vorjavik se atritando contra a janela, impedindo-o de sair atrás deles. Em seguida, escutou o som de metal contra a pedra, antes de ver o Rato aparecer no parapeito, já sem o equipamento de proteção.

A garota soltou um grito ao ver o Wererat, cravando os dedos com mais força no pescoço de Drew.

— Não olhe para ele — disse o Lobo, sem parar de escalar, usando também o cotovelo esquerdo como ponto de apoio. A subida para o alto da torre tirava-lhe todas as energias, mas ainda faltavam mais de cinco metros para chegar lá em cima. Apesar de a cada impulso ficar mais próximo do objetivo, a possibilidade de cair não deixou de assombrá-lo nem por um instante, pois sentia as pedras se soltando sob o peso do corpo lupino. Vorjavik também se aproximava; embora tivesse de lidar com o sangramento intenso do pé, não precisava carregar o peso de ninguém. Uma sombra passou diante da lua mais acima, e Drew conseguiu ver Rufus Rubro enfrentando Scree e um de seus irmãos, embolados e investindo um contra o outro com unhas e espadas.

Drew sentiu uma garra se cravando em sua perna direita e rasgando-lhe a carne quando estava quase no alto.

— Você não vai conseguir fugir de mim! — rugiu Vorjavik, a língua afiada aparecendo entre os dentes serrilhados.

De súbito, sentindo que o Rato o largara, Drew o viu tentando se livrar de um bico preto que feria seu pescoço com fúria. O destino havia intercedido em seu favor mais uma vez naquela noite. Quando avistou o Wererat, o irmão de Scree desistiu do embate contra Rufus Rubro e atacou Vorjavik. Os pés do Werekrow se cravaram nas costas do Rato, arrancando pedaços enormes de pelagem oleosa e de carne das costas do marechal.

Drew aproveitou para acelerar a escalada enquanto o Rato se ocupava do Crowlord, agarrando-lhe o bico com a mão e batendo-o com toda a força contra a parede diversas vezes, antes de soltá-lo e arremessá-lo sem vida lá para baixo.

O Lobo impulsionou o corpo por sobre a muralha do alto da torre, e Mia desceu de suas costas. O Werewolf ficou imóvel por um instante, exausto, respirando profundamente. Uma garra escura apareceu no parapeito, e logo em seguida outra, forçando Drew a entrar novamente em ação. Ele se levantou às pressas ao ver o Wererat surgir com sua pelagem negra coberta de sangue.

— Eu só quero a garota — rosou o ofegante Vorjavik enquanto Mia se escondia atrás de Drew. — Se me entregar a menina, deixo você vivo, Lobo.

— Pode esquecer — respondeu Drew. Ele sacou a Moonbrand da bainha, com sua lâmina branca e reluzente, e Vorjavik empunhou sua machadinha. Uma rápida olhada para cima revelou que a lua estava oculta por um manto pesado de nuvens, impedindo a chegada da luz à espada encantada, embora ainda assim a arma emitisse um brilho próprio.

— Você não tem como vencer esta guerra, menino.

— Talvez você tenha razão — rosou Drew. — Mas esta batalha, nós ganhamos.

Mais abaixo, os exércitos do Rato e do Corvo já haviam sido expulsos do castelo. Os agrupamentos corriam em meio às ruínas da cidade, por vezes entrechocando-se pelo caminho, enquanto os arqueiros Mantos-Cinzas na retaguarda aceleravam a retirada inimiga. Vorjavik fez uma careta e cuspiu por cima da muralha.

— Peço um exército, e eles me mandam os Corvos, essa escória inútil!

— Foi uma das suas flechas que desencadeou tudo isso, Rato. Talvez a culpa pelo seu fracasso seja dos próprios homens de Vermire. Seus senhores vão ficar... *decepcionados*, sem dúvida.

— Eu não tenho senhor nenhum! — gritou o Wererat, os olhos arregalados, dando um passo à frente com o pé semidecechado. Ele parecia abalado pela perda de sangue e pelos ferimentos nas

costas. — Eu sou Vorjavik de Vermire! O guerreiro do Rei Rato! Nunca vai existir outro Ratlord como eu!

— Vamos esperar que não mesmo — disse Drew, investindo contra ele com a Moonbrand.

A machadinha de guerra desviou a trajetória da espada, e Vorjavik se esquivou com agilidade do golpe que veio a seguir. As mandíbulas do Wererat se escancararam por sobre as armas, e o Werewolf as neutralizou com os próprios dentes. Os transmorfos trocaram mordidas no rosto, ambos arrancando nacos da carne do oponente. Vorjavik ergueu o joelho ao se esquivar de mais uma investida da espada, acertando Drew com força no meio das pernas. Drew se arqueou sobre si mesmo, e o cabo da machadinha do Rato o atingiu no queixo. O corpo pesado do Wolflord foi arremessado para trás, na direção de Mia. Ele atingiu a parte superior da amurada com um impacto de arrebentar os ossos, e a Moonbrand saiu quicando pelo topo da torre enquanto Drew se aproximava perigosamente de uma queda.

Lady Mia agarrou o Lobo com suas mãos frágeis, tentando puxá-lo de volta. O Wererat a estapeou com o dorso da mão, lançando-a para o outro lado da torre, e a cabeça dela bateu na amurada, emitindo um ruído horripilante. Drew conseguiu se segurar, agarrando-se à extremidade da muralha com a ponta dos dedos, escalando-a lentamente. O licantropo sentia a cabeça girar e o coração disparado dentro do peito enquanto tentava recobrar o fôlego. Ouviu a Moonbrand ser arrastada pelo chão, e em seguida viu Vorjavik empunhando a espada dos Wolflords. O Werewolf caiu amurada adentro, erguendo a cabeça com dificuldade para observar o Ratlord de pé ao seu lado.

— Pelo jeito, o cerco à cidade não foi um desperdício completo — riu-se Vorjavik, levantando a espada acima da cabeça. A lâmina tornou-se negra, destituída de brilho, na mão do Wererat. — Vou voltar a Highcliff levando a notícia da morte do Lobo.

Os olhos rosados de Vorjavik se arregalaram de susto, e o focinho começou a tremer, assim como os dentes e depois o corpo todo. Lentamente, a ponta de uma espada foi surgindo em seu peito, centímetro a centímetro, e o olhar foi baixando aos poucos,

até que o rato largou a Moonbrand. A cabeça do Wererat tombou, e o sangue passou a escorrer de sua boca. Quando a espada foi removida, ele saiu cambaleante em direção à beirada da torre. Reinhardt estava logo atrás, erguendo a lâmina para desferir o golpe final.

— Você vai virar pó, Ratlord, e com o seu sangue ainda fresco na minha espada.

A lâmina cruzou o ar, separando a cabeça de Vorjavik de seus ombros. O corpo decapitado do Wererat tombou sobre a amurada e desapareceu noite adentro. Reinhardt foi até sua irmã e suspendeu seu corpo desfalecido do chão, envolvendo-a nos braços. Drew não conseguiu fazer nada além de assistir à cena. Mesmo que soubesse o que dizer, não seria capaz de falar. O ar ainda não tinha voltado a seus pulmões.



7

## Enlace

A gaiola parou a nove metros da plataforma do Grande Carvalho. A corda rangeu e estalou com o peso do elevador superlotado, e a armação de bambu começou a balançar ameaçadoramente em meio aos gritos dos homens aglomerados dentro e fora dela. Os que estavam pendurados na estrutura se agarraram com força ainda maior, pois o movimento pendular ameaçava lançá-los em uma queda mortal. Trent fez uma careta, sentindo os músculos arderem por segurar o romari grandalhão, que ainda estava pendurado sob a grade do piso. Mais acima, era possível ouvir os gritos dos Capas-Verdes, que abandonavam o Salão de Brackenholme como folhas lançadas ao vento.

— O salão está sob ataque! — declarou o capitão Harker, lutando para se equilibrar no teto da gaiola.

— Como foi que eles chegaram lá em cima? — perguntou um dos Mantos-Verdes. — A única forma de subir é de elevador, e todos além deste foram recolhidos!

— A falsa Baba deve estar por trás disso — comentou Harker, no momento em que um guarda do palácio despencou lá de cima e foi tragado pela fumaça mais abaixo.

— Aguenta firme — sussurrou Trent, os dentes cerrados.

— Sinceramente, não estava pensando em desistir — respondeu o romari, as veias do pescoço largo inchadas, os olhos fechados, concentrando-se apenas em se segurar.

Trent olhou para o tronco da árvore, até onde ainda era possível vê-lo antes que desaparecesse na escuridão da noite, e detectou uma movimentação na casca grossa do Grande Carvalho. Estreitou os olhos e percebeu corpos se mexendo aqui e ali, espalhados pela estrutura da árvore: Wyldermen. Os selvagens escalavam o carvalho usando facas, machados e até as próprias mãos.

— Eles estão subindo! — gritou Trent, e o pânico que se instalou entre os Mantos-Verdes fez a gaiola balançar ainda com mais força. O velho romari com o florete se pôs de pé ao lado de Harker, agarrando a corda com as duas mãos.

— O que você está fazendo, Stirga? — perguntou o capitão ao ver o velho engolidor de espadas começar sua escalada.

— Vou fazer o elevador funcionar! — ele gritou em resposta, subindo pela corda com uma agilidade impressionante para alguém de sua idade. — Não saiam daí — completou, sarcástico, tomando a direção da plataforma de onde vinham os gritos.

A duquesa Rainier entrou na frente de Whitley, com quatro membros da Guarda Ursina a seu lado.

— Por favor, mãe, me deixe passar. Preciso ir até lá.

A duquesa não se deixaria convencer. Havia esperado tempo demais para rever a filha e não permitiria que um senso descabido de dever ocasionasse uma nova separação. Gretchen se manteve por perto, observando tudo em silêncio, sem a intenção de interferir em uma discussão de família.

— Você precisa ficar *aqui*, Whitley — disse Rainier, irritada. — Não posso permitir que saia. Eu a proíbo.

— Você não pode fazer isso comigo. Por favor, me deixe passar.

Whitley tentou contornar a mãe, mas os soldados mais leais da duquesa Rainier bloquearam seu caminho.

— Com licença, senhor — ela pediu, trocando o cajado de mão. O cavaleiro de armadura da Guarda Ursina lançou-lhe um olhar de quem pede desculpas. Quando percebeu que não conseguiria persuadi-lo, virou-se para a duquesa.

— Sua senhoria, dei minha palavra quando vesti o manto verde; quando aceitei isto aqui. — Ela bateu com a ponta de metal do cajado no chão da sala do trono. — Sou uma patrulheira dos Sentinelas da Floresta e fiz o juramento de proteger Brackenholme. — Ela apertou com força a mão da mãe. — Por favor, mãe, me dê licença. Não vou abandoná-la.

Rainier olhou fixamente para a filha, ciente de que não conseguiria convencê-la a deixar de lado seu dever. O sangue de Bergan corria nas veias dela, sem sombra de dúvida. Não sem certa relutância, a duquesa abriu caminho, acompanhada da Guarda Ursina, permitindo que a jovem transmorfa passasse.

— Tome cuidado — pediu a mãe, e então Whitley saiu pelas portas imponentes do Salão de Brackenholme.

Enquanto corria pelas plataformas e pontes que a levariam para fora da construção, Whitley prendeu o cajado às costas e pegou o arco. Nuvens cinzentas que se desprendiam da cidade em chamas obscureciam as passarelas mais acima, impedindo a visão dos elevadores. Ela diminuiu os passos ao ver os primeiros corpos na semipenumbra.

Havia três Capas-Verdes caídos na passarela, os membros retorcidos e o rosto paralisado em caretas assustadoras diante da morte. Contornou-os com passos cautelosos, sentindo seu corpo gelar de medo. Baixando o arco, continuou avançando, aproximando-se cada vez mais da plataforma do elevador, de onde vinham os gritos de terror dos guardas do palácio. Havia outro Capa-Verde caído mais adiante, a armadura perfurada por dois buracos com a largura de um punho, separados um do outro por trinta centímetros: um no peito, outro na barriga. O arco estremeceu nas mãos de Whitley.

Um vulto enorme se movia em meio à fumaça; uma forma escura, alongada e ondulante, revelando partes da coloração arroxeadada do ventre enquanto procurava por outras vítimas.

Whitley lançou uma flecha, que saiu assobiando pelo ar e se encravou inutilmente no corpo da criatura. Ela parou de se mover, e a silhueta de uma cabeça gigantesca se ergueu para observar a patrulheira. Os olhos verdes e enormes se mostraram pela primeira vez, lançando sobre Whitley um olhar de arrepiar os cabelos.

“Não pode ser”, pensou a Bearlady, reconhecendo o monstro que Drew lhe havia descrito. Virou-se e correu, saltando sobre os cadáveres, fugindo na direção do salão com a fera em seu encalço.

Whitley bateu com força nas portas de madeira maciça, e a patrulheira ainda deu uma olhada para trás antes de gritar:

— Me deixem entrar!

Ouviu as barras que bloqueavam a entrada serem removidas, e as portas se abriram. Whitley se jogou nos braços de Gretchen, que olhou para a passarela repleta de fumaça, vendo o monstro surgir.

— Que Brenn nos ajude — murmurou a Werefox, reconhecendo imediatamente a criatura diante dela. — Fechem as portas! — gritou.

A Guarda Ursina agiu depressa, posicionando as barras de ambos os lados e bloqueando a entrada. A porta estremeceu, como se alguma coisa enorme a houvesse atingido, e causando um baque de fazer a terra tremer, chegando a derrubar poeira do teto mais acima.

— As janelas! — gritou Whitley. — Façam barricadas em todas as entradas! Depressa!

A Guarda Ursina se espalhou por todos os cantos da sala do trono, fechando as janelas e colocando tábuas diante de cada passagem possível, reforçando-as contra eventuais ataques vindos de fora.

Gretchen e Whitley se abraçaram, afastando-se lentamente da porta, os olhos cravados na entrada do salão.

— Essa é...? — começou Gretchen, mas Whitley levantou a mão para silenciá-la.

Era possível ouvir o som de algo se arrastando contra as portas, como se alguém a pressionasse com força. Whitley olhou para o centro da sala do trono, para a duquesa Rainier, de pé com as mãos no rosto, acompanhada de um cavaleiro. Em torno dela, duas

dezenas de cortesãos e servos se aglomeravam, sussurrando e soluçando sem tirar os olhos das portas.

As janelas tremeram quando a criatura se chocou contra as paredes de madeira do salão. As portas sacudiram nos batentes e a construção inteira tremeu, fazendo mais poeira despencar do teto e a madeira envergar e ranger sob o peso do monstro. Ouviu-se um estalo, e as portas cederam mais um pouco, ameaçando se quebrar.

— Aham mesmo que estão seguras aí dentro, ladies? — sibilou uma voz do lado de fora.

— É Vala — disse Gretchen, ofegante, tomada por lembranças assustadoras da Wyrnwood, onde os Wyldermen a haviam oferecido em sacrifício para a Wereserpent.

Whitley deu um passo à frente, e três cavaleiros da Guarda Ursina se juntaram a ela. Aqueles podiam ser os mais valiosos guerreiros do duque Bergan, mas Gretchen notou que estavam claramente apavorados.

— Saia da nossa cidade, Vala! — gritou Whitley, não muito confiante. — Volte à sua Wyrnwood ou para debaixo da pedra de onde saiu. Se ficar aqui, vai encontrar seu destino na ponta da espada.

A Wereserpent sibilou do outro lado da porta, um ruído terrível que espalhou uma onda de terror pela sala do trono. Era um rugido primitivo, que abalou as entranhas de cada um dos presentes.

— Então quem está falando é a pequena Ursa? Bom, bom... Vejo que você não é mais a menininha assustada e ensopada pela chuva que conheci no Cabo Gala.

Whitley se virou para Gretchen.

— Cabo Gala? Do que ela está falando? — questionou Whitley. — Você não me conhece! — berrou, virando-se de novo para a porta.

— Eu não conheço você? — rebateu a Wereserpent com sua voz sibilante, investindo com o corpo gigantesco contra a porta, fazendo paredes e janelas estremecerem. — Eu vesti e alimentei você. Meu Rolff até ajudou seus amigos.

As pernas de Whitley fraquejaram, e ela caiu sobre um dos joelhos ao se dar conta da terrível realidade.

— Brenn que me perdoe — ela murmurou, mais para si mesma do que para alguém. — Quem trouxe esse monstro para cá fui *eu*!

— Monstro? — repetiu Vala, elevando seu sibilado a ponto de parecer quase um grito. — Não é assim que se fala de uma velha... — a porta cedeu mais um pouco sob o peso que vinha do lado de fora — ... e querida... — a madeira estalou, incapaz de resistir à força da Wereserpent — ...Baba!

As portas se abriram com uma explosão, lançando uma chuva de madeira estilhaçada sobre a sala do trono. Uma lasca afiada acertou um membro da Guarda Ursina no peito, perfurando sua armadura e arremessando-o sobre os demais presentes, que estavam aos berros. Os outros dois cavaleiros que acompanhavam Whitley avançaram com espadas e escudos em riste quando a cobra gigante entrou no salão. Enquanto deslizava pela superfície da sala ancestral, exibindo a pele negra e escamada do dorso, Vala ergueu a cabeça monstruosa e deslizou o olhar de um lado para o outro. Cuspiu seu veneno sobre o primeiro guerreiro, um jato branco e leitoso que o atingiu no rosto e o fez largar as armas e se ajoelhar no chão, aos gritos. O outro cavaleiro ainda conseguiu abrir um corte na lateral do corpo da serpente antes que ela se enroldasse nele e o esmagasse instantaneamente, fazendo seus ossos quebrarem como gravetos.

Whitley apanhou uma das espadas dos cavaleiros e avançou, soltando um grito de batalha e atingindo o flanco em movimento da serpente com a lâmina. Por ser uma patrulheira, ela havia sido treinada a lutar com o cajado; não se sentia tão à vontade com a espada nas mãos. No entanto, sua cidade havia sido invadida, seu povo estava sendo massacrado, e sua mãe corria um perigo mortal. A arma não conseguiu penetrar as escamas negras de Vala, vibrando nas mãos de Whitley e quase lhe escapando das mãos.

A Serpente se enrolou em torno dela, fazendo a garota girar sobre os calcanhares enquanto tentava mais uma investida com a espada. A cabeça gigantesca se projetou para a frente, a boca escancarada, sibilando monstruosamente enquanto a língua se agitava entre as presas. Whitley fez um movimento circular com a espada, segurando o cabo com as duas mãos, temendo derrubá-la.

O lado cego da lâmina atingiu a mandíbula da Wereserpent, fazendo a cabeça tombar para o lado, mas não com força suficiente para que a Serpente soltasse a Bearlady.

A dor foi instantânea quando a pressão ficou mais forte, expulsando o ar dos pulmões de Whitley. A espada caiu ruidosamente no chão quando a cobra gigante levantou a garota no ar. Caso tivesse maior controle sobre o processo de transformação, poderia usar a força da Ursa para reagir. Sabia que Gretchen já tinha se transformado algumas vezes, em diversos graus e nem sempre com sucesso, mas nisso a prima era diferente dela. A Raposa era feroz e agressiva, tendo um lado negro fervilhante sob a superfície de maneiras civilizadas. Whitley não era nada disso — era uma transmorfa apenas no nome. Rezou a Brenn para que a Ursa aparecesse para salvá-la enquanto o enlace frio e escamoso de Vala arrancava a vida de seu corpo.

Gretchen se ajoelhou ao lado do membro ferido da Guarda Ursina, depois de rolar para desviar da inquieta cauda da Wereserpent. O cavaleiro se contorcia violentamente, pois o veneno branco já havia se espalhado por todo o corpo. Quando os espasmos cessaram ele desfaleceu nos braços dela, incapaz de resistir ao veneno. Gretchen se levantou no momento em que a Serpente envolvia Whitley.

Um dos cortesãos passou correndo rumo às portas arrombadas, saltando sobre o cadáver do cavaleiro, a caminho da liberdade. A cauda de Vala entrou em ação de novo, acertando-o no peito e mandando-o de volta para junto dos demais, que se espalharam pelo salão, correndo cada um para um lado. Gretchen se ergueu, esquivando-se da cauda mortal e ao mesmo tempo tentando localizar a amiga em meio ao enlace da Serpente. Vala espremia Whitley com força, e os movimentos da garota pareciam cada vez mais letárgicos; sua cabeça já começava a tombar.

Gretchen olhou para trás ao sentir a aproximação do último membro da Guarda Ursina, brandindo a espada e o escudo.

— Não saia de perto da duquesa! — ela falou enquanto contornava o monstro. Fazia tempo que não recorria ao seu lado transmorfo, mas naquele momento evocou a Raposa sem dificuldade, colocando-se à espera de uma chance para atacar. Sentiu os dentes tornando-se pontiagudos como agulhas contra os lábios, e as unhas viraram garras afiadas.

— Então a pequena Raposa também quer brincar? — sibilou Vala, arregalando os olhos cor de esmeralda ao avistar Gretchen do outro lado do salão.

— Solte-a! — grunhiu Gretchen, levantando a adaga acima da cabeça, pronta para atirá-la. Do outro lado da parede, era possível ouvir os sons da batalha que se desenrolava no alto da árvore.

— Parece que meus súditos chegaram! Este vai ser o novo lar deles, e este salão, seu templo! Já tenho um bom suprimento de comida para saciar meu apetite — ela falou com a voz sibilante, apontando com a cabeça para os cortesãos encolhidos em um canto da sala.

— Maldita seja você, Vala! Prefiro morrer a permitir que continue fazendo mal a essas pessoas!

— Ah, não, doce Lady Gretchen. Você não vai morrer. Nada mais vai acontecer com você e as Bearladies. Pelo menos não até o Lobo chegar. É isso mesmo, não? Ele virá em seu auxílio, assim como meus filhos vieram no meu?

— Eu não sei nem se Drew está vivo — respondeu Gretchen, apesar de no íntimo rezar muito para que estivesse.

— Duas Wereladies tão bonitas, apaixonadas pelo mesmo cão — sibilou Vala.

— Você disse que não ia acontecer mais nada conosco! — rebateu Gretchen, apontando para Whitley, inerte sob o enlace de Vala. — Se você a matou, que Brenn me ajude, pode acreditar que será a próxima!

A Serpente sacudiu a Bearlady inconsciente, agitando o chocalho da cauda. Deixou que Whitley tombasse para o lado, rolando pelo chão, sem nenhum controle sobre os próprios membros, até parar diante de sua mãe, que acompanhava tudo aos prantos.

— Eu a poupei; ela está só dormindo! — Vala se levantou, expandindo a largura do pescoço enquanto pairava sobre os espectadores aterrorizados. Exibiu toda a coloração arroxeadada de seu ventre para se gabar do próprio triunfo. — Pode rezar quanto quiser para o seu deus, menina. Agora você vai aprender que só existe uma divindade real: Vala, a Deusa Serpente!

Gretchen saltou para a frente, e a Wereserpent deu o bote.



## 8

### Escaramuça

Reuben Fry olhou para as três flechas caídas na neve a seus pés, contando-as mais uma vez, como se elas pudessem se multiplicar em um passe de mágica caso continuasse a observá-las. Três míseras flechas: aquele era todo o seu estoque. Olhou para a frente, além da entrada do desfiladeiro congelado, e viu mais alguns dos homens do xerife Muller. O senhor dos bandidos, aliado do príncipe Lucas e dos exércitos do Catlord, ficara sabendo do resgate milagroso do duque Bergan e de sua reaparição nas Terras Áridas. Emboscado por pelo menos trinta bandidos, o capitão Fry e seus companheiros haviam sido perseguidos até uma garganta estreita, lutando para se equilibrar no gelo enquanto os inimigos bloqueavam todas as rotas de fuga. Estavam cercados.

Quando os quatro sobreviventes de Highcliff enfim reencontraram a luz do dia, viram-se bem no meio do território do xerife Muller, não muito longe das Whitepeaks. Desde então vinham abrindo caminho pelo sopé das montanhas de Sturmland, fazendo de tudo para evitar as patrulhas inimigas. O Leão havia direcionado claramente suas forças para o norte, rumo à terra natal do capitão Fry. A profusão de acampamentos do exército do

príncipe Lucas estendia-se pelas Terras Áridas, até onde a vista conseguisse alcançar. A única esperança de sobrevivência para Bergan era conseguir chegar até seu primo de Icegarden, o duque Henrik, mas sua chance de sobreviver à ravina congelada era pouca, e a de chegar a Strakenberg, ainda menor. Aquele desfiladeiro provavelmente seria seu túmulo.

Fry olhou para baixo do ponto privilegiado onde estava — uma plataforma de gelo que se projetava da garganta —, avistando Bergan, Carver e Pick entre as rochas. O Bearlord recuperava as forças, segurando ameaçadoramente o machado nas mãos. Carver, o Lord dos ladrões, empunhava duas facas e tinha mais algumas à disposição presas no cinto, enquanto Pick, agachada atrás dele, levava uma adaga na mãozinha trêmula.

— Três flechas — Fry murmurou para si, apanhando a primeira e municando o arco. — Que elas tenham utilidade.

Bergan deixou que o vapor condensado escapasse gradativamente de seus lábios abertos. Os bandidos deviam saber que os quatro tinham fugido para a ravina e, com certeza, veriam o paredão coberto de gelo logo depois do local em que a trilha do grupo desaparecia, mas não estava disposto a se entregar sem lutar. Uma nuvem de vapor poderia denunciar sua posição; não havia por que facilitar as coisas para o inimigo. Se a intenção era matá-los, ele e os companheiros provocariam um belo estrago antes disso.

Fry, um exímio atirador, estava cinco metros acima, escondido dos escaramuçadores de Muller, porém visível a Bergan. O arqueiro havia sido de grande valor desde a fuga dos subterrâneos, abatendo coelhos, pombos e pequenos cervos com suas flechas. Como fazer uma fogueira estava fora de questão, haviam comido a carne crua — algo desagradável para a menina, mas necessário para que não fossem vistos pelo inimigo. Pick estava encolhida atrás de Carver, do lado oposto da garganta congelada, buscando contato visual com o Bearlord, na verdade à procura de alguém que a tranquilizasse. Bergan sorriu, revelando uma cicatriz sob a barba espessa. “Tem razão em sentir medo, menina...”

Bergan olhou para cima e viu Fry fazendo pontaria com o arco. O disparo da flecha seria o sinal para atacar. O homem de Sturmland atiraria quando o inimigo estivesse ao alcance de Bergan e Carver. Os esconderijos dos dois eram separados por uma clareira coberta de gelo entre as paredes da garganta, que se abria depois de uma passagem mais estreita, suficiente para permitir a entrada de alguns poucos escaramuçadores. “Se as condições da batalha serão determinadas por alguém, que seja por nós”, pensou Bergan, preparando o machado.

A corda do arco cantarolou, e Bergan surgiu das sombras, com Carver e Pick logo atrás. Cinco escaramuçadores tinham entrado na clareira, e um já estava estendido no chão, com uma flecha adornada com uma pena cravada no peito. Apesar de terem sido pegos de surpresa, os bandidos estavam preparados, com as espadas e os tacapes em riste à espera do Bearlord. O primeiro tacape foi atingido em cheio pelo machado, fugindo do controle de seu dono, acertando-o na cabeça. Bergan prosseguiu no ataque, abrindo um enorme corte na barriga do outro homem com um golpe do machado. Um escaramuçador investiu contra ele com sua espada, cravando-a na coxa do Bearlord. Antes que o bandido pudesse entrar em ação de novo, porém, uma das facas de Carver se enterrou em seu pescoço, mandando-o ao chão da ravina junto com os companheiros.

O último oponente preferiu evitar os homens e ir atrás de Pick. Sua espada se projetou em alta velocidade para a frente, obrigando-a a recuar em desespero. Uma flecha lançada do alto acertou o topo da cabeça desprotegida do escaramuçador, que caiu soltando um grunhido.

Carver saltou sobre ele e enfiou uma faca em seu corpo ferido, antes de reaver a flecha que havia lançado sobre o primeiro bandido que tinha matado.

— Cinco a menos — rosnou ao ver mais guerreiros entrando pela passagem.

Bergan chegou à conclusão de que já havia poupado energia suficiente; estava na hora de se transformar. As botas surradas cederam, e garras apareceram nos pés enormes e pesados. As

costelas estalaram enquanto os pulmões se expandiam, os ossos se alongando e engrossando, e o peito dobrando de tamanho. A mão que segurava o machado tornou-se uma pata gigantesca, enquanto a outra se mantinha livre e aberta, pronta para atacar. O Werebear sacudiu a cabeça, e sua barba se adensou em uma pelagem espessa em torno do focinho poderoso. O nariz preto se dilatou, e os lábios e a mandíbula se escancararam para soltar um rugido que continha toda a fúria de que era capaz.

Os escaramuçadores se detiveram na passagem estreita, deslizando sobre o gelo antes de parar por completo, pensando duas vezes antes de encarar o Bearlord.

— Para cima deles, porcos! — gritou o líder, da retaguarda.

Os que estavam mais atrás avançaram, empurrando os que se encontravam intimidados pela presença do Werebear. Os bandidos entraram cambaleando pela clareira congelada, armas em punho para se defender do monstruoso Urso. O primeiro trio a chegar tombou com facilidade, massacrado por machado, dentes e garras. Os que vieram a seguir, aproveitando-se do sacrifício dos companheiros, espalharam-se beirando as paredes de gelo e cercaram o Urso.

Mais sete escaramuçadores tinham se espremido passagem adentro enquanto Bergan atacava os amigos deles. Lanças, machados e espadas espetaram e cortaram o Werelord. Ele reagiu, derrubando um a um, mas sempre aparecia outro para ocupar o lugar do que havia sido morto. A superioridade numérica era uma vantagem inegável dos homens de Muller. O comandante deles continuava gritando, estimulando-os a ir em frente, fazendo-os ocupar todo o terreno da ravina.

Carver se manteve ativo com suas facas, as lâminas saindo como raios dos punhos, mas logo o estoque acabou, embora o Lord dos ladrões continuasse lutando com a última restante para deter os golpes inimigos. Uma espada abriu um corte em seu queixo, e Carver se estatelou na parede mais atrás. Os bandidos se aproximaram, ansiosos para desferir o ataque fatal. A última flecha de Fry zuniu pelo ar e acertou um escaramuçador na garganta, porém eles não paravam de avançar, passando por cima

dos companheiros mortos. Pick tombou para o lado ao ser atingida na têmpora por um tacape. O agressor estava ao lado dela, a arma levantada. Fry saltou sobre ele com a espada na mão. A lâmina desapareceu nas costas do homem, mas outro atacou Fry imediatamente, cravando a faca na armadura de couro do arqueiro, e os dois foram ao chão.

A visão de Bergan estava ficando turva. A névoa avermelhada da batalha pouco a pouco foi sendo substituída pela bruma cinzenta da exaustão. Caso estivesse totalmente em forma, o Werebear seria capaz de enfrentar os inimigos durante horas, mas o corpo fragilizado e as semanas que passara soterrado cobravam seu preço. Ainda brandia o machado, entretanto os bandidos conseguiam desviar dos golpes e começavam a cercá-lo e atacá-lo quando lhes dava as costas. Espadas e lanças atingiam o alvo a todo momento. Se ele caísse, o inimigo o liquidaria, com ou sem armas de prata — ele jamais deixaria aquele desfiladeiro esquecido por Brenn.

“Então é assim que Bergan, o Grande Urso de Brackenholme, vai morrer? Sob uma chuva de tacapes e aço enferrujado?”

Apesar de atordoado, ele notou as pedras que caíam a seu redor, talvez um prenúncio de uma avalanche fatal. Cambaleante, o Werebear recuou para a parede da ravina, esmagando um dos inimigos com suas costas largas em meio às pedras que continuavam despencando lá de cima. Foi quando as flechas surgiram, atingindo os escaramuçadores e reduzindo o número deles a uma velocidade impressionante. Bergan olhou para cima, e seus olhos exaustos viram homens posicionados no alto do desfiladeiro, arcos em punho, a mira nos escaramuçadores. Estavam salvos.

Hector se esgueirava pela ravina, com Ringlin e Ibal a seu lado, enquanto os guerreiros ugri atacavam os homens de Muller no alto do desfiladeiro. O capitão Stephan, sobrinho de Muller, estava postado à entrada dos paredões brancos que se erguiam como uma catedral de gelo, acompanhado de três escaramuçadores com

semblante preocupado. Recuavam, nervosos, da passagem escura, ouvindo os gritos dos companheiros, que ecoavam pelo corredor de gelo como apelos de almas penadas.

Stephan olhou para trás e, ao ver Hector, foi correndo até ele.

— Mão Negra — falou —, ainda bem que você está aqui. Lord Flint avisou que ia mandá-lo para cá. Você tem assuntos a resolver com o Urso, não tem? Bom, ao que parece, ele tem aliados aqui. Meus soldados estão sendo massacrados. Você trouxe sua Guarda Javalina, espero.

— Trouxe, sim — disse Hector, aproximando-se do capitão dos bandidos. A adaga cravejada de joias surgiu de sob o manto, desaparecendo no ventre de Stephan, cujos olhos se arregalaram de terror.

Ringlin e Ibal não demoraram a entrar em ação. As facas compridas do mais alto se projetaram, atingindo de surpresa o peito de um dos escaramuçadores, enquanto o mais baixo rasgou o rosto de outro com sua lâmina curva. O terceiro soldado voltou correndo para a passagem, tombando na superfície congelada quando uma das facas longas o atingiu entre as escápulas.

Stephan soltou um murmúrio quando Hector o amparou nos braços e o deitou na ravina.

— Por quê? — conseguiu falar, expelindo sangue pela boca.

— Pode descansar sabendo que seu sacrifício foi para um bem maior, capitão — respondeu Hector, inclinando a cabeça e observando com um fascínio mórbido o brilho vital desaparecer dos olhos do homem.

“Está ficando bom nisso, irmão”, cochichou Vincent, posicionando-se ao redor do pescoço de Hector. “Logo mais não vai mais precisar de mim para nada.”

— Ainda tenho muito trabalho para você, Vincent — replicou Hector, deitando gentilmente o capitão Stephan sobre as pedras congeladas. Olhou para as quatro figuras esfarrapadas que surgiram da abertura no gelo, cobertas de sangue, mas ainda com vida. Ringlin e Ibal fizeram uma mesura para o duque Bergan, que vinha amparado por Bo Carver e Reuben Fry. Havia uma menina

logo atrás, os cabelos empapados de sangue, cambaleando sobre a superfície irregular do desfiladeiro.

Hector se levantou e abriu um sorriso para Bergan assim que o viu.

— Será possível? — disse o Bearlord, os olhos injetados de sangue se enchendo de lágrimas ao pousarem sobre o barão de Redmire. Ele se desvencilhou de Carver e Fry e abriu os braços quando Hector deu um passo à frente. Foi um abraço sincero. Apesar de o Urso estar abatido, Hector sentiu a força dos braços de Bergan espremendo-lhe as costelas. O Bearlord o afastou um pouco para dar uma boa olhada nele.

— Meu garoto! — exclamou. — Que bela visão para esses meus olhos cansados! Como foi que você veio cruzar nosso caminho? Brenn deve estar olhando por nós.

O capitão Fry fez uma mesura respeitosa ao lado de Bergan, enquanto Carver, do outro, limitou-se a um aceno de cabeça para o Boarlord antes de dirigir um olhar desconfiado a Ringlin e Ibal.

“Acha que ele os conhece, irmão? O Lord dos ladrões é capaz de reconhecer um malfeitor quando vê um, posso garantir...”

— Não exatamente Brenn, sua senhoria — respondeu Hector. — São tempos estranhos, estes. As coisas estão mudando rapidamente na Lyssia, e alianças improváveis vêm se espalhando pelo mapa. — Ele apontou para o alto do desfiladeiro, onde estavam reunidos os guerreiros ugri depois de concluir a tarefa de aniquilar os escaramuçadores. — Conheça os novos membros da Guarda Javalina. Foi Sorrateiro quem encontrou vocês, localizando o rastro que deixaram pelo caminho. Ele é meu patrulheiro.

— Patrulheiro? — questionou Fry, enquanto Bergan e seus acompanhantes olhavam para cima. Fry estreitou os olhos e os identificou com sua visão aguçada. — São guerreiros ugri. Como podem estar a seu serviço, milorde? — ele perguntou, tentando parecer respeitoso.

“Esse aí é um sturmiano”, murmurou Vincent. “Não vai se convencer facilmente. Afinal, seus aliados são inimigos mortais do povo dele.”

Hector ignorou o fantasma do irmão e respondeu ao questionamento de Fry:

— Como eu disse, capitão, alianças estranhas estão se formando. Este grupo de Tuskun é formado por desertores da falecida rainha Slotha.

— *Falecida* rainha? — perguntou Bergan.

— Ela foi morta em Highcliff, segundo consta. Nós capturamos um dos homens de Muller alguns dias atrás, e ele contou tudo o que sabia antes de morrer. A história que circula é que ela chegou a Westland em busca de uma aliança com o príncipe Lucas. O novo Lord Magíster do Leão a assassinou a sangue-frio — ele acrescentou, incapaz de resistir à tentação de embelezar sua história. — Por mais que você não goste de Slotha, foi algo brutal, sobretudo em uma discussão pacífica. Os Catlords são criaturas temíveis, sua senhoria.

— Quem é esse novo magíster que o príncipe tem a seu serviço? — o Bearlord quis saber, franzindo as sobrancelhas grossas.

— Mão Negra, esse é seu nome — interveio Ringlin, interrompendo a discussão dos Werelords.

Hector olhou feio em sua direção, sentindo a mão esquerda latejar sob a luva. Precisava mantê-la escondida da visão dos demais a qualquer custo. As juntas estalaram quando a carne enegrecida se movimentou por baixo do couro.

— Perdoe essa falta de decoro, sua senhoria — disse Hector. — Ele às vezes esquece qual é seu lugar.

Bergan aceitou as desculpas com um gesto de mão.

— Seu camarada pode falar livremente, Hector. Ele e sua Guarda Javalina nos salvaram. Estamos em débito com você, meu garoto.

— Não quero parecer insistente, milorde — disse Fry —, mas e quanto aos ugri? Por que estão com você? Sou um sturmiano de Roof e conheço bem esse pessoal. Eles não são de confiança.

— Os Catlords não fazem distinção ao escolher seus inimigos, a julgar pelo destino da rainha de Tuskun. Muitos vilarejos foram incendiados pela Guarda Vermiriana, e os Catlords exigiram obediência absoluta dos ugri. Dois Machados é o líder deles; seu

vilarejo foi o primeiro a ser queimado. Ele trouxe seus homens para o nosso lado.

— Eu não confiaria neles, é só o que estou dizendo, milorde — insistiu Fry.

— Não posso me dar ao luxo de ser exigente, capitão. Precisamos de toda a ajuda possível. Lucas e os Catlords não estão satisfeitos apenas com a Westland, querem escravizar toda a Lyssia. Essas almas corajosas juraram lealdade a mim em troca de minha proteção quando esta guerra terrível terminar. Que tipo de homem viraria as costas para eles?

Bergan deu um tapa no ombro de Hector, convencido pelo discurso emotivo do magíster.

— Sábias palavras e um grande gesto de nobreza, Hector. Ao que parece, você amadureceu bastante desde a última vez que nos vimos. Seu pai ficaria orgulhoso.

— Como você conseguiu fugir de Highcliff e, mais ainda, como veio parar aqui? — Carver quis saber, sem fazer a menor questão de demonstrar algum respeito pelo Boarlord.

“Amigo de Vega”, sussurrou Vincent, “e arrogante como ele, sem dúvida.”

— Fugimos a bordo do *Turbilhão* — Hector explicou a Bergan, evitando contato visual com o Lord dos ladrões. — A rainha Amelie estava sã e salva a bordo, sei que vai gostar de saber disso, assim como Manfred e Vega.

— Por que você não está mais com eles? — questionou Carver.

— Paramos para buscar provisões em Moga, o porto do Barão Bosa. Fomos recebidos de forma hostil, e eu e meus homens acabamos ficando para trás — contou Hector, apontando para Ringlin e Ibal. — Nós nos separamos. Eles partiram sem nós.

— É uma pena, meu garoto — disse Bergan com uma expressão de tristeza.

— Eu compreendo. Era uma situação delicadíssima. Tenho certeza de que eles não gostaram nem um pouco de deixar um colega do Conselho Lupino para trás, mas fizeram o que era preciso.

Bergan o abraçou mais uma vez.

— E você sobreviveu! Graças a Brenn, Hector. Abandonado em Tuskun, e ainda assim conseguiu chegar aqui. Vamos acompanhar vocês pelo restante do caminho. Até Icegarden, acredito eu?

— É para lá que estamos indo, sua senhoria. Só posso rezar para que o duque Henrik aceite nosso pedido de ajuda.

— Meu primo não tem outra escolha se quiser sobreviver à guerra — disse Bergan, e se virou para os demais: — Venham, estamos perdendo tempo. Podemos conversar enquanto seguimos nosso caminho. Adiante, rumo a Strakenberg e aos salões do Urso Branco!

O Bearlord se pôs a caminhar com o ânimo renovado após reencontrar Hector. Fry saiu em seu encalço, mas Carver manteve-se imóvel, encarando Hector, a mão ainda no ombro de Pick, que estava parada a seu lado.

— Faço questão de que vá na frente, caro barão — disse o Lord dos ladrões.

Hector saiu andando com Ringlin e Ibal, escoltados a distância pelos ugri, que os seguiam do alto do desfiladeiro. “Ele quer ficar de olho em você”, disse o vil. “De tolo, ele não tem nada.”

Hector continuou andando sem olhar para trás, os olhos cravados nas costas do Bearlord.

— Ele pode ficar onde quiser — murmurou Hector. — O que importa é que cheguemos a Icegarden e Bergan confie em mim.

— Muito bem colocado, milorde — Ringlin disse baixinho, acreditando que seu senhor estivesse falando com ele. — Vamos ser recebidos de braços abertos, assim como fomos pelo velho Urso.

Hector balançou a cabeça, batendo no ombro de Ringlin.

— Vamos torcer para que o duque Henrik seja receptivo. Existem muitos hóspedes a caminho de seus salões.



## 9

### O bom homem dos Mantos-Rubros

Trent subiu correndo os degraus, saltando sobre os pedaços de madeira estilhaçada que bloqueavam a entrada do Salão de Brackenholme. Os gritos de guerra dos selvagens ecoavam a seu redor, um coro sanguinário que se sobrepunha aos berros dos defensores da cidade.

O romari menorzinho com o florete — Stirga, era como o chamavam — era uma alma destemida. Seu raciocínio rápido no elevador o levava a escalar para alcançar a plataforma mais acima, arriscando a própria vida sem hesitação. Pouco depois, a gaiola havia rangido e começado a se mover outra vez, bem no momento em que o primeiro Wylderman passava por eles, escalando o tronco do carvalho. A primeira coisa que viram ao chegar lá em cima foi o corpo de um guarda do palácio, mutilado por um inimigo poderoso. Trent foi seguindo a trilha de cadáveres dos Capas-Verdes em meio a sibilados monstruosos, caminhando pelas passarelas, passando por entre os galhos e enfim chegando ao salão do Bearlord.

Pisando sobre os escombros, sentiu os joelhos fraquejarem ao bater os olhos na fera que havia lá dentro. Uma serpente negra

gigantesca bloqueava seu caminho, o corpo lustroso pulsante e ondulando, tentando atingir com a cauda um dos defensores do salão. O corpo da cobra se contorceu para um lado e depois para o outro diante de Trent, erguendo-se para dar o bote em um oponente solitário. Ele conseguiu entrever a figura que encarava o monstro: uma jovem senhorita, circulando a fera que tentava acertá-la. Ela era bem ágil e conseguiu penetrar com as garras as escamas escuras dos flancos da serpente. Quando observou os cabelos ruivos da garota, os piores temores de Trent se confirmaram.

Gretchen deu um salto para a frente, chegando ao ventre cor de ametista da serpente. Cravou ali suas garras, aproveitando-se do impulso e da força da gravidade para lançá-la ao chão, e deixou pelo caminho pedaços de pele rasgada e fibras musculares pálidas arrancados da ferida. O sangue escuro escapou em grandes jorros, espalhando-se pelo chão quando a serpente recuou, o tronco e a cauda colidindo com as paredes do salão. A cabeça expandida do monstro desceu sobre a ofegante Werefox, os olhos verdes cintilando de raiva.

— As Bearladies já me bastam como refém! Você, Raposa, não tem mais utilidade! Faz um bom tempo que não me alimento de carne de transmorfo!

Antes que o monstro pudesse atacar a Raposa, no entanto, Trent entrou em ação. Tomando impulso sobre um pedaço de madeira arrancado das enormes portas do salão, ele deu um salto no ar, ergueu bem alto a Wolfshead e a cravou no corpo da cobra. A serpente se afastou de Gretchen, contorcendo-se no ar, e girou a cabeça na direção do jovem Manto-Rubro que tinha ousado atacá-la.

— Que inseto intrometido é este? — ela sibilou, sacudindo-se inteira.

Para seu horror, Trent percebeu que estava preso ao monstro pela lâmina da Wolfshead, que havia se encravado profundamente no corpo da criatura. Quanto mais a fera se agitava, com maior força ele se agarrava à espada, recusando-se a se soltar a qualquer custo.

— Vala! — gritou Gretchen, atraindo a atenção da fera, que se debatia no ar.

Quando Vala se virou para ela a jovem atacou, enfiando as garras no olho direito da Serpente, cegando-a parcialmente e fazendo-a soltar um urro ainda mais furioso. Trent aproveitou o momento para puxar de volta sua espada, que saiu do corpo da cobra em meio a um jorro de sangue escuro. Depois pulou para longe do monstro, aterrissando ao lado de Gretchen e segurando-a pelo pulso.

— Precisamos sair daqui, milady! — ele gritou por sobre os guinchos da Serpente, tentando afastar a garota da fera, que se contorcia.

— Eu não vou fazer isso, Manto-Rubro! — rebateu Gretchen, libertando o pulso com um safanão violento no momento em que a cauda de Vala passou por eles, não os acertando por pouco. — Não posso deixar Whitley aqui.

Os primeiros Wyldermen começaram a aparecer pelas portas arreventadas, espalhando-se pelos arredores e bloqueando as rotas de fuga do salão. Apavorado, Trent olhou para cima no instante exato em que a cauda de Vala oscilava outra vez em sua direção. Agachou-se, para se esquivar do impacto, mas Gretchen não teve a mesma sorte. A Serpente lançou a Lady de Hedgemoor para o outro lado do grande salão. Trent viu a garota voar pelos ares e desaparecer na escuridão da noite por uma janela quebrada.

O jovem olhou para a cobra monstruosa que se ergueu diante dele com a lateral do rosto ensanguentada.

— Corra, menino! Salve Gretchen! — gritou uma mulher mais velha ajoelhada ao fundo do salão, segurando nos braços uma jovem de cabelos castanhos.

Trent não perdeu tempo, disparando rumo à parede oposta e saltando a janela pela qual a Werewolf tinha sido arremessada. O batedor saiu rolando pelo chão da passarela que circundava o salão. Atrás dele, do outro lado da janela quebrada, um rugido maligno abalou a construção inteira. Sacudindo as farpas e os estilhaços de vidro do manto esfarrapado, Trent olhou ao redor e, com surpresa, constatou que ele e a Werewolf não estavam sozinhos

ali. Stirga encontrava-se ajoelhado junto à garota, verificando seus sinais vitais, enquanto Yuzhnik se mantinha de prontidão, à espera do avanço dos Wyldermen, ouvindo o som do metal contra a pedra ecoar em meio à fumaça.

— Ela está viva? — perguntou Trent, pondo-se de pé com certa dificuldade.

— Por muito pouco — respondeu Stirga, preparando-se para pegá-la no colo.

— Como estão os Mantos-Verdes?

— De mal a pior — murmurou Yuzhnik, sacudindo o sangue de seu machado. — Os Wyldermen tomaram conta da árvore.

— O salão — falou Trent, apontando com o queixo para a janela estilhaçada. — Tem gente morrendo lá dentro! Talvez se nós...

— Precisamos sair daqui — rebateu Stirga. — Se voltar lá para dentro, você vai morrer também.

— Não posso deixar Whitley para trás. É uma dívida que tenho com Drew e com o barão Ewan, que Brenn o tenha.

— Metade da sua dívida está paga, soldado do Leão — disse Stirga, afastando-se dos ruídos da batalha pela passarela. — Fique contente por ter conseguido salvar uma das Wereladies.

Trent viu Stirga desaparecer na névoa cinzenta, os fartos cabelos ruivos de Gretchen caídos sobre seu braço. Yuzhnik foi em seu encalço, olhando para trás uma última vez.

— Pode ficar se quiser, Manto-Rubro, mas duvido que esses Wyldermen façam alguma distinção entre as cores dos Werelords. Se não for um selvagem, com certeza vai ser morto.

As palavras do gigante, combinadas com mais um grito de enregelar a espinha vindo da batalha mais atrás, estimularam Trent a sair dali. Ele foi correndo atrás dos romaris e desapareceu em meio à fumaça.

A duquesa Rainier estava agachada no chão, abraçada ao corpo ferido de Whitley. Vala serpenteava por entre os cortesãos machucados, refletindo a luz das tochas nas próprias escamas, seu

monstruoso olho direito vertendo um sangue escuro. O corpo negro e reluzente trazia marcas nos locais onde seus oponentes a haviam acertado com golpes violentos, mas seria preciso muito mais que uma dupla de Wereladies furiosas e um Manto-Rubro teimoso para pôr fim à vida longa e cruel da Wereserpent.

Os Wyldermen continuavam atravessando os escombros da entrada do salão, saltando sobre os fragmentos de madeira e se espalhando pelo recinto como um exército de formigas. Vasculhavam os corpos, arrancando joias e ornamentos de cadáveres ainda quentes, enquanto arreganhavam os dentes afiados para os sobreviventes. O último cavaleiro da Guarda Ursina havia se apresentado para repelir os invasores, brandindo a espada e o escudo, mas logo foi derrotado pela massa de selvagens. Vala passou a descrever círculos ao redor da duquesa, erguendo-se ao lado de mãe e filha, sibilando ao encará-las com o agora único olho bom.

— Então, milady, chegamos a esta situação. Você e sua filha, as pessoas mais queridas do Bearlord, caídas diante de mim. Seu marido atormentou meu povo durante anos, assim como o pai e o avô dele fizeram. — A Wereserpent baixou a cabeça e esticou a língua rosada, aproximando-a bastante do rosto da trêmula Rainier. — Pode acreditar que seu tormento não será breve.

— Fique comigo; apenas comigo — pediu Rainier, esforçando-se para conseguir falar depois da ameaça de Vala. — Não nego que apoiei meu marido enquanto os Wyldermen e os soldados de Brackenholme lutavam pelo controle da Dyrewood. Mas Whitley e essas pessoas são inocentes dos crimes de que você se diz vítima. Eu imploro, Vala, não machuque mais minha filha.

A Serpente soltou uma gargalhada, e seu corpo todo se contorceu de um lado para o outro, provocando uma nova onda de gritos de terror entre os sobreviventes.

— Eu *preciso* da sua filha, Bearlady. Já perdi uma das minhas reféns esta noite — sibilou Vala, olhando para a janela quebrada por onde Gretchen tinha sido arremessada. — Não, sua filha é a isca de que preciso. Sei muito bem o que ela significa para Drew

Ferran. Ela mesma me contou enquanto vínhamos para cá, a pobre criança apaixonada. Sua filha vai atrair o Lobo até aqui...

— Então poupe a vida dessas pessoas — pediu Rainier, aos prantos.

A Serpente se aproximou outra vez, fazendo a duquesa tombar para trás enquanto puxava o rosto pálido de Whitley para junto do peito.

— Poupar a vida delas? Este é o meu novo lar, onde vou receber o meu povo. Que tipo de anfitriã eu seria se não oferecesse um bom estoque de comida?

— Aonde estamos indo? — questionou Trent, seguindo os romaris pelas passagens no alto da árvore, afastando-se dos sons da batalha. As estruturas de madeira ocupavam toda a copa do carvalho. Provavelmente se tratava dos aposentos dos servos e de acomodações para os hóspedes mais ilustres, pensou Trent. Circulando por entre os galhos do Grande Carvalho, encontraram apenas alguns poucos Wyldermen, que despacharam da maneira mais rápida e silenciosa possível enquanto continuavam se dirigindo à parte posterior da árvore.

— Para a lavanderia, obviamente! — respondeu Stirga, deixando Trent ainda mais confuso. O braço que empunhava a espada ainda estava dolorido por causa do confronto com Vala, e a fumaça sufocante o deixava desorientado. Ainda assim, avançou cambaleando atrás dos romaris por entre os galhos gigantesco.

— Por aqui! — gritou Stirga ao ver uma ponte de corda com tábuas, cuja extensão desaparecia noite adentro.

A ponte oscilou quando eles começaram a atravessá-la, cedendo sob o peso dos homens em fuga, principalmente do grandalhão Yuzhnik. Os gritos dos Wyldermen tornavam-se mais altos; sem dúvida haviam encontrado os companheiros mortos pelo caminho, sem nenhum vestígio de algum Manto-Verde ferido por perto. Estavam sendo caçados.

Trent foi o último a cruzar a ponte, ainda a tempo de ouvir os gritos dos inimigos, que vinham do lugar onde os três haviam

estado pouco antes. Yuzhnik se virou para olhar, mas Trent o empurrou, sacando a Wolfshead da bainha.

— Não pare! — ele falou, dando um empurrão no homem. — Precisam tirar Gretchen daqui. Eu me acerto com eles.

Yuzhnik o encarou com firmeza por um instante, em seguida assentindo afirmativamente.

— Você é um bom sujeito, Manto-Rubro — ele falou, antes de se virar e partir.

Trent chocou a espada contra o grosso corrimão de corda, mas não conseguiu cortá-lo. Já era possível ouvir os passos dos pés descalços dos Wyldermen sobre a superfície de madeira. Resmungando consigo mesmo, segurou a arma do pai com as duas mãos e a baixou com toda a força. O aço abriu uma fenda na trama de cânhamo, que começou a se desfazer de imediato. Deu mais um golpe, produzindo um corte perfeito. Os gritos se ergueram na noite quando a ponte tombou para um dos lados, e alguns berros foram desaparecendo aos poucos na direção do chão.

Trocando de posição, Trent cravou a espada no outro corrimão, fincando a lâmina na corda. Quando a puxou, constatou, horrorizado, que estava enroscada. A corda começou a se retorcer, ameaçando arrancar a lâmina de suas mãos. Foi obrigado a segurar o cabo com força, e nesse momento uma saraivada de flechas atingiu as tábuas a seu redor. Uma delas parou bem perto de seus pés, a ponta afiada se cravando fundo no piso da ponte. “Estão atirando às cegas, mas se derem sorte...”

Agarrou-se à corda com o braço e soltou um gemido diante do esforço necessário para enfim conseguir livrar sua lâmina. Quando se equilibrou outra vez, viu a multidão de Wyldermen atravessando a ponte, as armas presas nos dentes, as mãos se apoiando no corrimão restante, cada vez mais perto. Outras flechas zuniram pelo ar, uma delas atingindo um selvagem pelas costas e mandando-o para fora da ponte, enquanto as demais desabaram sobre Trent. Atingido no ombro esquerdo, ele caiu de joelhos. A dor inicial foi como a de um soco, como os que ele e Drew trocavam quando eram meninos. A pior parte, sem dúvida, viria mais tarde.

Trent se levantou, ergueu a Wolfshead com uma das mãos e desferiu o golpe derradeiro. A trama se desfez como uma teia de aranha sob uma forte brisa, derrubando os Wyldermen da ponte com gritos de pânico. Alguns conseguiram se segurar à corda rompida; outros se jogaram sobre o piso de tábuas, assustados. A ponte se sacudia inteira, e os selvagens ficaram imóveis por um momento até conseguirem se equilibrar outra vez. Em seguida passaram a avançar de novo, rastejando pela superfície, segurando-se nos vãos entre as tábuas com os dedos dos pés e das mãos imundas.

Trent saiu correndo dali.

— Stirga! — gritou. — Yuzhnik!

— Aqui, garoto! — falou o velho engolidor de espadas quando Trent passou pela porta aberta de uma construção de madeira com teto de palha. Havia barris enormes encostados às paredes, e o cheiro de sabão e perfumes preenchia o ar, quase mascarando o odor de fumaça que vinha de fora.

— Os corrimãos da ponte estão cortados, mas eles continuam vindo — contou ele. Os dois homens estavam ao lado de um grande cesto de vime para roupas sujas, com uma corda grossa amarrada em torno da extremidade. Havia uma manivela na parede, por cujo mecanismo a corda passava, e um alçapão do outro, aberto para o espaço vazio mais abaixo. Parecia uma das embarcações a remo que os pescadores da Costa Gélida usavam, e era grande o bastante para dois homens.

Apenas dois.

Ele e os romaris se entreolharam, preocupados.

— Entre — disse Stirga. — Vou passá-la para você.

— Entre você — respondeu Trent. — Você mesmo pode levá-la.

— Podem parar com isso, vocês dois — falou Yuzhnik, tomando Gretchen nos braços. — Entrem aí *os dois*, e eu entrego a menina em seguida.

— Mas e você? — questionou Stirga. — Não vou deixá-lo para trás.

— A quem está querendo enganar, Stirga? Eu quebraria essa coisa, mesmo se me enfiasse aí *sozinho*. Entrem logo. E levem a

menina.

Trent obedeceu, mas Stirga permaneceu onde estava.

— Vou ficar com você, Yuzhnik. Não vou deixar um companheiro romari na mão, principalmente alguém que é quase um irmão para mim.

O gigante pôs a menina nos braços de Trent, bloqueando a visão do jovem por alguns instantes, enquanto ambos discutiam sobre quem ia e quem ficava.

— Você tem baladas a escrever e canções a entoar, irmão — disse Yuzhnik, apertando o ombro de Stirga. — Quero que você conte a minha história.

Os dois trocaram um rápido abraço, e nesse momento os gritos dos Wyldermen soaram com mais força do lado de fora da lavanderia. Stirga entrou no cesto de vime, e Yuzhnik assumiu a manivela para baixá-los à superfície. Empurrou o balaio com os pés, posicionando-o sobre o alçapão.

— Entoe canções sobre mim, Stirga — pediu Yuzhnik, gemendo com o esforço. — Crie baladas gloriosas, meu velho amigo.

Os músculos do gigante se contraíram, e o mecanismo começou a girar. O cesto passou a se mover em uma descida dolorosamente lenta. Trent ainda pôde ver os Wyldermen invadindo a lavanderia enquanto o cesto desaparecia alçapão abaixo. Um dos selvagens avançou com uma faca em riste, mas Yuzhnik o afastou com um golpe do antebraço. Com a outra mão, continuou girando a manivela, fazendo a polia ranger quando a corda passava por ela.

Trent e Stirga observaram horrorizados quando os Wyldermen saltaram sobre Yuzhnik como uma massa compacta de braços imundos e lâminas. O mecanismo parou de girar, e a manivela ficou abandonada quando o romari desapareceu sob uma pilha de inimigos. O cesto balançava perigosamente no ar, a um metro e meio do alçapão. Com um rugido, o gigante ensanguentado reagiu, arrancando os Wyldermen de cima de si como se fossem sanguessugas. Seu machado entrou em ação, ferindo-os e derrubando-os um após outro. Logo outros apareceram em seu lugar, pisoteando os cadáveres caídos, atacando destemidamente o bravo romari.

Um dos Wyldermen apareceu no alçapão, sacou a faca e passou a cortar a corda que segurava o cesto. Trent tentou se levantar, mas o balaio tombou para um dos lados, ameaçando derrubá-los no vazio da noite. Com a Wolfshead em uma das mãos e a outra segurando na corda, Trent fez um esforço tão grande que os músculos do braço arderam. Conseguiu se projetar para cima, acertando o selvagem na garganta e derrubando sua faca dentro do cesto.

Yuzhnik se engalfinhava com outro bárbaro, o maior que havia aparecido até então. Os longos cabelos negros do Wylderman caíam sobre seu rosto, mas Stirga o reconheceu mesmo assim.

— Rolff! — ele gritou, horrorizado, e o selvagem soltou uma risada, revelando dentes afiados. O guerreiro de cabelos negros enfiou sua faca na coxa de Yuzhnik, mandando o romari para o chão.

— Nunca existiu nenhum Rolff — respondeu o grandalhão, arrancando a lâmina da carne do rival e se preparando para atacar.

Yuzhnik reagiu com um golpe de machado, acertando o Wylderman no queixo e lançando-o para trás. Apoiando-se sobre um dos joelhos, o romari olhou para Trent e seu velho amigo.

— É a sua vez de segurar firme, Manto-Rubro — ele murmurou, e Trent enrolou o braço esquerdo em torno da corda.

Yuzhnik golpeou o mecanismo da manivela com o machado, espalhando faíscas pelo ar e destroçando os freios. O cesto começou a despencar a uma velocidade alarmante. A escuridão engoliu o rosto do gigante enquanto o balaio e sua frágil carga despencavam rumo ao solo, a dezenas de metros mais abaixo.



10

## Obrigações sinistras

Em pouco tempo amanheceria. Drew estava sentado na sela do cavalo branco, as rédeas enroladas no braço esquerdo, vendo as estrelas desaparecerem do céu de Stormdale. A montaria havia sido um presente do barão Hoffman, o mais velho dos Staglords sobreviventes. Fora um pequeno gesto de gratidão de sua parte, pela coragem que o jovem Wolflord demonstrara na defesa da cidade.

O cavalo estava entre as guaritas destruídas à entrada de Stormdale. Com a cidade ainda envolvida pela fumaça às suas costas, a atenção de Drew voltava-se para o campo de batalha mais adiante. O exército inimigo não estava mais lá, deixando para trás uma paisagem desoladora de barracas e máquinas de guerra abandonadas. As fogueiras ainda estavam acesas, e armas e armaduras permaneciam espalhadas depois da retirada apressada. Cavalos sem dono vagavam pelo acampamento, arrastando trouxas de objetos esquecidos das quais tentavam se livrar. Os gemidos dos feridos e moribundos ecoavam pela escuridão — eram pedidos de ajuda dos soldados de Vermire e Riven. Não havia ninguém para socorrê-los, pelo menos por ora. O magíster

Siegfried e seus curandeiros estavam ocupados atendendo o povo de Stormdale. Caso os inimigos conseguissem sobreviver até o dia seguinte, poderiam encontrar alguma compaixão. Drew fez Bravura dar meia-volta, e o cavalo respondeu de imediato, tomando o caminho da avenida principal de volta ao castelo.

Passou pelos batalhões de civis liderados pelos Mantos-Cinzas, que marchavam pelas ruas. Um ou outro fugitivo de Riven ou da Guarda Vermiriana ainda se escondia por lá, sendo detido e mandado para interrogatório. Os cavaleiros de Stormdale já haviam arrancado uma boa quantidade de informações de seus prisioneiros: a maior parte das forças do Catlord estava reunida nas Terras Áridas e nas Dalelands. O próprio Onyx estava no comando, enquanto o marechal de campo Tiaz, o Tigerlord, liderava o exército em Omir. Drew torcia para que os Hawklords tivessem chegado a Azra a tempo de ajudar o rei Faisal contra as forças inimigas que cercavam sua cidade. Ele ainda esperava poder rever os amigos; sentia uma proximidade muito grande com eles, em virtude de sua fuga da ilha vulcânica de Scoria e das experiências que haviam vivenciado na Fornalha, a arena dos gladiadores.

Quando Drew passou pelos portões do castelo, viu a familiar figura de Hoffman trabalhando com os sobreviventes, recolhendo os cadáveres do pátio coberto de neve. Os flocos brancos estavam manchados pelo sangue dos que haviam tombado, homens de Stormdale, Vermire e Riven estendidos lado a lado. Os mortos das Barebones eram recolhidos respeitosamente em carrinhos de mão e transportados para o Templo de Brenn da cidade, enquanto os inimigos eram atirados em uma enorme pira. Do corpo dos Crowlords saía a fumaça mais negra.

Hoffman passou algumas ordens para os trabalhadores antes de caminhar com dificuldade até Drew e tomar as rédeas de Bravura. O Cervo parecia exausto, pois era tão idoso quanto o magíster Siegfried, mas não descansaria enquanto houvesse tarefas a ser executadas.

— O que achou dele?

— Ótimo — respondeu Drew, descendo da sela. — É um belo animal, não?

— Enfrentei muitas batalhas montado no pai dele, ao lado de Wergar — contou Hoffman, acariciando o focinho do cavalo. — Ele é de uma longa linhagem de cavalos de batalha. Seria uma crueldade fazê-lo suportar meu corpo obeso, apesar de sua força inegável.

Drew sorriu e deu um tapinha no flanco do animal.

— Sua generosidade é bem-vinda, milorde, mas totalmente desnecessária.

— Pare com isso! — ralhou Hoffman. — Você nos ajudou a vencer essa batalha, rapaz. Bravura é só uma gota d'água no oceano em comparação ao que lhe devemos.

Drew corou e fez uma mesura antes de partir para a torre de menagem. A sala do trono havia sido convertida em enfermaria provisória, com soldados e civis feridos espalhados pelo recinto, atendidos pelos ajudantes do magíster Siegfried. Mesmo os pacientes em pior estado faziam questão de falar com Drew enquanto ele atravessava a sala lotada, acenando e juntando as mãos em agradecimento.

“O que eu fiz para merecer esse tratamento? Foram vocês que lutaram com valentia por sua terra natal. Foram seus irmãos e irmãs agora mortos que fizeram o maior dos sacrifícios.” Drew abria sorrisos desconcertados, parando de tempos em tempos para ouvir o que os sobreviventes tinham a dizer. Agachou-se ao lado dos leitos para ajudar os curandeiros a administrar remédios e trocar curativos, entretendo os feridos mais graves enquanto os ajudantes do magíster faziam seu trabalho.

Um pouco além do trono, perto das grandes janelas de vidro, estavam sendo atendidos os Werelords. Mia encontrava-se deitada na cama, com três damas de companhia a seu lado, as pálpebras se movendo rapidamente em um sono inquieto. A pancada na cabeça que ela havia levado no alto da Torre da Lady causara grande preocupação à família de Reinhardt: Mia era a filha caçula do duque Manfred, sua única menina, o que lhe garantia um lugar especial no coração e nas preces do povo de Stormdale. Siegfried

tinha feito tudo o que podia, benzendo e enfaixando a têmpera ferida. Velas herbais de aroma adocicado queimavam ao lado da cama, mas o futuro da criança permanecia incerto.

“Que Brenn olhe por ela”, Drew rezou em silêncio. A menina não havia completado nem dez verões ainda, e ele torcia para que vivesse a fim de comemorar muitos mais.

Dois outros Staglords, filhos de Hoffman, estavam deitados em colchões de palha sobre a plataforma do trono, conscientes e conversando. Tinham ido no encalço do pai, expulsado os inimigos das muralhas do castelo e atacado os homens de Vermire e Riven que se engalfinhavam entre si. Os ferimentos dos Staglords e dos Mantos-Cinzas haviam mantido Siegfried ocupado durante a noite inteira. Os irmãos acenaram para Drew quando o Lobo passou por eles, rumo a uma cadeira de vime perto da janela.

Rufus Rubro estava sentado nela, ignorando os diversos pedidos de Siegfried para que se deitasse. O Hawklord grisalho não queria tirar as pessoas dos respectivos leitos para acomodar o que chamava de “seu traseiro penoso”. A batalha do velho Gavião contra os Corvos havia sido épica, e seus ferimentos decorriam do fato de ter atravessado o telhado do castelo em uma queda, em meio a uma chuva de cacos de telha. Scree fora o único Crowlord a sobreviver, voando ferido pelos céus de volta a Riven.

Uma das asas de Rufus Rubro estava quebrada, mas o velho Gavião se recusava a ser atendido por Siegfried. Ele tomava as poções curativas, bebia as infusões de ervas e até aceitava as preces do sacerdote de Brenn, mas não permitia que os curandeiros lhe encostassem um dedo sequer.

Drew não conseguiu evitar um sorriso diante do beligerante Gavião.

— E então, está gostando da espada de seu pai, garoto? — perguntou Rufus, fazendo uma careta ao se mexer no assento.

Drew passou a mão pelo cabo branco arredondado da Moonbrand.

— Antes de ontem à noite, diria que é uma lâmina como qualquer outra, mas eu estava enganado. — Drew puxou um

banquinho e sentou ao lado de Rufus Rubro. — Você sabia que ela era capaz de fazer aquilo?

— A chama branca? Sim, menino. Vi Wergar brandir essa espada muitas vezes sob o luar. Quando o céu se abria, não havia espada mais mortal em todos os Sete Reinos. Essa lâmina é capaz de partir a montanha Tor Raptor ao meio.

Drew viu Reinhardt abraçando um jovem de manto cinza no outro lado da sala do trono. Foi um abraço apertado, que tirou os pés do garoto do chão.

— Vejo que ele já está recuperado — comentou Rufus Rubro.

— Quem? — perguntou Drew, tentando ver o rosto do jovem sob o capuz enquanto Reinhardt o abraçava.

— O irmão mais novo do Cervo — respondeu o Hawklord.

Drew estreitou os olhos e conseguiu ver o rosto do garoto quando o capuz caiu. Não havia como confundi-lo com outra pessoa: tinha conhecido Milo em Windfell, onde o jovem Cervo fizera um pedido de ajuda aos Hawklords depois de seu retorno, um pouco tarde demais, uma vez que os transmorfos já haviam decolado. Era um rapaz valente que tinha saído cavalgando em busca de auxílio, contrariando as ordens do irmão. Era bom vê-lo de novo e em melhor situação. Quando Drew e Rufus Rubro o deixaram em Windfell para ir às pressas a Stormdale, ele estava muito mal, atingido por flechas vermirianas.

— Como está se sentindo? — perguntou Drew, voltando sua atenção para o Hawklord.

— Como se tivesse entrado em uma briga com um Bearlord — respondeu Rufus Rubro com uma careta. — Não ligue para mim. Existem outros aqui que precisam muito mais da atenção do velho Siegfried.

Ao ouvir seu nome ser mencionado, o magíster olhou para eles do local onde atendia um dos filhos de Hoffman.

— Temos muito a agradecer — falou Drew. — O Staglord e seus curandeiros já fizeram os curativos na maior parte dos feridos, e suas preces e ervas parecem estar fazendo maravilhas.

— Ele não é um Cervo — falou Rufus Rubro em tom debochado.

Drew se mostrou perplexo e olhou para Siegfried, que ajudava o Staglord a se levantar.

— Ele é um Boarlord — acrescentou Rufus. — Como muitos outros magísteres espalhados pela Lyssia. Foi mandado para cá muitos anos atrás, quando aprendeu seu ofício. E não saiu mais de Stormdale desde então.

— Ele deve conhecer meu amigo Hector.

— O filho de Huth? Ah, sim. É tio dele. Siegfried é irmão do velho barão.

Drew olhou com atenção para Siegfried, de repente se dando conta da semelhança entre o velho e o jovem magíster de quem havia se separado em Highcliff tanto tempo antes. Lembrou-se de que tinha ouvido dizer que os Boarlords eram magísteres em diversas cortes espalhadas pela Lyssia, e a presença de Siegfried por lá começou a fazer mais sentido.

— Ele virou as costas para Redmire, então?

— Todos eles fazem isso, porque passam a fazer parte de outra corte. São como monges, esses magísteres: o único compromisso deles é com a magia. Um dos primos dele foi o magíster de Griffyn em Windfell. O velho tolo caiu sob a lâmina do machado quando Leopold voltou sua fúria contra nós. Eu pesquei seu corpo no rio Steppen na primavera seguinte.

Drew sempre se sentia mal ao ouvir falar das atrocidades do falecido rei. Os atos de violência de Leopold contra os súditos eram um lembrete constante de como *não* governar, caso Drew conseguisse algum dia ocupar seu devido lugar no trono.

— Nós temos muito a agradecer — repetiu Drew, lembrando os acontecimentos da noite anterior. — Brenn certamente estava olhando por nós. Quem sabe o que poderia ter ocorrido se aquele vermiriano não tivesse atirado uma flecha em Croke?

Rufus Rubro bateu no joelho de Drew com sua mão pesada.

— Realmente — disse o Hawklord, sarcástico. — Onde estaríamos se Brenn não tivesse nos agraciado com sua atenção?

— Muito cuidado com o que vai dizer — avisou Drew, incomodado. — Suas palavras podem ser bastante ofensivas para o povo temente a Brenn, Rufus Rubro.

Rufus Rubro se inclinou para a frente.

— Fui eu que meti aquela porcaria de flecha de prata no velho Corvo — ele cochichou.

Drew empalideceu.

— *Você matou Croke?*

— Silêncio, rapaz. Não faz sentido revelar os meus feitos para esse pessoal. Que eles pensem que os Ratos e os Corvos se voltaram uns contra os outros. Era o que iria acontecer, de qualquer maneira.

— Você o assassinou? — perguntou Drew, pego de surpresa pela confissão de Rufus Rubro.

— Assassinato? Estamos em *guerra*, menino. Já disse isso uma porção de vezes. E perguntei o que você faria caso surgisse a necessidade; se seria capaz de tirar a vida de um homem por um bem maior.

Sentado no banquinho, Drew se recordou dos eventos ocorridos na muralha. Desde a morte de Croke, tinha passado o tempo todo agradecendo aos céus e às estrelas por ter sido um dos inimigos que deu início ao banho de sangue entre os vermirianos e os homens de Riven.

— Pensei que tivesse sido uma intervenção divina — ele murmurou.

— Eu fiz o que precisava ser feito, algo que você *não ia* fazer. Não existe vergonha nenhuma nisso, menino. Mas não posso dizer que não o entendo. A guerra às vezes nos obriga a realizar tarefas desagradáveis.

— Eu disse que não faria isso, e era verdade — afirmou Drew.

— Eu sei, e por esse motivo não insisti no assunto. Pode dormir tranquilo, sem dor na consciência. Um arqueiro vermiriano morto, um arco, um manto e algumas flechas de prata roubadas... Fui eu que dei o golpe fatal, e apenas eu vou conviver com esse fato até o fim da vida. Você pode me agradecer mais tarde.

— Agradecer? Não sei o que pensar — respondeu Drew, balançando a cabeça, sentindo-se ao mesmo tempo aliviado e atônito. — As pessoas querem que eu seja o líder de um novo tempo, Rufus Rubro. Uma nova era, com os Sete Reinos unidos

pelo Lobo, e não pelo Leão. Esse povo não merece que eu seja muito mais que um rei? Minhas atitudes não deveriam ser um exemplo de retidão moral e espiritual? Se eu provoquei a morte de Croke, qual é a diferença entre mim e Leopold?

— Eu sou um soldado, Drew, um homem de ação. Não estou muito preocupado com o que as pessoas pensam sobre mim, e você pode agradecer pelo fato de ainda haver gente viva nesta cidade, porque todos podiam ter morrido.

— É essa a diferença entre nós, então? — Drew sussurrou. — Entendo que suas atitudes visavam a um bem maior, mas isso representa um fardo sobre os meus ombros. E eu ainda tenho que agradecer pelo que fez?

— Deixe isso para lá, garoto — disse Rufus Rubro, dispensando Drew com um gesto de mão. — Nunca fui do tipo que precisa de aplausos. A batalha foi ganha, as pessoas escaparam de ser massacradas pelos Ratos e pelos Corvos. Isso com certeza você entende, não é mesmo? Se a verdade sobre como os inimigos se voltaram uns contra os outros é um fardo pesado demais para você, pode deixar que eu fico com ele. E quer saber? Eu faria tudo de novo, sem pensar duas vezes. Fiz tudo isso sem hesitar, nem por um segundo. A culpa é toda minha, Drew da Dyrewood. Eu *protegi* você, garoto.

Era impossível negar que as palavras de Rufus Rubro eram verdadeiras. Ele fizera o que Drew havia se mostrado incapaz de realizar, poupando-o do fardo de uma obrigação sinistra. Ainda assim, desejou que Rufus Rubro tivesse mantido seu segredo apenas para si, deixando-o em uma muito bem-vinda ignorância. Talvez fosse esse o sinal de que Drew precisava, a confirmação de que não era um rei, de que não entendia o que significava governar uma nação e tomar as decisões difíceis que cabiam a um líder entre os homens.

— Não era isso que eu queria — suspirou Drew, baixando a cabeça. Sentiu alguém apertando seu ombro com dedos esqueléticos.

O magíster Siegfried se inclinou sobre ele e sussurrou em seu ouvido:

— Não seja tão rígido com o Hawklord, Vossa Alteza. Ele pode ter dado a flechada mortal, mas o plano como um todo não era unicamente de sua autoria.

Drew fitou os olhos lacrimejantes de Siegfried.

— Foi ideia *sua*?

As costas de Siegfried estalaram quando ele se agachou entre os dois Werelords.

— Se eu não tivesse sugerido a Rufus Rubro uma atitude tão drástica, não haveria ninguém a quem curar agora. Olhe ao redor, Drew; essas pessoas só estão vivas por causa da morte de Croke.

Drew balançou a cabeça, entendendo que, por mais assustadora que tivesse sido a atitude de Rufus Rubro, ele havia feito o melhor para todos.

O magíster continuou:

— Quando tantas vidas dependem da sua atitude, é preciso ter coragem para tomar decisões difíceis e às vezes fatais. Não é uma ideia fácil de assimilar, eu entendo; entendo de verdade. E não parece muito nobre, não é mesmo? Mas ser um líder é isso. É exatamente o que significa ser um Werelord. É o que o seu pai teria feito.

Drew se levantou, arrastando as pernas de madeira do banquinho pelo chão de pedra. Um sorriso triste surgiu em seu rosto, mas seus olhos cinzentos não revelavam nenhum indício de humor.

— É isso que me assusta.

A atenção de Drew se desviou do Gavião e do Javali para a agitação do outro lado da sala do trono. Uma multidão cercava Reinhardt e seu irmão mais novo. Atravessando o recinto, o Wolflord se juntou aos soldados e cortesãos ao redor de Milo. O garoto pálido e abatido que Drew deixara em Windfell havia sido substituído por um jovem transmorfo ativo e de olhos bem vívidos. Reinhardt conversava com seus cavaleiros, mantendo uma das mãos sobre o ombro de Milo, em uma atitude protetora.

— Então os curandeiros de Windfell conseguiram fazer sua mágica com você, Lord Milo? — perguntou Drew, fazendo uma

mesura diante do Cervo. Os olhos castanhos do garoto se arregalaram ao vê-lo.

— Disseram que foi você — disse Milo, empolgado, ajoelhando-se e deixando a mão do irmão perdida no ar. — Quando acordei, disseram que foi você que atendeu ao nosso chamado, Vossa Alteza.

— Ao *seu* chamado, pelo que sei, Milo — falou Drew olhando para Reinhardt, que parecia envergonhado. O fato de a sobrevivência de seu povo se dever à teimosia de um menino já era embaraçoso, e o fato de esse menino ser seu irmão só tornava as coisas ainda piores para o Cervo.

Drew estendeu a mão para que Milo se levantasse.

— Não precisa ter cerimônias comigo. Pelo menos enquanto não colocarem uma coroa na minha cabeça em Highcliff, o que certamente não vai acontecer tão cedo. Pode me chamar de Drew.

Reinhardt tomou a frente de Drew e ajudou o irmão a ficar de pé. Os cavaleiros com quem conversava já tinham saído da sala, seguidos por outros à medida que a notícia se espalhava.

— Diga a ele o que você viu, Milo — disse Reinhardt, encarando o Wolflord com uma expressão bem séria.

— Incêndios, Vossa Alte... Drew — ele se corrigiu. — Incêndios na floresta.

— Floresta? — perguntou Drew.

Rufus Rubro se levantou de um salto ao tomar ciência do fato.

— Que floresta? — o Hawklord quis saber.

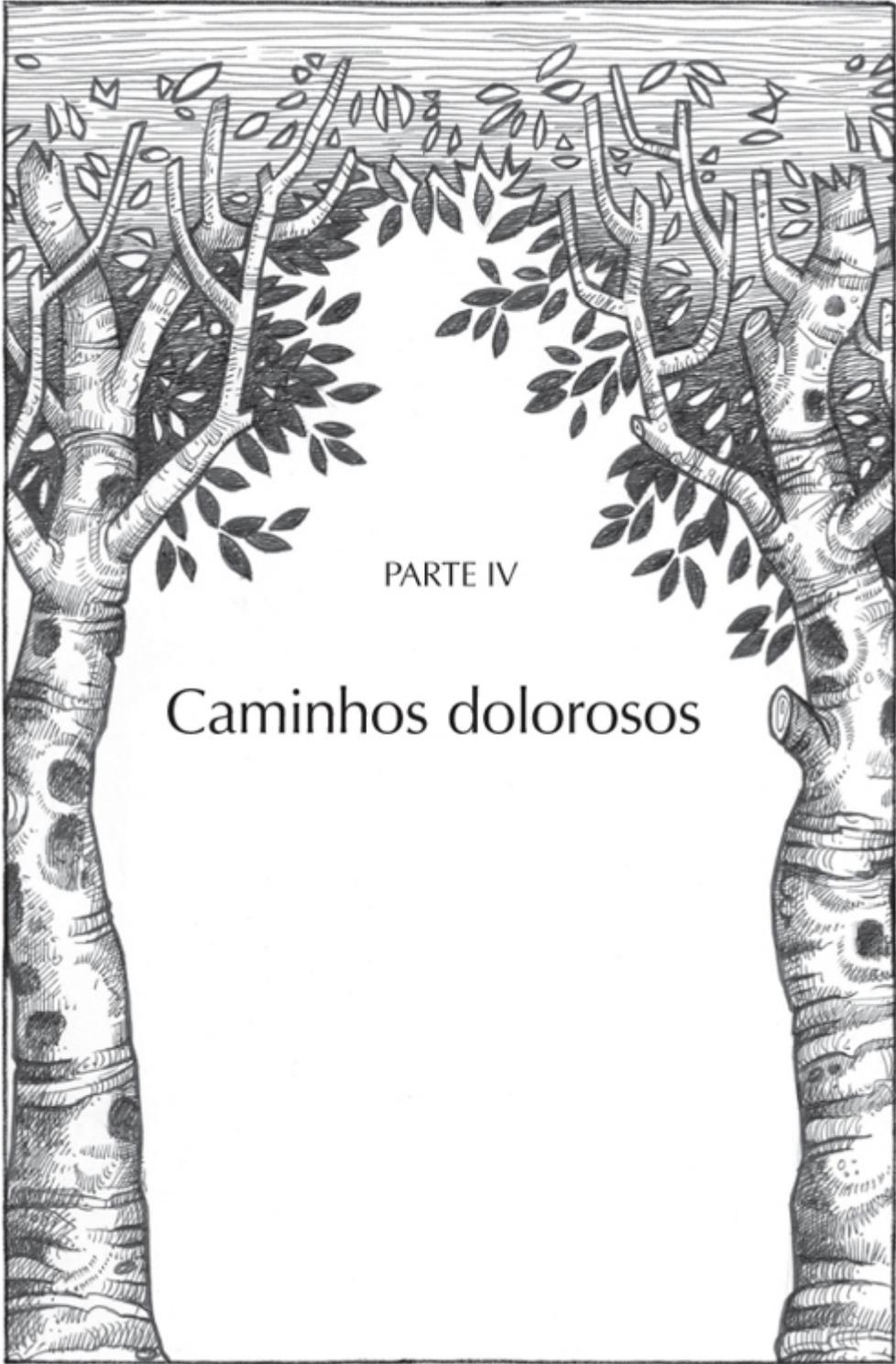
— A Dyrewood, milorde — contou Milo.

Drew saiu correndo em um rompante. Atravessou as portas duplas da torre de menagem, chutando o gelo e a neve que se acumulavam no pátio, abrindo caminho por entre os homens e as mulheres de Stormdale, rumo às muralhas em ruínas. Subindo os degraus de três em três, quase caiu pelo parapeito ao chegar lá no alto, disputando espaço com os cavaleiros que olhavam para o oeste.

Era isso mesmo. Através da fina camada de fumaça cinzenta que ainda pairava sobre Stormdale, bem distante das terras dos Staglords, o sinal de fogo no horizonte era bem claro. Enquanto os

primeiros raios de luz da manhã surgiam sobre as Barebones, os homens sobre as muralhas em ruínas olhavam para as nuvens espessas e escuras que subiam da floresta ancestral. Nuvens pretas agourentas fervilhavam como um mar tempestuoso sobre a Dyrewood.

Brackenholme estava em chamas.



PARTE IV

Caminhos dolorosos



# 1

## Na floresta

— Não temos como passar por aqui — disse Stirga, olhando para a muralha gigante de madeira que cercava Brackenholme. Trent andava de um lado para o outro, passando uma das mãos pelos postes encravados nas profundezas da terra congelada enquanto a outra segurava o corpo inerte de Gretchen sobre o ombro. “Preso na cidade da floresta.” Trent sentiu o pânico crescer dentro de si, fazendo as entranhas queimarem. Passou a mão pelo antebraço, sentindo o suor sobre a pele, apesar do frio congelante.

— Tem que existir algum outro jeito de sair daqui — disse o jovem batedor, olhando para o romari em meio à fumaça e à névoa. O fogo consumia os galhos mais acima, e apenas o Grande Carvalho tinha sido poupado das tochas dos Wyldermen. O céu tingia-se de laranja, com chamas vermelhas e amarelas dançando contra a alvorada enquanto os selvagens liberavam sua fúria sobre Brackenholme.

Trent olhou para Stirga em busca de uma palavra de incentivo enquanto procurava um meio de escapar. A queda do palácio do Bearlord havia sido terrível, o cesto de roupa suja tendo despencado a toda velocidade. Por um milagre, Trent e Gretchen

havam escapado ilesos do impacto do elevador improvisado contra o chão. A neve recém-caída amortecera a queda, salvando a vida dos três. Mas o romari não tivera tanta sorte: o antebraço de Stirga se partira como um graveto ao aterrissarem, e ele o comprimia junto à barriga. Gretchen permanecia inconsciente por causa do golpe da cauda da Wereserpent.

— Existem três portões, garoto — disse o engolidor de espadas, fazendo uma careta de dor enquanto segurava o braço fraturado. — A estrada Dymling corta a cidade de norte a sul. Acredito que nossos amigos da floresta tenham entrado em Brackenholme pelo portão Sul.

— Isso mesmo — confirmou Trent, lembrando-se da horda que o seguira até a cidade. — Vamos sair pelo portão Norte, então?

— O lado oeste da cidade está destruído. Você quer voltar para aquele caos? Eu recomendo ir para o terceiro portão, se possível. — Stirga apontou para a escuridão mais a leste. — O portão da Dyre.

Não havia nenhum ruído daquele lado da muralha de paliçada. Os sons da batalha emanavam do centro da cidade, onde o confronto ainda fervilhava em alguns pontos.

— E para onde ele leva?

— Para a estrada Dyre, passando pela floresta rumo às Barebones, cruzando o coração do território dos Wyldermen.

— Mas eles estão todos aqui, não? Os selvagens?

Stirga curvou os lábios e balançou a cabeça.

— Um bom número deles foi reunido no ataque organizado por Vala, mas existem milhares de Wyldermen espalhados pela Dyrewood, esperando para entrar em Brackenholme. Aquela mata não é um lugar seguro, de jeito nenhum.

— Está dizendo para *não* sairmos pelo portão da Dyre?

Trent sentia-se aflito. Suas forças se esvaíam a cada momento, e Stirga falava por códigos, sugerindo uma coisa e depois impondo obstáculos à própria sugestão.

— Não foi isso que eu falei, Manto-Rubro — rebateu o romari. — Podemos sair por esse portão, mas mantendo distância da

estrada. Os Wyldermen virão pela Dyre quando o restante de suas forças entrarem na cidade.

— Mantendo distância da estrada? Está dizendo para entrarmos na floresta assombrada? — Trent perguntou, sentindo um nó na garganta.

— Prefiro encarar os perigos da Dyrewood do que aquilo que podemos encontrar na estrada. Você viu do que os Wyldermen são capazes: são um bando de monstros. Mas precisamos nos apressar. O exército de Vala está em alerta. Ainda não escapamos definitivamente de suas garras. Quanto antes sairmos de Brackenholme, tanto melhor.

Trent balançou a cabeça.

— Vamos seguir rente à muralha, então. Para o portão da Dyre.

Estava pronto para começar a andar quando Gretchen começou a resmungar em seu ombro, emitindo ruídos inquietos e cravando as mãos nas costas de Trent.

— Me deixe dar uma olhada nela — disse Stirga, pedindo que ele a deitasse na neve.

Trent estava perto de seguir as instruções do romari quando um som ensurdecedor se aproximou deles rapidamente, vindo da escuridão.

O primeiro cavalo apareceu em meio à fumaça, fugindo em pânico, desorientado. Em seguida vieram outros, lado a lado, seguindo os próprios instintos para fugir do caos. Seus olhos se reviravam nas órbitas enquanto aceleravam o galope, bufando e relinchando, os gritos da batalha ecoando logo atrás. Trent e Stirga saíram do caminho por medo de serem atropelados, e Gretchen soltou um grito ao se sentir puxada pelos dois.

Trent se levantou e avistou uma montaria que se destacava das demais, com uma sela diferente no lombo. Levou os dedos aos lábios e assobiou. O ruído agudo se elevou sobre o tropel dos cascos chocando-se contra o chão; o galope diminuía conforme se aproximavam da muralha. Tempestade se afastou do bando, mantendo as orelhas em pé enquanto trotava na direção do jovem batedor. Trent ergueu a mão quando a égua puro-sangue marrom

pôs o focinho junto a seu rosto, soltando uma breve bufada de alegria quando os dedos dele acariciaram sua crina.

— Boa menina — ele murmurou. Ele tirou Gretchen de cima do ombro e a acomodou na sela. Quando ergueu os braços para ajeitar melhor o corpo inerte da garota, sentiu uma dor aguda no ombro esquerdo, cujos reflexos se espalharam por todo o corpo.

Stirga deu uma olhada nas costas de Trent.

— O seu Manto-Rubro parece estar um pouco mais vermelho que de costume — disse o engolidor de espadas, fazendo uma careta. — Você foi atingido por uma flecha e precisa removê-la.

Trent se lembrou do que tinha acontecido no alto da árvore enquanto tentava cortar a corda da ponte. Estendeu a mão para trás e localizou o projétil, ainda alojado na parte posterior do ombro.

— Não dá tempo... mais tarde — ele falou, colocando as rédeas de Tempestade na mão do braço ainda inteiro de Stirga. Em seguida, foi caminhando em direção aos cavalos inquietos. — Precisamos de outra montaria.

— Você quer sair cavalgando daqui? — murmurou Stirga ao lado da égua, que pisoteava o chão, inquieta.

Trent mal parou para responder, ocupado em conseguir outro cavalo.

— Mais ou menos isso.

A estrada Dyre passava no meio de duas portas de madeira altas e escancaradas sob a guarita de entrada de Brackenholme. Uma das portas gigantescas jazia apoiada contra a muralha, quebrada e deformada. A outra estava pendurada nos enormes batentes que a prendiam à torre da guarita, inclinada sobre a estrada. Havia um tronco de árvore esquecido junto à paliçada, o aríete usado pelos Wyldermen no ataque ao portão da Dyre.

Mais de duas dezenas de selvagens ocupavam a guarita, os olhos voltados para o centro de Brackenholme. Penas vermelhas adornavam suas cabeças, presas nos cabelos negros como lâminas ensanguentadas. As ordens eram claras: caso os habitantes da

cidade do Urso tentassem fugir, eles deveriam matá-los sem piedade. Durante tempo demais, os Wyldermen tinham sido forçados pelo clã do Urso a viver escondidos. Uma vez que a Lyssia inteira se fragmentava, Vala tinha escolhido o momento ideal para atacar o Bearlord. Com os Werelords do reino do oeste envolvidos em uma guerra civil, a rainha Serpente saía do exílio na Wyrwood trazendo consigo todas as tribos, unidas em torno da deusa contra um inimigo comum. Agora Brackenhholme era dos Wyldermen. Vala havia emergido de maneira triunfal.

O chefe guerreiro conhecido como Dente Preto recebera a missão de vigiar a estrada Dyre. Estava sentado sobre um pedaço quebrado do portão, cutucando distraidamente sua superfície com o machado enquanto observava o fogo engolir a cidade. Seu cocar de penas ia até a altura dos ombros, e as mechas de cabelo em estilo rastafári caíam-lhe sobre a barba comprida. Passou a língua pelos dentes afiados e enegrecidos que lhe conferiam seu nome. Dente Preto não queria ficar cuidando de um amontoado de madeira quebrada. Seu desejo era estar na cidade, lutando contra aqueles que haviam exercido a supremacia sobre a floresta durante longos e difíceis anos. Enquanto seus irmãos Penas Sangrentas estavam ao redor do Grande Carvalho, Dente Preto fora deixado à margem, como um simples soldado.

A deusa Vala havia sido recebida de braços abertos por aquele povo tolo. Eles a tinham conduzido à cidade do Urso pensando que se tratava de um dos seus, enquanto seu mais fiel discípulo, o guerreiro conhecido como Coração Negro, ia na frente dando a notícia, avisando as tribos e coordenando o ataque. As tribos se reuniram na hora planejada, entrando na cidade assim que Coração Negro abria os portões. Os poucos guardiões do portão da Dyre foram pegos de surpresa pela invasão. Os homens de Dente Preto já haviam removido o corpo deles e se preparavam para se alimentar de sua carne.

O batucar dos cascos no chão fez Dente Preto levantar a cabeça e estreitar os olhos. Os Penas Sangrentas se prepararam para a ação, empunhando as armas, enquanto os que estavam sobre a muralha erguiam os arcos. Quando a bruma se desfez e revelou um

bando de cavalos correndo em sua direção, os Wyldermen desmancharam a formação e abriram caminho. Dente Preto saltou do portão quebrado, aterrissando no meio da estrada e brandindo o machado.

— Voltem aqui, seus vira-latas! — gritou na língua dos selvagens. — São só cavalos! Vamos pegá-los; são um ótimo alimento!

Quando o primeiro cavalo se aproximou, o chefe guerreiro firmou os dois pés no chão. Seu coração disparou. Aquilo era o mais próximo que chegaria de uma batalha naquela noite. “Vou derramar um pouco de sangue, nem que seja o de um cavalo.” Os homens começaram a gritar quando o viram diante do bando em disparada, soltando urros animais pelo ar. Dente Preto ergueu o machado e o cravou no primeiro bicho que passou, arrancando-o logo em seguida para acertar outro. O chão estremeceu com a passagem do tropel, e ele soltou um rugido de júbilo ao ver os cavalos tombarem.

Os homens relaxaram, começando a apreciar o espetáculo. Baixaram as armas, e todos os olhos se voltaram para a exibição de Dente Preto. Ele viu um cavalo marrom saltar sobre outro que tinha acabado de cair e arrancou o machado do pescoço do animal abatido. Mas aquele não era como os demais. Um cavaleiro pálido o montava, carregando consigo uma menina deitada na parte da frente da sela. Seu manto esvoaçava como uma onda escarlate enquanto ele sacudia as rédeas com uma das mãos e brandia uma espada com a outra. Por um breve momento, uma expressão de surpresa surgiu no rosto de Dente Preto, um segundo antes de a espada atingir seu rosto, mandando-o ao chão.

Em meio ao sangue que lhe escorria sobre os olhos, viu outro cavalo sem sela no encalço do marrom, montado por um velho magricela, agarrado à crina com uma das mãos. Os cavalos continuaram passando a toda velocidade, galopando estrada a fora e desaparecendo na floresta.

Quando o último deles passou, Dente Preto se levantou e se virou para os Penas Sangrentas, o rosto contorcido de raiva. O

corte profundo na face se abriu ainda mais quando rugiu furiosamente:

— Atrás deles!



2

## Em boa companhia

Bergan estava apoiado sobre os calcanhares, observando o vale que haviam atravessado naquele dia e agradecendo a Brenn pela boa sorte. Ele e seu pequeno grupo tinham deixado as catacumbas, feito uma boa refeição composta de carne de coelho crua e nerocardos, reencontrado o querido amigo Hector, e o céu estava aberto. Levando tudo isso em consideração, não podia reclamar de sua existência.

O jovem magíster seguia pela trilha, afastando-se da Guarda Javalina. Havia passado por uma tremenda transformação desde que a onda de violência começara. Drew tinha sido o elemento catalisador, sem dúvida, embora o Wolflord não pudesse ser responsabilizado pelo que acontecera em seguida. Quando os Werelords da Lyssia — e de outras partes — escolheram seu lado na disputa, a guerra se alastrara pelos Sete Reinos, com as forças fiéis ao Leão de um lado e os defensores do Lobo do outro. Hector fora arrastado para o olho do furacão ao lado de Drew, já que ambos tinham se tornado grandes amigos antes que o destino os separasse. Mas o filho de Wergar estava perdido no mundo,

provavelmente morto, se os boatos que Hector ouvira fossem verdadeiros, e o Boarlord era apenas uma sombra de seu antigo eu.

— Sente-se aqui, rapaz — disse Bergan, batendo a mão espalmada na pedra onde havia se acomodado. Hector sorriu, afastando o manto de viagem para que pudesse se acomodar ao lado do Bearlord.

— Como está se sentindo, milorde?

— Hector, vamos parar com as formalidades. Pode me chamar de qualquer coisa, até de tio, mas “milorde” não faz o menor sentido, principalmente depois de ter nos resgatado dos escaramuçadores.

Hector balançou a cabeça em concordância e abriu um sorriso.

— Como está se sentindo, tio?

— Muito melhor depois de ter alguma coisa no estômago que não seja um inseto. Você nem imagina o que fizemos para sobreviver naquelas catacumbas. E o elixir que você me deu também funcionou muito bem. Obrigado.

Hector e sua maleta de remédios. Mais uma coisa à qual o grupo devia sua gratidão. Como era um magíster, ele quase nunca saía sem seus apetrechos, e apenas por um milagre ficara com o objeto ao ter sido abandonado em Moga por Vega. Dentro daquela maleta de couro ele mantinha uma grande variedade de ervas e poções curativas, bálsamos e unguentos que podiam ser aplicados em todos os tipos de ferimentos. O peito de Bergan ardia terrivelmente desde que metade de Highcliff caíra sobre ele. A partir de então, seu estado só havia piorado. O peito começara a chiar quando estava nas catacumbas, e a respiração continuou a atormentá-lo mesmo depois de ter saído de lá. As infecções de que estava sofrendo foram aliviadas com a intervenção de Hector, melhorando quase da noite para o dia. Era bom ter o Boarlord com eles. Bergan esticou o pé e deu um pequeno chute na maleta depositada aos pés de Hector, agitando seu conteúdo.

— Não sei o que você guarda nesta caixa de segredos, mas agradeço por tê-la trazido.

Hector sorriu outra vez, arrastando suas coisas para perto de si, longe do alcance do duque.

— Segurança acima de tudo, tio — ele falou, explicando o motivo de sua cautela.

— Sim, não queremos quebrar essas coisas, não é?— perguntou o velho Urso, olhando para a trilha à frente. — É melhor seguirmos adiante enquanto ainda é dia. Qual foi a estimativa do seu patrulheiro para chegarmos ao território de Henrik?

— Bom, estamos no sopé das montanhas, segundo Sorrateiro — contou Hector. — Se mantivermos o passo, chegaremos a Sturmland amanhã. Mas será um milagre se não encontrarmos um dos patrulheiros do Urso Branco antes disso.

— Vamos esperar que ele esteja disposto a ajudar — comentou Bergan, coçando a barba rala.

— Existe o risco de não estar?

— Nós nos conhecemos há muito tempo e temos nossas diferenças. Ele me culpa por muita coisa que aconteceu no passado, quando se deu a queda de Wergar e a ascensão de Leopold. O fato de o Conselho Lupino ter mandado alguns pedidos de ajuda sem obter resposta me preocupa.

— Tenho certeza de que ele será compreensivo, tio. Foi aliado do Lobo muito tempo atrás e certamente estará disposto a voltar a sê-lo. Venha, acho melhor irmos andando.

Hector se inclinou para apanhar a maleta, depois se levantou, esticando o corpo. Bergan o observava atentamente e ficou surpreso ao ver como estava magro.

— Você precisa pôr um pouco de carne nesses ossos, Hector. Não está certo um Boarlord ser tão magro!

— Veja só quem fala, tio — riu-se o magíster, pendurando a maleta em um dos ombros.

— Eu sobrevivi um bom tempo de minhocas e insetos, garoto. Qual é a sua desculpa?

Hector sorriu e se encaminhou para onde estavam seus homens, sem responder. Bergan se levantou também. Ringlin, o altão de Highcliff, puxou o barão de Redmire para o lado a fim de conversarem. Bergan não gostava daquele homem nem de seu amigo mais gordo, Ibal, mas a lealdade de ambos era inquestionável. Por mais suspeitos que parecessem, estavam ao

lado de seu senhor no resgate de Bergan e seus companheiros, e o Bearlord havia feito questão de agradecer-lhes pessoalmente várias vezes desde então.

— Eles são bem próximos, não?

Bergan se virou e olhou para o homem que lhe falava. Bo Carver estava deitado na neve, bem perto dele, aproveitando o sol fraco do inverno, o corpo tatuado e o rosto voltados para o céu luminoso.

— E dá para culpá-los? Os ugri mal sabem falar a nossa língua, e o parceiro daquele ali é mudo.

— O gordo não é mudo — garantiu Carver, sem abrir os olhos, as mãos cruzadas sobre o peito. Parecia estar em um dia de verão numa campina verde, a julgar pela serenidade do Lord dos ladrões.

— É opção de Ibal nunca abrir a boca?

— Acho que ele é perfeitamente capaz de falar — continuou Carver. — Quando precisa dizer alguma coisa, faz isso para Ringlin. O termo *ardiloso* parece ter sido inventado para esses dois.

— Você tem memória curta, Carver — respondeu Bergan, caminhando pela trilha e se aproximando do homem. — Não faz muito tempo que seu nome foi jogado na lama por causa de suas transgressões, e não houve muita gente que falasse em sua defesa, pelo que me lembro. Pensei que você seria mais compreensivo com seus irmãos da Guilda dos Ladrões.

— Eles não são meus irmãos, senhoria — disse Carver, erguendo as mãos para estalar os dedos. Sentou-se e estreitou os olhos ao fitar Bergan. — Nunca matei um homem a sangue-frio em nenhum dos meus roubos. O mesmo não pode ser dito desses dois. Somos bem diferentes; e, pelo que descobri até agora, não confio neles.

Bergan olhou para os homens da Guarda Javalina, observando com atenção os membros mais antigos da equipe de Hector. Ibal o encarava. Bergan abriu um sorriso quando o ladrão rechonchudo acenou para ele.

— Aposto que você nem sabe tanta coisa assim sobre eles — murmurou Bergan.

— É exatamente disso que estou falando — respondeu Carver, levantando e se posicionando ao lado do Bearlord. — Pick tem medo deles. Lembre-se: fiquei encarcerado por muitos anos na Casa do Traidor. Fiquei afastado um bom tempo da vida na Guilda, mas Pick, não. Ela viu uma porção de coisas, e com certeza conhece Ringlin e Ibal muito bem. Eu acredito no que ela me diz. É uma boa menina, uma ladra de muito futuro.

— De muito futuro — ironizou Bergan. — Quem vê pensa que roubar é uma profissão.

— É a única opção disponível para alguns, milorde — respondeu Carver. — As oportunidades que existem no seu mundo raramente chegam a nós na sarjeta.

Bergan soltou um grunhido para mostrar que havia entendido — o mais próximo de um pedido de desculpas que Carver receberia do Lord de Brackenhholme. Ele continuou:

— A menina dorme ao meu lado à noite. Acho que me tornei uma espécie de pai adotivo dela. Mas uma coisa é certa: Pick não pode ficar sozinha com eles.

— Então eles eram homens maus...

— *Ainda* podem ser homens maus — corrigiu o Lord dos ladrões.

— Seja como for, não estamos em condições de escolher nossos aliados. Eles são leais a Hector, e para mim isso basta.

— Basta mesmo? — murmurou Carver, desviando o olhar da Guarda Javalina. — Você está sozinho nessa, ao que parece. Eu não confio nos acompanhantes do barão, e Fry também não.

Carver estava certo, obviamente. Fry, que era oriundo de Sturmland, tinha sérias restrições quanto ao fato de Hector ter guerreiros ugri a seu serviço. Carver e Fry vinham se questionando bastante a respeito desse fato.

— Já chega de desconfiança, Carver — disse Bergan, em um tom alto o bastante para atrair a atenção de Hector e seus homens. Bergan sorriu e acenou antes de se virar e segurar Carver pelo cotovelo. Conduziu o homem pela trilha, afastando-se da Guarda Javalina e se aproximando do local onde Fry e Pick os aguardavam. — Eles estão do nosso lado — continuou —, e você

precisa aceitar isso, Bo. Vamos permitir que a atitude deles prove a lealdade que nos devotam, e pare de ficar vendo só o pior nas pessoas.

Carver deteve o passo quando passaram por uma rocha que os afastava dos olhos e ouvidos de Hector e seus homens. Cutucou Bergan no peito com seu dedo grosso, deixando de lado o decoro e a reverência.

— Enquanto estivermos viajando com eles, vou ficar sempre de olho aberto. Se a sua consciência está tão tranquila assim, que você durma em paz. Pode deixar que eu me preocupo com as apunhaladas pelas costas.

— Deve ser terrível não poder confiar em ninguém, Carver.

O Lord dos ladrões lançou um olhar enviesado para o Bearlord.

— Acha mesmo? Pois foi o que me manteve vivo durante todos esses anos.

Dito isso, virou-se e foi ao encontro do sturmiano e da menina, deixando que Bergan esperasse pelo magíster e sua Guarda Javalina. O Lord de Brackenhholme pôde ouvir o risinho perverso de Ibal antes mesmo de ver o grupo surgir por trás da rocha.



3

## A estrada Dyre

Drew se virou na sela, olhando por sobre o ombro para a superfície coberta de neve da estrada Dyre em busca de seu acompanhante. Algumas pessoas não tinham nascido para cavalgar, e o ranzinza Hawklord era uma delas. Rufus Rubro havia ficado o tempo inteiro às turras com sua égua cinzenta, que só obedecia a seus comandos quando forçada por rédeas e esporas. Quando a montaria se mostrava especialmente relutante, o velho Gavião recorria a uma torrente de insultos, como fazia naquele exato momento. Drew estalou os lábios, dando meia-volta com Bravura, e foi trotando até seu camarada.

— Silêncio! — ele falou. — Assim você vai deixar em alerta todos os Wyldermen daqui até Darke!

— Não é culpa minha se fiquei com um bicho teimoso desses! — resmungou Rufus da sela de sua montaria imóvel.

— Sei como se sente — murmurou Drew, mas o Gavião não o ouviu.

— Posso jurar que este animal está zombando de mim!  
Nesse exato momento, a égua bufou.

— Quem não sabe montar põe a culpa no cavalo — comentou Drew. — Ela está sentindo o seu desconforto. Tente ficar mais relaxado.

— Caso não tenha percebido, eu sou um Hawklord. Não preciso de outra coisa além das asas para me deslocar, sabia?

— Mas uma delas está quebrada, esqueceu?

— Foi só uma torção — rebateu o Hawklord.

— Seja como for, Rufus Rubro, voar está fora de questão. Então, enquanto isso, você vai precisar ser *gentil* com sua montaria. Se ela derrubar você, os ferimentos vão ser bem piores que uma asa quebrada.

Como se tivesse entendido as palavras de Drew, a égua iniciou um trote leve. Drew viu o furioso Rufus Rubro passar com a elegância de um camponês montado em um burro. Segurando-se para não rir, Drew golpeou de leve os flancos de Bravura com os calcanhares, emparelhando o cavalo branco com a montaria do Hawklord.

Os dois ainda viajariam juntos por um bom tempo antes de chegar a Brackenholme e descobrir a causa do incêndio. Os Staglords, compreensivelmente, não puderam mandar tropas para escoltá-los. Stormdale ainda estava abalada, com muitos civis e soldados feridos. Os homens das Barebones precisavam ficar em casa para reconstruir suas defesas da melhor maneira possível, para o caso de um novo ataque dos Catlords.

Milo, o irmão de Reinhardt, havia se oferecido para acompanhar Drew à cidade do Bearlord como representante oficial de Stormdale. Reinhardt se opusera de imediato à ideia, proibindo o filho de Manfred de deixar o castelo. Mesmo em tempos de paz, a Dyrewood era um lugar perigosíssimo. Com os Sete Reinos em guerra, Reinhardt tinha declarado que uma jornada pela floresta assombrada rumo à cidade em chamas estava totalmente fora de cogitação para o jovem Cervo. Drew gostava daquele rapaz. Via muito de si mesmo em Milo — em sua disposição para tomar uma atitude sempre que era preciso, na confiança com que desafiava os mais velhos. Resignado, o garoto havia se trancado em seus

aposentos, não sem antes ter reclamado alto e bom som com o irmão mais velho.

— É sua primeira vez na Dyrewood? — Drew perguntou a Rufus Rubro. Os cascos dos cavalos pisoteavam a estrada Dyre com sua neve quase sem marcas de pegadas, exceto as dos pequenos animais que de tempos em tempos cruzavam o velho caminho. Acima da cabeça de ambos, os galhos escuros das árvores se emaranhavam, bloqueando o sol fraco de inverno.

— Sim, e espero que seja a última. Que lugarzinho mais miserável! É uma terra morta; quem iria querer morar aqui? Os Wyldermen que façam bom proveito...

— Os Wyldermen não são os únicos habitantes da Dyrewood, Rufus Rubro. Eles dividem a floresta com uma série de criaturas perigosas, e isso vale para animais e plantas.

— Plantas perigosas? — questionou o Gavião. — Samambaias mal-humoradas? Frutinhas hostis?

— Pode rir, mas, se eu fosse você, não ignoraria o meu aviso. A Dyrewood é cheia de vida. Aconteça o que acontecer, não saia da estrada.

— Não sabia que você era do tipo supersticioso, lobinho. Está parecendo uma daquelas Babas romaris que leem as coisas na palma das mãos.

Foi a vez de Drew dar risada. Sua intenção era apenas alertar Rufus Rubro, porém desconfiava que a velha ave fosse orgulhosa demais para acatar conselhos, ainda mais de alguém jovem como Drew. Arriscou uma olhadela para trás.

— Mas é preocupante mesmo, não? — comentou Drew.

— O quê? — perguntou Rufus Rubro, enrolando as rédeas nos dedos de uma das mãos.

— Os Wyldermen. Não vimos nenhum sinal deles. Reinhardt avisou para nos prepararmos para um encontro com eles assim que entrássemos na floresta. As aldeias ficam bem perto da estrada.

— Talvez estejam ajoelhados no chão em algum ritual, idolatrando o monstro que se passa por deus em um lugar como este.

Drew sentiu um arrepio percorrer sua pele ao se lembrar do Xamã dos Wyldermen que havia encontrado e da criatura que seu povo venerava: Vala, a Wereserpent.

— Conheço bem os Wyldermen. Vivi na Dyrewood por uns tempos.

— Você? — questionou Rufus Rubro, deixando de lado o tom sarcástico habitual.

— Passei um outono e um inverno inteiros aqui, o pior período que se possa imaginar. Foi logo depois de descobrir as minhas... habilidades. Tive que fugir da fazenda da minha família depois de o homem que eu acreditava ser meu pai ter cravado sua espada Wolfshead na minha barriga, por achar que eu havia matado a mulher que me criou. Ele me encontrou semitransformado, com minha mãe morta nos braços e... Enfim, eu saí correndo, deixando meu irmão Trent e meu pai para trás, e o velho organizou uma caçada a mim. O único refúgio que encontrei foi a Dyrewood.

Rufus Rubro coçou o queixo grisalho enquanto olhava ao redor, observando a floresta escura e sombria.

— Isto aqui foi o seu *refúgio*? Nem imagino do que fugia então.

— Todos os fazendeiros da Costa Gélida atenderam aos chamados do meu pai. Eles achavam que estavam caçando um monstro.

— E estavam mesmo, não?

Drew olhou feio para o Hawklord.

— Foi o Ratlord Vanmorten, o chanceler do rei Leopold, que a matou. Tudo indica que foi uma queima de arquivo, porque minha mãe trabalhava para Wergar e Amelie quando Wergar era rei. Ela percebeu que Leopold ia matar todos os filhos do Lobo e conseguiu me salvar. Tenho certeza de que o Rato ficou tão surpreso quanto eu quando me transformei naquela noite.

— São uns demônios, esses Ratos! — esbravejou Rufus Rubro, cuspendo no chão. — Ele e Leopold se mereciam. Você conseguiu cravar suas garras nele, não conseguiu?

Drew abriu um sorriso forçado, ainda relembrando a imagem de Tilly Ferran morta em seus braços.

— Arranquei metade do rosto dele.

Rufus Rubro bateu na própria perna com a mão livre.

— Pois fez muito bem, Lobo. Qualquer um que tenha conseguido ferir um Ratlord e ainda está vivo para contar é meu tipo preferido de sujeito.

O estado de espírito de Drew ficou mais leve ao ver que a velha e resmungona ave de rapina estava começando a relaxar. Era a primeira vez que os dois passavam algum tempo realmente a sós. O voo de Windfell havia sido cercado de tensão; o Gavião não gostara da ideia de ter que ir com Drew até Stormdale. O período que haviam passado na cidade do Staglord não lhes permitira se conhecerem melhor — pelo contrário, só havia feito com que discordassem ainda mais. Rufus Rubro podia ter uma mentalidade que remetia à época negra de Wergar, mas aos poucos conquistava a afeição de Drew. O jovem Wolflord só não sabia se deveria ficar muito satisfeito com isso.

— Você disse que sabe tudo sobre os Wyldermen, então?

— Tive alguns encontros com eles. Posso dizer que fomos vizinhos durante seis meses.

— Imagino que eles não tenham gostado de dividir a floresta com alguém como você.

— Passei o tempo todo escondido, evitando qualquer espécie de contato quando saía da minha toca. Tinha a sensação de que minha vida iria acabar a qualquer momento. Deixei que o Lobo tomasse conta de mim. Completamente. Eu me rendi a ele. Caso contrário, já estaria morto. Eles sabiam que eu estava por aí, perceberam que havia um novo predador na floresta. São absolutamente brutais na defesa de seu território. Uma vez vi uma batalha entre duas tribos. Os vencedores arrastaram os inimigos caídos até a aldeia deles. Até o caldeirão...

Rufus Rubro não tinha muito a acrescentar a esse último comentário. Todo mundo já tinha ouvido histórias a respeito dos Wyldermen. Drew as ouvia desde criancinha; seu pai adorava assustar os filhos antes de dormir com seus casos horripilantes. Para o jovem Drew, era disso que se tratava: histórias para assustar criancinhas, que aliás tinham cumprido seu propósito, impedindo que ele se aventurasse pela floresta assombrada. À

medida que crescia foi se esquecendo delas, equiparando-as a lendas infantis como as de fadas e dragões. Para seu horror, tinha descoberto por experiência própria que tudo o que se dizia sobre aquele lugar e aquelas pessoas era verdade.

— Por isso, quando Reinhardt falou para nos prepararmos para um encontro com eles, levei suas palavras muito a sério — continuou Drew. — A estrada Dyre não é um lugar seguro para ninguém. Existem aldeias de Wyldermen por toda a floresta, e talvez até alguns assentamentos maiores.

— Bem, sorte nossa que sejam um bando de primitivos, não? — comentou Rufus Rubro. — Eles que se ocupem em guerrear entre si e se matem. Já temos problemas demais com os malditos Catlords.

Com os pensamentos voltados para o inimigo, os dois Werelords cavalgaram em silêncio pelo resto do dia. As palavras trocadas foram poucas, diálogos breves que terminavam com a mesma rapidez com que começavam. Ambos sabiam que as grandes batalhas ainda estavam por vir. Quaisquer que fossem os horrores que os aguardavam em Brackenhholme, eram algo menor em comparação com o panorama mais amplo: o príncipe Lucas e seus irmãos Catlords já dominavam a Westland, as Longridings e as Dalelands e, com uma força cercado Omir, com certeza já se dirigiam a Sturmland. A esperança de Drew era de que o inimigo se espalhasse demais e se tornasse incapaz de lutar em tantas frentes, mas a esperança não era de grande valia.

A noite caiu bem cedo, e o frio cruel do inverno fez os dois transmorfos se encolherem nas selas. Drew não conseguia mais sentir a ponta dos dedos, apesar da luva grossa que cobria sua mão direita. Deu uma olhada para o Hawklord, e teria rido da pequena gota de gelo que se formara na ponta do nariz de Rufus Rubro, caso não soubesse que sorrir com os lábios rachados e ressecados seria muito doloroso. Sem querer parar durante a tarde, continuaram avançando, até a égua cinzenta e Bravura ficarem exaustos. A lua e as estrelas estavam escondidas por um grande manto de nuvens que tornavam a floresta ainda mais escura, e os ocasionais piados de corujas e uivos dos lobos deixavam os dois em constante estado de alerta. Aqueles gritos lupinos provocavam

arrepios na espinha de Drew, ressoando profundamente dentro dele. Quando a montaria de Rufus Rubro tropeçou em um buraco invisível escondido sob a neve, eles perceberam que era hora de descansar.

Com ou sem Wyldermen por perto, não haveria como os Werelords sobreviverem sem fazer uma fogueira em uma noite de clima tão ruim. Enquanto Drew amarrava os cavalos, Rufus Rubro vasculhava os arredores à procura de lenha.

— Acho que não vamos encontrar nenhum selvagem hoje à noite — ele murmurou, desaparecendo na escuridão. — Todos os Wyldermen que se prezem devem estar trancados em suas cabanas de palha, rezando aos demônios para que o frio não acabe com eles. Se cruzarmos com algum, quebro todos os ossos dele com minhas próprias mãos para alimentar a fogueira.

Drew pôs cobertores sobre os cavalos, balançando a cabeça diante do sempre presente humor negro do Hawklord. A atitude do falcotropo em Stormdale havia ajudado a reverter a batalha a seu favor, quando Rufus Rubro e o magíster Siegfried tinham conspirado para fazer com que os inimigos se voltassem uns contra os outros. Drew não conseguia suportar a ideia de matar um homem a sangue-frio, mas era obrigado a se render à força dos fatos: fora o trabalho sujo do Gavião, lançando uma flecha no coração maligno de Croke, que havia garantido sua vitória. A sensação de triunfo em relação à vitória, no entanto, fora eclipsada pelo conhecimento das circunstâncias da morte do Crowlord.

— Que engraçado — ele murmurou para Bravura enquanto acariciava o focinho largo do cavalo branco. — Uma palavra tão simples: *morte*. Mas a perspectiva a seu respeito pode mudar. Ontem eu considerei o que aconteceu com Croke um assassinato, e veja só agora! Estou arrumando justificativas para os atos dos meus aliados...

O grito de Rufus Rubro fez as pernas de Drew fraquejarem, e ele caiu em um monte de neve ao lado da estrada. Os cavalos bufaram enquanto ele se punha de pé com dificuldade, patinando em meio ao gelo e seguindo na direção do berro do Gavião. Drew

sacou a Moonbrand, e o brilho esbranquiçado da espada iluminou o caminho.

— Rufus Rubro! — ele gritou, seguindo as pegadas do falcotrope na neve. Mais um grito, dessa vez gorgolejante e agudo, assinalou que estava por perto, e Drew acelerou o passo. Os rastros do Gavião desapareceram de repente; Drew olhou para cima.

Rufus Rubro encontrava-se suspenso em um galho a três metros do chão, com um cipó verde-escuro enrolado no pescoço. Drew reconheceu imediatamente do que se tratava: a Hera Wych. O Hawklord se agarrava à planta com toda a força, as garras afiadas arranhando-lhe o pescoço. Seu corpo inteiro se agitava, o animal dentro dele desesperado para ganhar liberdade, mas a mente do homem vencida. Caso se transformasse naquele momento, o corpo inteiro aumentaria de tamanho, porém o nó em torno de sua garganta, não. Ele perderia os sentidos antes mesmo que seu bico se projetasse, morrendo em questão de segundos. Outro cipó apareceu, enrolando-se em torno de seu pulso. Os olhos de Rufus Rubro se arregalaram ao encontrarem os de Drew, e ele pôs a língua para fora, a pele do rosto já toda arroxeadada.

Drew deixou que o Lobo assumisse o comando, fazendo seu sangue ferver, dominando braços e pernas. Agachou-se, sentindo o corpo inteiro ranger e estalar, os ossos se alongando, engrossando, mudando de forma. As pernas musculosas incharam, e a pelagem espessa do licantropo surgiu sob a roupa de couro. Segurando a Moonbrand junto às costas, ele cravou o braço semiamputado na neve, usando-o como ponto de apoio para saltar. Flexionando braços e pernas por um momento, o Werewolf se projetou no ar.

O salto foi preciso, e a trajetória ascendente só se interrompeu quando ele chegou à altura dos olhos de Rufus Rubro. A Moonbrand traçou uma trajetória circular, rompendo as fibras da Hera Wych com um sibilado, acima da cabeça do Hawklord. Imediatamente Rufus Rubro começou a cair, livrando o braço dos últimos cipós e despencando no chão como uma marionete desgovernada.

Drew aterrissou em pé a seu lado, ainda semitransformado, a Moonbrand na mão. A Hera Wych recuou, como serpentes que

fogem de uma fogueira, voltando para o alto dos galhos mais acima. Os batimentos de Drew estavam sob controle; o Lobo era o senhor absoluto da situação. A fera havia respondido de imediato ao ser evocada. Enquanto os músculos relaxavam e seu corpo retomava a forma humana, Drew olhou para o Hawklord caído sobre a superfície congelada da floresta. Rufus Rubro arrancou do pescoço os vestígios da Hera, que soltou um sibilado venenoso ao pousar na neve, e depois fixou os olhos assustados no jovem licantropo. Ciente de que a planta assassina não voltaria a atacar, Drew embainhou a espada e estendeu a mão.

— Vamos — ele falou, ajudando o Gavião a se levantar. — Precisamos acender a fogueira logo se não quisermos morrer congelados. Temos um dia cheio pela frente amanhã — acrescentou, voltando-se em direção à estrada Dyre.

— Dia cheio? — repetiu o Hawklord.

Drew deu uma olhada para trás quando sentiu que o velho transmorfo corria em seu encalço.

— Vamos precisar enfrentar uma samambaia mal-humorada antes mesmo do café da manhã.



## 4

### Atrito

A ameaça que pairava sobre a Dyrewood durante o dia era potencializada quando caía a noite. Horas depois da fuga de Brackenholme, os ruídos ocasionais de animais que ecoavam pela floresta foram silenciados pela escuridão e substituídos por sons muito mais sinistros: os gritos dos Wyldermen de penas vermelhas. Trent sabia que eram eles. Tendo passado a infância na Costa Gélida, conhecia bem os ruídos animais deles. Aqueles guinchos e uivos poderiam até enganar um homem da cidade, mas não um filho de fazendeiro. Quando um dos gritos estranhos se elevava, logo era repetido em outra parte da floresta, então Trent conseguia localizar, ainda que de modo aproximado, seu ponto de origem. Os Wyldermen haviam se espalhado para conseguir cobrir a maior área possível em sua busca. Aquela estratégia de comunicação, porém, permitia que o jovem batedor permanecesse sempre um passo à frente daqueles que o caçavam.

Stirga, o velho romari, encontrava-se em algum lugar da floresta, sozinho. Trent rezou a Brenn para que estivesse em segurança, longe do alcance dos perseguidores. Haviam se separado quando entraram cavalgando na mata, logo depois de

saírem pelo portão da Dyre. Trent e Tempestade tinham seguido por um caminho, e Stirga por outro, desaparecendo de vista em questão de segundos. Com um braço quebrado e um bando de Wyldermen em seu encalço, as chances de sobrevivência do romari eram, na melhor das hipóteses, modestas.

Gretchen, a Werelady, passara o dia deitada na sela de Tempestade, enquanto Trent conduzia a montaria a pé pelas rédeas. O jovem batedor esperava com ansiedade pelo momento em que Gretchen acordaria, para que pudesse explicar quem era e o que fazia ali. O golpe que ela havia levado no salão do Bearlord tinha sido terrível. Vala a atingira com toda a sua fúria, fazendo a garota voar por uma janela em meio a uma chuva de cacos de vidro e farpas de madeira. Gretchen permanecia inconsciente desde então, mas apresentando indícios de que poderia despertar a qualquer momento. Logo depois do cair da noite, a Raposa de Hedgemoor enfim deu sinal de vida, sentando-se na sela.

Trent se virou para ela e abriu um sorriso.

— Está se sentindo melhor, mi...?

Trent não conseguiu completar a pergunta. A bota de Gretchen se chocou contra seu queixo, provocando um estalo audível e fazendo sua cabeça girar. A Werelady esporeou os flancos da égua, e Tempestade saiu galopando, suas rédeas se soltando das mãos de Trent com um safanão. Ele viu o animal saltar por cima de uma árvore caída, e Gretchen teve dificuldade em se manter equilibrada sem poder segurar as rédeas. Logo em seguida, um galho mais baixo atingiu a garota bem na têmpera, fazendo-a tombar sobre a sela e prescrever um giro no ar, antes de cair de costas no chão com um baque surdo.

Tempestade deteve-se um pouco adiante, e Trent foi caminhando devagar para onde ambas estavam, parando ao lado da nobre caída. Atordoada, Gretchen sentou-se e tocou a cabeça com os dedos trêmulos, piscando os olhos várias vezes ao notar que as pontas estavam manchadas de sangue. O jovem soldado já não estava muito bem após ter levado uma flechada no ombro, e o pontapé da transmorfa não havia ajudado nem um pouco nesse

sentido. Passando uma das mãos pelo queixo dolorido, ele estendeu a outra para ela.

— Que tal começarmos de novo? — ele perguntou, sem conseguir esconder seu descontentamento.

— Prefiro pedir ajuda a um Wylderman — rebateu ela.

— Você é quem sabe — respondeu Trent, virando-se e dirigindo-se a Tempestade. Segurou as rédeas da égua, passando a mão em sua crina, e apoiou a testa no focinho do animal. O suor frio persistia, assim como os calafrios que se espalhavam por todo o seu corpo. Trent olhou para Gretchen, que se levantou e o encarou com desconfiança enquanto limpava a testa ferida com o dorso da mão.

— O que está olhando, Manto-Rubro? — ela resmungou.

— Para a coleção de cicatrizes e galos que você está juntando nessa sua cabecinha perfeita, milady. Primeiro saiu voando pela janela do Salão de Brackenholme, e agora enfiou a testa em uma árvore. Se não tomar cuidado, logo mais vai ser confundida com um Staglord.

Gretchen sacudiu o vestido, derrubando placas de lama e folhas secas no chão a seu redor. Ela estendeu uma das mãos para Trent, a palma para cima.

— É um pouco tarde para querer apertar a minha mão, milady — disse Trent, abrindo um sorriso austero. — Essa oferta não está mais de pé.

— Não quero tocar essa sua mão imunda. Sua montaria. Me entregue as rédeas.

— Não.

Gretchen chegou mais perto, escancarando os dentes para Trent. Teria notado algo além daquilo, um rosnado, talvez? As unhas também pareciam mais compridas em comparação com alguns momentos antes. “A Raposa está se revelando?”

— Você não está me entendendo, Manto-Rubro. Com todo o respeito, estou pedindo a sua montaria. Vou tirá-la de você de qualquer forma, e pode se considerar um sujeito de sorte se eu poupar a sua vida.

Trent fez uma careta e enrolou as rédeas em torno da mão.

— Sem querer faltar com o respeito, *milady*, você não vai fazer nada disso. A égua é minha, e se tiver o mínimo de juízo, não vai querer dispensar minha companhia.

— Está me *ameaçando*? — ela questionou, incrédula.

— Não — respondeu Trent, soltando um grunhido, o tom de voz denotando cada vez mais irritação. — Estou tentando *protegê-la*. Esta floresta está cheia de Wyldermen. Eles estão nos cercando e nos perseguindo por todos os lados. Por mais desagradável que possa lhe parecer, você precisa ficar comigo se quiser sobreviver. Os selvagens não fazem distinções. Humanos e transmorfos são devorados da mesma maneira quando caem nas garras deles.

Gretchen empalideceu, olhando por cima do ombro para a mata que os cercava.

— E o que você pretende fazer para salvar minha vida? E por que eu confiaria em você, Manto-Rubro?

— Não estou mais com o Leão. Minha lealdade agora pertence ao Lobo.

— E a única garantia que tenho disso é a sua palavra? — ela rebateu, desconfiada.

— E as minhas atitudes — argumentou Trent. — Eu estava lutando ao lado de Stirga, Yuzhnik e do capitão Harker, tentando salvar o povo de Brackenholme. Na verdade, estava tentando resgatar você e Lady Whitley.

— Você chama isso de resgate?

A paciência de Trent por fim se esgotou. Ele se aproximou e estreitou os olhos azuis para a Lady de Hedgemoor. Ela se recusou a recuar, mas sua petulância cedeu um pouco sob a intensidade do olhar do batedor.

— Fiz uma promessa de protegê-la e pretendo honrá-la, por mais imprudente que possa parecer. Se puder ignorar a cor do meu manto por um instante, vai perceber que estamos do mesmo lado. Nossos inimigos são os Wyldermen. Se quisermos sobreviver, precisamos trabalhar juntos.

Nesse exato momento, os gritos começaram a ecoar outra vez pela floresta. Estavam distantes, a ponto de não representarem

perigo imediato, mas próximos o bastante para alarmá-los. Trent abriu caminho e apontou para Tempestade com a mão livre.

— Por favor, milady. Suba de novo na montaria.

Enquanto a Werelady se acomodava de volta na sela de Tempestade, Trent se deu conta de que nunca tinha encontrado uma garota tão arisca e teimosa em toda a sua vida. Não conseguia entender o que levava o irmão a estabelecer uma amizade com ela, já que se tratava de uma pessoa desagradável em todos os sentidos.

Ele estalou os lábios e passou a caminhar e, nesse momento, percebeu que o peso que lhe oprimia o corpo não se devia apenas ao desentendimento com a senhora de Hedgemoor. Suas roupas estavam encharcadas de suor, apesar do frio da noite. A dor no ombro esquerdo havia se transformado em um latejar constante, com a flecha ainda enterrada na carne. O veneno que os selvagens tinham usado na ponta estava fazendo efeito.

Trent virou a cabeça para cima e capturou o olhar da garota por um segundo, antes que ela o desviasse para o outro lado.

— Não se preocupe, milady — disse Trent, tossindo. — Você não vai pegar nenhuma doença olhando para mim. As enfermidades que nós, camponeses, levamos no corpo exigem um pouco mais de proximidade para ser transmitidas.

— Para mim você está próximo até demais — ela retrucou, batendo os dentes.

— Transmorfos — murmurou Trent. Sua visão estava cada vez mais borrada, e pequenos pontos luminosos se espalhavam por seu campo de visão como flocos de neve brilhando na escuridão. — Vocês se acham muito melhores que as pessoas comuns, não é?

— Pode até ser, mas isso não tem nada a ver com nossa posição social. Minhas restrições a você se devem unicamente à cor de seu manto.

— Mas eu já disse que minha lealdade pertence ao Lobo.

— Lealdade? Você não deve fazer ideia do que é isso! — rebateu ela, tremendo de frio. Trent notou a pele arrepiada dos braços da jovem, a coloração um tanto azulada. — Você só pensa em si mesmo, garoto. É um vira-casaca. Duvido que algum dos dois lados ainda queira contar com você.

Trent fez uma careta, cambaleando no meio do mato. Desamarrando o laço do pescoço, arrancou o manto e o jogou sobre a garota. Suas pernas estavam bambas, e ele era incapaz de manter uma trajetória em linha reta.

— Pode ficar com esse maldito manto. Ele vai lhe cair muito bem. Quem sabe assim você não para de bater o queixo e alertar os Wyldermen da nossa presença.

Gretchen arrancou o manto do rosto como se fosse uma espécie de teia de aranha monstruosa que houvesse se abatido sobre sua cabeça, emitindo um ruído de ânsia de vômito e estendendo o braço para afastá-lo de si. Olhou-o por um momento com uma expressão de nojo, dividida entre o orgulho e a necessidade. O frio do inverno era terrível, e ficar sem agasalho não seria nada fácil. Arregalou os olhos, no entanto, ao notar a mancha de sangue na altura do ombro e o buraco aberto no tecido escarlate. Quando Gretchen abriu a boca para fazer um comentário, o batedor foi ao chão, e seu corpo inerte foi arrastado por alguns metros pela neve, enroscado nas rédeas da égua.

Gretchen saltou da sela e desenrolou a corda do pulso do membro da Guarda Leonina. Amarrou Tempestade a uma árvore próxima e se ajoelhou na superfície congelada, junto ao jovem. Aquela seria a oportunidade perfeita para pegar a égua, o manto imundo e sumir. Caso seguisse rumo ao norte pela Dyrewood, talvez conseguisse chegar à estrada Dymling. Voltar por onde tinham vindo estava fora de questão. O Manto-Rubro tinha razão: os Wyldermen estavam no encalço deles, perseguindo-os pela floresta assombrada. E eles também não podiam voltar a Brackenholme. Ela se lembrou, horrorizada, do que havia acontecido no salão do Bearlord, onde Whitley e sua mãe tinham ficado sozinhas com a Wereserpent. Passou o antebraço pelos olhos, sentindo as lágrimas escorrerem em abundância pelo rosto. As duas estavam perdidas: Gretchen as abandonara.

Olhou para o Manto-Rubro, mordendo o lábio, indecisa sobre o que fazer. Os cabelos loiros do soldado estavam colados à testa, os olhos azuis se moviam rapidamente de um lado para o outro em busca de foco, e os lábios rachados chamavam pela mãe. “Ele está

quase morrendo, só vai me atrasar.” Reconheceu aquela voz de imediato, a da princesa egocêntrica que um dia havia sido e voltava à tona em um momento de perigo como aquele. O instinto de autopreservação era algo poderoso, e seus medos e inseguranças se multiplicaram diante daquele dilema. “Eu seria capaz de deixá-lo morrer sozinho aqui?” Ela o virou de barriga para cima, já com a decisão em mente. A velha Gretchen fora silenciada. A Werefox tinha preferido sufocar seus temores.

Uma flecha estava cravada no ombro do Manto-Rubro, enterrada na armadura de couro encharcada de sangue em torno da ferida. Quando ela agarrou a haste do projétil com os dedos e a quebrou, mais um pouco de líquido vermelho jorrou dali. O jovem deu um grito, a dor despertando-o de seu estado febril.

— Tire isso daí — ele murmurou. — Por favor.

Gretchen balançou a cabeça, olhando para as próprias mãos, sem reação.

— Como?

— A armadura — ele gemeu, tentando soltar os fechos que prendiam a peça a seu corpo. Gretchen o ajudou, abrindo as fivelas, até que a parte de trás se soltasse. Ela fez uma careta ao puxar a armadura para longe da pele. O couro da peça havia enroscado na ponta da flecha, fazendo-a se movimentar dentro da carne do soldado. O jovem mordeu o antebraço para não gritar quando a armadura foi removida. Gretchen a colocou no chão e voltou a atenção mais uma vez para o ferimento.

A camisa que ele vestia por baixo estava manchada de sangue seco e úmida de sangue fresco. Ela rasgou o tecido em torno da flecha, expondo a pele ferida. A ponta do projétil estava encravada profundamente na carne; era possível ver apenas a haste quebrada.

— Tire isso daí — ele gemeu.

As mãos de Gretchen tremiam. A voz do Manto-Rubro era quase inaudível; seu corpo havia sucumbido à exaustão. A camisa continuava ensopada. “Quanto sangue ele já perdeu?”

Gretchen envolveu com os dedos a haste de madeira e puxou. O Manto-Rubro soltou mais um grito ao sentir a carne sendo

revolvida, mas ainda não havia nem sinal da ponta da flecha. Ele balançou a cabeça em um gesto destituído de força ao sentir a garota largar o projétil.

— Não adianta — ele falou, virando a cabeça para Gretchen. — A ponta é serrilhada... Vai precisar... fazer um corte...

Gretchen negou com um gesto de cabeça vigoroso.

— Não, eu não sei fazer isso. Vou machucar você ainda mais!

O jovem de cabelos loiros fechou os olhos.

— Se não fizer isso... vou morrer...

Um estranho grito animal ecoou pela floresta, seguido de outro idêntico, um pouco mais distante. Gretchen levantou a cabeça, os olhos arregalados de medo. Sabia do que os Wyldermen de pena vermelha eram capazes. Se era para remover a ponta da flecha, aquilo precisava ser feito quanto antes. Gretchen estendeu a mão até o cinto do homem da Guarda Leonina em busca de uma faca. Encontrou primeiro sua espada, e baixou os olhos até a arma. Um lobo entalhado no cabo a encarava em resposta.

— Sua espada — ela murmurou ao se dar conta de que era do mesmo tipo da que Drew carregava.

— Era do meu pai... — suspirou o jovem, ainda de olhos fechados.

Com a mente cheia de perguntas, ela puxou a espada para um dos lados enquanto terminava de examinar o cinto.

— O Lobo — ela comentou, ainda à procura de uma faca. — Ele tem uma espada como essa.

Um sorriso surgiu no rosto pálido e abatido do Manto-Rubro.

— É a mesma espada... — ele resmungou. — O Lobo... é meu irmão...

Gretchen prendeu a respiração e, nesse momento, conseguiu localizar o cabo de couro da faca de caça. “Este é o irmão de Drew? Impossível. Esse Manto-Rubro deve estar tendo alguma alucinação. Ele foi envenenado, está delirando de febre.” Com um puxão, Gretchen removeu a faca do cinto. A lâmina era escura, serrilhada de um lado e lisa como uma navalha do outro. Ela pôs uma das mãos nas costas do Manto-Rubro, sentindo a pele fria. “O irmão de

Drew?” Gretchen fez uma breve prece a Brenn. Em seguida, começou a rasgar a pele.



## 5

### Perseguidos

Drew acordou sobressaltado, com uma mão sobre a boca sufocando-lhe o grito. O rosto enrugado de Rufus Rubro o encarava, o dedo indicador da outra mão na frente dos lábios.

— Shh — sussurrou o Hawklord. — Estamos sendo seguidos.

Drew balançou a cabeça em concordância, erguendo a mão para afastar a de Rufus Rubro. O falcotrope saiu de cima dele, rolando de volta para seu saco de dormir, onde guardava o arco e a aljava. Drew se virou de bruços e saiu rastejando atrás do velho guerreiro pela extensão do pequeno acampamento.

— Quantos são? — perguntou baixinho, segurando o cabo da Moonbrand. Parou para pensar um pouco antes de sacar a arma da bainha. A espada encantada brilhava como uma tocha mesmo nas noites mais escuras, e a última coisa que desejava naquele momento era alertar o inimigo de que estava ciente de sua presença.

— Ainda não dá para saber, mas ouvi gente passando pela estrada Dyre. Estão longe, mas com certeza estão a caminho.

Os dois Werelords haviam montado seu acampamento a uma curta distância da estrada, apenas o suficiente para se manter

ocultos de eventuais viajantes. Além disso, não estavam tão embrenhados na mata a ponto de Rufus Rubro precisar temer um ataque dos terríveis predadores da Dyrewood, fossem eles plantas ou animais. O encontro da velha ave com a Hera Wych alguns dias antes o deixara tenso, assustando-se toda vez que algum galho estalava. O Hawklord vinha encontrando dificuldade para dormir, por isso se oferecera para fazer a vigília noturna. Drew, por outro lado, adormecia com facilidade na Dyrewood. Sentia-se estranhamente em casa sob a luz das estrelas na floresta. Quase sempre, precisava equilibrar Rufus Rubro sobre a sela quando o velho Gavião cochilava durante a cavalgada, debilitado pelas noites em claro.

— Eu vou pela mata — avisou Drew, apontando para as profundezas da floresta.

— E eu vou me esconder aqui. Daqui a alguns minutos já vou conseguir avistá-los...

Rufus Rubro puxou a corda do arco e o municiou com uma flecha. Em seguida deu uma piscadela para Drew, que assentiu e balançou a cabeça e desapareceu.

Agachado e passando rente às árvores, Drew disparou pela escuridão, percorrendo o limiar da mata. Permitiu que o Lobo emergisse apenas o suficiente para aguçar seus sentidos: sua visão se tornou mais precisa, transformando o mundo em uma tela com formas acinzentadas sob a luz fraca da noite. Seu faro apurado era capaz de detectar qualquer cheiro trazido pelo vento, da neve fresca às trilhas deixadas pelos animais que se movimentavam sob a terra. Era possível sentir o odor do inimigo, uma mistura peculiar de suor e cheiro de aço. “Alguém com uma armadura?” Isso excluía os Wyldermen, já que o povo da floresta preferia usar couro e pele de animais e suas armas eram feitas de pedra. Outro odor se tornou perceptível: o de cavalos. “Cavaleiros? Quantos serão?”

Drew captou também uma movimentação em meio aos troncos escuros e às sombras das árvores. Lá estava ele: um indivíduo solitário montado em um cavalo, seguindo próximo da margem oposta da estrada, sob os galhos desfolhados, evitando assim a parte central do caminho, um ser ainda quase invisível, exceto

para a visão noturna aguçada de Drew. O cavaleiro usava um manto escuro com capuz que lhe escondia o rosto. “Um dos homens do Corvo, talvez? Ou um desgarrado da Guarda Vermiriana que se perdeu na Dyrewood à procura do caminho de casa?” A visão ampliada de Drew também detectou os panos que enrolavam os cascos da montaria, abafando os ruídos do cavaleiro enquanto percorria a estrada Dyre. “Inteligente”, pensou Drew, “mas não o suficiente para enganar o velho Gavião.”

Engatinhando pela mata, Drew chegou mais perto, abrindo caminho por entre as samambaias e os arbustos que ladeavam a estrada. Dessa maneira, quando o cavaleiro entrasse na alça de mira de Rufus Rubro, ele também poderia empreender um ataque simultâneo. Com passadas silenciosas, o Lobo foi se aproximando do oponente. Escondeu-se em uma vala que corria paralela à trilha ancestral, a alguns poucos metros do cavaleiro. Drew segurou a Moonbrand, envolvendo o cabo branco de couro com as garras. Seus maxilares começaram a se alargar, tomando a forma de um focinho, os caninos já longos, enquanto pelos negros surgiam em seu rosto e os olhos amarelados se concentravam no inimigo. Contraíu o corpo todo, pronto para saltar.

Quando o cavaleiro passou à sua frente Drew pulou, voando dos arbustos direto para ele. A Moonbrand foi sacada em pleno ar, ostentando seu brilho pálido e iluminando a forma monstruosa do Werewolf e do inimigo que estava prestes a ser atacado. O cavaleiro se virou, e seu capuz caiu para revelar o rosto de um menino, que Drew reconheceu de imediato. O Werewolf manteve a espada junto às costas e ergueu o braço esquerdo para se proteger do impacto contra a montaria do cavaleiro. O cavalo empinou, quase derrubando seu condutor. A corda de um arco ressoou na floresta. A reação de Drew foi imediata. Ele ergueu o braço semiamputado e desferiu um soco no peito do cavaleiro, derrubando-o da sela. A flecha passou zunindo, acertando um tronco de árvore logo atrás. O garoto desabou com um baque surdo, expulsando o ar dos pulmões e fazendo o aço da armadura tilintar.

— Não atire, Rufus Rubro! — gritou Drew, ajoelhando-se ao lado do garoto enquanto aos poucos retomava a forma humana, fazendo os pelos escuros desaparecerem sob a pele. — Pelo amor de Brenn, o que está fazendo aqui, Milo? Você podia ter morrido! — Ele ajudou o jovem Staglord a se sentar. O garoto fazia caretas de dor a cada movimento. — Calma. Você pode ter quebrado alguma coisa.

O menino ficou imóvel por um momento, respirando fundo. Rufus Rubro veio correndo até os dois. Os olhos do garoto estavam arregalados de susto e medo depois do breve flerte com a morte. Drew notou a armadura que Milo usava sob o manto cinzento, o brasão de um cervo empinado brilhando bem no centro do peito.

Rufus Rubro não conseguiu conter sua raiva.

— Juro pela Tor Raptor que poderia ter matado você, garoto! Agradeça a este homem por não ter acontecido o pior!

Drew abriu um sorriso amarelo. Geralmente, o Hawklord se referia a *ele* como garoto. Com a presença do outro jovem, Drew havia sido alçado à condição de homem. “Não vou deixar que isso me suba à cabeça”, pensou ironicamente enquanto ajudava Milo a se levantar.

— Você está bem longe de casa — disse Drew, limpando a neve do manto do garoto. — E não deveria estar aqui.

— Eu precisava vir — respondeu o Staglord. — Não seria certo não ajudá-los em sua jornada, depois de tudo o que fizeram por Stormdale. Minha espada está a serviço de Vossa Alteza.

— Você está aqui para nos ajudar? — questionou Rufus Rubro, aos risos. — Você vai ser um fardo para nós, isso sim! Dê meia-volta e suma daqui, garoto, antes que meu pé encontre o seu traseiro.

Rufus Rubro se aproximou de Milo de maneira intimidadora, mas o garoto não se deixou abater e levantou o queixo para o falcotrope.

— Você não pode me dizer o que fazer, milorde. Aliás, ninguém pode.

Rufus Rubro balançou a cabeça, tentando não se deixar impressionar por aquelas palavras corajosas.

— Está ouvindo, Lobo? Ninguém pode dizer a esse aí o que fazer. Acredito então que seu irmão Reinhardt não tenha aprovado sua partida.

— Não preciso da permissão dele.

— Você estaria mais seguro se tivesse ficado em Stormdale, Milo — falou Drew, compreensivo. — Aqui é muito perigoso. Não é lugar para um menino.

— Me disseram a mesma coisa quando fui para Windfell. Tentaram me impedir, e veja só o que aconteceu. Minha mensagem chegou até vocês dois, que vieram para Stormdale e nos ajudaram a derrotar o exército de Vorjavik.

Drew olhou para Rufus Rubro.

— Ele tem essa mania irritante de jogar a verdade na nossa cara, não é mesmo?

— Ele é só um pirralho idealista — desmereceu Rufus Rubro. — Mande-o de volta para a cidade dele, onde pode ter alguma utilidade.

— Eu posso ser útil aqui também — garantiu o menino. — E não vou voltar.

Rufus Rubro deu um passo à frente e ergueu a mão para estapeá-lo. Drew o segurou pelo pulso antes que o fizesse, o menino se encolhendo todo de medo.

— Não, Rufus Rubro! — gritou Drew.

O Hawklord se desvencilhou da mão de Drew.

— Olhe só para ele! Acovardou-se todo quando pensou que fosse levar uma bofetada! Como, em nome de Brenn, vai reagir quando estiver diante de uma turba de Wyldermen?

Drew olhou para Milo, que começava a recuperar a compostura. As peças de metal de sua armadura tilintaram quando ele a ajustou no quadril, tentando manter uma pose imponente. Não deu muito certo.

— Essa armadura que você está usando, de onde veio?

— Do arsenal do meu pai — ele respondeu, orgulhoso. — É uma peça sturmiana de primeira linha. Os cavaleiros de Stormdale vão para a batalha usando este equipamento.

Drew olhou para as pesadas botas de metal que o garoto usava. Um elmo emplumado e ornamentado estava pendurado na sela do cavalo.

— Você vai precisar se livrar disso — avisou Drew.

Rufus Rubro e Milo o encararam com uma expressão incrédula.

— Está pensando *mesmo* em deixar que ele se junte a nós? — esbravejou o Gavião, arqueando as sobrancelhas peludas.

O garoto ignorou Rufus Rubro e apresentou outro argumento para o Wolflord:

— Você me obrigaria a descartar a armadura aqui na beira da estrada? De jeito nenhum. Esta peça tem história, meu pai a usava na juventude.

— Na juventude, você diz? — questionou Drew. — Aposto que o duque Manfred já era um homem quase feito quando começou a usar essa armadura, Milo. É uma peça feita para um adulto. Você quebraria o pescoço se caísse com ela. Teve sorte de não morrer na queda do cavalo!

— É a armadura do meu pai...

— Sim, eu entendo, e gosto muito do duque Manfred, mas nossa missão aqui não exige uma armadura maciça de metal como essa. Ela vai ter que ficar por aqui mesmo, Milo. Ou então você é quem vai ficar.

Apesar de ser noite fechada, Drew notou que o garoto enrubescia. Ele sabia que aquela sugestão era uma afronta a alguém de sangue nobre, mas tratava-se de uma questão urgente, que exigia uma solução imediata.

— Você pode se juntar a nós, mas estas são as minhas condições: tire a armadura; temos que seguir viagem sem peso, e em silêncio. E você precisa fazer *tudo* o que Rufus Rubro e eu mandarmos. Nada de vagar por aí; se ficar sempre conosco, talvez consiga viver para rever sua família.

“Quanto mais direto eu for, melhor”, pensou Drew. Rufus Rubro observava tudo em silêncio e foi se acalmando à medida que o Lobo falava.

— E, quando chegarmos ao nosso destino, provavelmente vamos encontrar inimigos terríveis e testemunhar acontecimentos

horripilantes. Não é lugar para um menino, acredite em mim. Mas sei como está se sentindo; *entendo* seu desejo de ajudar. E agradeço por ter colocado sua espada a serviço de nossa causa.

— Bah! — resmungou Rufus Rubro, dirigindo-se de volta ao acampamento.

Drew pôs a mão no ombro de Milo.

— Tire a armadura, Milo. Não fique se prendendo a isso. É só... uma coisa. Ainda não é uma questão de vida ou morte, mas em breve vai ser.

O menino concordou, assentindo com um gesto de cabeça.

— Venha se juntar a nós no acampamento quando estiver pronto — disse Drew, seguindo o Hawklord até os sacos de dormir e deixando o garoto despir sozinho a armadura cintilante.

— Você é um tolo, Lobo — disse o Gavião de onde estava sentado. — Esse menino vai morrer se vier conosco.

— É provável que ele morra do mesmo jeito se o mandarmos de volta pela estrada Dyre. Você conhece muito bem os perigos que existem por aí. As chances de algo acabar com a vida dele são muitas. Estou impressionado por ele ter conseguido chegar até aqui sem um arranhão nessa armadura de metal polido.

— Ele é só um menino.

— Ele tem coragem.

— Vou repetir mais uma vez — insistiu Rufus Rubro em um tom de voz mais baixo, mais sincero e talvez até mais preocupado: — Ele é um *menino*. Aqui não é lugar para ele.

— A melhor chance de sobrevivência que ele tem é ao nosso lado. Sei que ele ainda está verde, mas você também já foi jovem, acredito eu.

Rufus Rubro coçou o queixo com os dedos esqueléticos, ainda visivelmente contrariado. O som do metal tilintando cortou a noite, fazendo o Hawklord se virar para a estrada.

— Essa barulheira é suficiente para acordar até os mortos, que dirá os Wyldermen!

— Se está assim tão descontente, pode deixar que a responsabilidade por ele vai ser *minha*.

— Você *sabe* que eu não vou me recusar a zelar por ele, Lobo. Essa é a minha natureza. Mas não gosto da ideia de ter um garoto no nosso encalço. Estou com um mau pressentimento em relação a isso.

— Eu não era muito mais velho do que ele quando vim parar aqui na Dyrewood, Rufus Rubro. Em algum momento, um menino precisa se tornar homem. Eu fui obrigado a amadurecer, e bem rápido. O filho de Manfred está aqui por iniciativa própria, e isso é admirável, é preciso admitir.

— Ele é abusado, isso é tudo o que tenho a dizer — resmungou o Hawklord, em um reconhecimento tortuoso.

— Ele sobreviveu à viagem até Windfell, não foi? E *conseguiu* trazer a ajuda que foi buscar. É um menino talentoso; pode até acabar nos surpreendendo — acrescentou Drew quando o garoto apareceu, puxando o cavalo pelas rédeas. O animal pisou no saco de dormir de Rufus Rubro, afundando-o na neve suja. O Gavião soltou um grunhido, praguejando ao puxá-lo de volta.

— Desculpe, milorde — disse Milo sem jeito, conduzindo a montaria para ser amarrada junto aos cavalos dos novos companheiros.

Rufus Rubro ajustou o cobertor e se virou de lado, resmungando seu descontentamento enquanto Milo se acomodava no acampamento. Ele desamarrou o saco de dormir da sela e retirou também o elmo emplumado, que atirou no meio dos arbustos.

— O peitoral da armadura — comentou Drew, ao notar que o menino ainda o usava, ostentando visivelmente o cervo empinado por entre as dobras do manto.

— Pensei que pudesse ficar pelo menos com esta peça — justificou-se Milo, falando baixinho. — Ela era do meu pai, Alteza.

Drew ficou em silêncio, pois as palavras do garoto o tocaram profundamente. Lembrou-se da espada Wolfshead, a única coisa que conseguira levar ao fugir da fazenda dos Ferran, tempos atrás. “Onde ela estará agora? Ainda nas mãos de Sorin?” Balançou a cabeça e abriu um sorriso triste.

— Abra o seu saco de dormir, Milo. Sente-se aí. E me chame de Drew. Não temos por que usar formalidades aqui.

— A mim ele pode continuar chamando de *milorde* — anunciou Rufus Rubro de onde estava deitado, sem se virar. Drew abriu um sorriso diante da demonstração de mau humor do velho Gavião. — E diga a ele para não se acomodar. Agora que podemos contar com mais um par de olhos, é a vez de o garoto vigiar.

Drew olhou para Milo, notando que o garoto havia entendido que a reprimenda do Hawklord era uma espécie de aceitação relutante de sua presença. Drew lhe deu uma piscadela, e o menino abriu um sorriso.



6

## Neve vermelha

Nem uma vida inteira como caçador havia preparado Bergan para uma situação como aquela. Ao longo de sua existência já tinha participado de inúmeras caçadas, tanto nas próprias terras como nas dos vizinhos. Os Staglords das Barebones eram famosos por organizar grandes eventos ao sopé das montanhas, para os quais eram convidados Werelords de todos os Sete Reinos. As caçadas duravam semanas, sendo acompanhadas de banquetes e festividades. Já as organizadas por Bergan incluíam a perseguição do famoso Dyrecat, um grande felino que só existia no reino da floresta. Os transmorfos viajavam até o Cabo Gala no encalço da fera, que era capaz de oferecer grande resistência a qualquer Werelord. Ao assumir o trono, Leopold tinha banido a caça ao Dyrecat — um animal nobre aos olhos do felinotrope —, deixando-o circular livremente por toda a Dyrewood. Naquele momento, porém, era Bergan quem estava sendo caçado e não gostava nem um pouco da experiência.

Os pés do Bearlord pisoteavam com força a neve ao atravessar a encosta, sobrepondo as pegadas dos que corriam à frente. Apesar de ter emagrecido um bocado depois de passar fome nos

subterrâneos, ainda era um homem corpulento, e suas pernas pesadas afundavam no gelo a cada passo, fazendo-o tropeçar. Suas mãos buscavam a superfície para oferecer uma dose extra de apoio a fim de seguir no encalço da menina. Pick parou, olhou para trás e estendeu a mão.

— Não pare, criança! — disse o Bearlord, incentivando-a a ir em frente.

Pick obedeceu, seguindo o capitão Fry, que abria caminho pela elevação inclinada rumo ao topo. Bergan se virou para Carver, Hector e os membros da Guarda Javalina, que vinham logo atrás. Um pouco mais abaixo, os guerreiros ugri mantinham os olhos voltados para os inimigos, que se encontravam em formação de ataque e cada vez mais próximos. Bergan engoliu em seco, estalando os lábios rachados.

Havia mais ou menos uma centena de homens subindo a encosta, perto o bastante para que Bergan os identificasse. Muitos eram escaramuçadores de Muller, ansiosos para vingar a morte dos companheiros pelas mãos do Bearlord e seus aliados. Entre eles era possível ver as armaduras negras da Guarda Vermiriana, os melhores soldados do Rei Rato, acoçando os escaramuçadores em sua perseguição. Os guerreiros do Rato eram oponentes muito mais perigosos do que qualquer assassino sanguinário que brandisse um tacape ou um machado em nome de Muller. Eram veteranos endurecidos pelas batalhas e, com certeza, carregavam armas de prata. Logo atrás deles havia a figura retorcida de um Crowlord. Bergan não conseguiu identificar qual dos filhos do conde Croke estava ali, mas a simples presença de um Wrecrow já deixou seu coração aflito. Em que tipo de vilania Croke estaria envolvido nas Barebones? Não ousava sequer imaginar.

Descendo um pouco mais pela encosta congelada, o sopé das montanhas estava repleto de homens e barracas do exército do Catlord — um mar de pequenos vultos escuros cujas armas reluziam sob a luz do dia. Onyx não era tolo: suas forças de elite de Bast se mantinham fora de combate, os homens da Lyssia tendo sido mandados para perseguir o debilitado bando de refugiados pelas Whitepeaks. Ele estava guardando o que tinha de melhor

para o final, usando Ratos e Corvos para enfraquecer a resistência antes de empregar seus melhores recursos.

— As defesas! — gritou Fry, atraindo a atenção de Bergan. O arqueiro havia chegado ao topo da elevação e vira o reino do Urso Branco se descortinar diante de seus olhos. Lá estavam elas, surgindo na superfície inclinada da montanha como dentes afiados sobre o vale. Estacas de madeira da largura de três troncos de árvore se erguiam dos montes de neve compactada, posicionadas em tal ângulo que tornava impossível a tarefa de contorná-las. Enormes paredões de gelo haviam sido esculpido, lanças e outras armas visíveis por toda a sua extensão — uma alusão ao considerável contingente sturmiano que havia logo além. “Você não perdeu tempo *mesmo*, primo Urso”, pensou Bergan, maravilhado com o que o duque Henrik havia feito nas Whitepeaks.

— Esperança, enfim! — disse Bergan, encontrando novo vigor nas pernas doloridas. — Vamos, vamos! — incitou o Bearlord, seguindo os companheiros rumo ao topo da inclinação, cravando os pés na neve rígida. Com um estalo, seu pé direito desapareceu sob o pó branco, e em seguida seu corpo afundou no gelo até a cintura. A placa de gelo sobre a qual o grupo caminhava se desprende, e o Bearlord perdeu contato com a encosta da montanha. Fry estendeu a mão, impedindo que Pick caísse com Bergan. O Lord de Brackenholme despencou pela elevação, engolido pela avalanche de neve.

O mundo de Bergan virou de cabeça para baixo quando ele foi arremessado da montanha em meio a uma torrente de morte branca. Sentiu o pó fino e sufocante se acumular na garganta e cegar seus olhos. O peso de seu corpo pressionava os próprios membros, que ameaçavam se quebrar a qualquer momento. Aos poucos o rugido do gelo foi diminuindo, e a queda foi perdendo impulso. O Bearlord parou a vários metros abaixo dos companheiros, semissoterrado, voltado para o céu aberto.

A mais ou menos quinze metros acima, avistou o último dos ugrí. A Guarda Javalina de Hector havia sido deixada na retaguarda durante a fuga. Carver e o jovem magíster passaram

pelos homens de Hector gritando ordens, claramente assustados com o rumo que as coisas estavam tomando. O Bearlord virou a cabeça para ver onde estavam seus perseguidores: o impacto de uma flecha na neve a seu lado foi um alerta mais que suficiente de proximidade.

Tentou virar apenas os ombros e a cabeça para desvencilhar o braço direito da neve. Horrorizado, notou que os soldados a mando do Catlord estavam a pouco mais de dez metros de distância e se aproximavam cada vez mais. A inclinação àquela altura era bem mais suave, mas ainda assim dificultava o progresso dos escaramuçadores e dos vermirianos, que precisavam enterrar o pé na neve a cada passo para se aproximar do Bearlord. Eles gritavam uns para os outros, empolgados, sacando as armas, que retiniram em coro pela encosta coberta de neve.

Bergan soltou um rugido furioso, evocando o Urso para salvar o corpo fragilizado. A transformação foi rápida e dolorosa sob a neve. Os que estavam mais próximos do transmorfo caído por certo viram seu braço crescer, a pelagem castanha se espalhando por toda a extensão, a mão se avolumando até se tornar uma enorme pata com garras negras. Bergan rosou, sentindo o coração bater mais forte com a perspectiva de liberdade. Tentou sair de sua tumba branca, mas descobriu que ainda estava preso, que seu corpo expandido só o fizera afundar ainda mais. O primeiro escaramuçador estava a pouco mais de cinco metros de distância. O rugido de Bergan não soou como um desafio feroz de um Werebear; pareceu mais o grito de uma fera acuada.

O oponente chegou a dois metros e meio de distância, ergueu o tacape e se preparou para golpear o crânio exposto do Werebear. Bergan ergueu a pata em uma inútil tentativa de defesa. No momento seguinte, o agressor estava de pernas para o ar, depois de sua trajetória ter sido detida de modo violento por uma faca arremessada em seu peito. A neve estremeceu ao redor do Bearlord quando ele sentiu os homens passarem a seu lado. Carver ia à frente, o rosto e o corpo cobertos de neve depois de escorregar encosta abaixo. Dois dos ugri da Guarda Javalina de Hector o

acompanhavam, sacudindo a neve dos ombros antes de erguer o machado e partir para cima dos escaramuçadores.

Hector se ajoelhou ao lado de Bergan, e o Werebear grunhiu instintivamente ao notar a aproximação do jovem. O magíster ergueu as mãos enluvadas, pedindo que se acalmasse. Seus olhos se voltavam o tempo todo para a luta em que Carver e os ugri estavam envolvidos. O restante da Guarda Javalina passou correndo, incluindo Ringlin e Ibal, para impedir que os inimigos chegassem ao Bearlord.

— Sua senhoria precisa relaxar! — disse Hector. — Dispense a fera, mande-a de volta!

— Jamais! — esbravejou Bergan, escancarando os maxilares. — Voltar à minha forma mortal em plena batalha? Sem poder verter o sangue do inimigo com os dentes e as garras?

— E que batalha é essa? Você está soterrado aqui, milorde! Se não reverter a transformação, vai ficar preso — falou Hector, um tom de irritação na voz. — Volte à forma humana, então ficará mais leve. Só assim poderemos tirá-lo daí!

Por mais humilhante que a ideia parecesse, o plano de Hector fazia sentido. “Garoto esperto.” Bergan tentou desviar o foco dos sons da batalha que se desenrolava ao redor — machados se chocando contra espadas, lanças contra escudos —, o que só tornava a transformação ainda mais difícil. Aos poucos, porém, passou a reassumir sua forma humana.

Hector se afastou correndo do local onde havia deixado o duque preso em sua armadilha de gelo. Precisava agir rápido: mais escaramuçadores e membros da Guarda Vermiriana juntavam-se à batalha, assim como seus guerreiros ugri acompanhados por Carver.

“Esses homens teoricamente são seus aliados irmãos, e você joga a Guarda Javalina contra eles?”

Vincent, o vil, estava certo: Hector havia jurado lealdade a Onyx e Lucas, voltando-se contra aqueles que um dia havia considerado seus amigos. Mas ainda era cedo demais para revelar

sua mudança de lado e promover um ataque contra o Conselho Lupino. Precisava chegar a Icegarden, no alto das montanhas, além das barricadas, e aquele Crowlord punha seus planos em perigo antes mesmo que começassem a ser colocados em prática. Hector sabia que algum sangue precisava ser derramado, e nesse caso era melhor que fosse o dos bandoleiros indisciplinados de Muller, acompanhados de um punhado de vermirianos.

Carver segurava uma faca em cada mão — as armas que haviam sido arrancadas dos cadáveres dos homens do capitão Stephan na ravina. O Lord dos ladrões não confiava em Hector, disse o magíster tinha consciência. Em uma conversa reservada, Ringlin, seu braço direito, contara que os dois se conheciam de Highcliff. “Tínhamos negócios em comum”, foi o que disse seu guarda-costas, o que significava que Carver sabia do que Ringlin era capaz. O fato de o Boarlord ter homens como ele a seu serviço não passaria despercebido ao ladrão.

“Eles poderiam matar Carver agora mesmo, Hector. Com uma facada rápida ou com a foice de Ibal. Quem perceberia, em meio ao calor da batalha?”

Hector ignorou o vil; precisava que seus colaboradores mais antigos cuidassem de assuntos bem mais urgentes.

— Ringlin! Ibal! Venham aqui! — gritou Hector, sacando sua adaga cravejada de joias. Os dois membros da Guarda Javalina foram correndo até ele, que se afastava da refrega.

— Aonde você vai, milorde? — perguntou Ringlin, olhando para trás, onde os ugri enfrentavam os inimigos. — A batalha é para lá!

— Não me questione! — esbravejou Hector ao ver Bergan, de volta à forma humana, desvencilhando-se da neve. Seis escaramuçadores se afastaram da luta e tomaram a direção do magíster, sem saber que na verdade se tratava de um aliado. — Vamos — sussurrou o Boarlord, olhando para a multidão de inimigos à procura de seu alvo. — Apareça...

Logo em seguida, um vulto escuro decolou da retaguarda do pequeno exército, batendo as asas pretas para subir ao céu.

— Ótimo — disse Hector, parando de correr. — Lá vem ele.

Dois dos escaramuçadores carregavam balestras e se ajoelharam para municiá-las e fazer pontaria enquanto os companheiros marchavam. Hector não pensou duas vezes. Estendeu o braço esquerdo, a palma da mão escancarada, mexendo os dedos à medida que o vil avançava em alta velocidade sobre a neve. O primeiro homem largou a arma ao sentir uma pressão invisível em torno do pescoço. Hector puxou o braço para trás. Mesmo a distância, e em meio aos sons da batalha, foi possível ouvir o estalo do pescoço do sujeito se quebrando. Então moveu a mão para a esquerda, direcionando o vil até o limite de seu controle. Quando estavam mais próximos, seu domínio sobre o fantasma era absoluto. Quanto maior a distância, mais difícil se tornava direcionar os movimentos de Vincent. O segundo homem disparou uma flecha — que veio zunindo em direção ao magíster e seus guarda-costas —, antes de se ajoelhar na neve, as mãos no pescoço, lutando para respirar.

Hector olhou para Ringlin, à direita, e notou que ele estava impressionado. À esquerda, Ibal parecia igualmente perplexo. “Eles já me viram fazer isso. Por que tanto espanto?” Hector não teve chance de perguntar isso a seus homens: os quatro escaramuçadores restantes vinham correndo em sua direção, brandindo machados, tacapes e espadas.

O Boarlord recuou alguns passos, deixando que os homens lidassem com os bandoleiros. O Wrecrow sobrevoava o local, mas em uma trajetória de pouso. Hector correu um pouco mais, escondendo-se atrás de uma formação rochosa, longe de olhares curiosos.

Lord Flint aterrissou logo ao lado, levantando uma nuvem de neve quando suas garras atingiram o chão. O Wrecrow não resistiu a soltar um grasnado quando começou a avançar com suas pernas monstruosas, arqueando e sacudindo as asas negras como se fossem a cauda de uma serpente. Flint carregava uma cimitarra em cada mão, que brandia ameaçadoramente para Hector.

— Em nome de Brenn, o que você está fazendo aqui? — perguntou Hector, sentindo que Vincent, o vil, estava de volta. O fantasma era invisível para todos, menos para o magíster, e sua

presença era um grande alívio para o Boarlord, que poderia se valer dele quando quisesse.

— Você disse que seus amigos precisavam ser atacados. Aqui está o ataque — respondeu Flint com a voz áspera, estalando o bico preto ao falar.

— Você já tinha feito isso lá naquela ravina! Poderia ter deixado que chegássemos a Icegarden com nosso grupo completo. Esse ataque é um exagero; meus guerreiros ugri estão em perigo por causa disso.

— O que é um pouquinho de sangue derramado entre amigos? — ironizou o Corvo, olhando para trás a fim de se certificar de que não estavam sendo observados.

Hector estremeceu; aqueles sujeitos não eram seus amigos. Nenhum deles. O encontro com Lord Onyx só havia servido para confirmar o que já sabia: a Fera de Bast não tinha esse nome à toa; era a criatura mais temível que já tinha encontrado na vida. O Werepanther só inspirava medo. Hector não podia mais contar com nenhum amigo. Possuía apenas inimigos, em diferentes graus, alguns mais detestáveis que outros. E Flint escalava rapidamente para o topo dessa lista.

— Se algum dos meus homens morrer...

— Pare com isso, Mão Negra. Estamos em guerra — ele gralhou, erguendo uma das cimitarras até a altura do pescoço de Hector.

“Deixe-me cuidar dele, irmão”, disse o vil. Hector, no entanto, aguentou firme, estreitando os olhos para o Wrecrow.

— As pessoas morrem o tempo todo. Aquele tolo do Onyx pôs meus homens para lutar sob o comando do marechal Vorjavik nas Barebones. Dá para imaginar? Os Corvos subordinados a um Rato? Acha que vou me importar se esses vermirianos tombarem? Por mim, todos eles podem morrer, desde que o *meu* povo consiga tomar Stormdale!

“Interessante”, pensou Hector, afastando a cimitarra com sua adaga. Vincent permanecia pronto para o ataque, como um cão preso na coleira, escancarando os dentes espectrais para o Crowlord.

— Você trairia seus aliados? — questionou Hector. — E ousa falar mal da Fera de Bast? Você é mais corajoso do que eu imaginava, Flint. Estou em uma missão designada por Lord Onyx, caso não se lembre.

— Eu sei muito bem do que você é capaz, Mão Negra — disse o Werekrow, aproximando-se até roçar o queixo de Hector com o bico. Sua língua preta cintilava lá dentro como uma chama negra, e os olhos grandes de pássaro piscaram.

— Aonde você quer chegar? — questionou Hector, encarando o Corvo com desprezo. — Está colocando meu plano em risco só por causa de um atrito com o Rei Rato? Engula suas diferenças, Flint. Trabalhe ao lado de Vorjavik. Todos temos nossas provações. Eu posso *vencer* esta guerra para nós se entrar em Icegarden. Posso destruir o Conselho Lupino inteiro com um só golpe.

— Eu sei muito bem do que você é capaz, Mão Negra — repetiu o Werekrow. — E quero fazer parte disso.

Hector ficou genuinamente surpreso.

— Fazer parte disso? Da arte ancestral da magia? Eu estudei a vida inteira para dominar esses conhecimentos. Você acha que posso ensiná-lo como se fossem meros truques?

— Não foi isso que eu quis dizer, Mão Negra. Nós dois podemos trabalhar juntos. Ambos os lados ainda vão sofrer vários apuros antes de a guerra terminar. Pode ficar com o que quiser dos Sete Reinos; só conceda ao meu povo as Barebones e as terras ao redor! Os Javalis e os Corvos não são assim tão diferentes. Vivemos por tempo demais à sombra dos Lobos e dos Leões. Eu posso ajudá-lo, Hector. Juntos, podemos triunfar.

“Ele está barganhando com você, irmão. Mas que utilidade pode ter para nós?”

— E quanto às Whitepeaks? — perguntou Hector, dirigindo um olhar cheio de expectativa para as montanhas, ainda em meio aos ecos da batalha que se desenrolava no vale. — Alguma novidade?

— Sim, voei até o norte de Icegarden. O que você falou está acontecendo. Eles estão a caminho.

— Excelente — comentou Hector, com um tom de nervosismo na voz.

Lord Flint recuou um passo, olhando o horizonte por entre as pedras.

— Parece que seus reforços chegaram — ele falou, estalando o bico e arregalando os olhos, espantado.

Hector se aproximou dele para observar melhor. Uma névoa branca vinha morro abaixo como uma onda. Mais de cinquenta soldados a cavalo desciam a elevação, agitando a neve a seu redor. Suas montarias eram robustas, do tipo que Hector tinha visto nas Barebones quando menino, o preferido dos montanheses. Os guerreiros traziam a espada erguida acima do manto branco impecável. Hector viu a figura de um enorme urso-branco correndo em meio aos cavaleiros sturmianos, espalhando neve para todos os lados com suas passadas firmes rumo ao centro da batalha, na liderança da ofensiva. Era o duque Henrik, Lord de Icegarden. Vermirianos e escaramuçadores interromperam o ataque, descendo às pressas pela encosta, fugindo dos cavaleiros sturmianos e do feroz Werebear. Os cavaleiros partiram em seu encalço, retalhando-os sem piedade com a espada.

— Eu preciso ir — suspirou Flint, de costas para Hector. — E, se fosse você, faria alguma coisa a respeito desse membro ferido antes de se juntar aos Bearlords, Mão Negra. — Dito isso, Flint decolou outra vez, subindo ao céu rumo ao acampamento de Onyx, fingindo estar com dificuldade para bater as asas.

— Meu membro ferido? — Hector perguntou a si mesmo quando Ringlin e Ibal apareceram atrás das pedras à procura de seu senhor. Os dois homens ensanguentados ficaram aliviados ao vê-lo, mas a preocupação ainda era visível no rosto de ambos: eles olhavam diretamente para a mão esquerda de Hector, que fez o mesmo.

O segundo escaramuçador tinha lançado uma flecha pouco antes de Vincent atacá-lo. Hector não havia se preocupado em saber onde o projétil fora parar, e só naquele momento se deu conta de que estava encravado na palma de sua mão enluvada. Inclinou a cabeça para examinar o ferimento, virando a mão de um lado para o outro. Não sentia dor, tampouco desconforto. Sua mão estava gelada, sem nenhuma sensibilidade. Agarrou a ponta

da flecha e a arrancou da mão. Ringlin fez uma careta. O projétil saiu com um estalo, e Hector o arremessou na neve. Mais uma vez inspecionou sua mão, notando que havia um orifício bem no meio da palma. O ferimento não vertia sangue nem provocava aflição. Ele não sentia absolutamente nada.

— Você precisa de um novo par de luvas, milorde — constatou Ringlin.

— O que eu *preciso* é entrar em Icegarden — corrigiu Hector, movendo a luva de couro para esconder o orifício na mão necrosada, com diversas perguntas fervilhando na cabeça.

A oferta de Lord Flint tinha sido das mais estranhas: o Corvo acreditava mesmo que Hector fosse *tão* poderoso a ponto de querê-lo como aliado? Flint havia testemunhado a comunhão com o patrulheiro morto no acampamento de Onyx, mas ainda não sabia da existência do vil. Algo havia mudado entre os dois — a balança do poder tinha se deslocado. O domínio de Hector sobre os mortos seria suficiente para transformar o desdém do Corvo em um respeito resignado ou até reverente? Ou se tratava apenas de mais um Werelord tentando se garantir de todos os lados, para estar em paz com o vencedor, fosse qual fosse? Se os exércitos de Onyx estivessem *mesmo* se voltando uns contra os outros, o que os teria levado a fazer isso às vésperas da vitória maior, quando estavam tão perto de derrotar o Conselho Lupino? O que estaria por trás de tudo aquilo?

“Você vai ter suas respostas, irmão, quando chegar a hora”, murmurou Vincent. “Coisas boas vêm para quem sabe esperar.”

— Vamos lá, senhores — disse o magíster, estendendo uma das mãos. — Precisamos conhecer o Lord de Sturmland. O duque Henrik vai querer apertar a mão dos heróis que salvaram o Urso de Brackenholme de uma ida precoce para o túmulo.



## 7

### Desafiando as possibilidades

Os gritos dos Wyldermen ecoaram pela floresta, quebrando o silêncio da Dyrewood. A princípio quase imperceptível aos ouvidos de Drew, o ruído foi se tornando mais alto a cada momento, além de mais frequente e intenso. Mas os selvagens não estavam indo atrás deles: estavam à caça e aproximavam-se de uma presa. Ele se lembrou de ter ouvido aqueles sons de tempos em tempos na mata, sozinho e assustado, quando havia sido rastreado pelos Wyldermen, que farejavam seu cheiro no vento. Somente com muita astúcia e sorte Drew havia conseguido escapar. O Werewolf sempre se safava no último momento. Naquela tarde fria e cinzenta, porém, a presa não era ele.

— Vamos fazer alguma coisa a respeito? — perguntou Rufus Rubro, estreitando os olhos na sela do cavalo. A montaria de Milo se inquietou, e o jovem cavaleiro parecia tão aflito quanto ela.

— Eles parecem estar em grande número — comentou o menino. — Não seria melhor seguirmos o nosso caminho?

Drew olhou para os dois, abrindo um sorriso sem nenhum humor.

— O menino tem razão — disse Rufus Rubro. — Seja o que for que estejam caçando, isso faz diferença para nós? Nosso objetivo é chegar a Brackenholme. Uma distração como essa pode significar a morte.

Milo concordou com um aceno de cabeça, contente por sua sugestão não ter sido ignorada pelo Hawklord, como quase sempre acontecia.

— Preciso saber o que ou quem eles estão caçando — disse Drew.

— Sabia que você ia dizer isso, rapaz — comentou o Gavião, revirando os olhos e sacando o arco. Apontou para o lugar de onde vinham os gritos. — Assuma a dianteira, então, jovem Lobo.

Os três desceram dos cavalos e os amarraram a uma árvore antes de se embrenhar na floresta. Drew olhou para trás e se sentiu aliviado ao ver que ainda era acompanhado pelo Gavião e pelo Cervo. Quando começou a correr, baixou a cabeça para evitar galhos e cipós. Os gritos dos selvagens estavam bem perto, a mais ou menos cem metros. Podia ouvir os gravetos caídos no chão se partindo sob os pés dos Wyldermen, que se moviam sem se preocupar em fazer barulho, já que estavam tão próximos da presa.

Os Wyldermen bem podiam estar caçando um animal, mas Drew duvidava disso. Tratava-se quase com certeza de um alvo humano, talvez até outro selvagem, contudo o Wolflord precisava descobrir a verdade. Ele deixou a fera tomar conta de si, e a transformação foi se intensificando a cada passo. Seus pés tocavam silenciosamente o solo da floresta, e o único ruído que se ouvia era o de ossos estalando enquanto assumiam um novo formato.

Dois vultos escuros atravessaram seu campo de visão, seguidos de mais um, que se esgueirava por entre as árvores em perseguição à presa. Drew alterou o ritmo da corrida, esperando que Rufus Rubro e Milo conseguissem se manter em seu encalço, mas não pôde de fato esperar por eles. Mais selvagens apareceram, uma dupla um pouco afastada, além de um pequeno grupo atrás de uma árvore ali perto. Nenhum deles notou a presença de Drew: seu foco permanecia concentrado na presa. O Lobo se agachou, usando a garra da mão direita para obter mais impulso enquanto se

deslocava entre as árvores. A espada quicava na bainha pendurada na cintura, e a pedra encravada no cabo atingia suas costelas a cada passada. Ultrapassou os Wyldermen, mas manteve o compasso ao localizar o alvo em fuga. A princípio, Drew pensou se tratar de um menino, só se dando conta do equívoco quando o homem olhou para trás, o rosto enrugado e exausto, revelando os cabelos grisalhos colados à testa.

De súbito, o homem deteve o passo em uma clareira, apoiando-se sobre os joelhos, tentando respirar. “Alguém de Brackenholme, talvez?” A maior parte de suas roupas havia sido rasgada, e um manto esfarrapado pendia-lhe dos ombros. Drew diminuiu a velocidade das passadas, já totalmente transformado, a poucos metros de distância mas ainda oculto na mata. O sujeito magricela ficou em pé outra vez, virando-se para o lugar de onde havia acabado de fugir. “Continue em frente, meu velho! Não desista!”

Mas Drew não demorou a descobrir que o velho não havia desistido. Ele fez uma careta, jogou o manto para trás e levou a mão esquerda ao cabo de um florete. A lâmina foi sacada em um piscar de olhos. O braço direito do homem permanecia imóvel junto à lateral do corpo, aparentemente fraturado. As roupas rasgadas de repente se tornaram mais familiares para Drew; ele as reconheceu de seus breves encontros com o povo daquele homem: os romaris. Ele carregava às costas um instrumento musical de cordas, como o de um menestrel. O velho manteve a postura altiva, as pernas afastadas, virado de perfil para os inimigos, oferecendo um alvo mais estreito aos selvagens. O florete foi apontado para a frente. “A arma de um nobre”, pensou Drew, perplexo com o absurdo da situação — o fato de o sujeito, mesmo cercado pelos Wyldermen, não ter perdido a pose de esgrimista.

Os selvagens apareceram por entre as árvores, dez no total, espalhando-se pela clareira. Penas vermelhas adornavam-lhe os ombros e a cabeça, e colares de ossos chacoalhavam ruidosamente quando erguiam machados e lanças. A pele dos caçadores estava coberta de lama dos pés à cabeça. Eles rosnaram para o velho romari, que manteve a postura elegante, como que dominado por uma espécie de tranquilidade reconfortante. “Se você vai morrer,

faça isso com estilo.” Drew era obrigado a admirar aquele homem por ter uma postura tão graciosa diante da morte. “Você teve uma vida longa, meu velho, mas seus dias não terminam aqui.”

Antes que os Wyldermen atacassem, o Werewolf saltou sobre eles. A Moonbrand pulou para fora da bainha, reluzindo sob a luminosidade fraca da clareira. Os selvagens gritaram, e até mesmo o velho romari pareceu assustado com a aparição do licantropo. A espada cortou o ar, atingindo o primeiro Wylderman na barriga. Logo em seguida, Drew partiu para cima de outro. O Werewolf mordeu o braço de um dos selvagens, partindo seus ossos instantaneamente. Com um coice, fez um dos guerreiros voar pelos ares, fraturando suas costelas com o impacto. Duas flechas zuniram pelo ar em rápida sucessão, acertando as costas expostas de outros dois, levando-os ao chão. De um momento para o outro, as maiores chances de sobrevivência não estavam mais do lado dos homens da floresta.

O romari partiu para o ataque, avançando com o florete em riste, sustentado pelo braço que não estava ferido. Um dos selvagens foi ao seu encontro, acertando o velho com um enorme machado e fazendo-o ir ao chão. Um Wylderman de pena vermelha saltou nas costas de Drew, deslizando a faca de raspão na lateral de sua cabeça, enquanto outros dois o atacavam com lanças. Drew sentiu uma das armas afiadas se enfiar em seu peito, mas, apesar da dor, as costelas grossas de licantropo impediram um ferimento mais grave. Ele uivou, jogando a cabeça para trás e tentando alcançar o Wylderman pendurado em suas costas, cujo braço musculoso apertava-lhe a garganta. A faca movimentou-se outra vez, fincando-se no braço direito de Drew, e a Moonbrand foi parar no solo congelado.

Outra estocada do lanceiro atingiu a coxa de Drew, fazendo-o cair sobre um dos joelhos. Sua mão direita estava livre agora, enquanto com o braço esquerdo ele tentava desviar as lanças. Com os dedos cinzentos e manchados de sangue, conseguiu agarrar o homem às suas costas pelo ombro, cravando as garras na carne do agressor e obrigando-o a soltá-lo. Quando o primeiro lanceiro avançou de novo, Drew deu um giro, colocando o Wylderman às

suas costas na mira da arma. O colar de ossos no pescoço do selvagem se agitou ruidosamente sob o impacto da lança atravessando seu corpo. O segundo lanceiro se aproveitou da situação para pegar o Werewolf de surpresa.

Nesse momento a espada de Milo apareceu, partindo a lança ao meio, ainda nas mãos do Wylderman, antes que ele pudesse atingir o Werewolf. Com isso, porém, a ponta da arma do Staglord se enterrou no chão congelado. O selvagem não perdeu tempo: largou a lança quebrada e partiu para cima do menino assustado. Seus dentes afiados estalaram bem perto do rosto de Milo, que tentava mantê-lo a distância, mas o oponente era mais forte. A boca do Wylderman se escancarou, e ele investiu contra sua vítima, as mandíbulas abertas. O garoto soltou um grito, no mesmo instante em que o homem parou de se mexer, caindo inerte sobre Milo, uma flecha enfiada nas costas. Rufus Rubro apareceu em meio às árvores, balançando a cabeça em um gesto negativo.

O último Wylderman mantinha os olhos vidrados nos três, alternando-se entre um e outro a cada momento. Drew notou que o guerreiro tinha sangue na boca e que os dentes estavam cobertos pelo líquido vermelho e viscoso quando ele abriu um sorriso doentio. O selvagem gritou para os céus, ergueu o machado e investiu contra o licantropo. Drew recuperou a Moonbrand e estava pronto para cravá-la no homem, mas não foi necessário. As pernas do Wylderman se projetaram para a frente quando uma flecha o atingiu no peito e o lançou à superfície da floresta com um baque surdo, largando o machado ao seu lado.

Drew apanhou a arma e examinou a ponta ensanguentada enquanto aos poucos retomava a forma humana. Olhou para os companheiros à procura de algum eventual ferimento, mas não encontrou nenhum. Em seguida, tentou localizar o romari na clareira. Ele estava deitado sobre as raízes expostas de uma árvore. O alaúde quebrado encontrava-se largado no chão ao lado do maltratado florete. O peito do velho fora atingido por um golpe de machado. A camisa estava úmida e manchada, e ele tinha um corte profundo no pescoço. Para surpresa de Drew, o velho tossiu, vertendo sangue pelos lábios.

— Está vivo — comentou o Lobo, agachando-se ao lado dele.

O velho romari olhou para cima, observando com admiração os pelos do licantropo se recolherem e o corpo diminuir, atingindo o tamanho de um humano outra vez. Rufus Rubro e Milo foram até lá.

— Drew Ferran? — perguntou o velho, ofegante, em um sussurro.

— Você me conhece? — perguntou Drew, segurando a mão do velho ferido.

— Já ouvi falar de você; quem nunca ouviu? — ele respondeu, remexendo-se, inquieto.

— Pode descansar — disse Drew. — Os Wyldermen estão mortos. Você sabe meu nome, mas infelizmente eu não sei o seu.

— Stirga — ele informou. — Mas não há tempo para conversa. Brackenholme foi saqueada. Suas amigas Whitley e Gretchen... elas estão em perigo.

Os olhos amarelados de Drew arderam, e o Lobo ameaçou assumir o controle outra vez.

— Você conhece Whitley e Gretchen? Elas estão em Brackenholme?

— Estou preocupado com elas. O Lobo é sagrado para o nosso povo, milorde. Quem é amigo do Lobo é nosso amigo também.

Drew ficou aflito. A ideia de que Whitley e Gretchen estivessem em perigo fez sua cabeça girar. Havia muitas perguntas a fazer ao pobre Stirga, mas ele não tinha muito tempo de vida.

— Como os Wyldermen conseguiram atacar Brackenholme? — questionou Rufus Rubro.

— A Wereserpent — suspirou Stirga, tentando manter os olhos focalizados em Drew. — Vala.

— Vala? — murmurou Drew, incrédulo. Recordou-se de seu encontro com a Wereserpent na Wyrwood, quando a monstruosa transmorfa quase havia matado o Lobo e seus amigos com seu enlace, presas e veneno.

— A cidade está em chamas. Os Wyldermen... eles assumiram o controle.

Drew estremeceu de medo.

— E minhas amigas? E Whitley e Gretchen?

O romari retorceu os lábios, empalidecendo. Milo caiu de joelhos, retirando o cantil da bolsa e despejando um pouco de água entre os lábios vermelhos do velho.

— Lady Whitley foi feita prisioneira por Vala. Lady Gretchen... conseguiu escapar, com a ajuda de um Manto-Rubro.

— Um Manto-Rubro? — perguntou Drew.

— Ele disse que era leal ao Lobo — respondeu Stirga, prestes a perder a consciência. Drew apertou sua mão, massageando-lhe as juntas, torcendo para que o homem resistisse. — Ele fez a parte dele... nos ajudou a fugir, além de outras coisas — acrescentou o velho.

— Esses Wyldermen, Stirga... — falou Drew, olhando para os guerreiros caídos — ...eles estavam todos ornamentados assim, cobertos de lama?

— Alguns, milorde.

— Me chame de Drew — ele pediu. — Por favor, apenas Drew.

O romari estremeceu e tossiu, o peito ferido se agitando. As pálpebras ameaçavam se fechar.

— Fique com o alaúde, Drew — sussurrou Stirga. — Eu ia... compor uma balada... a balada de Yuzhnik... mas o sono eterno está chegando.

Drew se inclinou e levou os lábios ao ouvido do romari.

— Eu vou cuidar disso, Stirga, juro por Brenn.

Ainda agachado, olhou mais uma vez para o velho. Seus olhos estavam fechados, e a cabeça, apoiada no ombro, como se dormisse. Drew soltou a mão de Stirga e passou os dedos pela testa do velho, afastando os cabelos grisalhos.

— Vamos enterrá-lo — anunciou. Não conhecia o homem, os dois haviam trocado apenas algumas palavras, mas sentiu sua morte como uma facada no peito. Era como se houvesse perdido um ente querido, alguém que conhecesse a vida toda.

— Sim — concordou Rufus Rubro, enquanto Milo se limitava a olhar para o romari morto.

Drew se virou para o corpo do Wylderman mais próximo, arrancando uma placa de barro de sua pele.

— Tive uma ideia — falou, pegando uma pena e uma porção de lama na mão. — E isso pode nos garantir um encontro com Vala.



## 8

### O acampamento do Urso Branco

Apesar de não ser o palácio de Icegarden, o Salão do Pastor era uma visão bem-vinda para qualquer um que estivesse viajando por aquelas montanhas congeladas. Salão era uma palavra exagerada para um local como aquele, mas era um palacete em comparação com o lado de fora. Em geral, a estrutura de pedra servia como abrigo para os homens corajosos que trabalhavam nas Whitepeaks, oferecendo proteção contra as tempestades quando a força do vento e do gelo se tornava insuportável. A cabana estava lotada, pois o conselho do Urso Branco havia se reunido ali em torno de uma fogueira para recepcionar os hóspedes. Apesar do calor do fogo, o ar continuava gelado.

— Você é muito corajoso, primo — comentou o duque Henrik, olhando para Bergan através das chamas.

— Não tínhamos para onde ir, nem a quem recorrer — respondeu o Lord de Brackenholme, sentindo as palavras pesarem em sua garganta. — Somos gratos pela gentileza de sua senhoria.

Os dois homens eram tão diferentes quanto a água e o vinho. Bergan era robusto, apesar de todas as provações por que tinha passado, e claramente um guerreiro entre os homens. Sua barba

ruiva, um tanto falha devido à má nutrição e mesclada com pelos grisalhos, cobria todo o queixo e o pescoço, a boca quase invisível sob o bigode. Henrik era pelo menos trinta centímetros mais alto que o primo e bem mais magro. Estava barbeado, os cabelos brancos cortados bem rente à coroa de aço sturmiano presa em torno das têmporas. Sua pele era lisa e imaculada, em oposição à face enrugada e maltratada de Bergan. A única característica em comum era o nariz chato e largo que dominava ambas as feições. Os dois se encaravam atentamente.

— Eu não poderia virar as costas para você nessas circunstâncias, não é mesmo?

— Então ainda não estou perdoado pelos crimes que você pensa que cometi tanto tempo atrás?

Henrik parou para pensar, medindo as palavras, antes de erguer um dedo na direção de Bergan.

— Espero que sua consciência o tenha castigado o suficiente pela traição a Wergar. Ao permitir que o Leão entrasse na Westland, foi como se você houvesse aberto os portões de Highcliff para que Leopold a tomasse. O veneno que se espalhou pelos Sete Reinos tem origem no seu ato de covardia, primo.

— Não foi por covardia! — rebateu Bergan. — Era a única coisa a fazer! A ofensiva de Wergar em Omir deixou sua terra natal quase sem defesas. Highcliff estava à disposição de Leopold. Eu poderia ter lutado com unhas e dentes para deter o Leão, mas o resultado seria o mesmo.

— Você poderia ao menos ter tentado. Uma morte corajosa é muito mais honrada que uma sobrevivência vergonhosa.

Bergan grunhiu, um rugido que reverberou por sua caixa torácica em expansão. Quando falou, seus dentes incisivos estavam ameaçadoramente alongados.

— Leopold tinha como reféns a rainha Amelie e seus filhos. Na prática, os bastians haviam *tomado* Highcliff. Eles me informaram seus termos, os quais repassei a Wergar. Como poderia imaginar que Leopold fosse faltar com a palavra?

— Essas crianças foram massacradas pelo Leão, assim como Wergar — disse Henrik, o brilho do fogo refletindo em seus olhos.

Bergan levantou de repente, pisando no chão com tanta força que agitou as brasas da fogueira. Henrik se inclinou para trás quando viu que o Urso Pardo da Dyrewood estava prestes a sucumbir a uma explosão de raiva. Os soldados do Urso Branco imediatamente levantaram as armas, prontos para defender seu senhor, e Carver e Fry levaram as mãos às respectivas lâminas. Hector e a Guarda Javalina deram um passo para trás, observando ambos os grupos, preocupados com o que poderia vir a acontecer. O duque Henrik fez um gesto com a mão para que os homens se acalmassem.

— Não se passa um dia sem que eu pense neles! Eu amava Wergar como um irmão, Amelie como uma irmã e aquelas crianças como filhos! — rugiu Bergan, batendo no peito, os olhos marejados. — Não venha me falar sobre a loucura de Leopold e os crimes de outrora, Henrik.

Suas pernas fraquejaram enquanto ele encarava o fogo e revivia o passado. As chamas tremularam, levando-o de volta à sala do trono de Highcliff, o mesmo fogo que havia devorado os filhos do Lobo.

— Ainda sou capaz de ver o rosto deles — ele murmurou.

Henrik estendeu a mão e sugeriu que o primo sentasse de novo. O ambiente ficou mais tranquilo, as armas voltaram para as bainhas, e os soldados relaxaram. Bergan desabou no chão, sem tirar os olhos do fogo. Henrik falou em um tom tranquilo:

— Por favor, fique sentado, primo. Está claro que esses acontecimentos ainda pesam sobre seus ombros. Os feitos do passado ainda vão nos atormentar muito no futuro.

O salão ficou em silêncio por um momento. Os únicos ruídos audíveis eram os das tropas sturmianas do lado de fora. Bergan aos poucos foi recobrando os sentidos, ainda imerso nas próprias dúvidas e negações. Durante todo aquele tempo, tentara se convencer de que sua atitude havia sido justa, tomada pelo bem dos Sete Reinos, mas talvez só estivesse enganando a si mesmo. Talvez tivesse *mesmo* sido um covarde. Talvez houvesse convencido Wergar a se render a Leopold *apenas* para poupar Brackenholme da fúria do Leão. Quanto mais pensava a respeito, mais

questionamentos surgiam, como sempre acontecia. Não havia um motivo específico para entregar o Lobo ao Leão — muitos fatores estavam envolvidos naquela decisão. O terror que se seguira depois, no entanto, fora algo totalmente inesperado. De uma coisa Bergan tinha certeza: jamais voltaria a confiar em um Catlord.

— Você resolveu sair da neutralidade, então? — perguntou por fim o Lord de Brackenholme. — Vai lutar do nosso lado?

— Vou lutar por Sturmland — respondeu Henrik, com uma postura um pouco menos hostil depois de presenciar a demonstração de arrependimento do primo.

Bergan mordeu o lábio. “Era só isso que ele queria? Me ver chorando pelo que fiz?”

— E todas as cartas sem resposta enviadas pelo Conselho Lupino? Você não percebeu que precisávamos de você para enfrentar os bastians?

— O que eu vi foi um grupo de Werelords tentando erguer um império. Você, os Cervos e aquele desprezível Vega. Como eu poderia saber que a ameaça de Bast era mesmo real?

— Estávamos a serviço do Lobo, Henrik. Drew era o único sobrevivente entre os filhos de Wergar, e nós juramos protegê-lo. Ele era o legítimo herdeiro do trono.

— Você está me contando isso no tempo passado, Bergan. Devo acreditar que esse menino, filho legítimo do Lobo, está morto?

— Isso nós não sabemos, sua senhoria — disse Hector, atraindo para si todas as atenções. O Boarlord pigarreou, colocando a mão esquerda enlurvada na frente da boca. Bergan notou pela primeira vez que havia um orifício no couro escuro. Hector devia ter se ferido no combate contra os escaramuçadores. — Lord Drew desapareceu quando o Cabo Gala foi cercado pelos Catlords, e seu paradeiro permanece desconhecido. Muitos temem que nosso amigo esteja morto.

Bergan olhou para o jovem barão de Redmire. Ele não era mais o menino tímido e apreensivo que servia como lacaios de Vankaskan, aquele monstro. O Wererat conduzira o garoto para um caminho terrível, do qual Hector, felizmente, havia conseguido se libertar. A magia negra que ameaçava dominá-lo tinha saído de

cena, e o Boarlord pudera recuperar sua reputação e a confiança de Bergan com suas atitudes corajosas e ousadas. Era bom tê-lo de novo por perto.

— Você é o filho de Huth — disse Henrik, medindo-o de cima a baixo. — Hector, certo?

Hector fez uma medida.

— Isso mesmo, sua senhoria. A seu dispor.

— Seu pai foi um homem bom e generoso — afirmou Henrik. — Você é um magíster, então? E dos bons, pelo que ouvi dizer.

— Sim, sou, mas ainda estou aprendendo.

— Você deveria conversar com minha irmã, Lady Greta — falou Henrik, olhando por cima do ombro para uma mulher alta e grisalha, de pé no fundo do salão.

Os soldados abriram caminho para que Lady Greta se aproximasse, carregando nas mãos uma manopla no formato de uma pata de urso. Em seu rosto havia o tracejado de runas, símbolos misteriosos que remetiam à magia. Bergan reconheceu a manopla imediatamente: o Punho Branco de Icegarden, a arma encantada que Ragnor, o pai de Henrik, usava no campo de batalha.

Hector fez outra medida.

— Você também é uma magíster, milady?

— Sou, sim — ela respondeu, abrindo um sorriso afetuosamente e entregando a manopla ao irmão. — Minha disciplina é a alquimia. As Filhas de Icegarden sempre foram casadas com a montanha; nosso compromisso é com o aço, que tão bem serve ao nosso povo. Quando estiver descansado, barão Hector, podemos conversar.

— Ela pode ensinar a você uma coisinha ou outra, ouse dizer — acrescentou Henrik, que depois manteve-se em silêncio por alguns instantes. — Nunca troquei uma palavra desagradável que fosse com o velho barão, Hector. Sinto muito por sua perda.

— Foram as espadas da Guarda Leonina que nos tiraram Huth — contou Bergan, na esperança de que uma menção à vilania dos Catlords pudesse fortalecer seu entendimento com o primo.

Henrik grunhiu, balançando a cabeça. Enfiou a mão esquerda no Punho Branco, deslizando os dedos até o fundo da luva de

metal.

— Ao que parece, o alcance desse jovem Leão é bem amplo, e agora ele conta com a força bruta do Werepanther.

Depois do resgate do Urso Branco e sua cavalaria, o pequeno grupo de Bergan havia sido escoltado para além das barricadas, desaparecendo na parte central do acampamento de guerra do duque Henrik. Enquanto o Urso Branco se mantinha em silêncio no Salão do Pastor, seus homens tinham informado Bergan a respeito da situação. Quase todas as forças do exército sturmiano estavam concentradas nas encostas. Apenas uma tropa remanescente permanecia em Icegarden, só o suficiente para guardar as muralhas e os portões, mas todos os olhos estavam voltados para o sopé das montanhas mais ao sul. O exército de Onyx era uma ameaça a Sturmland e precisava ser encarado. Se a Fera de Bast queria tomar as Whitepeaks, havia subestimado seriamente a determinação dos sturmianos. Um dos soldados da cavalaria dissera a Bergan que as montanhas seriam a perdição dos bastians. O Bearlord torcia para que ele estivesse certo.

— Quando foi que Onyx chegou ao sopé das montanhas? — perguntou Bergan, curioso para saber como as coisas tinham acontecido.

— Eles foram subindo aos poucos. Começando pelas Dalelands, acredito eu — ele falou, dando uma olhada para Hector. — Quando Onyx assumiu o controle da Grande Estrada Ocidental, ficou livre para se deslocar como quisesse pelas Terras Áridas. O bando de Muller o recebeu de braços abertos e engrossou suas fileiras. Uma parte considerável do exército dele se dirigiu para o leste, segundo nossos patrulheiros, tendo como alvo provável os Cervos das Barebones. Não imagino que o povo de Manfred tenha sido capaz de impor muita resistência. Outros bastians foram com os Doglords para Omir, a fim de tomar Azra do rei Faisal. Ratos, Corvos e escaramuçadores estão colaborando vigorosamente com eles. A situação é complicada em todos os Sete Reinos.

— São notícias desanimadoras — murmurou Bergan, abalado com o quadro geral das coisas.

— Existem algumas boas também. Chegou ao nosso conhecimento que a marinha dos Catlords está desmobilizada. A pirataria está correndo solta no Mar Branco, e muitas embarcações de Bast foram afundadas. Segundo boatos, o barão Bosa, dentre todas as outras almas marinhas, está por trás dos ataques.

— Bosa? — questionou Hector, a voz aguda de surpresa.

— Isso mesmo — respondeu Henrik. — Assim como espero que o meu povo possa escapar da ira dos Catlords, o Werewhale de Moga quer livrar o seu. Esperançoso ele, não? Mesmo assim, é bom que o velho pirata tenha levantado seu traseiro gordo e voltado para o oceano. Só Brenn sabe se foi mesmo a ameaça dos bastians que o tirou da imobilidade, mas é bom saber que existe mais gente do nosso lado.

— Você esteve por lá, não é mesmo, Hector? — comentou Bergan. — Foi deixado na ilha por Vega. O Sharklord está com Manfred e a rainha Amelie a bordo do *Turbilhão*, segundo me informou nosso jovem amigo. Sei que você jamais gostou de Vega, Henrik, mas tente deixar suas restrições de lado. No fim, ele vem se provando muito útil, assim como muitos de nós — acrescentou o Bearlord.

Henrik arqueou uma das sobrancelhas.

— Nunca vou confiar em um Sharklord, ainda mais em um que é comprovadamente um vira-casaca. Vega vai ter o que merece um dia, anote o que estou dizendo, primo.

— Como já lhe falei, ele está diferente. Não sei o motivo para isso; talvez seja Drew.

— Esse Drew parece provocar uma impressão marcante em todos que o conhecem. Nunca encontrei ninguém que reaja de forma indiferente à menção de seu nome. Ao que parece, os bastians têm uma aversão ao jovem Lobo que beira a insanidade, enquanto vocês falam dele como se fosse um messias.

— Ele é um tipo bem raro, Henrik — disse Bergan, com um tom de voz sincero e apaixonado. — O Lobo é uma figura nobre, um dos filhos prediletos de Brenn. A alma de Drew é pura e generosa, como as dos Werelords que se reuniram para o primeiro Grande Banquete. O sangue de Wergar corre em suas veias, mas ele é

capaz de manter o controle. Foi criado por humanos, sem saber de sua herança. Seu entendimento do mundo é... diferente do nosso. Wergar era teimoso, só enxergava as coisas em tons de preto e branco, em termos de amizades e inimizades. Esse garoto quer justiça para todos, busca a igualdade entre humanos e transmorfos. — Bergan abriu um sorriso, lembrando-se com carinho das conversas, às vezes difíceis, que costumava ter com Drew. — Ele consegue enxergar os tons de cinza.

— Um livre-pensador? Isso é muito perigoso no caso de um rei — ironizou Henrik. — Bem, vamos rezar a Brenn para que o menino apareça, para que não esteja perdido para sempre. — Ele ergueu o Punho Branco de Icegarden e o fechou. — Eu gostaria de apertar a pata desse Lobo!

Henrik se levantou, e um de seus homens pôs uma longa capa branca sobre os ombros de sua armadura.

— Preciso ir, milordes. Tenho que inspecionar as fileiras antes de anoitecer e ouvir o relatório dos patrulheiros. Vocês estão todos convidados a prosseguir até Icegarden; posso mandar alguns batedores para acompanhá-los, mas vão encontrar pouca coisa por lá, quase uma cidade-fantasma. É aqui que toda a ação vai acontecer.

— Caso não se importe, primo, preferimos continuar aqui — disse Bergan. — Essa luta é nossa também.

— Você não me parece em condições sequer de ficar em pé, velho Urso, quanto mais de encarar uma batalha — respondeu Henrik, enfim abrindo um sorriso. Fazia vinte anos que o Lord de Icegarden não agraciava seu primo com um sorriso.

— Tem comida por aqui? — perguntou Bergan. — Permita que eu me alimente e durma adequadamente. Depois disso, vou estar pronto para qualquer coisa que os felinotropos possam aprontar. Além do mais, vocês não parecem ser muito numerosos — ele provocou. — Aposto que teríamos muita utilidade para vocês.

— Muito bem, fique na linha de frente e recuse a minha oferta de um banho quente, então. Vou pedir que meus homens providenciem barracas para os seus. Por outro lado, não pude deixar de notar — Henrik baixou o tom de voz e se aproximou de

Bergan — que vocês têm guerreiros ugri em suas fileiras. Sabe que nossos povos têm um histórico conturbado, não? Slotha e eu nunca nos entendemos.

— Slotha morreu — contou Hector, intrometendo-se na conversa. — Pelas mãos do Leão. O povo dela está sendo caçado pelas forças de Lucas neste exato momento. Os homens que sua senhoria viu lá fora pediram minha proteção. São membros da Guarda Javalina, gente da minha confiança.

— Só espero que você não venha a se arrepender da maneira como compôs sua guarda, barão Hector — disse Henrik, a testa franzida de preocupação. — Eles são uns brutos, esses ugri. A única linguagem que entendem é a da violência.

Hector sorriu.

— Então eu vou tratar de educá-los, sua senhoria.

Bergan aproximou-se do Boarlord e agarrou seu punho esquerdo.

— Vejo que você tem um ferimento de guerra, meu garoto. Foi durante nossa última batalha? — ele perguntou, apontando com o queixo para o couro perfurado.

Hector libertou a mão com um puxão e a escondeu sob a outra.

— De fato — ele respondeu, com uma tensão indisfarçável na voz. — Caso não se incomodem, milordes, eu poderia ir direto para Icegarden? Não sei se posso colaborar muito com a causa permanecendo aqui. Afinal, sou um simples magíster.

— Ser um magíster não é algo trivial — afirmou Lady Greta. — O poder de cura de suas mãos pode ser muito útil por aqui.

— Nesse caso, permitam que eu visite a belíssima cidade de vocês para tratar dos meus ferimentos e depois retorne à frente de batalha.

Henrik e Bergan se entreolharam, não vendo nenhum problema em aceitar a sugestão de Hector.

— Muito bem — anunciou o Urso Branco. — Os batedores irão acompanhá-lo. Volte quando estiver recuperado. Você não encontrará muitas distrações em Icegarden.

Hector fez uma mesura para os três transmorfos e em seguida deu um abraço em Bergan.

— Tome cuidado, Hector — murmurou o Bearlord. — Um amigo como você tem um valor inestimável. Eu o quero sempre por perto, para poder garantir sua segurança. — Bergan o beijou no rosto, deixando Hector desconcertado.

— Sim... sim, sua senhoria. Vou tomar cuidado.

O jovem magíster se afastou de Bergan e abriu um sorriso antes de se virar e deixar o Salão do Pastor para se juntar à sua Guarda Javalina.

Henrik e Greta se afastaram de Bergan e seus companheiros para conversar com os homens sobre os acontecimentos do dia. Bergan viu uma bandeja de carnes assadas sendo trazida por um servo. O Bearlord a tomou das mãos do homem, abrindo um sorriso diante de sua expressão de surpresa.

— Acho que podemos nos virar sozinhos a partir daqui — disse Bergan, pegando uma coxa de frango e rasgando-a entre os dentes. O capitão Fry se juntou a ele, apanhando um pedaço de carne da bandeja e sentando-se ao lado de seu superior. Apenas Carver não se aproximou, postado junto à porta, observando a partida de Hector.

— Não está com fome, Carver? — perguntou Bergan, a boca cheia de frango.

— Meu apetite está normal — respondeu o ladrão tatuado. — Mas estou incomodado com uma coisa.

— Pois fale.

— Não confio nesse Boarlord.

— Não confia em que sentido? — perguntou Bergan, limpando a barba com o dorso da mão.

— Essa Guarda Javalina a serviço dele. Conheço os dois lá de Highcliff, Ringlin e Ibal. Dois assassinos. E, quanto aos ugri que os acompanham... Fry, você mesmo disse que eles não são de confiança.

O homem de Sturmland pigarreou.

— A meus olhos, não mesmo, mas o barão Hector deve ter seus motivos. Eles lutaram ao nosso lado, lembra? Vários escaramuçadores tombaram diante deles, primeiro na ravina e

depois nas encostas. O barão provou sua lealdade. Que tal um pouco mais de boa vontade?

Carver balançou a cabeça com movimentos lentos.

— Não. Não estou gostando nada disso. E acho coincidência demais que ele tenha aparecido naquele desfiladeiro daquela maneira.

— Você é um homem rancoroso que não confia em ninguém — resmungou Bergan, mordendo sua quarta coxa de frango. — O que sugere que seja feito?

— Me deixe ir até a cidade. Para ficar de olho nele.

— Você desconfia tanto assim de Hector?

— Digamos que eu tenha aprendido a julgar o caráter das pessoas. Já conheci muitos sujeitos desonestos e traiçoeiros na vida. E também já fui um deles, é bom dizer.

— Traiçoeiro é uma palavra forte — comentou Bergan, apontando a quinta coxa de frango na direção do Lord dos ladrões.

Carver a tomou de sua mão.

— Então vamos esperar que eu esteja errado, certo? — Ele se encaminhou para a porta, virando-se para completar: — Existe uma primeira vez para tudo.

Depois disso Carver partiu, levantando neve do chão ao bater a porta com força às suas costas.



## 9

### A Serpente revelada

Enquanto os membros sobreviventes da corte de Brackenholme dormiam aglomerados em volta do trono do Bearlord, uma figura solitária se mantinha sentada nos degraus, em vigília. Três noites antes, a Wereserpent havia aparecido por lá e arrastado um menino apavorado para a escuridão. O grupo tinha reagido, tentando libertá-lo do monstro, mas não fora possível. Os Wyldermen estavam por perto, castigando os prisioneiros com lanças e machados, forçando-os a recuar enquanto sua sinistra senhora desaparecia com a refeição. Daquele momento em diante, os sobreviventes tinham decidido manter vigilância: não deixariam que Vala levasse um deles outra vez com tanta facilidade.

Whitley estreitou os olhos, perscrutando a escuridão que se abatia sobre o salão gigantesco. A fogueira diante do trono de seu pai ainda ardia, um pequeno luxo que os selvagens haviam permitido aos prisioneiros. Ela conseguia ouvir os Wyldermen se movimentando e cochichando atrás da enorme pilha de móveis quebrados, acumulados no centro do recinto: cadeiras, antiguidades, cortinas, pinturas, vigas e tábuas do assoalho. A princípio, a jovem Werelady imaginara que estivessem construindo

uma espécie de fogueira, que os selvagens queriam queimar os habitantes de Brackenholme no lugar que mais reverenciavam. Não podia estar mais enganada. Os Wyldermen, na verdade, mantinham distância dos escombros, apenas um deles tendo permissão para se aproximar da pilha de objetos, e Whitley sabia muito bem de quem se tratava. Ele se mantinha sentado lá no alto, quase invisível. Enquanto a Bearlady observava a movimentação no salão, o selvagem a vigiava em resposta.

Um ruído agitou os escombros, atraindo a atenção de Whitley. Ela se levantou e se preparou para alertar os companheiros do perigo que viria. Mas a última coisa que gostaria era de assustar sua mãe e os demais: dormir não vinha sendo uma tarefa fácil, e cada momento de descanso era precioso. Mais acima, o Wylderman se levantou. As tábuas rangeram quando um vulto surgiu em meio à bagunça. As cortinas rasgadas foram puxadas para o lado, e o ocupante da montanha de detritos apareceu. O monstro saía de seu esconderijo com frequência desde que havia se estabelecido no salão, provocando arrepios de terror entre os prisioneiros de Brackenholme a cada aparição, apesar de não estar mais em sua forma de Serpente. Foi uma velhinha em forma humana que saiu a passos lentos do ninho.

— Que beleza, minha querida — disse Vala. — Você ficou de vigília de novo? Não deveria ser a vez de outra pessoa? Você deve estar exausta!

Whitley observou a aproximação da velhinha encurvada, caminhando devagar em meio à escuridão. As brasas da fogueira se agitaram quando ela se aproximou, um xale comprido sobre os ombros, cobrindo também o rosto. Era a primeira vez desde a invasão da cidade que Vala se apresentava em sua forma humana. A Serpente havia abandonado o disfarce de Baba, desfrutando de um grande prazer ao notar a reação que causava nos prisioneiros. Se aparecia de novo como Korga, sem dúvida era porque tramava alguma coisa.

— Veio tripudiar sobre mim, Vala? — perguntou Whitley, desconfiada. — Já se cansou de ficar se arrastando pelo chão?

Ela sentiu medo e raiva na mesma medida, e os pelos de seus braços se arrepiaram. Tentou evocar o Urso em seu coração, na expectativa de que a fera a ajudasse caso fosse necessário. Whitley não tinha o mesmo controle sobre seu lado transmorfo que demonstravam os demais Werelords, incluindo sua amiga Gretchen. Teria de encarar aquele monstro sozinha.

— Ah, por causa disto aqui? — perguntou a mulher, passando a mão pelo rosto oculto pela penumbra. — Você gostava bastante da velha Korga, não gostava? Imaginei que a reaparição dela fosse reacender a faísca de afeto que sentíamos uma pela outra.

Whitley soltou uma risadinha nervosa.

— Essa Baba algum dia existiu de verdade?

— Oh, com certeza. Pelo menos até Coração Negro e eu encontrarmos sua carroça no limiar da Wyrnwood. — Ela olhou para o Wylderman que estava de pé sobre seu ninho, acenando para ele com a mão enrugada. — Ele e seus amigos têm muitas contas a acertar. O pai dele era o xamã que o Lobo matou e cujo espírito o Javali torturou. Eu pediria que viesse até aqui, que voltasse a ser Rolff em nome dos velhos tempos, mas ele prefere ter a garganta cortada por uma pedra afiada a fingir ser um maldito romari de novo.

Whitley lançou um olhar raivoso para a silhueta do homem, imóvel como uma estátua. “Confiei tanto neles dois... É tudo culpa minha. Fui eu que os trouxe para cá.”

— Você ainda se sente culpada, não é mesmo? — perguntou Vala, como se tivesse lido os pensamentos da jovem Werelady. — Pela minha presença aqui?

A velha se acomodou no chão, do outro lado da fogueira, com movimentos desajeitados. Observando com atenção, Whitley notou que havia algo diferente no corpo de Vala em seu disfarce como Baba.

— Pois não deveria — continuou a impostora. — Isso aconteceria de uma maneira ou de outra. Foi só por uma infelicidade que a responsável por me trazer à cidade de seu pai tenha sido você. Essa é a sina de todos os Werelords que criaram inimizade comigo ao longo dos anos. Agora que estão lutando

entre si, deram-me a oportunidade de atacar sua terra natal. Todos vão ter o que merecem no devido tempo; meu povo está cada vez mais poderoso e numeroso, atendendo ao meu chamado vindo de toda a Dyrewood e de ainda mais longe. Os senhores da Westland, do reino da floresta, das Dalelands e também de outras terras são os culpados por antagonizar com os Wyldermen durante toda a vida.

— Você e seu povo são os verdadeiros monstros! — retrucou Whitley. — Queimam fazendas, massacram famílias, atacam mercadores na estrada Dyre. Os Wyldermen são *canibais*, incapazes de conviver com a civilização!

— Eles vivem nas florestas desde que a humanidade existe — sibilou Vala, inclinando-se sobre a fogueira, apoiada sobre as mãos, permitindo que as brasas iluminassem seu rosto marcado. No lugar onde devia estar o olho direito havia um buraco escuro, uma marca indelével do ataque de Gretchen contra a Wereserpent. — A Dyrewood costumava ser o reino deles, e agora voltará a ser. O tempo dos Bearlords já passou.

Whitley conseguiu ver o que havia de tão estranho no corpo da mulher. Vala tinha um aspecto disforme; o corpo inteiro ondulava quando ela se movia, o ventre muito distendido. Era como se sua transformação tivesse dado errado e algumas características da serpente houvessem se fundido à forma humana. Whitley fez uma careta, e Vala percebeu.

— Meu ventre? — riu-se a mulher, afastando o xale para que a jovem pudesse ver melhor.

Whitley sentiu um nó no estômago ao notar as formas irregulares e rígidas por sob a pele de Vala, como se fossem ossos quebrados prestes a saltar para fora do corpo. Quando a falsa Baba se mexia, os calombos se acomodavam dentro dela, entrando em atrito uns contra os outros.

— Demoro um pouquinho para digerir a refeição... em especial uma do tamanho desse menino — continuou Vala. — A forma humana não é a ideal para o meu metabolismo, o que significa que venho comendo muito mal nos últimos meses. Precisei regurgitar alguns restos uma noite, quando viajávamos pela Dyrewood. Por

sorte, meu querido Coração Negro estava lá para se livrar do corpo da criança.

Whitley sentiu um nó no estômago ao se dar conta do motivo da forma bizarra de Vala. Sua mente lembrou a jornada rumo a Brackenholme, passando pelas Longridings e pela estrada Dyre a caminho da cidade. Vala tinha passado a viagem inteira escondida no fundo da carroça, sob uma pilha de cobertores, ocultando seu corpo da vista das pessoas. Houve vários desaparecimentos durante esse tempo, nenhum deles devidamente explicado.

— As crianças... — começou Whitley, mas Vala a ignorou e continuou seu discurso:

— Mesmo disfarçada de bruxa romari, eu precisava me alimentar. Até posso comer uma tigela de sopa ou um cozido, como o resto de vocês, mas isso não me sustenta. No fim das contas, a única coisa que uma Serpente deseja é comida *viva*.

— Você é um monstro assassino — murmurou Whitley, enxugando as lágrimas dos olhos.

— Isso não é assassinato — rebateu Vala, passando uma das mãos pelo corpo deformado. — Eu mato para comer e como para viver. Essa é a natureza das coisas, o caçador e a presa. Apenas obedeco aos meus instintos, e eles me dizem que os humanos são alimento.

— Não existe nem um pingão de humanidade dentro de você? — perguntou Whitley, balançando a cabeça, desolada.

— Além do menino na minha barriga? — ironizou a Wereserpent. — Nem um pouco. E por que existiria? Sou uma transmorfa à moda antiga, Ursa. Para mim, querer encontrar traços humanos é o mesmo que procurar fraquezas. Talvez seja essa a diferença entre a minha espécie e os filhos de Brenn.

— A sua espécie? — perguntou Whitley, desconfiada.

— Os transmorfos ancestrais, de uma época anterior a Brenn e seus Grandes Banquetes. Você e seus Werelords deveriam se curvar diante da minha espécie. Os Ursos, os Lobos, os Leões, os Gaviões, vocês pensam que são os *donos* do mundo por entrarem em guerras, por criarem leis, acreditando que a única civilização que já existiu no mundo é a de vocês. Houve um tempo em que vocês

ficavam sob nosso comando e não eram muito diferentes dos humanos aos nossos olhos. Na Era dos Dragonlords, éramos nós que reinávamos. E esse tempo está prestes a voltar. Você fala sobre a humanidade como se isso fosse um dom — ela disse com desprezo. — Está mais para uma maldição, isso sim. Vocês são todos *fracos* na visão de uma transmorfa ancestral como eu.

Whitley sentou, sentindo o corpo exausto dominado pela angústia. Ela baixou a cabeça, tentando controlar seus sentimentos.

— Isso mesmo, menina — disse Vala em um tom de voz baixo, embora entusiasmado. — Desabafe. Não deixe isso tudo acumular dentro de si. Pode lamentar sua infeliz situação. Sua causa está perdida. Esperança? Ela não existe mais para você.

As palavras venenosas de Vala ecoaram por sobre a fogueira, ferindo a alma de Whitley, abalando sua determinação. Ela havia suportado muita coisa tentando voltar para casa depois de perder o pai e o irmão. E tudo para quê? Para levar uma assassina aos braços acolhedores de sua mãe.

— Fique sabendo de uma coisa, Ursa: você vai ter um fim rápido e indolor quando chegar a hora. Talvez exista um resquício de humanidade dentro de mim, no fim das contas. Gostei da sua companhia enquanto viajávamos juntas. Sua inocência infantil foi uma ótima distração. É capaz até de eu ficar triste quando chegar o momento, ainda é cedo para saber, mas, como é amiga do Lobo, você precisa morrer.

— Você está esperando a chegada de alguém que pode estar morto! — disse Whitley, fungando, a cabeça escondida entre as mãos. — Ele pode *nunca* aparecer. E tudo isso terá sido para nada!

— Para nada? Eu conquistei Brackenholme! — falou a Serpente. — Nada disso, ele vai aparecer, sim. E, quando chegar aqui, prometo que seu fim vai ser rápido. Não vou fazer você sofrer. Nem sua mãe.

Whitley se levantou em uma fração de segundo, chutando as brasas da fogueira, que voaram sobre a velha. Vala se afastou, removendo as cinzas da pele e do xale, sibilando de irritação, mas

a Bearlady de Brackenholme não recuou. Apertou a garganta de Vala com a mão, e suas unhas se transformaram em garras escuras.

— Você não vai encostar nem *um dedo* na minha mãe — grunhiu Whitley com um tom de voz grave e animalesco.

Vala olhou para cima e sorriu ao ver Coração Negro aparecer a seu lado, uma faca em cada mão, os olhos cravados em Whitley.

— Pensa que pode me ameaçar, Lady Whitley?

Outros Wyldermen começaram a aparecer de trás do ninho da Wereserpente, vindo em auxílio do chefe guerreiro.

— Você vai poupar a vida da minha mãe, Vala — rosnou Whitley, sacudindo a velha Serpente pela garganta. — Quero que me prometa! — ela gritou.

Nesse momento, os outros prisioneiros na plataforma do trono do duque Bergan começaram a acordar, piscando os olhos enquanto tentavam registrar o horror que testemunhavam na semipenumbra. Vala deu uma risadinha, um ruído grave e assustador, e os selvagens se espalharam pelo salão, passando por Whitley e tomando a direção dos reféns.

— Tire as mãos de mim, menina Ursa! — sibilou Vala, o tom de ameaça mais do que evidente. Seu único olho se fixou em um ponto atrás da jovem lady, seguindo os movimentos dos homens pelo recinto.

Whitley olhou por cima do ombro e viu sua mãe, a duquesa Rainier, parada na frente dos cortesãos, enquanto os Wyldermen os cercavam com as armas em riste. Whitley largou a falsa Baba e correu para junto dos prisioneiros, jogando-se nos braços da mãe. Lançou um olhar furioso para Vala, que massageava o pescoço com as mãos esqueléticas.

— Ora, pequena Ursa — ela debochou —, então você já tem garrinhas.



10

## Campo neutro

*Os pássaros cantavam sobre os galhos das árvores que cercavam a clareira, e a luz do sol era filtrada pelas copas e folhagens, fazendo os raios dourados dançarem pela grama. Gretchen estava deitada, virada para o céu, um sorriso no rosto. Aquela era sua clareira, seu refúgio secreto na corte de Hedgemoor. Muitas de suas memórias mais antigas remontavam àquele local. A mãe a levava ali desde que era bebê. Ela estava com saudade de lá depois de passar tanto tempo fora de casa. Deixou o sol bater em seu corpo, penetrando cada fibra de seu ser. Um vulto apareceu e lançou uma sombra sobre ela. Seu desapontamento logo se transformou em alegria, quando reconheceu o rosto de Drew. Seu Drew. Como ele a havia encontrado? Ela não se lembrava de tê-lo levado a Hedgemoor em nenhuma oportunidade. Ele a encarava enquanto o sol se punha, projetando uma sombra por toda a clareira. Com a escuridão veio o frio, terrível e amargo. Ele não sorria. Aquele não era seu Drew. Ela nunca o havia levado a Hedgemoor. A boca dele se abriu lentamente, revelando uma fileira de dentes afiados e serrilhados, inclinando-se em sua direção para beijá-la...*

Gretchen acordou com um grito, e uma mão tapou sua boca para abafá-lo. Por um breve momento chegou a acreditar que se tratava de um sonho ruim, mas a realidade na qual tinha acordado é que era o verdadeiro pesadelo. Seu mundo ainda era sombrio, e as perspectivas, desoladoras. A mão sobre sua boca era de “Manto-Rubro”, como ela o chamava. Àquela altura ela já sabia o nome do soldado, mas ele respondia quando era chamado pelo apelido, por isso não havia motivo para tratá-lo por Trent Ferran, o irmão humano de Drew, o Wolflord que roubara seu coração.

Os dois estavam deitados entre as raízes expostas de uma figueira caída, o único abrigo que possuíam contra a neve e o vento. A árvore tinha deixado um buraco no chão, o que era o mais próximo de uma clareira que haviam encontrado em vários dias. A única fonte de calor era o corpo de Manto-Rubro encostado em suas costas, com um dos braços sobre seu quadril, abraçando-a com força. O manto escarlate estava estendido sobre os dois, proporcionando uma proteção não muito eficiente contra as intempéries, mas era melhor do que nada. A respiração da garota se condensava em uma névoa por entre os dedos imundos dele, dissipando-se no ar gelado. Os lábios dele roçaram sua orelha.

— Shh — cochichou Manto-Rubro, tirando a mão da boca dela. — Você estava sonhando.

Ela sentiu o coração acelerar, os batimentos saindo do controle. Gretchen havia perdido a noção do tempo; a escuridão na Dyrewood era constante e abalava seu espírito. Na fuga incessante dos Wyldermen, eles só descansavam quando estavam exaustos, na esperança de abrir vantagem em relação aos caçadores. Era difícil discernir a linha que separava o mundo real dos pesadelos. Sua mente estava sob provação constante. Apesar de continuar morrendo de medo, sentia-se grata por poder contar com a companhia de Manto-Rubro.

— Fique calma, milady — ele falou, abrindo espaço para que ela voltasse a se ajeitar sob o manto, onde poderia se sentir pelo menos um pouco mais aquecida. — Mais um pesadelo?

Gretchen não respondeu. Em vez disso, continuou olhando para o céu sem nuvens, vendo o vapor que saía da boca ser iluminado

pelo brilho das estrelas.

— Me desculpe, milady — ele falou sem jeito. — Pela mão na sua boca. É que... você estava gritando. Fiquei com medo de que eles ouvissem.

*Eles:* os Wyldermen. As tentativas de escapar dos selvagens que os perseguiam não estavam dando em nada. Toda vez que respiravam aliviados, acreditando ter despistado os assassinos, os gritos deles voltavam a ecoar pela Dyrewood.

— Sem problemas, Manto-Rubro — ela falou, forçando um sorriso. — Prefiro os seus dedos imundos no meu rosto às mãos de um Wylderman na minha garganta. Obrigada.

Ele se acomodou outra vez ao lado dela, aproximando-se aos poucos, expulsando o ar frio que havia se instalado entre os corpos de ambos. Ela sentiu um queixo áspero roçar sua nuca, um hálito quente atrás da orelha. Em qualquer outro lugar, em qualquer outra situação, teria dado risada, ou ficado arrepiada, ou então considerado aquela proximidade uma atitude intrusiva. Em determinados círculos sociais, um plebeu seria açoitado, ou coisa pior, por se meter com uma nobre. No entanto, aquele não era o momento nem o local certo para pensar nisso, e Manto-Rubro estava longe de ser um homem qualquer.

O estranhamento inicial entre os dois havia se amenizado, mas, Brenn era testemunha, Manto-Rubro ainda tinha uma capacidade tremenda de irritar Gretchen. Pouco a pouco, os dois foram se acostumando com a companhia um do outro, e os atritos vinham diminuindo ao longo dos dias. Haviam encontrado um campo neutro no qual conseguiam se comunicar: a época de infância — Gretchen em Hedgemoor e Trent na Costa Gélida, um menino criado na fazenda ao lado de seu irmão Drew. Além disso, falavam sobre sua situação atual, sobre o que comeriam na próxima refeição.

O único assunto que procuravam evitar era o destino de Drew. Ambos temiam pelo pior, pois tinham ouvido muitos boatos em suas viagens. Gretchen se punha na defensiva sempre que Manto-Rubro perguntava sobre Drew. Ela não sabia ao certo por quê. Afinal, já confiava nele àquela altura. Qual seria seu temor, então?

Tinha medo de que conversar a respeito pudesse ter influência negativa nas poucas chances de que Drew ainda estivesse vivo? Talvez fosse por isso que continuava a chamar Trent de “Manto-Rubro”. Ele ainda era apenas um soldado, praticamente um estranho. Aquele apelido permitia que ela mantivesse um certo distanciamento. Chamá-lo de Trent seria um convite à intimidade, e só havia espaço para um Ferran em seu coração.

— Logo vai amanhecer — ele falou. — Acho melhor ir andando, para verificar as armadilhas e arapucas.

Manto-Rubro era um jovem engenhoso, com um raciocínio rápido, semelhante ao de Drew. Ele havia feito arapucas com tiras de couro arrancadas da sela que lhes permitiram capturar pequenos animais: coelhos, ratos e o que mais a Dyrewood tivesse a oferecer, o que não era muita coisa. Até então, o saldo das capturas se resumia a dois esquilos e um sapo bem grande. Havia muitos outros caçadores com quem disputar as presas: aves de rapina, lobos e até mesmo o mítico Dyrecat, o maior predador da floresta. Manto-Rubro e Gretchen precisavam se contentar com o que sobrasse, incluindo as criaturas intragáveis que eram tolas o suficiente para cair nas armadilhas improvisadas.

— Não podemos descansar mais um pouco? — perguntou Gretchen com um suspiro.

— Existem três objeções quanto a isso, milady — respondeu Manto-Rubro. — A primeira é o pequeno problema representado pelos selvagens. A essa altura eles já estão de pé, posso garantir. A segunda é que, se eu *não for* verificar as arapucas agora, pode acreditar que não encontraremos mais nada por lá mais tarde. E, por fim, e mais importante de tudo, você é uma Werefox. Que tal ajudar na captura do nosso café da manhã se transformando em uma raposa?

Gretchen deu risada. Já havia explicado que não tinha um controle lá muito grande sobre seu lado transmorfo, que em geral vinha à tona apenas em momentos de muita tensão emocional, quando estava com medo ou em perigo.

— Eu já disse! — ela esbravejou. — A Raposa só aparece quando minha vida depende disso. Caçar esquilos não é uma

questão de vida ou morte.

— Você pode achar que não, mas um esquilo suculento pode ser exatamente isso. Mesmo escapando dos Wyldermen, corremos o risco de morrer de fome.

— Como está seu ombro, Manto-Rubro?

— Doendo como o diabo. Latejando. Ardendo. Coçando sem parar. Sinto vontade de arrancar a pele do ombro. Sempre que vou dormir, parece que tenho uma faca enfiada nas costas. Toda vez que faço um esforço, tenho medo de que a ferida se abra. Mas vou sobreviver. Me avise se eu começar a gemer, certo?

Ela sentiu que ele sorria.

— Obrigado — disse Manto-Rubro.

— Por quê?

— Por ter cuidado do meu ferimento. Ouvi dizer que os Wyldermen envenenam a ponta de suas flechas. Pelo jeito, foi sorte minha ter sido atingido apenas por uma de ponta serrilhada. Pelo menos isso, não?

Ele sentou e saiu de sob o manto escarlate. Gretchen o puxou para si quando o ar frio alcançou sua pele.

— Vamos, milady — ele falou, levantando-se com dificuldade. — Está na hora de esmagar o barro.

— Esmagar o barro? Acha mesmo que devemos fazer isso, considerando que os Wyldermen estão seguindo nosso rastro?

— É só um modo de dizer. Meu pai costumava falar assim.

Gretchen fez como Manto-Rubro pediu e se levantou, tentando reanimar os pés congelados batendo-os contra o chão. Ele esfregou as mãos, tentando reaquecê-las, sem muito sucesso. Seus dentes batiam, e o jovem soldado fez uma careta, tentando cerrar os maxilares e evitar o ruído incriminador. O frio era terrível, e as extremidades de seu corpo sofriam com isso. Gretchen era uma transmorfa cujo lado animal a ajudava a resistir a condições extremas, mas o Manto-Rubro não tinha a mesma sorte. Seu sangue era unicamente humano, com todas as fragilidades que isso implicava. Observou o desconforto dele enquanto tentava abrir e fechar os dedos duros de frio. Por mais que sentisse dor, ele jamais admitiria isso a ela.

— Este inverno deve lembrá-lo dos tempos de Costa Gélida, não?

— Isto aqui? — respondeu o Manto-Rubro, fungando e indo até a árvore à qual Tempestade estava amarrada. — Isto não é nada. Só um friozinho. Quando o sol nascer, vamos ficar bem.

Ela sabia que aquilo não passava de mera bravata. O sol ainda não estava nem perto de dar as caras, e pouquíssimos de seus raios conseguiriam atravessar a copa das árvores e alcançar a superfície da floresta. Ela ficou olhando enquanto ele acariciava a égua com as mãos trêmulas. Seus dedos estavam roxos, o que não era um bom sinal. “Será que ele não se cobriu com o manto durante a noite?” O cavalheirismo dele não tinha limites, o que deixava Gretchen envergonhada.

— Tome isto aqui — ela falou, entregando o manto. — Use um pouquinho para se esquentar. Eu vou verificar as arapucas e trazer aquilo com que Brenn nos agradeceu enquanto dormíamos.

Manto-Rubro fez uma careta, falando por entre os dentes cerrados, lutando para fazê-los parar de bater.

— Pode deixar que eu cuido das armadilhas, milady. Só eu sei onde as deixei.

— Posso não caçar como uma Raposa, mas não significa que não tenha olfato — ela falou, franzindo o nariz para ele.

Um grito distante os fez parar de discutir. Gretchen imaginou que se tratava de um tetraz, uma ave que conhecia desde a infância nos pântanos das Dalelands. Ela olhou para Manto-Rubro na expectativa da confirmação de se tratar mesmo de um pássaro. Ele a encarou com uma expressão séria, o maxilar cerrado, sem um pingo de humor nas feições.

— Fique com o manto, milady — ele falou, dando-lhe as costas e se dirigindo à mata a fim de verificar as armadilhas.

— Não! — ela gritou, indo atrás dele, ansiosa para que voltassem a se movimentar, ciente de que cada momento de hesitação poderia significar a morte do batedor por causa do frio inclemente. — O manto é seu, Trent. Por favor, vista-o. Por mim.



PARTE V

## Jogadas estratégicas



1

## O Lobo em pele de Wylderman

À primeira vista era uma névoa como qualquer outra, pairando sobre Brackenholme como uma mortalha cinzenta. As Grandes Árvores, outrora visíveis a qualquer um que se aproximasse da cidade, estavam obscurecidas pela neblina impenetrável. O brilho de algumas fogueiras esparsas chamou a atenção dos três viajantes em meio às campinas incineradas além das muralhas de paliçada. Gritos e risos de Wyldermen ecoavam por toda parte, atravessando as brumas e fazendo crescer a sensação de perigo a cada passo. Apenas quando entraram no meio da névoa, perceberam que não se tratava de um fenômeno climático. Estavam cercados de fumaça: Brackenholme tinha sido incendiada.

Drew tomou a frente, com Milo logo atrás e Rufus Rubro cuidando da retaguarda. Andavam em fila indiana, a cabeça abaixada mas sempre alerta. Já haviam passado por um grupo de selvagens cujos rastros evidenciavam ser de um clã diferente do que havia caçado Stirga, tendo estes marcas circulares azuis pintadas no corpo. Não foi preciso dizer nenhuma palavra; um aceno de cabeça foi suficiente. Por sorte, havia Wyldermen de toda a Dyrewood por lá, e cada um falava uma variante do idioma da

selva. Drew e Rufus Rubro estavam quase sem roupa, e Milo usava algumas peles imundas que tinham arrancado dos cadáveres para esconder a armadura no peito. O alaúde do romari morto e o restante do equipamento haviam sido deixados nas montarias, escondidas na estrada Dyre a uma boa distância dali. O único item que Drew trazia consigo era a Moonbrand, escondida entre os trapos que lhe cobriam as costas.

Ele olhou para os companheiros, que tinham o corpo coberto com a lama escura e fétida que haviam arrancado dos Wyldermen abatidos e os cabelos enfeitados com penas vermelhas cintilantes. Seus pés descalços afundavam no chão coberto de neve, e cada passo doloroso os deixava mais perto do acampamento inimigo. Uma neve fina caía ao redor, quase invisível em meio à fumaça, pequenos cristais brancos que se acumulavam sobre os corpos enlameados. Formavam um trio bem estranho de selvagens, mas Drew torcia para que aquele disfarce bastasse para passarem pelo portão da Dyre. Caso contrário, a tentativa de resgate fracassaria antes mesmo de começar. O branco dos olhos dos amigos brilhava sob a máscara escura, e a atenção deles estava toda concentrada no Lobo. Procuravam-no em busca de instruções e decisões. Até mesmo Rufus Rubro tinha aceitado o fato de que o Werewolf era um líder bastante capaz, apesar de jovem — respeito conquistado a duras penas. Drew olhou para o próprio corpo, para a pele clara coberta de barro. Era uma operação arriscadíssima, aquela; qualquer desliz seria fatal. “Por favor, Brenn, permita que dê tudo certo.”

O portão da Dyre se materializou em meio à fumaça, as estruturas que o abriam ainda quebradas, conforme Stirga havia descrito. As tochas nas guaritas estavam acesas, e era possível ver o vulto dos Wyldermen sobre as muralhas. Vários deles haviam armado um acampamento do outro lado do portão arrebitado, espalhando-se pela estrada Dyre por entre as torres de vigia. Quando os três se aproximaram, foram recebidos pelo cheiro da carne assada que crepitava em uma fogueira junto às muralhas. Era um aroma vagamente familiar, que lembrava carne de porco. O estômago de Drew roncou, e ele fez força para dominar a fome

que consumia suas entranhas. O Wolflord sabia que os selvagens preferiam se alimentar de animais de duas pernas, e não de quatro.

Drew olhou mais uma vez para os companheiros. Os olhos de Milo estavam arregalados. O garoto lutava para conter a ansiedade apertando com força a própria barriga. Mais atrás, Rufus Rubro não demonstrava nem ao menos um indício do medo que Drew sentia, por mais nervoso que pudesse estar. O Lobo manteve a cabeça baixa e os olhos atentos ao cruzar os limites da cidade. O Hawklord estendeu a mão e deu um aperto reconfortante no ombro de Milo. Drew engoliu em seco, sentindo a garganta queimar. “Fique calmo, Milo, ou vai matar a nós todos.”

Três Wyldermen apareceram em meio à névoa fumacenta, bloqueando o caminho com seus machados. O estômago de Drew se revirou: ele sentiu um desejo quase irrefreável de fugir, ou então partir para o confronto logo de uma vez. Nenhuma das duas coisas o ajudaria a chegar até Whitley, no entanto. *Precisava* passar por aqueles guardas e entrar na cidade. Um dos guardas murmurou um som áspero, seguido de um breve aceno. “Uma saudação?” Drew fez de tudo para imitar perfeitamente a atitude do selvagem, erguendo a mão em um gesto similar. O Wylderman balançou a cabeça afirmativamente e liberou a passagem.

Drew seguiu seu caminho, pisando na neve com os pés descalços, sentindo falta do conforto de suas botas. Elas estavam ao lado de Bravura, enroladas dentro do manto, escondidas com o restante das roupas. Ele manteve o olhar fixo nos vigias do portão, abrindo um sorrisinho e erguendo o queixo em sinal de confiança. Drew conhecia os Wyldermen bem o bastante para saber da importância que davam à postura e à atitude agressiva. Caso vissem algo em seu comportamento que fosse contrário à maneira de ser de um Wylderman, seria o fim da linha. Dois dos selvagens se viraram, e apenas o que tinha falado continuou observando Drew. Os dois trocaram olhares duros, um sinal de respeito entre dois guerreiros. Drew ficou satisfeito porque o homem manteve a atenção voltada para ele, e não para os demais — o Wolflord era o que melhor se passava por um selvagem, com seus cabelos escuros,

a pele queimada e o corpo atlético. Os outros dois companheiros vinham logo atrás, a cara coberta de lama e ocultos sob peles de animais, evitando os olhares desafiadores do Wylderman. Por fim, o vigia se virou e se juntou aos companheiros na guarita do portão destruído.

— Ainda bem que você sabe falar a língua deles — murmurou Milo quando eles deixaram os Wyldermen para trás.

— Ainda bem que eu sei imitar os sons dos animais — disse Drew. — Quanto falta para chegarmos ao Grande Carvalho?

— Pensei que você já tivesse vindo aqui.

Drew cerrou os dentes para impedir que o queixo começasse a bater.

— Só como hóspede das celas da Árvore da Guarnição. Não, eu não conheço a cidade, mas seu povo, sim. Ótimas pessoas.

Eles continuaram caminhando rumo ao centro de Brackenholme. Mais fogueiras brilhavam a distância, pontuando os arredores das Grandes Árvores e o perímetro da cidade. Casas abandonadas e incendiadas surgiam em meio à fumaça. O destino de seus ocupantes parecia ter sido sombrio. Assim que se tornavam visíveis, as estruturas queimadas voltavam a ser engolidas como espectros pela névoa.

— Onde estão todos os civis? — perguntou Milo.

Drew olhou para Rufus Rubro, que caminhava ao lado do jovem Staglord. As sobrancelhas do Hawklord se arquearam sobre o nariz adunco.

— Estou rezando para que tenham sido poupados — respondeu Drew, sem querer falar muito para não assustar ainda mais o garoto. Claramente, Milo não tinha conhecimento das preferências alimentares dos Wyldermen.

— Graças a Brenn — disse Rufus Rubro, atraindo a atenção dos companheiros para a fumaça mais à frente. — As Grandes Árvores.

O Gavião tinha visitado a cidade muitos anos antes, mas o que encontrou daquela vez era bem diferente do que guardava na memória. Detiveram o passo, e as pernas de Drew ameaçaram ceder ao se deparar com a devastação sofrida por Brackenholme. Cinco enormes troncos se erguiam do chão, pilares gigantescos que

desapareciam no céu mais acima. Estavam cercados pelas ruínas de construções incendiadas. Mais acima, os galhos de uma das Grandes Árvores estavam em chamas, o fogo devorava a madeira livremente, rugindo como uma fera furiosa. A árvore mais próxima era o Grande Carvalho, e em torno de sua base encontravam-se inúmeras fogueiras.

— Foi lá que Stirga viu Lady Whitley pela última vez — comentou Rufus Rubro, assentindo com um gesto de cabeça. — Ela estava na sala do trono quando Vala e seu pessoal atacaram.

Drew estalou os lábios, sem tirar os olhos da árvore em chamas. Baixou o olhar para a estrada Dyre. Gritos de medo se sobrepunham de tempos em tempos à algazarra dos selvagens que tinham tomado Brackenholme. Drew e seus amigos estavam em território inimigo, um punhado de cupins perdidos em um formigueiro, e em algum lugar do Grande Carvalho estava Vala, a Rainha Vermelha.

— Sem querer pressionar você, rapaz, mas qual é o plano? — perguntou Rufus Rubro. — Não podemos ficar aqui só bisbilhotando. Isso vai atrair a atenção desses demônios. Precisamos agir.

Drew sentiu os joelhos fraquejarem. O cansaço e a responsabilidade estavam cobrando seu preço. Ele havia arrastado Rufus Rubro de Windfell, e depois de Stormdale, e a velha ave se mantivera sempre a seu lado. Tinham tido suas brigas, é verdade, mas enfim o Hawklord havia se voltado para ele em busca de ordens; estava confiando sua vida ao jovem Lobo. Drew se virou para Milo, que o encarou com a mesma expressão de Rufus Rubro. O Lobo cerrou o punho, tentando despertar o corpo para a ação, olhando para o braço semidecepado com a dolorosa consciência de que só poderia contar com uma das mãos. “Pedacinho por pedacinho, este mundo está me matando.” O Hawklord apertou seu ombro, fez com que se virasse e falou em um tom estranhamente gentil.

— Drew — murmurou —, toda jornada começa com um pequeno passo; toda onda tem início com uma marola.

— Eu sou apenas um sujeito como outro qualquer.

— O que fizer hoje vai afetar todas as almas que habitam a Lyssia. Não subestime o impacto de seus atos. Confie em si mesmo, Drew. Dê o primeiro passo; o resto é consequência. Você é um grande guerreiro, um líder entre os homens e os transmorfos; pode ter apenas dois acompanhantes aqui, um velho tolo e um menino, mas *não está sozinho*. O Lobo tem amigos e aliados em todos os Sete Reinos e ainda além; eles atenderão ao seu chamado. Seja leal ao seu coração, encare a tempestade, enfrente todos os vilões que cruzarem seu caminho. Estaremos a seu lado. Você é o filho de Wergar, o último Lobo cinzento da Westland. É o nosso rei.

Rufus Rubro tomou os ombros de Drew entre as mãos e apertou-os com força, devolvendo a vida aos membros doloridos do jovem e reanimando sua chama interior. Os olhos acinzentados de Drew brilharam com força de vontade renovada. Ele cerrou os dentes e balançou a cabeça.

— Certo — falou Rufus Rubro. — E então, o que vamos fazer?

— Precisamos nos aproximar mais — respondeu Drew, apontando para o Grande Carvalho. — Como as pessoas fazem para chegar lá em cima, Rufus Rubro?

— Eles têm gaiolas com manivelas e usam uma para equilibrar o peso da outra.

— Como assim?

— Dois grandes elevadores de vime ligados por uma corda que passa por um mecanismo. A operação é comandada por uma equipe de homens. Quando uma gaiola sobe, a outra desce, distribuindo o peso e evitando que o mecanismo fique sobrecarregado.

— Você é uma ave bem observadora — comentou Drew.

— Sempre vale a pena prestar atenção em tudo — rebateu Rufus Rubro com um sorriso, fazendo a lama que cobria seu rosto rachar.

— Então, se os elevadores são acionados lá de cima, como as pessoas fazem quando estão aqui embaixo?

— Lembro que usavam uma corneta — contou o Hawklord. — Mas não tentaria fazer isso com esses selvagens. Eles devem ter uma maneira própria de comunicação.

— Acho que escalar até lá em cima é impossível — suspirou Drew, apontando para seu objetivo final.

— E a minha asa continua machucada, portanto não podemos voar — acrescentou Rufus Rubro.

De repente, Drew se deu conta de que, enquanto conversavam, o garoto havia desaparecido.

— Onde está Milo? — ele perguntou, olhando ao redor. Rufus Rubro começou a procurar também, alarmado com a situação.

— Ele estava bem aqui agora mesmo — comentou o Gavião, cerrando o punho.

— Lá está ele! — disse Drew, apontando para o garoto que corria na direção deles em meio à escuridão.

— Quanta tolice, garoto! — ralhou Rufus Rubro. — O que você estava fazendo? Era para ficar *sempre* do nosso lado, esqueceu? Assim você vai acabar morrendo, e nós também!

Milo se virou para Drew, respirando fundo, a voz trêmula de adrenalina.

— Você disse que precisávamos chegar mais perto — ele falou, ofegante. — Bom, foi isso que eu fiz.

Drew pôs a mão nas costas de Milo, esperando que ele recuperasse o fôlego.

— Tem um curral — contou o Staglord, ainda com a respiração pesada. — Perto da árvore. Deve ser para abrigar os animais ou algo do tipo. Mas tem gente lá dentro!

— Gente? — questionou Drew.

— O pessoal da cidade. Os Mantos-Verdes. Eles foram trancados lá. Como prisioneiros.

— Como gado — rosnou Rufus Rubro.

Milo o encarou e parou de ofegar no mesmo instante.

— Se eu for até o elevador, posso atrair a atenção dos selvagens para lá, para longe dos prisioneiros — sugeriu Drew. — Em um momento de distração, os Mantos-Verdes podem ser libertados. Engrossar nossas fileiras vai ser bom para a causa.

— Chamar um monte desses monstros para a briga? Não parece ser uma coisa da qual alguém possa dar conta sozinho, Wolflord — resmungou Rufus Rubro.

Drew balançou a cabeça e refletiu bastante sobre o que ia dizer a seguir.

— Milo, você consegue voltar ao curral sem ser visto pelos Wyldermen?

Os olhos do garoto se iluminaram.

— Claro.

Drew segurou o queixo de Milo e o encarou com firmeza.

— Você se saiu muito bem, mas ainda resta um bocado de coisas a fazer. Acha que consegue ajudar nossos amigos prisioneiros? Só precisa tomar cuidado. Seu pai foi bom demais comigo, não quero que sua morte ponha um fim à nossa amizade. Se a situação ficar complicada, saia correndo, entendeu? Desapareça e não volte mais!

O menino concordou com um aceno de cabeça, sob o olhar implacável de Rufus Rubro.

— Vamos lá — disse Drew, virando-se para o Hawklord. — Precisamos ir andando, meu amigo bicudo. Tem um...

Suas palavras foram interrompidas pela aparição de um batalhão de Wyldermen que se aproximavam em meio à neve vindos do Grande Carvalho. Horrorizado, Drew percebeu que a conversa deles tinha despertado suspeita entre os homens mais observadores. Um guerreiro robusto liderava os selvagens, com uma pele de veado sobre o corpo, a cabeça do animal ainda presa, balançando sobre o ombro. Seu rosto estava oculto sob uma máscara de tinta branca, pintado como se fosse uma caveira, e seus companheiros também estavam adornados da mesma maneira.

Drew viu a mão de Rufus Rubro escorregar até a faca que trazia no cinto. “Se entrarmos em conflito agora, jamais chegaremos ao Grande Carvalho!” Viu também que Milo havia desaparecido outra vez. “Para onde ele foi agora?” Drew torceu para que o garoto já estivesse a caminho do curral. Mas sua maior preocupação era com Rufus Rubro. Entrando na frente do Hawklord, Drew rezou para que ele não desse início a nenhum tipo de altercação. Os Crânios Brancos os cercaram, encarando-os com olhares hostis, e seu chefe se dirigiu a Drew.

Lembrando-se da estratégia que havia funcionado anteriormente, o Lobo mediu o homem de cima a baixo e ergueu o queixo quando ele chegou mais perto. O chefe guerreiro desviou o olhar para um ponto acima de seu ombro, depois examinou melhor aquele Wylderman de porte e postura tão estranhos. “Se ele olhar com atenção, vai perceber que alguma coisa não se encaixa”, pensou Drew, sentindo um frio na barriga. Sem perder tempo, deu um encontrão no selvagem com o ombro, obrigando Crânio Branco a dar um passo para trás. O chefe guerreiro ficou ofendido, tal como Drew imaginava, e assumiu uma posição de ataque, o machado em riste.

O Wolflord não entrou em pânico, muito pelo contrário, continuou a encará-lo firmemente. O guerreiro deu um passo à frente, escancarando e rangendo os dentes afiados, produzindo um ruído semelhante ao do atrito de pedra contra pedra. A língua apareceu entre eles, deslizando pelas pequenas lâminas brancas, provocando uma mancha vermelha na carne arroxeadada. Os Crânios Brancos se agitaram, erguendo as armas diante da demonstração de força do líder.

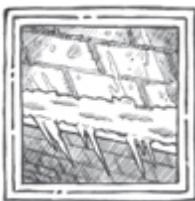
Drew evocou o Lobo, mas apenas o suficiente para seus propósitos no momento. Sentiu as gengivas incharem, os dentes humanos se alongarem até tomar a forma de presas mortais de licantropo. Quando os escancarou para o chefe guerreiro, sua boca estava cheia de sangue, que escorreu pelos lábios e pelo pescoço, revelando os dentes mais mortais e afiados que qualquer um dos Wyldermen já tinha visto na vida. Ele rosou e deu um passo à frente, fechando a boca.

O chefe guerreiro fora derrotado em seu jogo. A demonstração de Drew havia sido mais que suficiente para que ele duvidasse de suas próprias chances de sucesso no caso de um embate, e também tinha dissipado os temores de que se tratasse de um inimigo. Os Crânios Brancos abriram sua formação, oferecendo-se para escoltar Drew e seu companheiro. O líder abriu um sorriso e fez um gesto na direção do Grande Carvalho, aparentemente convidando os recém-chegados a se juntarem ao acampamento principal. Drew sorriu em resposta, tentando esconder o fato de que seu estômago

estava se revirando, como se houvesse alguma coisa viva lá dentro. Foi caminhando ao lado do chefe dos Crânios Brancos, satisfeito com sua forma de agir, mas ao mesmo tempo apavorado com a situação. Arriscou uma olhadela para Rufus Rubro, que mantinha os olhos cravados nele. “Por favor, Brenn, permita que Milo tenha sucesso!” Àquela altura, não havia mais como voltar atrás.

Drew olhou para cima quando se aproximaram do Grande Carvalho, vendo o contorno da árvore aparecer e desaparecer em meio à fumaça e à neve. Piscou ao sentir que algo havia atingido seus olhos. Não era um floco de neve; o impacto era diferente. Gotas d’água começaram a cair sobre o solo lamacento e cheio de neve, a princípio de forma sutil, depois com maior força e em um volume cada vez mais alto.

A neve havia cessado. Agora era a época da chuva.



2

## À sombra de Strakenberg

As capas marrons da Guarda Javalina oscilavam ao vento, ameaçando voar dos ombros dos homens. Eles caminhavam em duplas, quatro na dianteira, quatro na retaguarda, com o barão de Redmire no meio. Três batedores sturmianos abriam caminho com seus cavalos e suas reluzentes armaduras de aço, conduzindo as montarias com cuidado pela estrada congelada. Atrás do grupo, Bo Carver caminhava em silêncio ao lado de Pick, que não saía de perto do bandido com a tatuagem de serpente. Carver se sentia um intruso ali, algo bastante comum em sua existência, já que era do tipo com que a maioria preferia não se associar. O Lord dos ladrões, no entanto, sempre se revelara um homem com quem se podia contar, fosse a pessoa em questão um príncipe ou um plebeu. Seus olhos frios e implacáveis estavam vidrados no barão Hector. Escoltado pela Guarda Javalina, o magíster andava de cabeça baixa rumo à enorme sombra que as muralhas de Icegarden lançavam sobre o chão, ocultando a visão do sol.

As muralhas eram formadas por gigantescos blocos de gelo, montados uns sobre os outros de modo complexo. Cada bloco devia ter a altura de um homem e a largura de dois. Quanto à espessura,

só Brenn sabia. Carver não tinha ideia da quantidade de gelo que havia sido retirada da montanha e transportada até ali. As muralhas tinham quinze metros de altura, sem mureta de proteção. Um ou outro guarda circulava se equilibrando lá no alto, perigosamente perto da beirada. Os portões imponentes de metal que delimitavam a entrada da cidade se abriram em silêncio, uma prova de que, além de serem mestres com o aço, os ferreiros de Icegarden também dominavam a mecânica.

Carver olhou para cima, e uma movimentação nas encostas congeladas chamou sua atenção. Era algo distante, a oeste da cidade, mas foi suficiente para fazê-lo deter o passo.

— Que foi? — perguntou Pick, agarrando-se a ele com a mão trêmula.

— Não deve ser nada — mentiu Carver, tentando não assustar a menina. Ele manteve os olhos fixos na imensidão branca, procurando por mais algum movimento suspeito. “Quem está lá?”

— Você vem, milorde ladrão?

Era a voz de Hector, o jovem Boarlord, parado diante do portão. Sua Guarda Javalina estava toda a seu redor, e os batedores os aguardavam mais adiante, depois de entregar as montarias aos cavaleiros. Os ugri encaravam Carver com olhares impassíveis, sem demonstrar nenhuma emoção. Ringlin sorria, enquanto Ibal, o gordo idiota, soltava suas habituais risadinhas. Hector fez um gesto na direção do portão.

— Icegarden nos espera.

Hector ficou olhando para a ferida na palma da mão esquerda. O orifício deixado pela flecha da besta era perfeitamente redondo — o projétil havia atravessado a carne morta como uma faca quente cortando manteiga. Enfiou o indicador direito no furo, forçando-o até aparecer do outro lado, sem experimentar nenhum incômodo ou desconforto, absolutamente nada.

— Fascinante — comentou, mais para si mesmo do que para os companheiros.

O duque Henrik não havia mentido quando falou que apenas uma pequena parte das tropas permanecera em Icegarden. Quando passaram pelos portões, logo ficou claro que a cidade estava quase desguarnecida de soldados, a não ser aqueles instalados nas muralhas. As casas de pedra eram construídas bem próximas umas das outras, como ovelhas cinzentas que se juntam para se proteger das intempéries. O povo da cidade os observava pelas janelas à medida que passavam, e alguns pareciam alarmados com o fato de haver guerreiros ugri entre eles. O camareiro do Urso Branco os recebeu no palácio do duque. Era um senhor de idade chamado Janek, cuja vivacidade superava, e muito, a idade avançada. O palácio se agigantava sobre a cidade, uma catedral de pedra branca ladeando Strakenberg. Uma torre altíssima se erguia rumo ao céu, o topo quase se perdendo em meio às nuvens — a Torre do Osso, assim chamada porque parecia um dedo esquelético em riste, prometendo uma visão das Whitepeaks que nenhum outro lugar seria capaz de proporcionar.

O velho camareiro os guiou pelo palácio de Henrik, cujo interior resplandecia com os itens luxuosos que o Urso Branco havia colecionado ao longo dos anos. As paredes reluziam com joias e pedras preciosas de todos os formatos e tamanhos, que faziam Hector se lembrar das runas que vira entalhadas na famosa manopla do duque, o Punho Branco. No fim, os rumores se provaram verdadeiros: Henrik era um acumulador, um transmorfo orgulhoso da riqueza que jazia nas minas de Strakenberg, e não tinha medo de mostrar isso.

Os aposentos cedidos a Hector eram suntuosos, como caberia a um Werelord. Cortinas de veludo cobriam as paredes de granito sob as janelas arqueadas com vista para a cidade. Dois Machados, o líder dos ugri, postara-se ali, observando o pôr do sol. A enorme cama era forrada com uma grande quantidade de mantas, e o fogo rugia com força na lareira logo ao lado. Ringlin e Ibal estavam deitados, sujando as cobertas com as botas imundas enquanto olhavam para o teto lindamente decorado. Havia um lavatório de porcelana do outro lado da cama, junto a uma penteadeira que agradaria até mesmo a mais vaidosa das princesas. Hector deteve-

se diante do espelho, virando a mão de um lado para o outro, encarando com firmeza o próprio reflexo.

“Imagine só, irmão, quando seu corpo inteiro for devorado pela marca negra!”, sussurrou Vincent. “Você seria invulnerável a qualquer ferimento; seria imortal!”

Hector parou para refletir a respeito, mas a ideia não lhe pareceu muito agradável. A mancha escura já subia pelo antebraço. Caso seu aprendizado de magia negra continuasse, quem poderia dizer até onde chegaria? Até o tronco? O rosto? Olhou-se no espelho e virou a face para um lado e depois para o outro. A pele pálida reluzia sob a luz das chamas, e ele notou que os ossos pronunciados devido à magreza lhe conferiam uma aparência quase cadavérica, de um corpo que se resumia a pele e osso. Ele afastou o cabelo castanho da testa, e era como se estivesse doente: suas feições não guardavam quase nenhuma semelhança com as do Javali gorducho que era servo de Vankaskan.

“A cada dia que passa, você está mais parecido com um rato, Hector.”

— Não está gostando do que vê, milorde? — perguntou Ringlin ao flagrar o Boarlord se olhando no espelho.

— Não estou mais me reconhecendo, Ringlin. O que aconteceu com o Hector que você conheceu, aquele menino que você considerava capaz de intimidar?

O ladrão sentou, lançando as pernas para fora da cama. As botas molhadas atingiram ruidosamente o chão de madeira.

— Aquele menino está morto. O que vejo diante de mim agora é um homem, e muito poderoso.

Hector observou o rosto magro que o encarava da superfície de vidro polido. Como havia chegado a esse ponto? Teria começado no encontro com o xamã morto na aldeia dos Wyldermen, tanto tempo antes? Um simples descuido, o enxofre se espalhara, e a escuridão havia tomado conta de seu corpo. O que teria acontecido caso a experiência da comunhão houvesse sido bem-sucedida? O cadáver revivido jamais teria entrado em luta corporal com ele. Talvez tivesse seguido tranquilamente seu caminho como uma

pessoa feliz com um interesse passageiro pela necromancia. Sua vida seria muito diferente caso nunca houvesse feito aquela primeira tentativa?

“Agora não é momento para duvidar de si mesmo, irmão”, murmurou Vincent em seu ouvido, ciente dos pensamentos de Hector. “Você pode ter sido descuidado, mas veja só o mundo de possibilidades que esse erro lhe proporcionou! Você está no limiar da grandeza, Hector, e pode se tornar o magíster mais poderoso da história da Lyssia!”

Hector ergueu a mão mais uma vez, fechando os dedos enegrecidos. A pele estalou como uma peça de couro ressecado. Ele era capaz de mover e controlar aquele membro, mas não tinha nenhuma sensação ali. Apesar das palavras do irmão, a dúvida ainda o atormentava.

— É isso que o futuro me reserva? Ser devorado pouco a pouco pela escuridão?

Ringlin se levantou da cama e foi até ele.

— Posso ser sincero, milorde?

Hector o observou por um instante, um homem que um dia temera que pudesse matá-lo em um piscar de olhos. Naquele momento, porém, tratava-se de alguém com quem podia contar. Não havia quase nada que ele não pudesse confiar a Ringlin.

— Fique à vontade.

— Hector está morto, Mão Negra.

Ringlin falou de maneira firme e decidida, destacando até que ponto a vida de Hector tinha se transformado. Havia um brilho, até então desconhecido pelo magíster, nos olhos do bandido; o soldado alto e magro dissera aquilo de coração. “Sério mesmo que ele acredita em *mim*?”

— Obviamente, você precisa manter o disfarce para o Bearlord e os demais — continuou Ringlin — e continuar desempenhando esse papel, mas essa sua existência agora é coisa do passado. E, aliás, que vida era aquela? Lembro apenas de um garotinho assustado perambulando pela Torre de Bevan, com medo até da própria sombra. Seu talento tomou um novo rumo. Você não está perdendo nada, só ganhando.

— Como você pode dizer que não estou perdendo nada? — contestou Hector, brandindo o membro enegrecido. — Não está vendo a minha mão?

— Não sei muita coisa sobre necromancia, Mão Negra. Mas sou capaz de reconhecer o poder. Você tem um dom, e tenho certeza de que é capaz de deter o que quer que esteja consumindo sua carne. — Ele segurou o braço afetado de Hector. — Esta mão é um emblema de *honra*. Vai injetar o medo no coração dos inimigos. Todos vão conhecer e temer o seu nome, até mesmo seus aliados!

— E aqueles a quem eu costumava amar? E o duque Bergan? Ele não é como Vega ou Manfred. Ainda gosta de mim.

— O velho Urso só está dizendo o que acha que você precisa ouvir. Ele notou sua mudança. Nunca confiou em você, desde a sua traição ao Conselho Lupino. Você não acha mesmo que tem alguma importância na vida dele a essa altura, não é mesmo?

— Mas eu o conheço desde pequeno. Ele era o melhor amigo do meu pai, era como um tio. Sempre cuidou de mim. Não percebeu a emoção nos olhos dele quando o salvamos dos escaramuçadores naquela ravina?

— Escaramuçadores que *you* mandou para lá: uma armadilha para reconquistar a confiança dele. Como acha que ele vai reagir quando descobrir esse jogo duplo? Pensa *mesmo* que ainda vai ter um lugar no coração dele depois que tudo vier à tona? Porque isso vai acontecer, Mão Negra. Mais cedo ou mais tarde.

— Mais cedo do que tarde — disse Dois Machados de seu lugar à janela. O gigante ugri não se virou para encará-los, continuou com os olhos fixos no mundo tingido de branco e no pôr do sol do lado de fora.

Hector balançou a cabeça em negação. Justamente quando seu maior triunfo se aproximava, ele perdia o ímpeto.

“Escute o que ele está dizendo, irmão. É o mais sensato a fazer.”

— Sua antiga vida *acabou*, Mão Negra. Seus velhos amigos estão mortos para você. Continue mostrando a determinação que conquistou a minha lealdade, a de Ibal e a do nosso amigo ugri. Seja fiel a seu novo caminho!

Um nome voltava à mente de Hector de tempos em tempos, lutando para emergir à superfície toda vez que ele afogava seus sentimentos em relação àqueles que costumava amar. Vega e Manfred eram página virada, assim como a menina Bethwyn, que também o havia traído. A rainha Amelie fora enredada pelo Conselho Lupino, e até mesmo o pobre Bergan era culpado por se envolver com aquele grupo lamentável. Ele era capaz de lidar com a perda de Gretchen e Whitley, por mais que tivessem sido amigos na infância. Todos eles estavam desaparecendo de sua mente, as vozes sendo silenciadas, as memórias se tornando enevoadas. Mas ainda havia uma lembrança que lutava para sobreviver, oprimindo seu coração enegrecido e gritando seu nome na escuridão.

— E quanto a Drew?

Ringlin soltou um suspiro.

— O Lobo está morto, Mão Negra. Assim como é certo que o dia segue a noite, é certo o fim do último Lobo cinzento. Caso contrário, por onde ele anda? Já faz meses que foi visto pela última vez, em plena carnificina que aconteceu no Alto Estábulo. Se tivesse sobrevivido, já teria voltado, ou pelo menos alguma notícia dele chegaria, não? Se ele fosse mesmo o sujeito que você imaginava que fosse...

— Ele era um grande sujeito.

— Isso mesmo, *era*. E agora não existe mais. Desprenda-se dele. Pare de pensar que ele vai ressurgir dos mortos. Deixe suas dúvidas de lado, pelo menos por um tempo. Você precisa se concentrar no que vai fazer. O jogo está chegando ao fim, milorde. Seu grande momento se aproxima. Essas distrações não combinam com o barão de Redmire, o rei de Tuskun...

— E futuro Lord de Icegarden — acrescentou Dois Machados, sem sair de onde estava.

Hector e Ringlin se viraram para o ugrí e partiram em sua direção. Até mesmo Ibal saiu de sob as cobertas, rolando o corpo pesado para fora da cama.

— Você viu onde eles estão? — perguntou Hector, a voz trêmula de ansiedade.

— Estão posicionados, como você ordenou. Devem estar lá há vários dias, matando tempo, apenas à sua espera.

— Devem estar quase mortos, se for esse o caso — disse Ringlin. — Essas montanhas são cruéis. O frio daqui já matou muitos bastians.

Dois Machados se virou e sorriu.

— A carne deles é fraca. Os ugri são fortes, homenzinho. O frio não é problema.

Hector estremeceu só de pensar no quanto uma noite nas montanhas poderia ser terrível. Ele e o grupo de Bergan haviam passado por maus bocados nas encostas, o gelo e o vento castigando a pele e congelando as extremidades dos corpos. Icegarden ficava em um local ainda mais alto, bem ao lado da imponente Strakenberg. Era difícil imaginar como *qualquer um* poderia sobreviver a uma noite naquele lugar. Hector sorriu; qualquer um, menos os guerreiros da terra gelada de Tuskun.

— Eles já foram informados do sinal? — perguntou Ringlin.

— A um toque da minha corneta, virão todos para cá — respondeu Dois Machados, voltando o olhar para a montanha gelada além das muralhas. Mesmo com a noite se aproximando, a superfície coberta de neve ainda brilhava, pois a luz do luar começava a se despejar sobre as Whitepeaks.

— E o restante da Guarda Javalina? — perguntou Hector, um nervosismo indisfarçável na voz. — Onde estão eles?

— Estão no saguão ao fim do corredor, milorde — informou Ringlin, retomando as formalidades. — Quando quiser, podemos colocá-los em posição.

— E Carver? Onde está?

— No quarto ao lado, sozinho — informou Ringlin. — Ao que parece, Janek, o velho camareiro, acredita que o Lord dos ladrões é uma espécie de nobre.

— Ele não é de confiança, obviamente — falou Hector. — É um espião. Veio a Icegarden com o único propósito de ficar de olho em mim. Qualquer um que for amigo de Vega é meu inimigo.

— E o que devemos fazer com ele?

Hector se afastou de seus homens e se dirigiu para a porta, apanhando o manto de inverno de uma poltrona no caminho.

— Podem matá-lo.

— A menina também?

Hector fez uma careta horrorizada enquanto vestia o manto.

— Claro que não, Ringlin. Não somos monstros! Só dê um jeito para que ela não nos atrapalhe. Quando nossos amigos chegarem, não vai faltar lugar nas masmorras.

Ringlin e Ibal passaram pelo Boarlord, abriram a porta e saíram para o corredor. Era preciso agir rápido, de preferência em silêncio. Os dois bandidos eram perfeitos para o trabalho. Hector olhou para os dois lados do corredor enquanto se dirigiam ao quarto de Carver. Ibal sacou sua foice, que reluzia na mão rechonchuda, enquanto Ringlin carregava duas facas compridas. Ibal virou a maçaneta da porta e viu que estava trancada. Olhou para Hector, à espera de uma ordem. O magíster se aproximou, escoltado por Dois Machados, e assentiu com um gesto de cabeça. Ibal se apoiou na parede oposta e se arremessou contra a porta de madeira, separando-a dos batentes. As tábuas se retorceram, e a estrutura cedeu com um rangido. Ibal e Ringlin empurraram a porta, mas, para surpresa de todos, havia móveis bloqueando a passagem. Hector arregalou os olhos de susto.

“Ele sabia que você faria isso, irmão!”

— Entrem logo aí! — gritou o Boarlord, olhando aflito de um lado para o outro, com medo de que o barulho pudesse alarmar os criados de Henrik.

A dupla de ladrões chutou a porta mais algumas vezes, tentando afastar a mobília que Carver tinha empilhado para não os deixar entrar. Um baú, um armário e um cabideiro resistiam bravamente aos avanços da Guarda Javalina. Quando a passagem se alargou o suficiente, Ringlin foi o primeiro a entrar, facas em punho, à espera do confronto com o Lord dos ladrões. Ibal entrou logo em seguida, acompanhado por Dois Machados e Hector.

O quarto estava vazio, as janelas escancaradas, permitindo a entrada de pequenas lufadas de neve. A ponta de um lençol estava amarrada ao arco de pedra que dividia a abertura, e as janelas

rangiam e oscilavam nas dobradiças. Ringlin correu até lá e olhou para fora, seguido de perto por Hector. Uma corda de lençóis amarrados que ia até o chão coberto de neve balançava ao vento, chocando-se contra a parede. Hector virou a cabeça até encontrar a janela de seu quarto. Uma trilha de pequenas pegadas era visível na neve acumulada sobre o terraço que separava os aposentos. Eram os passos de uma criança.

— Eles ouviram tudo — murmurou o magíster, virando-se de novo para o interior do quarto.

— Depressa — disse Ringlin sem perder tempo. — Dois Machados, vá até o portão de Strakenberg com seus homens. Você já sabe o que fazer!

O ugri se virou para Hector, esperando pelas ordens de seu superior.

— Você ouviu o que ele disse! — gritou Hector. — Para o portão ao norte da cidade!

O gigante saiu correndo, saltando os móveis quebrados e disparando porta afora. Hector agarrou Ringlin e Ibal, o mais alto com a mão enegrecida, o mais baixo com a mão saudável.

— Encontrem Carver e a menina! — ele ordenou, a boca espumando enquanto estreitava os olhos sob o impacto da raiva. — E matem os dois!



### 3

## O fim da fuga

Gretchen olhou para o outro lado do rio congelado, os olhos fixos na margem oposta. Havia uma abertura entre as árvores, no lugar onde o curso d'água se alargava. Seu acompanhante havia sugerido que seguissem pelo córrego, na esperança de que os perseguidores não pudessem encontrar o rastro deles, mas Gretchen não estava muito otimista quanto a isso. Os Wyldermen vinham rastreando os dois fazia dias, e seus gritos continuavam a ecoar pela floresta, cada vez mais perto, sempre que imaginavam ter se livrado deles. Os gritos não se faziam ouvir naquele momento, e a dupla de fugitivos não tinha escutado nada nas últimas duas horas.

— Acha que conseguimos despistá-los? — ela perguntou baixinho.

Trent não respondeu; continuou encostado a um tronco de árvore oco na floresta logo atrás dela.

— A julgar pelo que aconteceu nas duas últimas semanas, eu me prepararia para mais uma decepção.

Gretchen permaneceu onde estava, os olhos vidrados no gelo.

— Sente-se. Você deve estar exausta, milady.

— Não mais do que você — ela retrucou, irritada com a condescendência do comentário.

— E é por isso mesmo que estou descansando apoiado neste tronco infestado de insetos. — Ele passou uma das mãos pelo tronco, espantando um besouro que havia saltado de dentro da casca da árvore para investigá-lo mais de perto.

Ela o ignorou, ainda observando o curso d'água que emergia da floresta escura, à procura de sinais da presença dos selvagens.

— Por favor, Gretchen — pediu Trent. — Sente-se e descanse.

Ela se virou. Trent era tão diferente de Drew quanto Gretchen era de Whitley, o que não chegava a ser surpreendente, já que os dois não eram parentes de sangue. Drew era membro da nobreza, o último dos Lobos cinzentos da Westland, enquanto Trent era filho de dois humanos de uma linhagem nem um pouco digna de nota. No entanto, os dois irmãos tinham muita coisa em comum, incluindo a capacidade de irritá-la. A maneira de falar sincera e direta de Trent lembrava muito a de Drew. Gretchen imaginava que Mack e Tilly Ferran, os pais dos dois jovens, haviam instilado neles um forte senso de conduta moral. Apesar de serem originários de famílias diferentes e não terem nenhuma semelhança física, os irmãos Ferran eram parecidíssimos e igualmente fascinantes aos olhos da Werefox.

Gretchen foi até o local onde estava o batedor, parando no caminho para fazer um carinho na cabeça de Tempestade. A égua bufou de contentamento, roçando o focinho contra a palma da mão da Lady de Hedgemoor. Depois ela se juntou a Trent, sentando-se a seu lado no chão. O tronco oscilou quando ela se encostou, deixando os dois assustados.

— Devagar — disse Trent. — A única coisa que ainda mantém este tronco em pé é cocô de besouro.

A transmorfa soltou uma risadinha curta e nada elegante que fez o jovem batedor abrir um sorriso.

— Todas as Wereladies guincham como porquinhas quando dão risada? É algo que ensinam na corte?

— Não, é uma lição especial que aprendemos nas Dalelands, com os Boarlords. O falecido conde Huth me ensinou tudo o que é

preciso saber sobre guinchos.

— Os Javalis? Ouvi dizer que meu irmão fez amizade com um deles. É verdade?

Gretchen confirmou com um gesto de cabeça.

— Hector. Ele é o novo barão de Redmire. Um bom sujeito, e muito amigo de Drew. Eles dois são como... — Ela se interrompeu, pressentindo que o comentário seria inadequado.

— Tudo bem, milady. Pode falar. Não vou me ofender. Com certeza Drew tem mais coisas em comum com o Boarlord do que comigo — ele falou. — Por exemplo, eu duvido que o tal Lord Hector tenha tentado matá-lo.

Gretchen ficou sem saber o que dizer. Desde que lhe revelara sua verdadeira identidade, alguns dias antes, o batedor havia se tornado seu confidente. Trent tinha mostrado toda a culpa que sentia por ter se colocado contra o próprio irmão, por acreditar que Drew havia matado sua mãe, e por ter ajudado o rei Leopold em sua ofensiva contra o Lobo. Ela não perguntara muita coisa sobre as tarefas que ele havia realizado para os Catlords, mas, a julgar pela vergonha que sentia, já dava para imaginar o que poderia ter sido. Gretchen tinha certeza de que Trent havia matado em nome do Leão e que o jovem carregaria aquele fardo para o túmulo.

— O que vai ser de nós? — ela murmurou, quebrando o silêncio desagradável.

Gretchen não fazia nenhuma questão de esconder seu medo. Nenhum dos dois, aliás: estavam fugindo havia tanto tempo que fingir uma atitude corajosa só os faria se sentir ainda mais exaustos.

— Não sei, mas não podemos continuar assim por muito mais tempo — respondeu Trent, desanimado.

— Podemos voltar a cavalgar. Estamos perdendo tempo aqui conversando. Venha — disse Gretchen, pondo-se de pé, caminhando até Tempestade e tomando as rédeas maltratadas nas mãos. — Vamos lá.

Trent se levantou e tomou as tiras de couro da mão da garota. Ele acariciou a crina da égua.

— Não vamos conseguir chegar muito longe. Não quis dizer nada a você antes, mas Tempestade torceu o tornozelo um tempo atrás. Se a forçarmos demais, principalmente durante a noite, ela pode quebrar a pata.

Gretchen sentiu o estômago embrulhar ao se dar conta do que ele estava propondo.

— E o que você sugere? Esperar que os Wyldermen cheguem aqui?

— Por que não? É melhor encará-los de uma vez e acabar logo com essa caçada.

— Estamos apenas em dois. Você viu quantos deles estavam de guarda no portão da Dyre!

— Vamos torcer para que Stirga tenha conseguido atrair a atenção de alguns quando nos separamos.

— Isso é loucura, Trent. Precisamos seguir em frente. Vamos andando, puxando Tempestade pelas rédeas se for preciso, mas não podemos ficar aqui.

— Não sabemos nem para onde estamos indo — rebateu Trent. — Eu diria que é para o norte, mas esta floresta acaba com o senso de orientação das pessoas. Estamos perdidos, Gretchen. Se conseguirmos derrotar os Wyldermen, ainda teremos alguma chance, mas fugindo desse jeito não dá tempo nem para pensar, muito menos comer alguma coisa decente. Sinto muito, milady, mas não vejo outra saída.

Ele tinha razão, obviamente. Os dois estavam fugindo dos Wyldermen fazia mais de uma semana e não haviam conseguido despistá-los. Vinham sobrevivendo das coisas que encontravam pelo caminho: cogumelos, musgo comestível e até mesmo insetos. Com certeza os besouros daquele tronco apodrecido seriam coletados antes de partirem. Sem um arco, não podiam caçar, mas uma das arapucas improvisadas de Trent tinha conseguido capturar uma jovem lebre na manhã anterior. Só restavam alguns poucos pedaços de carne, e os fugitivos estavam na iminência de passar fome caso alguma coisa não acontecesse em breve. Drew havia sobrevivido a duas temporadas duríssimas sozinho na Dyrewood, mas ela e Trent mal tinham conseguido atravessar a

primeira semana. Mais uma vez, Gretchen desejou ter controle sobre seu lado transmorfo, para que pudesse caçar.

A Werelady estendeu as mãos para a árvore mais próxima de Tempestade e afastou os cipós como se fossem uma cortina cor de esmeralda. Agarrou um deles e puxou com força, mas o cipó não se moveu. Segurando-se com as duas mãos, ela tirou os pés do chão e se balançou um pouco.

— Não é hora para brincar de balanço — comentou Trent, mas a garota já se dirigia ao tronco em que o batedor se encostara para descansar. Com as duas mãos, ela o empurrou para a frente, e alguns insetos fugiram de sob a madeira. Ela ergueu os olhos para o rio congelado.

— Que tal fazermos uma fogueira hoje à noite? — ela perguntou, sem olhar para Trent.

— Fora de questão.

Em nenhuma das noites que haviam passado na Dyrewood, tinham se arriscado a acender uma fogueira. Seria o tipo de sinal que os Wyldermen procurariam para tentar localizar os fugitivos.

— Talvez não — disse Gretchen, virando-se para ele.

— Se você começar a berrar agora aqui, não vai atrair tanto a atenção dos selvagens quanto com uma fogueira.

— Pensei que estivéssemos conformados com o fato de que eles estão a caminho. Como você disse há pouco, vamos enfrentá-los nos nossos *próprios* termos. Se isso significa que podemos nos aquecer um pouco, melhor para nós. Se esta vai ser a nossa última noite, vamos ter pelo menos um pouco de conforto.

Trent franziu a testa.

— Se é esse o seu plano, não parece ser lá grande coisa.

Gretchen abriu um sorriso, pois ao que parecia o Manto-Rubro não estava conseguindo seguir sua linha de raciocínio. Talvez Trent e Drew não fossem tão parecidos quanto imaginava.

— Me diga que a ideia de fogo sob suas mãos não parece ser o paraíso, Ferran.

Trent concordou com um aceno de cabeça relutante.

— Posso até assar o que restou da lebre. Que tal, como última refeição?

Gretchen estremeceu e olhou para o rio congelado. O gelo estalava e rangia sob seus pés, protestando contra sua passagem, principalmente nos locais mais afastados das margens. Olhou a copa das árvores, que se inclinavam sobre a água como dedos escuros e esqueléticos.

— Vamos torcer para que apareça uma tribo inteira e que o gelo arrebeite sob os pés deles — ela disse baixinho.

— Isso, sim, seria uma bênção de Brenn — comentou Trent, já se dirigindo para os cipós entre as árvores, para longe da neve. — Agora mãos à obra, milady. Me ajude a encontrar lenha. Carne nenhuma fica assada sem fogo, você sabe.

Gretchen lançou um olhar enviesado para o jovem da Costa Gélida, irritada com sua demonstração de impertinência.

— Você é igualzinho ao seu irmão — ela falou, inclinando-se para apanhar um graveto úmido no chão.

— Obrigado, milady — respondeu Trent, sorrindo, os dentes brancos reluzindo na semipenumbra. Seus olhos azuis exibiam um brilho malicioso. Era a primeira vez que Gretchen o via sorrir, e desejou sinceramente que não fosse a última.

— Não foi um elogio.



## 4

### Temporal

A chuva se transformou em um temporal. As fogueiras sibilavam e espocavam sob o Grande Carvalho enquanto a água tentava inutilmente apagá-las. Quanto mais forte a chuva, maior a violência com que as chamas reagiam, devorando a madeira seca arrancada das casas da cidade, arremessando fumaça e vapor pelos ares. O temporal não era problema para os Wyldermen — os guerreiros da floresta estavam mais do que habituados às intempéries. Cada tribo tinha seu pedaço de terra, seu espaço delimitado em torno da árvore ancestral. Competiam entre si pela honraria de se posicionar mais perto do carvalho gigante, em cujo topo estava o ninho da Serpente que idolatravam. Encontravam-se reunidos em torno das pilhas de madeira em chamas, assando carne em espetos enquanto as chamas altas roçavam o corpo dos inimigos.

Drew foi caminhando por entre as fogueiras, com Crânio Branco a seu lado e Rufus Rubro logo atrás. O gotejar constante dos pingos de chuva os acompanhava, cada gota fazendo Drew se lembrar do perigo que corriam. A maior parte dos guerreiros de Crânio Branco havia se dispersado e desaparecido no

acampamento. Apenas três deles os escoltavam. Ainda não havia nem sinal de Milo. Drew rezava para que ele estivesse bem. Boa parte de seu plano dependia do garoto, e a tarefa do jovem Staglord era difícil e perigosa.

Mesmo cercado por uma horda de canibais, Drew não conseguia deixar de se maravilhar com o Grande Carvalho. À medida que se aproximavam da árvore, ela parecia cada vez maior e mais imponente, o tronco gigantesco se erguendo no ar como uma lança escura e assustadora. A casca acidentada lembrava a rocha vulcânica da Escadaria Negra de Scoria, com suas fissuras emergindo na superfície como fraturas geológicas. O vulto de um elevador era discernível a distância, junto à base do carvalho, suspenso por uma corda grossa que desaparecia na escuridão mais acima. Crânio Branco continuava sua marcha, conduzindo-os às profundezas do acampamento dos Wyldermen.

Drew se virou para Rufus Rubro, que o encarou em resposta, os olhos arregalados. Era possível ver as gotas d'água escorrendo pelo rosto do Hawklord, abrindo sulcos na máscara de lama. Rufus Rubro baixou os olhos para o corpo de Drew, que fez o mesmo.

Horrorizado, ele contemplou os antebraços. Estavam molhados de chuva, e a lama seca transformava-se em um barro úmido. Um líquido marrom escorria de sua pele. Ainda assim, Crânio Branco e seus homens continuavam a escoltar a mal disfarçada dupla. “A árvore”, pensou Drew. “Estão nos levando ao Grande Carvalho! Mas por quê?”

Drew examinou seus braços mais uma vez, vendo a água lavar a lama da mão e do braço semiamputado. Caso Crânio Branco o olhasse naquele momento, mesmo à luz difusa do anoitecer, provavelmente perceberia que eram impostores. Drew se virou para o Gavião, que mantinha a cabeça baixa e os braços junto ao peito, manchando a neve de marrom a cada passo à medida que sua camuflagem se desprendia da pele.

O Wolflord diminuiu o passo, permitindo que Crânio Branco se afastasse, para poder trocar alguns sussurros com o amigo.

— Direto para o elevador. Não saia de perto de mim.

— Isso é loucura — murmurou Rufus Rubro, enquanto pelotas de lama caíam de sua cabeça e barba, revelando os cachos ruivos que haviam lhe rendido o apelido.

— Silêncio — disse Drew quando os dois se aproximaram da gaiola de bambu.

Havia mais ou menos uma dezena de Wyldermen sentados nas poças de água suja na base do elevador, alguns apoiados nas grades, outros encostados no tronco da árvore gigante. Usavam penas vermelhas na cabeça, assim como Drew e seu companheiro. “Crânio Branco pensa que estamos com eles! Está nos levando de volta à nossa tribo!” Muitos estavam comendo carne chamuscada. Drew empalideceu ao reconhecer pedaços de corpo humano.

Um punhado de guerreiros de penas vermelhas levantou a cabeça quando o grupo se aproximou. Drew fez um aceno para Rufus Rubro e levou a mão às costas, até o cabo da Moonbrand. Crânio Branco grunhiu algumas palavras para os selvagens de penas vermelhas, que ficaram de pé em um salto. Um deles se aproximou, estreitando os olhos em meio à chuva para os dois guerreiros desgarrados da tribo. Ele encarou o velho de cabelos ruivos e seu jovem acompanhante, cujo olhar emanava um brilho amarelado. A lama escorria por sua pele rosada. Antes que o selvagem pudesse dar o grito de alerta, a adaga de Rufus Rubro cruzou o ar, atingiu-o na garganta e o mandou ao chão enlameado.

Os demais sacaram as armas, incluindo Crânio Branco e seus homens, mas foram surpreendidos pela materialização de dois Werelords em pleno acampamento. A chuva e a fumaça escondiam os corpos em transformação, mas a silhueta dos transmorfos era inconfundível. Drew foi o primeiro a reagir. O Werewolf avançou sobre os selvagens, fazendo as penas vermelhas voarem das cabeças ao cravar neles seus dentes brancos e afiados. Asas surgiram nas costas de Rufus Rubro, ruflando sob a força do temporal, abrindo-se no ar quando ele deu um salto, impulsionado pelos gigantescos pés de ave. Com a tempestade e a semipenumbra do crepúsculo, os transmorfos estavam em vantagem, mas não exatamente preparados para a ferocidade dos Wyldermen. Os que estavam armados se lançaram contra Drew, sem demonstrar

nenhum medo do Werewolf, dispostos a impedi-lo de chegar ao elevador a qualquer custo. Os desarmados atacaram o Lobo e o Gavião com unhas e dentes. Drew sentiu pedras amoladas e dentes afiados rasgando-lhe a pele, mas teve que deixar de lado a dor enquanto se esforçava para despachar os inimigos. A Moonbrand brilhava em meio à chuva, mutilando o corpo dos selvagens e mandando membros pelos ares.

Outros selvagens se juntaram à refrega, abandonando os respectivos acampamentos para investigar o motivo do tumulto. Em questão de minutos, os Werelords estavam cercados por uma multidão de Wyldermen ansiosos para entrar em ação. O combate corpo a corpo não era o estilo de luta preferido de Rufus Rubro — ele era um arqueiro —, mas não havia escolha. Sua espada curta cortava e perfurava, os pés distribuía pontapés, e o bico curvo arrancava nacos de pele dos inimigos.

Drew já havia derrubado mais de uma dezena de selvagens, mas, para cada um que caía, outro aparecia no lugar. O Werewolf se chocou contra as grades de bambu do elevador, com dois Wyldermen pendurados nas costas largas. Sentiu uma faca entrando em suas costelas e um machado atingindo-lhe o crânio. Sua visão ficou borrada, e um tacape acertou-lhe a perna direita, lançando-o de joelhos ao chão. Mais selvagens apareceram, arrastando-o pelo chão, pisoteando-o e atacando-o com suas armas. O elevador não estava mais ao alcance da vista, e a possibilidade de alcançá-lo parecia cada vez mais remota. Drew conseguiu ver um machado se aproximando de sua cabeça e ergueu o braço no último momento. A lâmina de pedra o atingiu no punho semi-decepado, encravando-se no osso e espalhando ondas de dor por todo o seu corpo.

Um pé baixou sobre ele, enterrando seu membro semiamputado na lama congelante. Os Wyldermen tentavam arrancar a Moonbrand de sua mão, mas Drew aguentou firme. A única coisa capaz de separá-lo da lâmina ancestral de Wergar seria a morte. Ele tentou se levantar, porém foi impedido por um tacape que o atingiu no rosto e lançou sua cabeça para trás com um baque surdo. Uma multidão de mãos caiu sobre ele; agarraram-lhe a

garganta, segurando seu focinho e forçando-o para o lado, afundando seu rosto na lama e na neve derretida. Bolhas saíram em profusão de sua boca e nariz, e a água suja invadiu sua garganta. Sentia os dentes afiados dos selvagens pelo corpo inteiro. A ironia da situação não passou despercebida a Drew: um Werewolf, o transmorfo mais feroz de toda a Lyssia, estava sendo destroçado por um bando de humanos. “O que terá acontecido com Rufus Rubro? E com Milo?”

— Por Brackenholme!

Mesmo em meio aos urros dos Wyldermen, Drew reconheceu a voz do homem. O grito do capitão Harker foi um rugido carregado de promessas de vingança. Vários selvagens que se amontoavam sobre Drew foram arrancados de cima dele pelos novos oponentes. Mantos esfarrapados cor de esmeralda revoavam ao redor, e Drew viu os Sentinelas da Floresta partirem para cima dos Wyldermen para salvá-lo. Os Mantos-Verdes portavam armas improvisadas — pedras, paus e pedaços de corda —, qualquer coisa que pudesse ser encontrada em um curral. Muitos guerreavam desarmados, puxando e empurrando os Wyldermen para livrar o Lobo de seu jugo. Uma mão magricela o ajudou a se levantar, e ele avistou o rosto familiar de Milo, com um sorriso desanimado no rosto.

— Você os libertou! — comentou o Werewolf, sem fôlego, balançando a cabeça enquanto recobrava os sentidos.

— Só não sei ainda para quê — respondeu o jovem Staglord acima do ruído da batalha. Um par de chifres ramificados havia brotado em sua cabeça, e sua mão trêmula brandia uma espada. — Acho que só estamos acelerando sua ida para os braços de Brenn!

— Pelo duque Bergan! — gritou Harker, um muito bem-vindo rosto conhecido em meio à confusão que reinava sob o Grande Carvalho. O capitão estava em pleno calor da batalha, encarando golpes de machado de um Wylderman apenas com os punhos. Depois de se levantar, Drew se juntou aos Mantos-Verdes em sua luta desigual. Havia centenas de Wyldermen por ali, e milhares espalhados pela cidade. Milo tinha razão: seria um banho de sangue. Devia haver no máximo uns cinquenta Mantos-Verdes e

mais um punhado de habitantes da cidade, feridos e exaustos, impondo um último e heroico ato de resistência.

Rufus Rubro foi abrindo caminho pela multidão até Drew, arrastando consigo Milo. A cabeça do garoto balançava e oscilava. Estava claramente ferido.

— A árvore, Drew! — gritou o Hawklord. — Você veio até aqui para salvar suas amigas e deter a Serpente! Então vá.

O velho Gavião deu um empurrão no Lobo, lançando-o na direção da gaiola de bambu.

— O mecanismo! — berrou Drew. — Fica lá em cima?

O Gavião balançou a cabeça, mas quando abriu a boca para responder foi atingido por uma flecha e desabou nos braços de Drew. O Werewolf perdeu o equilíbrio, caiu na lama fria e viu a flecha com uma pena preta cravada no quadril de Rufus Rubro. O aviatropo fez força para ficar de pé, estendeu a mão e partiu a haste do projétil ao meio.

— Você ouviu o que eu disse, Drew — insistiu Rufus Rubro, piscando os olhos com força e arremessando ao chão o fragmento de flecha. Deu mais um empurrão no jovem rumo à gaiola. — A árvore. Vá ajudar suas amigas.

Antes que Drew pudesse dizer qualquer outra coisa, o Gavião voltou à batalha, mantendo-se sempre perto da figura atordoada de Milo. O garoto estava ajoelhado na lama, o queixo apoiado ao peitoral da armadura, indiferente ao conflito que se desenrolava ao redor.

“Isto é um massacre. Vala precisa ser detida, mesmo que eu tenha de morrer para isso.” Com determinação renovada, ele deu um salto e aterrissou no teto do elevador. A grossa corda estava firmemente atada à estrutura de bambu. Drew olhou ao redor, procurando por uma maneira de chegar aos galhos do Grande Carvalho. “Se o mecanismo fica no alto, então eu estou preso aqui!” Olhou para onde deveria estar a mão esquerda. “A copa da árvore deve ficar a dezenas de metros daqui!” Poderia tentar escalar a corda usando as garras dos pés. Seria perigoso, mas era sua única esperança.

Estava prestes a entrar em ação quando sentiu uma mão agarrar e puxar seu tornozelo, fazendo-o cair de cara no teto do elevador. Olhando por cima do ombro, Drew notou a presença de um rosto pálido e esquelético na beirada da estrutura da gaiola. Crânio Branco, o chefe guerreiro, estava atrás dele. Drew desferiu um coice, mas Crânio Branco foi ágil e baixou a cabeça para evitar o golpe. O guerreiro logo alcançou o teto da cabine, brandindo seu machado. A Moonbrand deteve a trajetória da arma, lançando faíscas pelo ar.

Crânio Branco desferiu dois socos em rápida sequência no focinho do Werewolf, que foi obrigado a recuar. Apesar de ser humano, o Wylderman era destemido, e contorceu o rosto em um sorriso assustador antes de desferir o golpe seguinte. Com seu olhar enlouquecido, o chefe guerreiro parecia lisonjeado pela oportunidade de enfrentar um transmorfo. A boca do Lobo se abriu e deteve o punho do selvagem com os dentes. O machado baixou de novo sobre Drew, mas sua trajetória foi interrompida pela Moonbrand.

Os dois continuaram se digladiando sobre as grades, rolando e trocando de posição, tentando dominar um ao outro. Mais abaixo, Drew viu quatro Wyldermen se desvencilharem dos Mantos-Verdes para chegar ao elevador. Eles golpeavam com suas lanças de baixo para cima, tomando cuidado para acertar apenas o Werewolf. O chefe guerreiro abriu um sorriso, largou o machado e agarrou o licantropo pelos ombros. Com sua única mão segurando a Moonbrand, Drew se viu incapaz de impedir que Crânio Branco o virasse. Pouco a pouco, o chefe guerreiro foi ganhando uma posição de vantagem. Drew esticou as pernas e se agarrou com os pés à corda do elevador, que desaparecia na escuridão mais acima.

Os Wyldermen abaixo deles viram Crânio Branco terminar de imobilizar o Werewolf. Finalmente o guerreiro selvagem estava por cima, prensando a pelagem escura do Lobo contra as grades. Quando seu oponente se preparava para golpeá-lo, Drew brandiu a Moonbrand, concentrando toda a força do corpo na espada. A lâmina incandescente fez uma trajetória circular, e Crânio Branco

ficou aliviado ao ver que o golpe não o tinha acertado. Não sabia, entretanto, qual era o verdadeiro alvo do Werewolf.

A Moonbrand cortou a corda no momento exato em que os Wyldermen dentro da gaiola resolveram atacar. A espada atravessou o tecido grosso de cânhamo amarrado às grades. Instantaneamente, Drew foi catapultado para cima, segurando-se com os pés à ponta da corda. Crânio Branco desabou sobre o teto do elevador. As quatro lâminas subiram por entre as grades, trespassando-lhe o corpo e despontando em suas costas.

Drew viu o Wylderman morto e a batalha desaparecerem de seu campo de visão enquanto subia em direção ao céu, impulsionado pela trajetória contrária do outro elevador, que despencava rumo ao chão. Olhou para cima, agarrando-se à corda com todas as forças que tinha nas garras dos pés. Os galhos escuros do Grande Carvalho estavam cada vez mais próximos.



## 5

### Tempestade de neve

O Lord dos ladrões corria. Em seus braços, carregava Pick, a cabeça da garota enterrada no pescoço dele para protegê-la do vento e da neve. Ele arriscou uma olhadela preocupada para o palácio, na expectativa de que a Guarda Javalina aparecesse por entre as portas ornamentadas a qualquer momento. As luzes das casas de Icegarden iluminavam o caminho, mas equilibrar-se sobre a rua coberta de gelo tornava-se cada vez mais difícil. Ele se dirigia a uma construção que havia notado mais cedo, no momento de sua chegada: a guarnição. Era um enorme prédio cinzento ao norte da cidade, que ladeava a gigantesca muralha de gelo que protegia a capital dos invasores. A entrada do edifício ficava ao lado do portão de Strakenberg, escondida nas sombras, com as portas fechadas para abrigar os ocupantes das intempéries. Ele procurou a maçaneta e, não encontrando nenhuma, bateu à porta de madeira várias vezes com o punho fechado.

— Vamos com calma aí! — alguém respondeu lá de dentro, em meio a risos. Carver mordeu o lábio, olhando mais uma vez para o palácio: ainda não havia nem sinal de movimentação. Uma

janelinha de madeira se abriu, revelando o rosto comprido de um guarda na escotilha.

— Que diabos deu em você?

— A cidade — disse Carver. — Está em perigo.

O guarda inclinou a cabeça para um lado e depois para o outro, olhando para a escuridão atrás do Lord ladrão.

— Quem é você, aliás? — perguntou o homem, desconfiado.

— Um hóspede do duque Henrik. Você *precisa* me ouvir: existem homens no palácio que pretendem atacar Icegarden.

— Que homens?

— Quem é? — perguntou outro guarda.

O homem se virou.

— Disse que é um hóspede de sua senhoria, mas não se parece com um nobre.

— Vocês estão perdendo tempo! — insistiu Carver, olhando mais uma vez para o palácio. As portas duplas estavam escancaradas, mas não havia sinal de ninguém na rua. Ele estendeu a mão até a escotilha e agarrou o homem pelo colarinho. — Eles estão a caminho. Dê o alerta, faça o que for preciso e prepare suas armas. De quantos homens vocês dispõem nas muralhas?

O homem lutava para se livrar das mãos de Carver, que ouviu outros guardas vindo em sua defesa. Carver o sacudiu e o puxou para mais perto, até que sua orelha despontasse na abertura.

— Quantos homens estão guardando as muralhas?

— Trinta! — respondeu o sujeito, em pânico.

— E aí dentro?

— O mesmo número!

— Acorde a todos! Diga que se preparem! — Ele soltou o vigia, que caiu sobre os companheiros. — *Agora!*

Para alívio do Lord ladrão, a autoridade em seu tom de voz foi suficiente para pôr os guardas em movimento sem mais questionamentos. Carver não perdeu tempo e se dirigiu ao portão de Strakenberg, onde deu de cara com mais uma porta trancada. A estrutura de pedra da guarita ladeava os portões gigantescos de aço na entrada da cidade, encravada nos blocos de gelo da

muralha. Bateu com força na porta de madeira, olhando para trás em um movimento nervoso.

— O que será que vai acontecer? — perguntou Pick, lágrimas geladas escorrendo-lhe pelo rosto.

— Fique calma, menina — respondeu Carver, abrindo um sorriso não muito convincente. Prendeu o manto dela em torno do queixo e ajustou o capuz sobre sua cabeça.

— Quem está aí? — perguntou uma voz vinda do alto. Carver olhou para cima e viu três cabeças com capacete se espicharem por cima da beirada da muralha.

— Bo Carver. Estou hospedado no castelo como convidado do seu duque. Vocês precisam me ouvir: a cidade está em perigo. Vocês viram os guerreiros ugri que chegaram hoje da linha de frente?

Os homens balançaram a cabeça em sinal afirmativo, e, nesse momento, a porta da guarnição se abriu. Uma procissão de soldados marchou para fora, alguns ainda não totalmente vestidos, acordados às pressas em pleno período de descanso. Vários deles ainda afivelavam as armaduras, e um até parou para se espreguiçar e bocejar.

— Eu vi a chegada deles, sim. Estava no portão Sul quando vocês apareceram. Você está com eles, não está?

— Graças a Brenn — comentou Carver, aliviado por encontrar alguém disposto a ouvi-lo. — Eu estava mesmo. Pensamos que fossem aliados, mas não é esse o caso.

— Esse idiota acordou o quartel inteiro, Harlan! — gritou o primeiro guarda.

— Eles estão tramando alguma! — continuou Carver, dirigindo-se ao homem na muralha, o que se chamava Harlan. — Vão atacar!

Nesse instante, flechas começaram a zunir no ar, e seis delas encontraram seu alvo nos homens que haviam saído às pressas do prédio da guarnição. Os soldados caíram em questão de segundos, e os que ainda estavam em pé ou olhavam ao redor, sem saber o que fazer, ou voltavam correndo para o lugar de onde tinham

saído. Mais flechas surgiram da escuridão, fazendo vários homens tombar durante a fuga.

— Me deixem entrar! — gritou Carver, batendo na porta da guarita com fúria renovada. — Estou com uma criança aqui!

— Abram a porta! — berrou Harlan do alto da muralha.

Um punhado de homens bem armados saídos da guarnição se posicionou ao longo da rua, protegendo-se atrás das paredes de casas e construções adjacentes, porém a desorientação nas fileiras era visível. Eles gritavam para que se apanhassem as balestras, clamavam por reforços, perguntavam em desespero de onde vinham as flechas, mas no fim ficaram sem resposta. Os olhos de Carver, já habituados à escuridão, esquadriharam o outro lado da rua à procura de vultos em movimento. Conseguiu localizar algumas silhuetas esgueirando-se pelas paredes, aproximando-se cada vez mais. Uma flecha se espatifou contra o muro acima de sua cabeça.

Carver se ajoelhou às pressas, curvando-se por cima de Pick, as costas viradas para a rua. Olhou para trás e viu o primeiro ugri emergir das sombras, acompanhado por outros cinco. Com o arco já recolhido, os guerreiros se valiam de um belo arsenal de combate corpo a corpo — machados, machadinhas de guerra, maçãs e estrelas da manhã —, capaz de provocar um grande estrago em oponentes sem armadura, como Carver. Três guerreiros foram correndo para a guarnição, um deles com uma tocha em um frasco de óleo, e os demais tomaram o caminho da guarita do portão.

O primeiro ugri deu um pontapé na porta da guarnição quando os soldados tentaram fechá-la, fazendo-a se soltar dos batentes. O homem com o frasco de óleo estendeu o braço para arremessá-lo. Uma saraivada de flechas voou do portão de Strakenberg nesse momento, atingindo o recipiente de argila na mão do ugri. O pote de óleo explodiu, lançando o conteúdo inflamado sobre a cabeça e as costas do guerreiro. As peles de animais que ele usava como vestimenta pegaram fogo instantaneamente. Qualquer pessoa comum teria se jogado no chão e tentado apagar as chamas rolando na neve, mas não o ugri. Ele se arremessou contra a porta

quebrada da guarnição, o corpo coberto pelo fogo, para desespero dos homens de Sturmland. Seus dois companheiros entraram logo atrás, à procura de inimigos.

Os outros três foram em direção a Carver. O Lord ladrão reconheceu Dois Machados como o líder da expedição. “Onde estão os outros? Onde estão Ringlin e Ibal? Onde está Hector?” Dois Machados se aproximava depressa, inclinado contra o vento, os braços para trás, correndo sobre o gelo com facilidade e elegância. Balestras e arcos cantaram mais acima, lançando flechas que se cravaram no gelo sem acertar o ugri. Em cada uma das mãos, o chefe guerreiro carregava um machado, cujas lâminas escuras emitiam um brilho ameaçador. A porta da guarita se abriu de repente diante de Carver, e mãos protegidas por luvas o puxaram para dentro.

O Lord ladrão entregou Pick ao guarda, para que ela fosse levada lá para cima, enquanto outros dois defensores tentavam fechar a porta. Carver olhou para trás na metade da escada. Os guardas haviam acabado de colocar a tranca quando a porta foi derrubada, esmagando o homem de Sturmland que estava logo atrás. A base da escadaria foi atingida por uma chuva de lascas de madeira quando Dois Machados entrou na guarita. O segundo guarda brandiu a espada contra o ugri, que com um simples movimento de machado mandou a lâmina contra o rosto do homem e o atingiu na barriga com sua outra arma.

Carver acelerou o passo, seguindo os demais defensores, que carregavam Pick escada acima. Logo atrás, conseguia ouvir o ugri pisoteando a madeira quebrada e os corpos caídos para vir em seu encalço. A tocha no alto da escada iluminava uma pequena sala de vigia com um mecanismo de alavanca cobrindo uma das paredes, cuja porta se abria para o alto da muralha. Pick e mais dois soldados desapareceram na parede de gelo, e Carver reconheceu a figura de Harlan parado à porta, chamando-o freneticamente.

— Depressa! — ele gritou, puxando o Lord dos ladrões pela mão e empurrando-o para a parede de gelo. A porta se fechou, e as trancas foram posicionadas. De imediato, ruído de machados

atingindo a madeira foi ouvido. A porta tremia a cada golpe dos ugri, que tentavam arrebentar a madeira.

— Em quantos eles estão? — perguntou Harlan, sacando a espada. Havia cerca de uma dúzia de homens armados no alto do portão de Strakenberg, preparados para atacar os ugri assim que passassem pela porta. Pela farda que usava, Carver notou que Harlan era um capitão, o oficial encarregado de proteger as muralhas na ausência do exército.

— Seis ugri, o Boarlord Hector e seus dois guarda-costas, que eu nem imagino onde estejam.

— Um Boarlord inimigo do Povo Livre? — questionou o capitão. — Algo inédito!

— Mas nem por isso deixa de ser verdade — respondeu Carver, ofegante. — Aquele tolo na guarnição disse que você tem cerca de trinta homens protegendo a muralha?

— Isso mesmo, e também a guarda pessoal do duque que protege o palácio, além de algumas centenas de cidadãos com quem podemos contar caso seja preciso. Vou dar o alerta e convocar a milícia. É mais que suficiente para lidar com oito homens, ou nove, contando o Javali traidor.

Os machados pararam de se chocar contra a porta, um silêncio que pegou Carver e os demais homens de Sturmland de surpresa. Harlan e o Lord ladrão se entreolharam, e Pick se voltou para os dois, cheia de medo.

— Eles desistiram?

Antes que Carver pudesse responder, uma corneta de caça retumbou atrás da porta, provocando um susto generalizado. Três toques ruidosos foram dados, fazendo gelar a espinha dos defensores da cidade.

— Isso vai ser ouvido até nas minas de Strakenberg — comentou um dos soldados, ajeitando o elmo curvo com a mão oculta sob a luva.

Depois do último toque da corneta, os machados voltaram ao trabalho em um ritmo ainda mais acelerado.

— Que diabos foi isso? — questionou outro guarda.

Harlan viu Carver caminhar com passos cambaleantes pela muralha, os olhos voltados para a imensa paisagem branca ao redor. O capitão foi atrás, e Pick se posicionou entre eles.

Os olhos de Carver esquadriharam as encostas brancas além das muralhas. A luz do luar fazia cintilar os campos cobertos de neve como se estivessem cravejados de pedras preciosas.

— Pelo amor de... — sussurrou Carver, e o capitão Harlan fez o sinal de Brenn. Pick apertou com força a mão do Lord dos ladrões quando viu a neve ganhar vida.

As encostas se agitaram como se tivessem sido abaladas por um tremor subterrâneo. A neve se revolveu quando os vultos surgiram do chão, saindo de seus esconderijos, todos cobertos pelo fino pó branco. Mais e mais guerreiros ugri apareceram, monstros do gelo se espalhando pela paisagem até onde a vista podia alcançar, cercando as muralhas congeladas de Icegarden. Carver praguejou entre os dentes. “O que será que eles estão esperando?”

— São centenas — comentou Harlan, ofegante, sacudindo a espada ao lado do corpo em um gesto que demonstrava nervosismo.

Horrorizado, Carver se deu conta de algo e se virou às pressas para o capitão.

— O mecanismo dos portões, Harlan, onde fica?

Harlan nem precisou responder. Os portões começaram a se mover quando os homens de Dois Machados acionaram os controles da sala de vigia. Assustados, os soldados observaram do alto da muralha os portões serem silenciosamente abertos no momento em que o exército oculto do lado de fora da cidade ganhou vida. Centenas de ugri corriam pela neve, as armas erguidas sobre a cabeça, uma horda silenciosa da morte descendo montanha abaixo na direção deles.

— Fechem os portões! — rugiu Harlan, empurrando os homens para a porta da sala de vigia. Um trio de soldados ficou de prontidão, espadas e escudos em punho. O capitão liberou as trancas, e um último golpe de machado arrancou a porta do batente. Dois Machados apareceu, a pele coberta de suor, uma arma em cada mão. O primeiro machado se chocou contra o escudo

de um homem de Harlan, lançando-o para cima dos companheiros. Nesse momento, um dos soldados avançou, acertando o ugri na axila. O segundo machado entrou em ação, destroçando o maxilar do soldado que o havia atingido, e a bota de Dois Machados atingiu o terceiro no peito.

Carver olhou para dentro da sala de vigia: os ugri restantes estavam posicionados atrás de seu líder, dispostos a defender o mecanismo de abertura dos portões com a própria vida. Uma espiada por cima da muralha revelou que o primeiro dos guerreiros ugri já vinha entrando pela imponente passagem: o portão de Strakenberg havia sido vencido; Icegarden estava sendo invadida.

O Lord dos ladrões apanhou Pick e deu um grito para chamar a atenção de Harlan, que observava com perplexidade a ação violenta de Dois Machados.

— Existe alguma outra saída das muralhas, capitão?

— O portão Sul! — respondeu Harlan, sem tirar os olhos do guerreiro de Tuskun. As lâminas de seus homens atingiam o inimigo o tempo todo, mas o chefe guerreiro estava enlouquecido, ignorava os golpes recebidos e os retribuía em abundância. — Depressa! Pode ser nossa única chance de salvar a menina!

Carver saiu correndo aos tropeções pelo alto da muralha, agarrando-se ao mastro das bandeiras que os homens de Sturmland haviam cravado em sua lateral. Olhou para a esquerda e viu a guarnição entregue às chamas, que devoravam com avidez a estrutura de madeira do teto. Os ugri espalhavam caos e morte por onde passavam. Grupos de guerreiros de Tuskun podiam ser vistos correndo pela cidade, arrombando a porta das casas, arrancando gritos assustados dos ocupantes.

O Lord dos ladrões contornou o canto noroeste da muralha, rumo ao sul, cruzando o caminho de um ou outro guarda que corria para o portão de Strakenberg. Não era preciso que trocassem uma única palavra: o olhar deles dizia tudo. Quando chegou à seção oeste da muralha, Carver apertou o passo para percorrer os últimos metros de gelo antes do portão Sul. A porta da sala de vigia estava escancarada. Os homens haviam abandonado os respectivos postos para conter os invasores. Era uma causa

perdida; qualquer resistência seria em vão. Icegarden tinha sido tomada pelos ugri, graças à traição do Boarlord. Carver estivera certo desde o início.

Ele pôs Pick no chão e foi acionar o mecanismo da sala de vigia, fazendo força para girar uma manivela projetada para ser manipulada por três homens ao mesmo tempo. Pouco a pouco, a roda começou a girar lentamente. Carver sentiu os músculos queimarem. Depois de três giros teve que parar, rezando a Brenn para que os enormes portões de aço tivessem se aberto o suficiente para que os dois pudessem sair. Não havia mais nada a fazer na cidade; precisava voltar à linha de frente e avisar os dois Bearlords sobre a situação na capital dos sturmianos. Pegando Pick no colo mais uma vez, desceu correndo a escada. Os dentes da menina batiam com força uns contra os outros a cada passo, o corpo dela inerte em seus braços. Ao chegar ao nível do chão, encontrou a porta frouxa nos batentes e um rastro de pegadas que desapareciam em direção à cidade. Carver saiu rua afora.

Uma pequena fresta havia se aberto nos portões, grande o suficiente para Pick, mas apertada demais para Carver. Ele a empurrou com cuidado para não machucá-la, mas com força suficiente para tirá-la da cidade. A menina olhou para trás, os olhos arregalados e cheios de lágrimas.

— Espere um pouco — ele sussurrou. O Lord dos ladrões ajustou melhor o cinto no qual levava as armas e prendeu o fôlego para tentar passar pela abertura estreita. Praguejou ao sentir uma dor aguda na lateral do corpo. Uma de suas adagas, talvez? Em seguida, porém, Carver percebeu horrorizado que não podia se tratar de uma de suas lâminas. O corte era profundo demais para ser accidental. Olhou para trás e deu de cara com Ringlin. Havia sido a faca comprida do bandido que se encravarara em seu flanco.

Ringlin puxou Carver de volta. O Lord ladrão caiu de joelhos, o sangue escorrendo em abundância do ferimento, formando uma poça na neve a seu lado.

— Corra, menina! — ele gritou quando viu que Ringlin tentava se esgueirar pela passagem, estendendo a mão para agarrar Pick.

A menina se afastou de seu alcance aos tropeções, caindo na neve, mas o vilão estava quase conseguindo passar para o outro lado.

— Corra até Bergan, Pick! — gritou Carver, sentindo a visão ficar turva e o frio se espalhar pelo corpo. — Corra para seu...

Seu último grito foi interrompido pela foice de Ibal, que se abateu sobre ele com um ruído aterrorizante.



6

## Terror sobre a árvore

Os Wyldermen se reuniram em torno do mecanismo do elevador, na expectativa de ver a outra gaiola chegar depois da queda tão repentina da primeira. Em vez disso, o que apareceu foi a ponta cortada da corda, chicoteando descontroladamente rumo à enorme roldana mais acima. Os três observaram em silêncio quando a corda se enroscou no mecanismo e o fez emperrar com um ruído agudo. Os guerreiros se aproximaram da beirada da plataforma, e a curiosidade os fez olhar para baixo em meio à chuva.

Drew já estava em movimento, saltando pelos galhos que sustentavam a plataforma de madeira, ouvindo os passos dos Wyldermen ecoarem sobre sua cabeça. Deu um pulo na escuridão, cravando as garras na casca da árvore, a Moonbrand mais uma vez guardada na bainha. Do lado oposto da plataforma, as tábuas de madeira que compunham a estrutura eram sobrepostas umas às outras. Drew estendeu a mão e cravou a garra na tábua mais alta. O Werewolf respirou fundo algumas vezes antes de balançar o corpo com movimentos fluidos em meio à penumbra da noite. Soltou-se no momento exato em que as pernas ficaram na horizontal, permitindo que ganhasse impulso para saltar até a

plataforma. Rolou ao cair e se levantou grunhindo para os três vigias, que se viraram em sua direção, assustados.

Drew desferiu um chute no ar, acertando a perna do primeiro selvagem e atirando-o lá para baixo. Os dois vigias remanescentes avançaram contra ele, um com uma lança, o outro com um tacape. Drew se esquivou dos golpes, apanhou a ponta da lança e empurrou o Wylderman na direção contrária. O selvagem saiu voando da plataforma, juntando-se ao companheiro em sua queda noite adentro. O tacape do terceiro se chocou com força contra as costas de Drew, provocando uma dor aguda e arremessando-o para perto da beirada. Ele cravou as garras no chão, abrindo ranhuras na madeira envelhecida.

O tacape entrou em ação mais uma vez, acertando o Werewolf na têmpora e mandando-o ao chão. Drew desferiu um golpe com a perna, levantando os pés do Wyldermen do chão e fazendo-o cair sobre ele. O tacape subiu mais uma vez, porém Drew foi mais rápido, agarrando a traqueia do homem e arrancando-a do corpo. Levantou-se de um salto e, em meio à chuva, saiu correndo e arfando pelas passarelas do Grande Carvalho.

Não havia sinais da presença de outros Wyldermen. Ao que parecia, Vala havia tomado a copa da árvore para si, mantendo os selvagens a distância. As pontes que ligavam os diferentes galhos do Grande Carvalho estavam imersas em escuridão, iluminadas apenas pelo brilho ocasional de uma tocha em uma plataforma ou construção. A maior parte delas concentrava-se na enorme estrutura apoiada no coração dos galhos gigantesco da árvore: o Salão de Brackenholme, o palácio do Bearlord. Drew se encaminhou para lá, apertando o passo sobre as tábuas molhadas.

O salão dominava a porção central da árvore, sendo conectado às estruturas adjacentes por uma série de pontes. Uma plataforma ladeava todo o seu exterior, e um lance de degraus de madeira levava a uma enorme passagem iluminada pela luz bruxuleante das tochas, demarcando o local onde ficavam as portas duplas. Dentro do salão, Drew viu uma fogueira acesa ao fundo do enorme aposento. Janelas em arco dominavam as paredes nos dois lados

da entrada, e os vidros quebrados se acumulavam no chão junto a lascas de madeira das portas destruídas.

Caminhando com cuidado, o Werewolf subiu a escada, pisando nos escombros. Seu olhar foi atraído para a área externa do salão, um local onde os pilares de madeira estavam tortos, como se tivessem sido submetidos a uma grande pressão. Um caco de vidro oculto nas sombras se partiu sob a pele grossa do pé de Drew, que fez uma careta. O barulho denunciaria sua presença, o que àquela altura nem parecia fazer tanta diferença. “Se eles ainda não sabem que está acontecendo uma batalha lá embaixo, nunca vão saber.”

Ele pisou nos restos de uma viga que havia despencado da porta. Alguns metros à frente, uma fumaça preta se acumulava no teto alto, mas não era possível ver o fogo por causa das enormes pilhas de mobília quebrada. As poucas tapeçarias restantes nas paredes tinham sido rasgadas ou obliteradas pela nova ocupante do salão. No local de onde haviam sido arrancadas, só restava a madeira descolorida da parede.

Não havia nem sinal da presença de Vala. Drew entrou na ponta dos pés, atento a qualquer sinal de movimentação súbita. O fogo ardia em uma enorme superfície circular de pedra, sobre a qual estava posicionado um caldeirão preto, cujo conteúdo borbulhava sobre as chamas. Quando passou pela pilha de entulho, Drew viu corpos caídos pelo chão. Seu coração foi parar na boca: “Whitley?”. Saiu correndo pelo salão, deixando de lado toda e qualquer precaução, examinando os onze corpos inertes enfileirados. Em alguns casos, era possível ver marcas de presas na pele do tronco ou do pescoço. Se estavam mortos ou apenas inconscientes, Drew não saberia dizer à primeira vista, mas esquadrinhou todos os rostos em busca da amiga. Havia três Capas-Verdes, ladeados por dois homens idosos e um menino um pouco mais velho que Milo. Duas servas estavam caídas logo ao lado, e ainda dois nobres com os braços cruzados sobre o peito. A última da fila era uma senhora idosa, o rosto enrugado imóvel como o de um cadáver, um olho faltando e os lábios retorcidos.

Whitley não estava lá. Drew saltou sobre os corpos, aterrissando em silêncio sobre os pés lupinos enquanto procurava

freneticamente pela Bearlady. “Pelo amor de Brenn, não”, pensou. “Ela não pode estar morta. *Por favor, não!*” Por sobre o ruído distante da batalha que se desenrolava mais abaixo, um novo som capturou a atenção de Drew. Ele olhou para cima.

Pendurada nas vigas do telhado ao fundo do salão, oscilando de um lado para o outro, amarrada e amordaçada, encontrava-se Whitley. Seu corpo se contorcia sob as cordas, um sinal claro de que estava viva. Ela arregalou os olhos ao ver Drew, que saiu em disparada até lá. Whitley estava a pelo menos cinco metros acima de sua cabeça, longe do alcance até mesmo do salto poderoso de um transmorfo. Seus olhos percorreram o caminho da corda pela estrutura do telhado, que descia para a parede atrás do trono. O Werewolf correu até a ponta da corda, amarrada na base do enorme trono do duque Bergan. Começou a desatá-la, forçando o nó com os dentes, sem tirar os olhos da amiga nem por um instante. Por fim a corda se soltou, e Drew a deixou deslizar na mão, sentindo a palma queimar quando a Bearlady começou a descer do teto. Finalmente a garota caiu ao chão em meio a um casulo de corda. Drew foi até ela.

Todo o medo e preocupação que havia sentido nos meses anteriores vieram à tona enquanto removia as amarras. A mão de Drew foi retomando a forma humana, e as lágrimas escorriam por seu rosto enquanto o Lobo se retraía. A alegria de poder rever a amiga era inebriante. Whitley tentava se livrar das cordas com os pés, os olhos fixos nos corpos estendidos no chão. Quando Drew libertou seus pulsos, ela levou as mãos diretamente à mordança.

— Pensei que tivesse perdido você para sempre — disse Drew entre sorrisos e lágrimas, sentindo um grande alívio ao passar a mão pelos cabelos da amiga.

Whitley soltou a mordança, ofegante, ainda sem tirar os olhos dos corpos. Drew se virou para olhar. Só havia dez deles. Um estava faltando. Drew se levantou, sentindo os cabelos da nuca se arrepiarem, a garganta vibrando em um rosnado lupino. A velha havia sumido.

Whitley tossiu e conseguiu recuperar a voz.

— Vala — ela falou.

Drew entrou na frente dela, estendendo o braço semiamputado para ajudá-la a se levantar.

— Apareça, Vala! — gritou Drew, o rosto ainda banhado em lágrimas, mas com uma expressão determinada.

— Seu Lobo tolo. — A voz da Serpente ecoou pelo salão, mas ela permaneceu oculta nas sombras. — Esperei tanto tempo por isso. Por que a pressa, filho de Wergar? Vamos saborear nosso reencontro.

Drew estreitou os olhos, ofuscados pelo fogo sob o caldeirão que estava logo à sua frente, um pouco além da plataforma do trono. O restante do salão permanecia envolto em escuridão. Ainda era possível ouvir o ruído da batalha, fraco e distante. Ele se virou para Whitley.

— Fique atrás de mim — ele sussurrou. — Não quero que se arrisque. Se surgir uma chance, fuja.

— Não vou a lugar nenhum; minha mãe está ali — ela respondeu, apontando para os corpos sem vida.

— Ninguém nunca lhe falou, mocinho, que é falta de educação cochichar? — sibilou Vala.

Drew voltou a levantar a voz:

— Falta de educação é ouvir a conversa dos outros, milady!

— Pobre filhote. O que aconteceu com sua patinha?

Drew olhou para o braço esquerdo semiamputado.

— *O homem maneta não triunfará.* Não é isso que dizem?

— Quem disse isso? — perguntou Drew, intrigado com aquela conversa tortuosa. — Se tem alguma coisa para me falar, milady, diga de uma vez.

— As profecias, criança — ela sibilou, enigmática. — Senti falta das nossas conversas.

— Também senti sua falta, milady. Não tive sequer a chance de me despedir. A minha fuga irritou você? Segundo dizem, a mágoa de uma mulher ofendida pode durar por muito tempo.

Um corpo volumoso e escuro se movimentou nas sombras da enorme pilha de mobílias quebradas, desaparecendo logo em seguida.

— Não venha me falar sobre o tempo, Lobo. Eu sou antiquíssima, vivi durante séculos nas florestas da Lyssia. E agora, depois de todos esses anos, consegui tomar o lar dos Bearlords. Você não faz ideia do sentimento de vingança que corre pelas minhas veias.

Drew endireitou o corpo exausto e evocou a fera mais uma vez. A Wereserpent já tinha falado demais: era o momento de responder por seus crimes. Ele sentiu os pelos crescerem pelo corpo, o peito e as costelas se expandirem e o crânio mudar de forma. Drew fez uma careta quando seus dentes se alongaram entre as gengivas e começou a rosnar quando o focinho surgiu no rosto.

— Vejamos então se você tem motivos para se gabar tanto, Vala. Pode vir!

Drew soltou um uivo que retumbou para muito além do salão. Foi um ruído primitivo, que surgiu das profundezas de seu ser, uma convocação para seus irmãos e aliados. Na cidade mais abaixo e até além das muralhas o chamado foi ouvido, e aqueles que ainda viviam e lutavam em nome do Lobo sentiram um ímpeto renovador percorrer seus corpos exauridos.

O Werewolf deu dois passos à frente, rosnando, os olhos vidrados nas sombras. Viu a cauda da Wereserpent se agitar atrás da pilha de escombros e saltou de volta para a plataforma do trono. O golpe, no entanto, não foi direcionado ao Lobo. A cauda atingiu o caldeirão preto, que retiniu como um sino ao tombar, despejando o conteúdo sobre o fogo. As chamas foram imediatamente apagadas pela água fervente, e uma enorme e sufocante nuvem de vapor e fumaça se ergueu no salão.

A névoa encobriu os olhos do Lobo, que se lembrou de seu primeiro e assustador encontro com Vala. Seu coração disparou dentro do peito, e o medo que sentia da Wyrm se reavivou em sua mente. Um sibilado longo e maligno quebrou o silêncio no recinto. Drew sacou a Moonbrand da bainha presa às costas, iluminando a fumaça quente ao redor. A luz pálida da lâmina penetrou a escuridão no exato instante em que a Wereserpent avançou contra ele.



7

## Sob o gelo

O uivo distante de um lobo fez um dos sete Wyldermen desviar os olhos das margens do córrego congelado. Seu líder ignorou o grito da fera, mantendo o foco na superfície de gelo. Dente Preto olhou para o curso d'água e abriu um sorriso torto, revelando dentes imundos e afiados. “Esse pessoal da cidade é muito burro.” Haviam tentado despistá-lo seguindo por um riacho? E *congelado*? Soltou uma risada gutural. “Pensaram que podiam enganar Dente Preto e seus Penas Sangrentas com esse truque velho?”

Desceu pela margem, seguindo as pegadas da presa. Dez de seus homens haviam partido atrás do velho, mas os jovens seriam capturados por Dente Preto. Não fazia diferença o que acontecia em Brackenholme naquele momento. Ele não ficaria parado na frente de um portão vigiando a passagem de outros Wyldermen. Tinha nascido para caçar e encontrara uma caça que valia a pena. Passou um dedo pela cicatriz que a espada do garoto havia deixado em seu rosto, raspando com a unha a ferida ainda recente. O menino do manto-rubro ganharia um tratamento especial.

O guerreiro não disse nada a seus homens, apenas um olhar foi suficiente para que o seguissem. Dente Preto encaminhou-se para a

água congelada e seguiu em frente, sua tribo logo atrás, seguindo o curso do riacho, que ia se alargando até se transformar em um rio, um dos muitos que cortavam a Dyrewood. Ele ergueu a mão, fez um sinal para que os guerreiros parassem e examinou o caminho mais à frente.

Uma lâmina de gelo se estendia diante de seus pés. O inverno havia transformado a água em uma estrada azul em ambas as direções. As árvores se inclinavam sobre o rio, criando padrões ensandecidos de sombras sobre o gelo. Dente Preto prendeu a respiração. Na margem oposta, uma fogueira queimava, e havia uma égua marrom amarrada a uma árvore. Dois vultos estavam deitados junto às chamas, e o inconfundível manto vermelho do menino os cobria. O guerreiro fez um gesto com a mão, ordenando aos Penas Sangrentas que se espalhassem, e três deles se aproximaram da margem do rio congelado.

Os Wyldermen sacaram as armas — machados, tacapes, lanças e facas —, sem tirar os olhos dos dois vultos mais adiante. A égua bufou, o que deteve seu progresso por um instante. Ela jogou a cabeça para trás e relinchou baixinho. “Será que ela nos viu?” As duas figuras adormecidas não se moveram. Dente Preto continuou avançando, seguido por seus homens, dispostos em uma formação em V.

Quando chegaram ao centro do curso d’água, o guerreiro sentiu seu coração se acelerar com a proximidade da presa. “Hoje teremos um banquete com a carne desses tolos!” O gelo rangeu sob seus pés, e uma rachadura surgiu de repente, serpenteando pela superfície a partir de seus dedos descalços. Dente Preto deslizou os pés para a frente e apontou o machado para o gelo. Os Penas Sangrentas fizeram o mesmo. Os Wyldermen mantinham os pés colados ao chão, avançando a passos cuidadosos, o que atrasaria o progresso deles, mas os impediria de cair na água gelada mais abaixo.

Um estalo se fez ouvir na margem oposta, atraindo a atenção dos selvagens. Ao barulho se seguiu uma agitação na copa das árvores. Os galhos envergaram e se quebraram quando um objeto escuro e pesado desabou por entre eles em alta velocidade. Dente

Preto deu um salto para a frente, abandonando de vez a cautela, ao ver um pedaço de tronco de árvore despencar entre seus irmãos Penas Sangrentas. O rio explodiu, lançando enormes pedaços de gelo pelos ares, fazendo o chão desaparecer sob os pés dos Wyldermen. Alguns conseguiram saltar quando a superfície se fraturou em centenas de pedaços, enquanto outros desapareceram dentro d'água. As rachaduras se espalharam, e o gelo se desintegrou sob o peso dos selvagens em pânico. Apenas Dente Preto e dois outros conseguiram escapar de ser engolidos pela correnteza. O guerreiro olhou para cima, e o rosto marcado se contorceu de raiva quando dois vultos emergiram das árvores, postando-se ao lado da fogueira.

Trent tomou a direção do rio, a Wolfshead junto ao corpo, testando a resistência do gelo com as botas de couro. Ainda estava firme nas margens, apesar de o impacto do tronco ter espalhado rachaduras por toda a superfície. Ele olhou para Gretchen, que segurava sua faca de caça com as duas mãos, pisando no rio congelado com apenas um dos pés.

— Para trás — pediu Trent. — Fique na beirada: aqui não é seguro!

— Ainda sobraram *três* deles, Ferran — ela falou, sem tirar os olhos dos Wyldermen, que avançavam sobre os pedaços soltos de gelo.

“Ela tem razão”, pensou Trent. A princípio, achou que Gretchen tivesse enlouquecido ao sugerir que fizessem uma fogueira naquela noite. Se iriam encarar os Wyldermen, era preciso ter o fator surpresa a seu lado, pegá-los desprevenidos no ataque. A Werefox, porém, era mais esperta do que ele imaginava. O tronco apodrecido, os cipós e o gelo — Gretchen havia juntado tudo isso para elaborar seu plano, enquanto Trent procurava o melhor local para armarem a emboscada.

Foi preciso que os dois unissem forças para içar o tronco até o alto da árvore, e Trent havia fabricado uma corda improvisada

com cipós. Até então tinha dado tudo certo, mas ainda restavam três Wyldermen.

— Fique onde está! — ele gritou para Gretchen, que havia dado mais um passo à frente.

A Werelady soltou um grunhido de protesto, pois não estava acostumada a receber ordens, muito menos de um humano. Ele não se importou. Trent havia decepcionado Drew tremendamente, acreditando nas mentiras do príncipe Lucas, de Lord Frost e companhia. Mas jamais voltaria a duvidar de Drew, e preferia morrer a permitir que alguma coisa acontecesse a Gretchen.

Trent notou que os Wyldermen estavam se espalhando. O líder guerreiro brandiu o machado no ar em direção a Trent, e seus dois companheiros foram na direção do garoto. Trent o encarou, dando um passo atrás e tentando se colocar em melhor posição, ciente de que estavam tentando cercá-lo. A margem do rio ficou à sua direita, e o leito, à esquerda. Trent manteve a atenção do líder de dentes escuros sobre si, atraindo um dos Wyldermen para mais perto da margem, e o último deles ficou para trás no gelo quebrado. Gretchen recuou, alarmada com a proximidade do primeiro guerreiro, mas os olhos do selvagem estavam vidrados no Manto-Rubro, como se desconsiderasse que a garota pudesse representar uma ameaça.

Quando o grupo concluiu seu cerco a Trent, o último oponente estava posicionado à sua esquerda. Trent não perdeu tempo e o atacou com a espada. O selvagem estava longe de seu alcance, mas a movimentação súbita o fez recuar alguns passos, e o gelo rangeu e estalou sob seu peso. Ele ergueu os braços, agitando a lança para tentar se equilibrar. Trent deu mais um passo à frente, ignorando o avanço do líder às suas costas, e com ambas as mãos cravou a Wolfshead no gelo diante de si. A superfície reluzente se estilhaçou como vidro, e a trilha de destruição foi se espalhando rumo aos pés do Wylderman. O piso frágil e transparente que sustentava seu peso entrou em colapso, e o selvagem afundou com um grito, o corpo carregado pela correnteza sob o gelo.

Trent puxou a espada quando o guerreiro com o machado se aproximou, mas a lâmina estava emperrada, deixando-o a uma

fração de segundo da morte iminente. Rolou para trás, e o machado espalhou lascas de gelo pelo ar bem no lugar onde estava um instante atrás. O guerreiro de dentes escuros atacou de novo, obrigando Trent a recuar mais um pouco, sentindo o gelo ranger sob seu corpo. Os golpes do machado eram fortes e velozes e por muito pouco não o acertaram. Ele soltou um grito, ainda tentando desesperadamente escapar do agressor, quando o ferimento da flechada se abriu e o sangue voltou a escorrer.

O outro Wylderman também se aproximava, correndo pela borda congelada do rio, tentando posicionar-se atrás de Trent. O garoto não viu quando Gretchen saltou da margem e aterrissou nas costas do homem, sua lâmina descendo imediatamente para o pescoço dele. Mas o impacto do salto mandou os dois para o gelo, desviando a trajetória da faca e lançando o tacape do guerreiro para longe. Quando pararam de rolar, Gretchen ficou de pé em um salto, e o selvagem teve dificuldades para se levantar. Ela desferiu um chute que o acertou no queixo e o mandou um pouco mais para trás. Em seguida pulou sobre ele, a faca na mão.

O Wylderman ergueu os joelhos, atingindo-a na barriga, expulsando o ar de seus pulmões. A faca acertou o gelo, e o guerreiro impulsionou Gretchen por cima do corpo, fazendo-a cair de costas mais adiante. Como o tacape estava longe de seu alcance, ele atacou com as mãos nuas, envolvendo a garganta dela com os dedos imundos. Gretchen tentou esfaqueá-lo, mas ele imobilizou seu braço com o joelho e arrancou-lhe a arma da mão.

Trent também enfrentava problemas. O gelo se partia sob seu corpo, a superfície tingida de vermelho devido a seu sangue. O guerreiro de dentes escuros o forçava a se aproximar cada vez mais da água. Ele arriscou um chute, forçando o selvagem a se esquivar, o que lhe permitiu se arrastar pelo gelo até onde estava sua espada. O Wylderman, porém, bloqueou sua passagem com um golpe do machado quando ele estava a menos de um metro da lâmina. Trent virou o rosto ao ser atingido pelo lado cego do machado, que o fez deslizar em direção à água. Desesperado, estendeu a mão e se agarrou à lâmina da Wolfshead. Seus dedos envolveram o fio de aço, fazendo o Manto-Rubro soltar um grito de

dor, mas detendo sua trajetória. Os dois dedos menores de sua mão direita caíram no local onde a espada se encravara, em meio a uma poça de sangue.

Gretchen estava sem fôlego, os olhos arregalados, estrangulada pelo selvagem, que batia sua cabeça no gelo. Ele abriu a boca, revelando os dentes afiados e gosmentos que se aproximaram de seu rosto. Quando estava a ponto de mordê-la, porém, ele se viu diante de uma adversária bem diferente. Pelos vermelhos brotaram em torno da boca da garota, os cabelos invadindo as linhas do rosto, as feições se contorcendo enquanto se transformavam nas da Raposa. O focinho surgiu em um instante, fechando-se sobre o lábio inferior do Wylderman e arrancando-o de sua face. O selvagem a soltou no mesmo momento, sentando-se sobre Gretchen, o rosto lavado pelo sangue arrancado pela Werefox. Uma rápida sequência de golpes atingiu o Wylderman, desfigurando seus traços. As garras das mãos dela atacaram então seu corpo desprotegido, rasgando-lhe a carne. O guerreiro baixou a cabeça e, com olhos arregalados, viu os cortes avermelhados expostos no tronco, ferimentos profundos e mortais. Um último empurrão de Gretchen lançou o corpo sem vida do homem para longe. Ele rolou pelo gelo quebrado e caiu na água fria.

O líder dos Wyldermen ergueu o machado mais uma vez, ao lado do Manto-Rubro, que se encontrava deitado sobre a água congelada, indefeso. Com um estalo bem alto, o gelo se despreendeu, deixando os dois flutuando em uma plataforma irregular. Trent se agarrou à lâmina com ainda maior força para se salvar, sentindo os pés mergulharem na água gelada. O guerreiro se desequilibrou, e seu machado caiu no gelo. A plataforma se inclinou para o outro lado, e o selvagem começou a escorregar para o rio, enquanto Trent foi alçado da água. O guerreiro estendeu as duas mãos e também se agarrou à lâmina de Trent. Os dois ficaram nessa posição por um momento, antes que o corpo pesado do Wylderman forçasse a plataforma a se inclinar ainda mais. Os pés e as pernas do líder guerreiro submergiram, e Trent conseguiu se erguer sobre o gelo. Ele desferiu um chute na mão do monstro de dentes escuros, que ainda soltou um último grito antes

de largar a lâmina da Wolfshead e desaparecer no rio, levado pela correnteza.

Livre do peso do Wylderman, a plataforma se estabilizou sobre a água e tomou a direção do meio do rio. Ele agarrou o cabo da Wolfshead e se virou para Gretchen, semitransformada perto da margem, os braços estendidos.

— Pule, Trent! Salte para cá, que eu seguro você!

Ele olhou para a espada em suas mãos. A lâmina de seu pai, a arma da Guarda Lupina. “Não posso deixá-la para trás, pai. Não posso...”

Trent puxou com todas as forças, sentindo as mãos ensanguentadas tremerem até conseguir libertar a arma. Quando a lâmina saiu do gelo, a plataforma se partiu sob seus pés, derrubando-o na água escura e mortal. Ele prendeu o fôlego, ainda agarrado à espada, enquanto a correnteza o arrastava para a escuridão. Batendo as pernas, tentou voltar à superfície, mas uma camada cristalina de gelo bloqueava seu acesso ao ar livre sob as estrelas do céu noturno. Bolhas de ar saíam em profusão de sua boca e seu nariz enquanto os dedos que lhe restavam tentavam se agarrar ao gelo, a espada buscando inutilmente partir a tampa de seu túmulo gelado.

A última lufada de ar que restava nos pulmões de Trent saiu em meio a um jato de bolhas. Nesse momento o rapaz sentiu-se agarrado por um par de mãos, cujas garras se cravaram no couro da armadura, impedindo que a água continuasse a arrastá-lo. A correnteza ainda o puxava com força, mas quem o havia resgatado não se deixou abater. Com mãos firmes, Gretchen puxou-o lentamente por um orifício aberto no gelo. Quando a cabeça dele emergiu acima da linha d’água, ela o içou com movimentos alternados das garras até livrá-lo do abraço sinistro do rio.

Depois arrastou-o para a margem com passos cambaleantes, embora determinados. Ela desabou de cansaço e pousou Trent a seu lado, que tossia e expelia água, o corpo exaurido. A Wolfshead caiu ruidosamente sobre o gelo. Gretchen aninhou o rapaz em seu colo, os dois corpos exalando um vapor que se condensava no ar gelado da noite enquanto acariciava seu rosto com os dedos

feridos. Ele segurou as mãos dela e examinou os dedos machucados, usados para arrebentar o gelo e libertá-lo. Ela o beijou na testa com carinho. Ele ergueu a cabeça e retribuiu o gesto com um beijo nos lábios.

A Lady de Hedgemoor e o jovem da Costa Gélida se abraçaram, ouvindo os uivos distantes dos lobos ecoarem pela Dyrewood.



## 8

### O chamado do Lobo

Os Wyldermen apareceram como uma matilha de cães selvagens atrás da caça. Dos habitantes libertados de Brackenholme, apenas vinte ainda resistiam. Os corpos dos concidadãos espalhavam-se pelo chão ao redor do Grande Carvalho, junto com os de uma multidão de selvagens caídos. Harker, Rufus Rubro e Milo estavam na linha de frente, esperando para ser dizimados. O aviatropo baixou a cabeça e olhou para o ferimento no quadril, de onde despontava a haste de uma flecha quebrada. Harker respirou com dificuldade enquanto o Werehawk tentou esticar as asas machucadas. Estavam cercados por centenas de Wyldermen, que haviam recuado para se reagrupar e voltavam para liquidar a fatura. A horda reunida ostentava as marcas de mais de trinta tribos diferentes, e estavam todos ansiosos para participar do massacre. A pausa na batalha havia permitido que Harker e Rufus Rubro examinassem os ferimentos um do outro.

— Que momento mais inapropriado para despencar do céu, Hawklord — disse Harker por entre os dentes ensanguentados. Com uma das mãos segurava um machado de pedra, enquanto a outra pressionava uma ferida ensanguentada.

— Estava indo para Windfell; devo ter pego uma corrente de ar desfavorável — respondeu o Werehawk, as asas destruídas pelos golpes do inimigo. Milo, o menino Staglord, estava a seu lado, a espada em punho, pronto para a ação.

— Eu diria que foi a brisa do inverno — comentou Harker, mas seu bom humor não foi capaz de arrancar sequer uma risada de seu camarada exausto. Ele segurou melhor o machado. Fileiras e mais fileiras de Wyldermen se alinhavam à sua frente, preparando-se para o ataque final. As preces murmuradas pelos Mantos-Verdes sobreviventes ecoavam como um coro fantasmagórico em torno do Grande Carvalho.

Rufus Rubro tinha a consciência de que o fim estava próximo. Quando os Wyldermen avançassem, os Mantos-Verdes e ele seriam dilacerados por uma saraivada de armas. Olhou para Milo, que o encarou em resposta.

— Foi uma honra lutar a seu lado, Staglord — disse o Werehawk.

A expressão determinada do garoto se amenizou quando ele se deu conta de que a frase de Rufus Rubro era na verdade uma despedida. Milo não disse nada; apenas fez um aceno de cabeça para o velho Gavião e se voltou para os Wyldermen.

— O que estão esperando? — gritou Rufus Rubro, cravando as garras dos pés no chão lamacento.

A fileira dos Wyldermen se agitou, e alguns deram passos temerosos para trás quando o Hawklord soltou um grito de gelar o sangue. Um arco cantou, e uma flecha veio zunindo na direção do Hawklord, sem acertar o alvo. Milo foi mais rápido, saltando na frente do velho Gavião e recebendo o projétil, que o mandou para o chão frio, lamacento e ensanguentado.

Rufus Rubro olhou para Milo. Quando ergueu a cabeça de novo, seus olhos gigantesco estavam cegos pela vingança. Ele soltou um grito e saiu correndo, seguido por Harker e os demais Mantos-Verdes. Antes que chegassem ao inimigo, porém, as fileiras contrárias se abriram, como se tivessem sido atacadas por trás. O Hawklord ouviu rosnados e grunhidos, mas não dos selvagens, e sim das feras que os atacavam. Quando sua faca entrou no corpo

do primeiro Wylderman, ele viu vultos com pelagens cinzentas, da cor do aço.

Os Lobos tinham chegado.

Whitley se levantou de onde estava, perto da plataforma do trono, levando a mão à testa. Piscou algumas vezes ao sentir um líquido quente escorrendo pelo canto do olho. O corte profundo em seu supercílio sangrava em abundância. Tudo acontecera muito depressa. O fogo fora apagado por Vala, mergulhando o recinto em uma névoa impenetrável, e Drew havia sacado a espada assim que a Wereserpent dera o bote.

Vala tinha avançado diretamente sobre Drew, o foco concentrado apenas no jovem Wolflord. Whitley já havia cumprido com seu propósito. Era apenas a isca da armadilha da Serpente, destinada a capturar o Werewolf. Whitley tentou deter o ataque, mas a cauda da cobra gigante a acertou no peito, lançando-a sobre os degraus do trono de seu pai. Ela ficou caída por um momento, atordoada, olhando para a fumaça quente que subia do chão.

Os sons da batalha pouco a pouco atraíram de novo sua atenção, arrancando-a do estupor. Vira a espada fulgurante de Drew cortar repetidas vezes a névoa. De tempos em tempos, o brilho da lâmina desaparecia em meio às sombras ao redor, quando o corpo comprido da Wereserpent o envolvia como um vórtice monstruoso. Drew vinha conseguindo se defender, desviando dos incessantes avanços da criatura. Com mais um golpe da cauda, ela havia conseguido arrancar a espada da mão do Lobo, fazendo-a se perder na escuridão.

Whitley desceu os degraus aos solavancos, ainda recobrando os sentidos. O vapor e a fumaça pairavam no ar ao redor, sufocando-a e cegando-a na mesma medida. Tropeçou em algo grande e pesado a seus pés e caiu de joelhos, sentindo a forma sem vida de um dos prisioneiros de Vala. A Bearlady ergueu o corpo inerte para junto de si a fim de poder identificar seu rosto. Era uma das servas da cozinha do salão. Sua pele estava fria e lisa, mas sua morte não havia sido nem um pouco tranquila. A duquesa estava caída em

algun outro lugar na penumbra, ao lado de sua dama de companhia. Vala tinha atacado um a um os sobreviventes antes de enfileirá-los no chão. Sua mãe também estaria morta? O veneno da serpente já teria executado seu efeito sinistro sobre a duquesa? Whitley baixou de novo a cabeça da menina para o chão. Um urro de dor emitido por Drew a fez se levantar em um salto. Sua maior preocupação naquele momento eram o amigo e o perigo que corria. Ao se levantar, sentiu um rugido emanar do peito, e as costelas reverberantes aumentaram de tamanho. Lágrimas quentes desceram por seu rosto, e ela fez uma careta, sentindo os dentes doerem e pulsarem, ameaçando cair da boca. Avançou na escuridão rumo aos dois transmorfos, que se tornavam mais discerníveis a cada passo.

Vala tinha imobilizado Drew com seu corpo monstruoso, esmagando a vítima contra seu ventre arroxeadado. Whitley rosnou, e as presas da Ursa rasgaram suas gengivas em meio a um jorro de sangue. Garras negras apareceram na ponta dos dedos, e as mãos delicadas de menina se expandiram até chegarem ao tamanho das patas poderosas da fera. Ela deu um salto à frente, os braços erguidos, arranhando a pele espessa da cobra. Uma carne branca saltou para fora das feridas, e um sangue escuro escapou do corpo da Wereserpent, que foi obrigada a deixar o oponente de lado. O monstro se desvencilhou do jovem Werewolf e golpeou Whitley com força, fazendo-a cair sobre a fogueira. Ela rolou para longe, coberta de pedaços fumegantes de carvão.

O Lobo e a Bearlady se reuniram por um instante quando Drew foi ajudar Whitley a se levantar. Antes que o rapaz pudesse dizer alguma coisa, porém, a cauda chacoalhante da Serpente surgiu outra vez da fumaça, agarrando Whitley pelo tornozelo e arremessando-a em seu ninho de escombros.

— Fique fora disso, pequena Ursa! Sua hora já vai chegar!

Whitley se sentiu como se todo o Salão de Brackenholme tivesse desabado sobre seu corpo. Cadeiras, mesas, vigas do teto — todo tipo de objetos pontudos e arrebatados despencaram sobre ela. O ninho da Wereserpent ameaçava soterrá-la a qualquer momento. A cauda largou sua perna, e a Bearlady foi entregue à própria sorte.

Whitley continuava deitada, imóvel, enquanto os escombros caíam no meio da sala do trono de seu pai. Sua boca estava cheia de poeira e sangue, seus olhos não conseguiam entrar em foco, e seus membros se recusavam a obedecê-la. Ela queria se mexer, se libertar da pilha de madeira retorcida, mas todas as suas forças haviam se esvaído. “Vou ficar deitada aqui, derrotada, enquanto Drew enfrenta Vala sozinho? Ele veio, só Brenn sabe de onde, para nos ajudar. Perdeu uma das mãos, além de muitos amigos e pessoas queridas. Encarou inúmeros perigos e horrores, tudo para me salvar. O que posso fazer para ajudá-lo?”

Não muito longe de onde estava, ela ouviu a Wereserpent se preparando para o golpe fatal. A risada de Vala cortou a escuridão como um punhal afiado. O Werewolf estava imobilizado em seu enlace, totalmente à mercê da horrível criatura. Com movimentos velocíssimos, ela golpeava Drew na cabeça, produzindo pancadas secas e poderosas como as de uma marreta.

Whitley virou o pescoço para o lado em meio aos escombros, em um gesto doloroso, os olhos capturando uma luminosidade fraca na escuridão a seu lado. Era um objeto sólido e substancial, que emitia um brilho azulado. Esticando-se o máximo que podia, ela o alcançou com os dedos trêmulos, e as garras roçaram a pedra branca em uma das pontas. Whitley fechou a mão sobre ele e o arrastou mais para perto. O brilho azulado começou a se deslocar pelo chão.

Sentindo o cabo da espada de Drew na palma da mão, apertou seu revestimento de couro branco. Whitley pensou no pai, no irmão, na mãe, na família. Pensou em Brackenholme e nas atrocidades que os Wyldermen haviam cometido em nome de Vala. Pensou em Drew, cuja morte se aproximava nas presas da Wereserpent. E, quando imaginou não ter mais esperanças, sua coragem e sua força foram ressurgindo, como uma chama reanimada pelo brilho da espada.

— Esses são seus últimos suspiros, Wolflord — sibilou Vala. — Seu povo está morrendo, meus Wyldermen estão cuidando disso neste exato momento. Teremos um banquete esta noite, e a sua carne será a maior das ofertas para a deusa Wyrn!

Drew tentou golpeá-la com sua única mão, mas Vala o apertou ainda mais, envolvendo-lhe os braços por completo. Ela balançou a cabeça, o olho verde fixo nele enquanto o outro, ausente, era apenas uma ferida aberta.

— Quem desfigurou suas belas feições, Vala? Você tinha dois olhos da última vez que nos vimos!

— Foi a sua amiga ruiva quem fez isso! — ela respondeu, contorcendo-se de raiva e espremendo os ossos de Drew. — Mas não vai ficar assim. Vou devorar a Raposa assim que terminar de digerir o Lobo e a Ursa!

Drew viu a Moonbrand se erguer no ar atrás de Vala, levitando na semipenumbra como um objeto encantado. Seus olhos se arregalaram, incapazes de conter a surpresa. A Serpente percebeu e se virou no momento exato em que a espada cortava o vapor e a fumaça.

Whitley soltou um rugido quando a lâmina atingiu seu alvo. A Moonbrand desapareceu dentro do olho bom da Wereserpente. Vala se debateu e se sacudiu, brandindo a cauda, mas a Werebear aguentou firme, mantendo a espada encravada no crânio gigantesco do monstro. A cada espasmo do corpo da Serpente, a pressão sobre Drew diminuía, e ele conseguiu libertar os braços. As garras de sua mão atacaram o corpo escuro da oponente, e seus dentes se cravaram na carne dela. O licantropo havia conseguido se juntar à Bearlady contra a inimiga em comum.

A Werebear não permitiu que a Serpente se libertasse. Uma de suas garras mantinha-se enterrada nas escamas de Vala, enquanto a outra segurava o cabo da espada, recusando-se terminantemente a soltá-la. A cabeça de Vala voltou a atacar, chegando a poucos centímetros de Drew. Era possível observá-la em detalhes sob o brilho azulado da Moonbrand. Ela dava botes às cegas, cravando as presas na própria carne enquanto tentava, ao mesmo tempo, encontrar Drew e se desvencilhar da Ursa.

Vala estremeceu quando a Werebear de repente se posicionou em cima de sua enorme cabeça. Whitley enfiou a mão livre entre as presas de Vala e fincou as garras na carne frágil do céu da boca da Wurm. Enquanto a Werebear mantinha a parte de cima do

crânio monstruoso de Vala sob controle, o Werewolf avançou com todas as forças sobre a parte inferior de sua cabeça, cravando as garras no músculo rosado do maxilar da Serpente.

O Lobo e a Ursa rugiram em uníssono ao separar os maxilares da Wereserpent com um estalo assustador. A cabeça e o corpo do monstro pararam de se mexer imediatamente, fazendo os dois transmorfos irem ao chão. Drew se desvencilhou de Vala, rastejando sobre o corpo da fera para conseguir chegar até Whitley.

Ao lado da Wereserpent abatida, os dois se abraçaram. Não foi preciso dizer uma única palavra. Suas formas humanas ressurgiram, as pelagens desaparecendo sob a pele ao se tocarem. Por um momento eram apenas um rapaz e uma garota, sozinhos em meio a um mar de fumaça.



## 9

### O Osso e a barganha

“Chegue mais perto, querido irmão. Não vai doer nada...”

Hector espiou por cima do parapeito, incentivado pelas palavras do irmão. O vento soprava com força ao redor. O vil estava enrolado em seus ombros, sussurrando em seu ouvido, ficando cada vez mais empolgado à medida que o magíster se aproximava do precipício. Uma parede em ruínas de no máximo meio metro de altura, esburacada, maltratada pelo tempo e pelas intempéries, era a única coisa que o separava da queda. O Boarlord se deteve de repente. Uma lufada súbita de neve o atingiu no rosto e o cegou momentaneamente. Ele ergueu a mão enegrecida e cobriu os olhos até que a nevasca cessasse. Quando o vento amainou, pôde dar mais uma boa olhada para Sturmland do alto da torre gigante conhecida por todos como Torre do Osso.

A algumas dezenas de metros abaixo, viu o telhado arqueado do palácio do Urso Branco, uma construção complexa de pedra branca e madeira clara que dominava a paisagem de Icegarden. Seu peso era sustentado por contrafortes suspensos ao norte e ao sul da construção, que lembravam a Hector uma monstruosa aranha com pernas de pedra instalada sobre a cidade. Mais abaixo, as luzes das

habitações construídas em torno do palácio se refletiam na rua coberta de neve. Para além das grandes muralhas de gelo, as encostas das Whitepeaks reluziam com o brilho azulado do luar e das estrelas, estendendo-se ao sul até as Terras Áridas.

O vento voltou a soprar com força, agitando o manto de Hector e fazendo-o oscilar.

“É tão alto aqui, irmão... E você, que sofria de vertigem quando criança!”

Vincent, o vil, tinha razão. Além das muitas doenças com as quais sofrera na infância, uma das maiores fobias de Hector era a de lugares altos, mas lá estava ele enfrentando seu medo. Até mesmo uma visita à Torre de Bevan, em Highcliff, era capaz de deixá-lo todo arrepiado quando menino. Àquela altura, porém, sua antiga residência na Westland tinha conotações bem diferentes, muito mais sinistras, pois fora o cenário da morte de Vincent pelas mãos de Hector.

— A Torre de Bevan. Meu mundo virou de cabeça para baixo naquele dia — ele murmurou. — E ainda não voltou ao normal.

“Eu diria que você não foi nem de longe o mais prejudicado, irmão”, sussurrou Vincent, amargurado.

As fogueiras do exército do duque Henrik podiam ser vistas a várias léguas de distância ao longo da muralha de paliçada que os homens de Sturmland haviam erguido nas montanhas. A barreira acompanhava o relevo da encosta, como uma serpente gigantesca atravessando um mar de neve. Mais ao sul ficavam as Terras Áridas, onde brilhavam as fogueiras dos bandoleiros e do exército do Leão, que se reunia para a batalha. Hector voltou os olhos para o ponto alto onde estava, a Torre do Osso, superado apenas pela imponente Strakenberg às suas costas. Ainda não conseguia acreditar que tinha tomado a cidade, que seu plano havia funcionado.

Tinha acontecido tão rápido que não tivera tempo de pensar a respeito. Carver e a menina quase haviam colocado tudo a perder ao ouvir seus planos, mas o eventual fiasco fora cortado pela raiz. O Lord dos ladrões fora detido pelos membros mais fiéis da Guarda Javalina. Ringlin e Ibal tinham resolvido o problema com rapidez.

A criança tinha conseguido fugir, mas Hector duvidava que ela pudesse ir muito longe. A temperatura tinha caído tremendamente ao anoitecer, e as montanhas na certa se encarregariam da menina. Naquele momento, contemplava Icegarden — sua cidade — do alto, planejando o próximo passo.

“O próximo passo?”, perguntou Vincent, que tinha acesso a qualquer coisa que passasse pela cabeça de Hector. Para o magíster, era impossível esconder algum pensamento do vil. “Está aí uma ideia ousada para ter aqui em cima, tão perto da beirada. Imagine só. Um passo...”

Hector sacudiu a cabeça, piscando várias vezes, sentindo a visão se borrar ao absorver as palavras do vil. Ele se inclinou para a frente, contemplando toda a extensão da Torre do Osso, cujas paredes brancas desapareciam na escuridão mais abaixo. O estômago de Hector revirou, e ele recuou um passo. Vincent voltou a ficar em silêncio. Apesar do domínio do magíster sobre o vil, o poder de sugestão do fantasma jamais deveria ser subestimado. Suas palavras podiam ser venenosas e inebriantes, a depender de seu estado de humor.

Uma sombra apareceu no alto da torre, e Hector olhou para cima para ver do que se tratava. Um vulto escuro passou na frente da lua, aproximando-se cada vez mais do magíster em movimentos circulares. Hector olhou para a entrada da escadaria, a alguns metros de distância, pensando em chamar Ringlin ou Ibal, mas sabia que, quando eles chegassem, seria tarde demais. Sacou do cinto a adaga incrustada de joias e ficou observando a chegada do aviatropo.

Com mais algumas batidas de asas, o Crowlord despontou na Torre do Osso diante de Hector. Lord Flint sacudiu a cabeça, e suas penas pretas ruflaram quando encarou Hector com seus olhos escuros e luminosos.

— Acho que já pode guardar a faca, Mão Negra — grasnou Flint com sua voz áspera, as feições dele começando a se alterar. Pouco a pouco as asas foram se recolhendo, e as penas e o bico desapareceram sob a pele. — Eu não sou o Hawklord, magíster. Somos aliados, esqueceu?

— É verdade — disse Hector, desconfiado, sorrindo ao recolocar a lâmina na bainha. A arma, obviamente, era apenas uma distração. O verdadeiro estrago seria causado pelo vil. — O que traz você a Icegarden, Lord Flint?

— Assuntos urgentíssimos, Mão Negra. Meus temores a respeito dos vermirianos se confirmaram. Os Ratos se voltaram contra os meus homens no portão de Stormdale, justamente no momento em que tomaríamos a cidade. Meu pai foi morto por um dos arqueiros, o que levou a uma batalha interna em nossas fileiras.

— É uma notícia muito séria mesmo — concordou Hector, observando atentamente o Corvo. — Mas não sei até que ponto isso me diz respeito, milorde.

Flint fechou a cara.

— Os Catlords já elegeram seus favoritos, Boarlord. Com todo o respeito, você acha mesmo que um simples Werelord das Dalelands algum dia terá poder junto ao trono de Lucas? Neste exato momento, Onyx está convocando reforços de Bast, cercando-se de Werelords do próprio continente para atuar nos Sete Reinos. Ele vai descartar você, assim como pretende fazer comigo e com os meus irmãos.

— Você está falando de possibilidades, Flint. Eu sou o Lord Magíster do príncipe Lucas, um membro importante do Conselho Real. Minha posição não está ameaçada.

— Ah, não? — rebateu o Corvo, coçando o queixo torto ao se aproximar do Javali. Ele ajeitou os pelos rebeldes das sobrancelhas pretas e olhou para a cidade mais abaixo.

“Ele está blefando, irmão. Não escute o que ele diz, Hector!”

— Você ouviu alguma coisa? — perguntou o magíster, mordendo a isca.

Flint deu de ombros.

— Não sei se deveria contar, mas, como os Catlords já mostraram sua verdadeira lealdade, não vejo por que segurar minha língua. Todos sabem que Lucas odeia você e que Onyx o encara com desconfiança. Você é uma nau à deriva, poderosa e incontrolável. Aquele pequeno espetáculo com o patrulheiro morto no acampamento deixou o grande felino com os cabelos em pé.

Enfim, agora que você cumpriu a sua missão, a Fera de Bast vai determinar a minha...

Hector deu um passo para trás, aproximando-se inadvertidamente da beirada.

— Que conversa é essa? — ele sibilou, abrindo e fechando a mão esquerda, pronto para pôr o vil em ação.

— Você já cumpriu sua função aos olhos de Onyx. Tomou a cidade de Henrik, que agora está debilitado e prestes a cair. O Werepanther vai querer as chaves de Icegarden, Mão Negra. E vai passar por cima do seu cadáver para isso, se for preciso.

Hector ergueu a mão deformada de modo súbito, a palma preta estendida e os dedos abertos.

— Ei! — exclamou Flint, recuando um passo. — Calma, Mão Negra. Somos aliados, esqueceu? Seja o que for que Onyx me peça, não tenho a menor intenção de levar a cabo.

Hector ficou encarando o Corvo, a um passo de libertar o vil.

“Pode deixar comigo, irmão. Vai ser muito bom matar um transmorfo...”

— Você só teria a perder se voltando contra Lucas e Onyx, apesar de tudo o que aconteceu em Stormdale — argumentou Hector. — Seria só mais um inimigo a acrescentar na longa lista do Leão, mais um obstáculo a ser removido quando os Gatos subjugarem a Lyssia. Não pode resolver suas diferenças com o Rei Rato?

Flint balançou a cabeça em uma negativa, abrindo um sorriso gélido.

— Lucas tem apreço pelos Ratos. Eu, não. Esta é a oportunidade que mencionei antes, Mão Negra. Nossa chance de estabelecer um novo eixo de poder dentro da Lyssia. Meu exército está vindo para cá, à espera das suas ordens. Só resta uma pequena fração sob o comando do marechal Vorjavik em Stormdale. Meus homens de Riven, junto com seus guerreiros de Tuskun: pode existir um exército mais feroz?

“É um argumento bem convincente, Hector.”

— Você disse que seu exército já está a caminho? Sem considerar as condições do tempo, os perigos?

— Um pouquinho de neve não assusta os homens de Riven. Somos da montanha, não somos como esse pessoal do sul. Eles devem chegar em poucos dias, sob o comando de Lord Scree. Onyx não tem informações sobre nossa movimentação, e estamos mantendo vigilância constante do céu para que continue assim. Os exércitos do Leão e do Lobo podem mandar as forças que quiserem para estas muralhas depois de se digladiarem, mas só vão encontrar a morte à sua espera, Mão Negra.

Flint estendeu a mão para o magíster, esperando selar o acordo. Hector não sabia o que dizer para refutar a argumentação do Crowlord. Se Flint estivesse dizendo a verdade — o que parecia bastante provável —, o magíster não tinha escolha. Unir-se ao Werelord de Riven era o único caminho a seguir. Hector permitiu que o Corvo apertasse sua mão. Flint ofereceu um cumprimento ainda mais efusivo, dando um abraço no Boarlord. Restavam ainda algumas penas pretas no peito do aviatropo, que se agitaram ao entrar em contato com o magíster, provocando ao mesmo tempo cócegas e repulsa.

— Vamos manter tudo isso entre nós por enquanto — disse o Corvo, dando um tapinha nas costas de Hector. — Não vamos deixar que Onyx fique sabendo de nossos planos. Ele que pense que ainda estamos a seu serviço, que somos seus lacaios, que ignoramos suas maquinações. Vamos atacar quando ele menos esperar.

Flint inclinou a cabeça e murmurou no ouvido do magíster, enquanto o acolhia no peito escuro:

— Precisamos manter os inimigos sempre por perto...



10

## Antes tarde do que nunca

Se o Conselho Lupino que governava a Westland já parecia ser um grupo um tanto peculiar, o que se reuniu em seu nome em Brackenholme era ainda menos convencional. A sala do trono permanecia um caos. A presença de Vala havia provocado um tremendo estrago no Grande Salão, assim como na cidade, mas com o tempo tudo retomaria seu esplendor habitual. “Vai demorar uma eternidade para a minha mãe se livrar do cheiro de Vala”, pensou Whitley, sentada no trono do pai, olhando para o salão. Seu primeiro ato como Lady de Brackenholme fora promover o capitão Harker a um posto mais do que merecido. O recém-nomeado general desceu da plataforma com uma expressão indecifrável no rosto. Estava todo inchado e marcado de hematomas, mas havia recusado atendimento. Seu lugar era ao lado de seu senhor, ou senhora.

O garoto de Stormdale estava de pé ao lado do trono, procurando se manter sempre perto de Whitley. Milo ainda estava abaladíssimo com a batalha ocorrida ao pé do Grande Carvalho. Olhava fixamente para o vazio, sem ao menos piscar. O jovem Cervo tinha demonstrado tremenda coragem ao saltar na frente de

uma flecha destinada a Rufus Rubro. Ele só se salvara da morte graças ao peitoral da reluzente armadura do pai.

Havia pouco mais de uma dezena de Mantos-Verdes e Capas-Verdes guardando o salão, heróis e heroínas da batalha de Brackenholme. Whitley ficou contente em ver rostos familiares ali, como os de Tristam e Quist, sobreviventes da fuga do Cabo Gala. Machin, outro desses soldados, não tivera a mesma sorte e fora morto no ataque inicial aos Grandes Carvalhos. Os eventos ocorridos na cidade do Horselord pareciam pertencer a um passado remoto àquela altura, apesar de terem se passado apenas alguns meses desde sua ocorrência. “Tanta coisa aconteceu desde então, tantas vidas perdidas...”

Muitos Zadkas romaris também estavam por lá. Os anciãos e seu povo chegaram em grande número pela estrada Dymling a fim de ajudar Brackenholme. Baba Soba, a líder dos nômades, estava postada diante deles, os olhos cegos voltados para Whitley. Yuzhnik, o gigante, mantinha-se a seu lado. Ele piscou para Whitley quando ela o olhou. O ferimento provocado por Coração Negro estava infeccionado e com péssimo aspecto. Ele estava quase irreconhecível. O aprisionamento no curral ao pé do Grande Carvalho o deixara à beira da morte. Os curandeiros da Árvore Branca cuidavam da lesão, mas ainda levaria um bom tempo para que Yuzhnik se curasse, e havia o risco de jamais recuperar plenamente a mobilidade.

Quando seu povo entrou na cidade, a anciã fora levada diretamente ao Grande Carvalho e escolhera Yuzhnik para ser seus olhos. O cuspidor de fogo tivera uma participação tão grande no ocorrido que de fato não havia companhia melhor. Além disso, tratava-se de alguém em quem Whitley também tinha confiança absoluta. Yuzhnik ajudara Gretchen a escapar do Grande Carvalho quando os Wyldermen tinham atacado. A Werelady havia fugido com Stirga e o Manto-Rubro. Era sobre isso que conversavam naquele momento.

Era Baba Soba quem falava:

— O nome do rapaz era Trent Ferran. Ele era irmão do Lobo.

— Mas ele era um Manto-Rubro — disse Quist, com um tom indignado na voz. — Você viu isso com seus próprios olhos, não? — ela acrescentou, mordendo o lábio logo em seguida, arrependida da maneira como tinha formulado a frase.

— Não exatamente — respondeu a feiticeira cega, aos risos, batendo na têmpora com o dedo esquelético —, mas vi o coração dele. O que aquele jovem sentia por Drew Ferran era amor, e sobreviveu a um mar de lamentos e arrependimentos. Ele não fará mal à Lady de Hedgemoor. Sua lealdade está acima de qualquer suspeita.

— Eu mesmo lutei ao lado dele — confirmou o general Harker. — Não se preocupe, Quist.

A patrulheira fez uma careta.

— Não consigo evitar, senhor. Um homem que veste vermelho... Ora, isso me diz muita coisa.

“Ela não consegue se esquecer da emboscada dos Mantos-Rubros no Cabo Gala”, pensou Whitley. A Bearlady também estava lá e havia testemunhado, horrorizada, o massacre dos Sentinelas da Floresta pelos homens do Leão.

— Tentem não se preocupar, amigos — disse Yuzhnik, enfim se manifestando. — Meu velho amigo Stirga está com eles. Caso o menino Ferran se mostre indigno de confiança, o que a Baba garantiu não ser o caso, o florete do velho menestrel estará sempre a postos.

As palavras do cuspidor de fogo tiraram Milo de seu torpor, e o garoto se afastou de Whitley, dando alguns passos para se dirigir até onde estava sua bagagem. O palácio ainda se encontrava inabitável, o que obrigava todos a carregarem consigo seus pertences. A faxina já estava em andamento, e o som de pessoas trabalhando ecoava pela árvore por entre portas e janelas quebradas.

— Está tudo bem, Lord Milo? — perguntou Whitley, alarmada com o comportamento estranho do garoto. Milo fizera questão de vir atrás de Drew e Rufus Rubro quando os Werelords tinham se dirigido de Stormdale a Brackenholme, mas a aventura que ele

buscava com tanto afincio havia cobrado um preço muito mais alto do que poderia imaginar.

O jovem Staglord voltou em seguida carregando algo nos braços. Passou por Whitley com passos inseguros, desceu da plataforma do trono e se aproximou dos romaris. Yuzhnik viu o que ele carregava e se desvencilhou do toque de Baba para encontrar com o garoto no centro do salão. O menino lhe entregou o objeto: um alaúde quebrado, com as cordas arreventadas e o braço estilhaçado. O homem contemplou o instrumento, que parecia minúsculo em suas mãos enormes. Ele balançou a cabeça para o menino; não era preciso dizer nada. Whitley sentiu vontade de chorar, de lamentar a perda de mais um amigo, mas não podia, não naquele momento. O tempo de tristeza havia passado. Precisava ser forte, por Brackenholme.

— E os Lobos? — ela perguntou, desviando a atenção do sofrimento do romari desolado e do garoto de Stormdale.

— Ainda estão na cidade, milady — respondeu Baba Soba. — Estão reunidos sob o Carvalho Branco.

A duquesa Rainier convalescia no Carvalho Branco, onde os curandeiros cuidavam dela e das demais vítimas do reinado de terror dos Wyldermen.

— Sei que são parentes de Lord Drew, mas eles me dão calafrios — disse Tristam.

— Não há o que temer em relação aos Lobos — afirmou Baba Soba. — Eles são animais nobres e corretos. E estão aqui em resposta ao chamado de Drew.

Centenas de Lobos haviam aparecido na cidade depois que o uivo de Drew abalara Brackenholme e as cercanias da floresta. Eles tinham mudado a sorte da batalha, salvando os Mantos-Verdes dos Wyldermen. Os romaris haviam aparecido pelo portão da Dymling logo em seguida, vindos das Longridings em auxílio das Wereladies, atacando as fileiras dos selvagens em pânico. “Antes tarde do que nunca”, pensou Whitley, bem-humorada, grata pela presença dos salvadores.

— Preciso perguntar — disse Baba Soba. — O que será feito a partir de agora?

— Precisamos garantir a segurança de Brackenholme — respondeu Whitley. — Reerguer as defesas, reforçar as paliçadas. Os Wyldermen ainda podem voltar.

— Eles podem não contar mais com a liderança da Wereserpent — disse Harker —, mas podem aparecer outros para ocupar esse espaço. Coração Negro ainda está à solta. Ele não foi encontrado entre os Wyldermen mortos.

Whitley cerrou os dentes ao ouvir o nome do braço direito de Vala, o monstro que fingira se chamar Rolff.

— Você tem razão — continuou Harker. — As muralhas exigem nossa atenção imediata, principalmente os portões. As pessoas que se salvaram do ataque na Árvore da Guarnição podem começar a trabalhar agora mesmo. Acho que vamos precisar amarrar os feridos ao leito, tamanho é o desejo do povo de Brackenholme de reconstruir a cidade.

Para alívio de Whitley, os Wyldermen não tinham matado todos os moradores locais, embora não houvesse uma única família que tivesse passado incólume pela fúria assassina deles. Centenas de pessoas tinham conseguido fugir para a Árvore da Guarnição, protegendo-se do inimigo em seu tronco escurecido. Os selvagens haviam montado um cerco ao carvalho, tentando queimar sua casca e derrubá-lo a machadadas, mas a árvore ancestral resistira a todos os avanços, enquanto suas irmãs sofriam com o fogo. Quando os Lobos e os romaris chegaram, seus defensores se juntaram à batalha e enfim puderam enfrentar os inimigos nas ruas de Brackenholme.

— A reconstrução não vai ser rápida — acrescentou Harker. — Brackenholme vai precisar de vários anos para retomar seu antigo esplendor, mas, graças à sua ajuda, milordes, podemos começar a trabalhar hoje mesmo.

— E as forças remanescentes dos Catlords? — questionou Whitley. — Eles já tomaram as Dalelands e a Westland. As Longridings estão perdidas, e apenas o duque Brand, o Touro, e Lord Conrad e os Horselords sobreviventes ainda impõem alguma resistência em Calico.

— Muitos romaris ainda estão lutando nas Longridings — rebateu a velha feiticeira. — Nem *tudo* está perdido.

— Agradeço mais uma vez por terem vindo em nosso auxílio aqui em Brackenholme, Baba Soba — disse Whitley.

Baba sorriu e balançou a cabeça.

— Os aliados do Lobo estão por toda parte — ela respondeu. Um dos Zadkas tomou a palavra:

— Os amigos de Drew podem ser numerosos, mas estão em maus lençóis e espalhados pelo continente. Ouvimos dizer que o principal exército do príncipe Lucas está nas Whitepeaks, sob o comando de Onyx, a Fera de Bast. Seu objetivo é tomar Icegarden — revelou o homem. — Se o duque Henrik sucumbir, não vai sobrar mais ninguém no caminho do príncipe. Ele pode coroar a si mesmo, se quiser. A questão não vai mais se resumir à vontade da maioria dos Sete Reinos.

— O que o príncipe Lucas deseja é a conquista — Baba Soba murmurou. — Quer subjugar totalmente o povo livre da Lyssia.

— Discutir nossos próximos passos é muito interessante — disse Harker, olhando para os conselheiros ali reunidos —, mas ainda precisamos ouvir uma voz fundamental no processo de decisão.

— Deixem que eu falo com ele — ofereceu-se Whitley, descendo da plataforma do trono e saindo do salão.

\* \* \*

Drew se sentou no banquinho ao lado da cama quando o magíster se afastou. O Wolflord estava em silêncio, os olhos fixos na cama. Dando um tapinha em seu ombro, o curandeiro se virou para a porta aberta, dando de cara com a Lady de Brackenholme. Abrindo passagem, Whitley deu um sorriso constrangido quando o magíster saiu do recinto e fechou a porta atrás de si. O ar estava carregado com o aroma de incenso e ervas dedicados a amenizar o sofrimento do falcotrope. Whitley aproximou-se de Drew, parou a seu lado e se agachou. A espada estava encostada junto à parede com o restante da bagagem, escondida na bainha. Ela pôs o braço em

torno do ombro dele e seguiu seu olhar até o leito onde estava o Hawklord.

Drew segurava a mão ensanguentada e fraturada de Rufus Rubro. Um fino lençol branco cobria a velha ave, dobrado sob seu queixo. Teve a impressão de que ele dormia tranquilamente. Os olhos estavam fechados, e jamais reabririam. Havia velas acesas em ambos os lados da cama, mascarando o odor que se desprendia do corpo ferido. O balde de madeira no canto do quarto estava cheio até a boca de bandagens sujas de sangue.

— Ele não resistiu aos ferimentos — murmurou Drew, mordendo o lábio.

— Você estava aqui? Quando ele se foi?

Drew assentiu com um triste menear de cabeça.

— Nós conversamos. — Drew fungou e soltou uma breve risadinha. — Ele me repreendeu por estar chorando. Foi um velho turrão até o último suspiro.

— Não cheguei a conhecê-lo — disse Whitley, apoiando a cabeça no ombro de Drew. — Mas pelo jeito vocês dois eram bem próximos.

Drew abriu um sorriso.

— Por mais estranho que pareça, sim. Não concordávamos em quase nada, mas Rufus Rubro foi um dos homens mais corajosos que já conheci. Vou sentir falta dele e de seu mau humor.

O Hawklord tinha sofrido o golpe fatal na base do Grande Carvalho. Os Lobos e os romaris haviam chegado tarde demais para impedir que a lança de um Wylderman se cravasse em seu peito, atingindo o coração. Os curandeiros tinham feito todo o possível para mantê-lo vivo por mais tempo, e em suas últimas palavras ele expressara seu amor e admiração pelo jovem Wolflord. Aquele discurso ficaria gravado para sempre na mente de Drew.

Whitley bateu de leve nas costas do amigo.

— Você está sendo aguardado no Salão de Brackenholme. Ninguém quer decidir nada sem ouvir você.

— Quanta diferença em relação ao seu pai, Whitley. Eu seria a última pessoa que ele ouviria para tomar uma decisão pelo

Conselho Lupino.

— Talvez eles tenham aprendido alguma coisa com os próprios erros — ela respondeu com um leve traço de humor na voz. Todos sabiam que Drew e Bergan com frequência divergiam e que o Bearlord sempre tinha a última palavra em tudo.

— Será que agora eles me veem como um homem, e não como um menino?

— Eu não iria tão longe assim — disse Whitley. — Você ainda tem uma capacidade descomunal de se meter em encrenca. — Ela pôs a mão sobre o punho decepado dele. Drew resistiu ao toque por um instante antes de relaxar. — Ainda dói?

Os olhos dele permaneceram fixos em Rufus Rubro.

— Não é nada, considerando o esquema geral das coisas — ele falou, levantando-se do banquinho.

— E, por falar em esquema geral das coisas, o que você pretende fazer agora?

Drew se virou para ela, surpreso por um momento. “Se eu não sou mais um menino, então Whitley é o quê?” Ela quase não guardava mais semelhanças com a patrulheira assustada que ele havia conhecido na Dyrewood tanto tempo atrás. Os cabelos estavam penteados à maneira de uma nobre da corte do Bearlord, e ela usava um vestido longo cor de marfim com flores nos punhos e na gola. Os olhos castanhos o encaravam com determinação, à espera de uma resposta.

— Todos os caminhos parecem levar a Icegarden. Se é para lá que estão indo Lucas e seu exército, não seria uma desfeita da minha parte não me juntar a ele? Somos parentes, afinal de contas — ele acrescentou, amargurado.

— E Gretchen? — perguntou Whitley, sem tirar os olhos dele.

— Está desaparecida na Dyrewood com um Manto-Rubro. Não é o guarda-costas dos meus sonhos, mas, se conseguir mantê-la em segurança, até pode conseguir o meu perdão. Mas, quem quer que seja, se fizer alguma coisa com ela...

— Quietos — falou Whitley, pondo o indicador na frente dos lábios dele. — Você ainda não sabe. O Manto-Rubro que está com ela é o seu irmão Trent.

— O quê? — Drew desabou no banquinho, acusando o golpe que recebia. Sua visão ficou turva, a cabeça começou a girar, e ele pensou que fosse cair. — Como pode ser? Trent está na Guarda Leonina?

— Não sei, Drew. Mas, segundo os romaris, é seu irmão mesmo.

Drew se sentiu abalado como nunca. Saber que Trent estava vivo era uma ótima notícia, porém maculada pelo conhecimento de que ele vestia as cores do Leão. Saber que era seu irmão quem estava com Gretchen na mata era um consolo, mas na Dyrewood, e com um homem da Guarda Leonina? Drew sentiu um nó no estômago. Segurou o nariz com o indicador e o polegar, tentando conter a dor de cabeça que o invadia. Quando fechou os olhos visualizou dois rostos, o de Trent e o de Gretchen. “Você ainda é meu irmão, Trent? Ou é meu inimigo?” Quanto mais pensava a respeito, mais a dor piorava. A Lyssia: aquela deveria ser sua prioridade. Havia uma batalha à espera, maior e mais terrível que qualquer outra que já tivesse encarado. A vida das pessoas de todos os Sete Reinos dependia das atitudes que tomaria. Drew não podia permitir que nada se pusesse entre ele e seu destino.

— Lucas está marchando para Icegarden, com Onyx à frente de seu exército. Será que o duque Henrik está sozinho na frente de batalha, à espera do Catlord?

— E quem poderia ajudá-lo? — rebateu Whitley. — Seus vizinhos foram invadidos. A Westland e as Dalelands pertencem a Lucas. Se estivesse vivo, meu pai ajudaria Henrik, tenho certeza, mesmo com os Sentinelas da Floresta debilitados.

— Existem outros Bearlords na floresta, não? Vocês precisam se reagrupar, reconstruir o exército dos Mantos-Verdes da melhor maneira possível. Preparem-se para o pior. Lucas ainda não desistiu do reino da floresta, Whitley. Brackenhholme continua a ser um alvo para os nossos inimigos, e vocês precisam de reforços. Seu tio, o barão Redfearn... Se a notícia ainda não chegou até ele, é melhor que chegue logo.

— Vou falar com Harker, para ver o que é possível fazer.

— E ainda não temos notícias de Azra — acrescentou Drew.

— Não mesmo — confirmou Whitley, amargurada.

Drew torcia para que a guerra no leste houvesse tido um final favorável depois que os Hawklords haviam voado em auxílio ao rei Faisal. Um numeroso exército estava nas terras do Chacal, engrossado pelas fileiras dos Doglords. Como não recebera nenhuma notícia a respeito do destino dos aliados, começava a temer pelo pior.

— E Calico está sob cerco — contou Whitley. — Os Horselords continuam presos na cidade do duque Brand, impossibilitados de sair a campo. Os bastians bloquearam a cidade por terra e mar. A guerra se espalha em todas as direções, e a balança está pendendo para o lado dos felinotropos.

Sturmland ao norte, Omir a leste e as Longridings ao sul — perdia-se a guerra em todas as frentes, mas ainda restava um ponto cardeal na bússola. Uma ideia começou a tomar forma na cabeça de Drew.

— Nossa resposta está no oeste.

— A Westland já sucumbiu, Drew. Seu povo ainda ama você, mas o exército agora veste vermelho. Você não tem aliados por lá.

— Mais a oeste — disse Drew, lembrando-se de algo que ouvira. — Existem almas corajosas enfrentando os Catlords. O Mar Branco, Whitley. Se descobrirmos quem está atacando a frota dos Catlords, podemos conseguir um aliado.

— E depois?

— Não sei, mas já é um começo. — Drew olhou para a cama, fitando o corpo coberto do falecido amigo. Pensou nas palavras do Hawklord e abriu um sorriso triste. — Toda jornada começa com um pequeno passo; toda onda tem início com uma marola.

Drew se agachou, apanhou o cinto, colocou-o em torno da cintura e fechou a fivela. A Moonbrand se ajeitou no lugar em seu quadril. Ele se virou para a amiga e a surpreendeu olhando para o corpo de Rufus Rubro.

— Preciso me preparar para a viagem, Whitley. Bravura já está pronto?

— Nossos cavalos estão nos estábulos da Árvore da Guarnição — informou ela, voltando o olhar para o jovem Wolflord. — Quando nós quisermos, estarão à disposição.

— Nós? — questionou Drew. — Você está enganada se pensa que virá comigo. Precisa ficar aqui. Seu povo precisa de você. Brackenholme precisa de você.

— Minha mãe está se recuperando bem. É da duquesa que o povo precisa, não de sua filha.

Drew soltou um rosnado, sem se deixar convencer por aquelas palavras.

— Proíbo você de me acompanhar, Whitley. Não quero que corra perigo por minha causa.

Whitley rosnou em resposta, sem se deixar intimidar pelo Lobo.

— Você não entende, Drew Ferran. Sou *eu* que decido se vou me colocar em uma situação de perigo ou não. Nisso, você não pode interferir, seja um rei ou um fazendeiro.

Sob a Casa da Cura, na base do Carvalho Branco, os Lobos começaram a uivar, chamando a atenção de seu irmão lá no alto. Drew se virou para a porta ao ouvi-los.

— Além disso... — começou Whitley, dando-lhe um beijo na bochecha e se dirigindo para a porta. Drew levou a mão ao rosto, todo vermelho. A Bearlady de Brackenholme se virou uma única vez para encerrar a conversa: — ...você vai precisar de uma patrulheira.



## Epílogo: A ponte da Dymling

O rio Redwine atravessava uma grande porção da Lyssia, cruzando quatro dos Sete Reinos, de seu nascedouro nas Barebones até a Westland, onde desembocava no Mar Branco. A ponte da Dymling cortava suas águas agitadas em um ponto intermediário, onde a estrada de mesmo nome seguia para as Dalelands depois de sair das profundezas da Dyrewood. Em tempos remotos havia terras habitadas dos dois lados da ponte, e o controle dela era alvo de disputa constante. Essas cidades e seus habitantes já tinham virado cinzas fazia tempo. A proximidade do reino da floresta acabara atraindo seus moradores mais nefastos — os Wyldermen da Wyrwood haviam se assegurado de que as terras em torno da ponte da Dymling nunca mais fossem colonizadas.

Uma pequena torre de madeira tinha surgido na margem sul, no local onde a ponte se encontrava com o leito do rio. Depois de tomar as Dalelands sem muita resistência, a Guarda Leonina construía aquele posto de vigia como instalação temporária, com a intenção de erguer uma estrutura de pedra quando a guerra mais ao norte chegasse ao fim. O acampamento estava montado na margem oposta e abrigava cinquenta homens e um tropel de cavalos velozes, prontos para enviar reforços para onde fosse preciso. Os animais permaneciam nos estábulos, sem uso, pois a

necessidade nunca havia surgido. Quem poderia atacar as forças do Leão em pleno território ocupado?

Seis homens ocupavam a torre de vigia, uma tarefa muito mais penosa durante a madrugada. Era na calada da noite que as histórias eram contadas, que eram relembrados os mitos a respeito dos monstros que habitavam as margens do rio e a floresta vizinha: gigantes, mortos-vivos, bruxas e trolls que devoravam os homens até os ossos, chegando a sugar a medula. Um desses contos estava sendo narrado por um velho Manto-Rubro, recém-chegado dos Kinmoors.

— Eu juro — disse o velho —, este rio é amaldiçoado. Os ribeirinhos não trabalham aqui à noite depois dos Bott Marshes. É um lugar assombrado.

— Pelo quê? — questionou seu oficial, um homem bem mais novo, coçando o queixo enquanto bocejava. — Pelos fantasmas dos outros matutos que vocês mataram de tédio ao longo dos anos?

Outros três soldados que jogavam cartas logo ao lado caíram na risada. O membro restante do grupo estava no alto da torre, suportando sozinho os rigores do inverno. Era possível ouvir o vento zunir do outro lado das paredes.

— Podem zombar quanto quiserem — disse o velho guarda. — Eu fui criado nesta região. Não existe nada que provoque mais medo que os selvagens da Wyrnwood. Existem coisas nesse rio que precisam ser evitadas. Os Marshmen, é assim que eles são chamados lá na minha terra.

— Já estou cansado dessa conversa — disse o oficial, levantando-se e esticando o corpo. Ele apanhou uma lanterna e se encaminhou para a porta bem no momento em que passos apressados ressoaram no alto da torre. Ele abriu as trancas. — Vou sair para esticar as pernas. Se alguém quiser ir junto, vou procurar um desses seus homens do pântano e apertar sua mão fantasmagórica. — Ele segurou a maçaneta no momento exato em que o vigia do turno terminava de descer a escada, o rosto pálido de preocupação.

— Capitão! — ele exclamou. — Não...

Era tarde demais. A maçaneta já tinha sido acionada, e a porta se escancarou com a força do vento, rangendo nos batentes. O capitão estreitou os olhos em direção ao universo branco fora da torre, notando uma movimentação em meio à neve rumo à sala de vigia. Conseguiu distingui-lo com maior clareza, um grupo de silhuetas espectrais se materializando na penumbra. Deviam ser duas dezenas, carregando de forma ameaçadora lanças e machados, os cabelos emaranhados revoando em meio à nevasca. O capitão arfou. Seus instintos lhe diziam para fechar aquela porta imediatamente. Os Mantos-Rubros às suas costas começaram a entrar em pânico. Quando estendeu o braço para puxar a porta, uma lança atingiu a madeira, obrigando-o a recolhê-lo. Ele deu um passo para trás, sacando a espada quando o primeiro monstro apareceu, refletindo no branco dos olhos o brilho de sua lanterna.

Os outros homens da Guarda Leonina se reuniram em torno do capitão, menos o velho recém-convertido ao manto vermelho. Quando os companheiros sacaram as espadas, o veterano contador de histórias recuou, grudando na parede, o rosto lívido de medo.

— São os Marshmen! Eles vieram nos pegar! Vão acabar com a gente!

— A corneta! — gritou o capitão. — Avise o acampamento!

O homem apanhou a corneta presa na parede atrás de si. Quando a levou aos lábios, os inimigos já estavam na sala, e uma lança com ponta de pedra o atingiu na garganta. Os Wyldermen se espalharam com rapidez pela torre de vigia, e as armas de maior alcance obrigaram os homens da Guarda Leonina a recuar. O capitão esboçou uma reação, avançando com a espada, conseguindo derrubar uma lança antes que a segunda o atingisse no peitoral da armadura. Seus joelhos cederam. O golpe não teve força suficiente para romper a armadura, mas o mandou ao chão. Os Wyldermen o mantiveram por lá e quase o pisotearam ao avançar sobre os Mantos-Rubros e desarmarem um a um. O selvagem ao lado do capitão soltou um rosnado, escancarando os dentes afiados.

Os Wyldermen usavam diferentes tipos de pinturas corporais e adornos: tintura azul, crânios tingidos de branco, penas vermelhas,

argila preta. Alguns ostentavam pelagens de animais, enquanto outros andavam quase nus. Não era uma única tribo, notou o capitão, quando o líder dos selvagens enfim entrou no recinto. Seus companheiros abriram caminho. Eram representantes de clãs de diversas partes do reino da floresta.

O líder dos guerreiros era alto, e os cabelos longos e escuros caíam por sobre o rosto maltratado pelas intempéries. Carregava uma faca de pedra serrilhada em cada mão, que reluziam sob os olhos negros, agora cravados no capitão. Ele se agachou ao lado do oficial, e o jovem fez uma careta ao sentir que o lanceiro que o mantinha no chão o apertava com ainda maior força.

— O que você quer? — perguntou o capitão, ofegante, a voz carregada de medo.

— Vocês são homens do Leão, não são? — perguntou o líder dos Wyldermen, falando com autoridade. O Manto-Rubro concordou com um aceno de cabeça, as lágrimas escorrendo pelo rosto. — São inimigos do Lobo, então — continuou o selvagem, acenando para o oficial. — Assim como nós.

— Isso é bom, não é? — disse o capitão em um fio de voz, o olhar se alternando entre os Wyldermen enquanto seus homens gemiam ao redor. Nenhum dos guerreiros baixou as armas. A Guarda Leonina permanecia na mira de lanças, machados e facas. — Não é uma coisa boa?

— Nada vai me impedir de acabar com o Lobo — falou o guerreiro, escancarando os dentes horripilantes. — Nem mesmo a morte. E você, até onde está disposto a ir para ver o Lobo exterminado, homem covarde da cidade?

O capitão dos Mantos-Rubros umedeceu os lábios, sem saber o que dizer diante do olhar inquisitivo do Wylderman.

— Eu sou um xamã, assim como meu pai foi antes de mim. A magia ancestral Wyrm ferve no meu sangue. Minha senhora pode estar morta, mas a luta dela ainda não terminou. Meu nome é Coração Negro. Leve-me até seu líder.